

UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE—LIVRO 10

PERDIDAS



BLAKE PIERCE



PERDIDAS

(UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE—LIVRO 10)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright© 2016 Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto como permitido sob o Copyright Act dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meios, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação sem a autorização prévia do autor. Este ebook está licenciado apenas para seu usufruto pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se gostava de partilhar este ebook com outra pessoa, por favor compre uma cópia para cada recipiente. Se está a ler este livro e não o comprou ou não foi comprado apenas para seu uso, por favor devolva-o e compre a sua cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação do autor ou usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é uma coincidência. Jacket image Copyright GongTo, usado sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇE (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)
MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)
MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)
MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)
MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)
UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro nº3)
UM RASTRO DE CRIME (Livro nº4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro nº5)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZASSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZANOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE

PRÓLOGO

Katy Philbin ria-se enquanto descia cautelosamente as escadas.
Para com isso! Disse a si própria.
O que é que tinha tanta graça?
Que estava ela a fazer, rindo-se como uma menina e não como a rapariga de dezassete anos que era?
O que ela ais queria no mundo era agir com a seriedade de uma adulta.
No final de contas, *ele* estava a tratá-la como uma adulta. Ele conversara com ela como uma adulta durante toda a noite, fazendo-a sentir-se especial e respeitada.
Até a chamara de Katherine e não Katy.
Ela gostava muito de ser tratada por Katherine.
Também gostava das bebidas que ele lhe preparara toda a noite – “Mai Tais”, assim ele lhes chamava, e eram tão doces que ela mal sentia o álcool.
E agora já nem se lembrava de quantos tomara.
Estaria bêbeda?
Oh, isso seria terrível! Pensou.
O que é que ele pensaria dela se não aguentasse umas quantas bebidas?
E agora sentia-se extremamente aérea.
E se caísse das escadas?
Olhou para os seus pés, pensando porque é que não se moviam como deveriam. E porque é que a estava tão escuro ali?
Para sua vergonha, ela nem se lembrava porque é que se encontrava naquele lanço de escadas de madeira que pareciam cada mais intermináveis.
“Para onde vamos?” Perguntou ela.
As suas palavras saíram arrastadas, mas pelo menos conseguira parar de rir.
“Eu disse-te,” Respondeu ele. “Quero mostrar-te uma coisa.”
Ela procurou-o. Ele estava algures no fundo das escadas, mas não o conseguia ver. Apenas um candeeiro se encontrava a um canto distante.
Mas aquela luz era suficiente para lhe lembrar onde estava.
“Ah, sim,” Murmurou ela. “Na tua cave.”
“Estás bem?”

“Sim,” Disse ela, tentando convencer-se a si mesma de que era verdade.
“Eu desço já.”

Fez um esforço para que os pés descessem as escadas.

Ouviu-o dizer, “Anda, Katy. O que prometi mostrar-te está mesmo aqui.”

Vagamente, apercebeu-se...

Ele chamou-me de Katy.

Sentiu-se estranhamente desiludida, depois de durante toda a noite ter sido chamada de Katherine.

“Tou quase aí,” Disse ela.

A desarticulação das suas palavras piorava.

E por qualquer razão, considerou isso extremamente divertido.

Ouviu-o a dar uma risada.

“Estás a divertir-te, Katy?” Perguntou ele com um tom de voz agradável – um tom de voz de que ela gostava e em que confiava há muitos anos.

“Muito,” Disse ela, rindo novamente.

“Ainda bem.”

Mas agora o mundo parecia girar à sua volta. Debruçada sobre o corrimão, sentou-se nas escadas.

Ele falou outra vez num tom de voz menos paciente.

“Despacha-te, miúda. Não vou ficar aqui o dia todo.”

Katy levantou-se, lutando para limpar a cabeça. Não gostara do seu tom de voz agora. Mas será que o podia culpar por começar a ficar impaciente? O que se passava com ela? Porque é que não conseguia descer aquelas estúpidas escadas?

Estava a tornar-se cada vez mais difícil concentrar-se no local onde estava e no que estava a fazer.

Desequilíbrio-se e caiu num degrau.

Interrogou-se outra vez – quantas bebidas teria tomado?

Depois lembrou-se.

Duas.

Apenas duas!

É claro que não bebia desde aquela noite horrível...

Até agora. Mas apenas bebera duas bebidas.

Por um momento, não conseguiu respirar.

Está a acontecer novamente?

Disse firmemente a si própria que estava a ser pateta.
Ela estava segura ali com aquele homem em quem confiara toda a vida.
E estava a fazer uma triste figura, e a última coisa que queria era fazer uma triste figura, sobretudo ao pé dele e depois dele a a tratar tão bem e de lhe servir aquelas bebidas e...

E agora tudo estava enevoadado, desfocado e escuro.
E ela sentiu uma estranha náusea a insinuar-se.
“Não me estou a sentir lá muito bem,” Disse ela.
Ele não respondeu e ela não o conseguia ver.
Ela não conseguia ver nada.
“Acho que o melhor é eu ir para casa agora,” Disse ela.
Ele continuou calado.
Ela tateou cegamente no ar à sua frente.
“Ajuda-me... a levantar-me... das escadas. Ajuda-me a subir as escadas.”

Ela ouviu os seus passos a aproximarem-se, caminhando na sua direção.
Ele vai ajudar-me, Pensou.
Então porque é que uma sensação negativa se apoderava dela?
“Leva-me a casa,” Disse ela. “Podes fazer isso por mim? Por favor?”
Os passos cessaram.
Ela sentia a sua presença mesmo à sua frente, ainda que não o visse.
Mas porque é que ele não dizia nada?
Porque não fazia nada para a ajudar?
Então percebeu que sensação era aquela que a invadira.
Medo.
Invocou as suas últimas forças, agarrou o corrimão e ergueu-se.
Tenho que me ir embora, Pensou. Mas foi incapaz de falar de forma audível.
Depois Katy sentiu uma pancada na cabeça.
E depois não sentiu mais nada.

CAPÍTULO UM

Riley Paige esforçou-se para não chorar. Estava sentada no seu gabinete em Quantico a olhar para a foto de uma mulher jovem com gesso no tornozelo.

Porque é que me estou a punir desta forma? Interrogou-se.

No final de contas, ela precisava de pensar noutras coisas naquele momento – sobretudo numa reunião da UAC agendada para dali a poucos minutos. Riley temia aquela reunião porque podia ameaçar o seu futuro profissional.

Apesar disso, Riley não conseguia afastar o olhar da foto no telemóvel.

Tinha tirado aquela foto a Lucy Vargas no outono passado, ali mesmo na Unidade de Análise Comportamental. O tornozelo de Lucy estava engessado, mas o seu sorriso era simplesmente radiante, contrastando com a sua pele bronzeada e suave. Lucy tinha acabado de ser ferida no primeiro caso em que trabalhara com Riley e com o seu parceiro Bill Jeffreys. Mas Lucy fizera um trabalho fantástico e ela sabia-o, assim como Riley e Bill. Por isso Lucy sorria.

A mão de Riley tremeu um pouco ao segurar no telemóvel.

Agora Lucy estava morta – abatida por um atirador perturbado.

Lucy morrera nos braços de Riley, mas Riley sabia que a morte de Lucy não tinha sido por sua culpa.

Desejava que Bill pensasse da mesma forma. O seu parceiro estava de licença e a passar menos bem.

Riley estremeceu ao lembrar-se do desfecho de tudo.

A situação era caótica e em vez de atingir o atirador, Bill atingira um homem inocente que tentava ajudar Lucy. Felizmente, o homem não tinha ficado gravemente ferido e ninguém culpava Bill pelas suas ações, muito menos Riley. Riley nunca o vira tão debilitado pela culpa e pelo trauma. Interrogava-se quando é que ele regressaria ao trabalho – se alguma vez regressasse.

Riley ficou com um nó na garganta ao lembrar-se de segurar Lucy nos braços.

“Tens uma grande carreira à tua frente,” Dissera Riley. *“Agora fica connosco Lucy. Fica connosco.”*

Mas não havia nada a fazer. Lucy perdera demasiado sangue. Riley sentira a vida a escapar-se do corpo de Lucy até desaparecer em definitivo.

E agora as lágrimas escorriam pelo rosto de Riley.

As suas recordações foram interrompidas por uma voz familiar.

“Agente Paige...”

Riley olhou e viu Sa Flores, o técnico de laboratório com óculos de aros pretos. Ele estava à porta do seu gabinete.

Riley abafou a dor que sentia naquele momento. Limpou apressadamente as lágrimas e tentou esconder o telemóvel.

Mas percebeu pela expressão afetada de Sam que ele vira o que ela contemplava. E isso era a última coisa que ela queria.

Estava a nascer uma relação entre Sam e Lucy, e custara-lhe muito suportar a sua morte. Ainda parecia atordoado.

Agora Flores olhava tristemente para Riley, mas para alívio dela ele não perguntou o que acabara de interromper.

Em vez disso, disse, “Vou para a reunião. Vem?”

Riley anuiu e Sam retribuiu-lhe o gesto.

“Bem, boa sorte Agente Paige,” Disse ele, prosseguindo o seu caminho.

Riley murmurou alto para si própria...

“Sim, boa sorte.”

Sam parecia perceber que ela precisaria de sorte para esta reunião.

Chegara o momento de se recompor e enfrentar o que viesse.

*

Um pouco depois, Riley sentou-se na ampla sala de reuniões rodeada por mais pessoal da UAC do que esperava, incluindo técnicos e investigadores de várias áreas. Nem todos os rostos eram familiares e nem todos eram amigáveis.

Precisava mesmo de um aliado agora, Pensou.

Sentia a falta da presença de Bill. Sam Flores sentou-se próximo, mas parecia demasiado abatido para a ajudar de alguma forma.

O rosto menos amigável de todos era o do Agente Especial Responsável Carl Walder que estava sentado à sua frente. O homem de rosto sardento dividia o seu olhar entre Riley e um relatório que tinha diante de si.

Disse num tom de voz soturno, “Agente Paige, estou a tentar perceber o que é que se passa aqui. Concedemos um pedido de colocar agentes na sua

casa em permanência. Isto parece estar relacionado com as atividades recentes de Shane Hatcher, mas não sei ao certo como ou porquê. Explique, por favor.”

Riley engoliu em seco.

Ela sabia que naquela reunião sealaria da sua relação com Shane Hatcher, um foragido brilhante e perigoso.

Ela também sabia que uma explicação completa e honesta significaria o fim da sua carreira.

Até a podia levar à prisão.

Ela disse, “Agente Walder, como sabe Shane Hatcher foi visto pela última vez numa cabana que possuo nas Montanhas Apalache.”

Walder assentiu e esperou que Riley prosseguisse.

Riley sabia que tinha que escolher as palavras muito cuidadosamente. Até há pouco tempo, ela e Hatcher tinham um pacto secreto. Em troca por ajudar Riley num caso intensamente pessoal, Riley concordara em deixar Hatcher esconder-se na cabana que herdara do pai.

Fora um pacto com o diabo e Riley encarava-o agora com vergonha.

Riley continuou, “Como também sabe, Hatcher fugiu à equipa SWAT do FBI que cercou a cabana. Tenho motivos para crer que poderá ir a minha casa.”

Walder olhou para ela com desconfiança.

“Porque pensa isso?”

“O Hatcher está obcecado por mim,” Disse Riley. “Agora que foi encontrado, tenho quase a certeza que tentará chegar a mim. Se for esse o caso, os agentes que se encontram na minha casa, terão uma boa oportunidade de o capturar.”

Tratava-se, no mínimo, de uma meia-verdade.

A verdadeira razão pela qual queria agentes na sua casa era para a proteger a ela e a sua família.

Walder sentou-se tamborilando os dedos na mesa durante um momento.

“Agente Paige, diz que Hatcher está obcecado por si. Tem a certeza que essa obsessão não é mútua?”

Riley ficou surpreendida com a insinuação.

Ficou aliviada quando o superior imeditao, Brent Meredith, falou. Meredith tinha sempre uma presença intiidante com os seus traços angulosos e olhar rígido. Mas a relação de Riley com Meredith sempre

tinha sido de respeito e amigável. Não raro havia sido seu aliado em momentos difíceis.

Riley esperava que também agora o fosse.

Ele disse, “Chefe Walder, penso que o pedido da Agente Paige solicitando agentes para sua casa foi bem fundamentado. Não podemos desperdiçar a mais pequena possibilidade de apanhar Hatcher.”

“Sim,” Disse Walder. “E não estou satisfeito com o facto de sabermos exactamente onde é que ele se encontrava e mesmo assim ter fugido.” Walder endireitou-se na cadeira, olhou directamente para Riley e perguntou, “Agente Paige, avisou Hatcher de que a equipa SWAT ia cercá-lo?”

Riley ouviu uma reacção na sala.

Poucas pessoas teriam a coragem de lhe colocar aquela pergunta. Mas Riley teve que suprimir um riso. Esta era uma pergunta que podia responder com honestidade. Por isso tinha motivos para temer Hatcher naquele momento.

“Não, não avisei,” Disse Riley firmemente, encontrando o olhar de Walder.

Walder baixou os olhos primeiro. Virou-se para Jennifer Roston, uma jovem mulher Afro-Americana com cabelo curto que estava sentada a olhar para Riley com uns olhos negros intensos.

“Tem perguntas a colocar, Agente Roston?” Perguntou ele.

Roston não disse nada durante um momento. Riley esperou ansiosamente pela sua resposta. Roston tinha sido incumbida de apanhar Shane Hatcher. Era nova na UAC e parecia ansiosa para deixar a sua marca. Riley não podia contar com a nova agente para ser sua aliada.

Roston não tirara os olhos de Riley durante o decurso de toda a reunião.

“Agente Paige, importa-se de explicar a exata natureza da sua relação com Shane Hatcher?”

Riley sobressaltou-se.

Ela queria dizer...

Sim, importo-me. Importo-me muito.

A tática de Roston começava a tornar-se clara a Riley.

Há alguns dias atrás, Roston tinha interrogado Riley e privado sobre aquele mesmo assunto naquela sala.

Agora Roston tencionava claramente fazer-lhe a mesma pergunta outra vez, esperando apanhar Riley em contradição. Roston esperava que Riley

cedesse sob a pressão de uma grande reunião como aquela. E Riley sabia por experiência própria que não a devia subestimar. Roston era altamente capaz em jogos mentais.

Diz o mínimo possível, Disse a si própria. Tem muito cuidado.

*

Após o fim da reunião, todos saíram da sala exceto Riley.

Agora que terminara, Riley sentia-se demasiado abalada para se levantar da cadeira.

Roston fizera-lhe perguntas familiares – por exemplo, com que frequência é que Riley comunicara com Hatcher e como. Também colocara a questão da morte de Shirley Redding, a agente imobiliária que fora à cabana contra a vontade de Riley e lá morrera. A polícia não suspeitava de uma jogada desonesta, mas Riley tinha a certeza de que Hatcher a tinha assassinado por entrar no seu território. Riley pressentiu que Roston também suspeitava da verdade.

A todas as perguntas de Roston, Riley respondera com mentiras familiares.

Riley percebeu que Roston estava longe de estar satisfeita.

Isto ainda não acabou, Pensou com um arrepio. Durante quanto tempo conseguiria esconder toda a verdade sobre a sua relação co Hatcher?

Mas uma maior preocupação lhe pesava.

O que iria Shane Hatcher fazer agora?

Ela sabia que ele se sentia traído por ela não o ter avisado da ida da equipa SWAT à cabana. Na verdade, ele mostrara-se na cabana, permitira que o FBI se aproximasse apenas para testar a sua lealdade.

Na perspetiva de Hatcher, ela falhara o teste.

Ela lembrava-se de uma mensagem de texto que ele lhe enviara...

“Vai viver para se arrepender. Quanto à sua família, não sei.”

Ela conhecia Hatcher demasiado bem para não levar as suas ameaças a sério.

Riley mantinha-se sentada na grande mesa apertando as mãos ansiosamente.

Como é que deixei as coisas chegarem a isto? Interrogou-se.

Porque é que ela permitira que a sua relação com Hatcher continuasse mesmo depois da sua fuga da prisão?

Algo que Walder dissera ecoava na sua mente..

“Diz que Hatcher está obcecado por si. Tem a certeza que a obsessão não é mútua?”

Agora que estava ali sozinha, não conseguia negar a verdade por detrás da pergunta de Walder.

Hatcher fascinava Riley desde a primeira que se tinham encontrado em Sing Sing para obter a sua perspectiva enquanto reputado criminologista. Ele ainda a fascinava – fascinava-a com o seu brilhantismo, a sua crueldade e a sua estranha capacidade para ser leal. Na verdade, Riley sentia um estranho laço com ele – e Hatcher tudo fazia para o fortalecer e manipular.

Era como Hatcher algumas vezes lhe dissera:

“Estamos unidos pelo cérebro, Riley Paige.”

Riley estremeceu perante aquele pensamento.

Ela esperava finalmente ter quebrado esse laço.

Mas será que também atraíra a ira de Shane Hatcher sobre aqueles que mais amava?

Nesse preciso momento ouviu uma voz atrás de si.

“Agente Paige...”

Riley virou-se e viu que Jennifer Roston tinha entrado na sala.

“Penso que precisamos de falar mais um pouco,” Disse Roston, sentando-se na mesa de frente para Riley.

Riley ficou em pânico.

Que truque teria agora Roston na manga?

CAPÍTULO DOIS

Riley e Jennifer Roston ficaram sentadas encarando-se durante quase um minuto.

O suspense era demasiado para Riley aguentar.

Por fim, Roston disse, “Grande atuação, Agente Paige.”

Riley sentiu-se picada e zangada.

“Eu não tenho que aturar isto,” Disse Riley.

Começou a levantar-se da cadeira para se ir embora.

“Não, não vá,” Disse Roston. “Não se antes ouvir o que tenho para lhe dizer.”

Então, com um sorriso estranho acrescentou, “Pode ficar surpreendida.”

Riley sentiu-se como se soubesse perfeitamente bem o que ia na mente de Roston.

Ela metera na cabeça destruir Riley.

Ainda assim, Riley permaneceu sentada. Chegara o momento de esclarecer o que quer que se passasse entre ela e Roston. E para além disso, estava curiosa.

Roston disse, “Antes de mais nada, penso que começámos mal. Ocorreram alguns mal-entendidos. Nunca foi minha intenção que fôssemos inimigas. Acredite em mim, por favor. Eu admiro-a. Muito. Vim para a UAC ansiosa para trabalhar consigo.”

Riley foi apanhada de surpresa. A expressão facial e tom de voz de Roston pareciam perfeitamente sinceros. A verdade era que Riley ficara muito impressionada sobre tudo o que ouvira sobre Roston. Os seus resultados na academia tinham sido espantosos e já fora recomendada para trabalhar no terreno em Los Angeles.

E agora, ali sentada a olhar para ela, Riley estava novamente impressionada com a conduta de Roston. A mulher era baixa mas compacta e atlética, e irradiava energia e entusiasmo.

Mas agora não era altura de Riley elogiar a nova agente. Houvera demasiada tensão e desconfiança entre elas.

Após uma pausa, Roston disse, “Penso que temos muito a oferecer uma à outra. Neste momento. Na verdade, tenho a certeza de que ambas queremos a mesma coisa.”

“Que é o quê?” Perguntou Riley.

Roston sorriu e inclinou ligeiramente a cabeça.

“Por um ponto final na carreira de criminoso de Shane Hatcher.”

Riley não respondeu. Demorou um momento para Riley registrar que as palavras de Roston eram a mais pura verdade. Para ela, Shane Hatcher já não era um aliado. Na verdade, era um perigoso inimigo. E tinha que ser parado antes que fizesse mal a algum ente querido de Riley.

Para tal, ele tinha que ser apanhado ou morto.

“Diga-me mais coisas,” Disse Riley.

Roston acomodou o queixo à mão e debruçou-se na direção de Riley.

“Vou dizer algumas coisas,” Disse ela. “Gostaria que ouvisse sem falar. Não negue nem concorde com aquilo que vou dizer. Limite-se a ouvir.”

Riley anuiu com algum desconforto.

“A sua relação com Shane Hatcher prosseguiu depois da fuga de Sing Sing. Na verdade, tornou-se mais intensa do que nunca. Comunicou com ele mais do que uma vez – várias vezes, tenho a certeza, pessoalmente de forma ocasional. Ele ajudou-a em casos oficiais e ajudou-a em situações mais pessoais. A sua relação com ele tornou-se – como é que se diz? Simbiótica.”

Riley teve que se conter bastante para não reagir ao que era dito.

É claro que era tudo verdade.

Roston prosseguiu, “Tenho a certeza que tinha conhecimento da sua presença na cabana. Na verdade, o mais provável é ter concordado. Mas a morte de Shirley Redding não foi um acidente. E não fazia parte do acordo. Hatcher está fora de controlo e não quer ter mais nada a ver com ele. Mas tem medo dele. Não sabe como cortar a ligação.”

Instalou-se um silêncio inquietante entre Riley e Roston. Riley interrogou-se como é que ela sabia tudo aquilo. Parecia estranho. Mas Riley não acreditava em telepatia.

Não, é só uma grande detetive, Pensou Riley.

Esta nova agente era extremamente esperta e os seus instintos e intuição pareciam ser tão fortes como os de Riley.

Mas o que é que Roston estava a tentar fazer agora? Estaria a montar uma armadilha, a tentar obrigar Riley a confessar tudo o que tinha sucedido entre ela e Hatcher?

O instinto de Riley dizia-lhe o contrário.

Mas atrever-se-ia a confiar nela?

Roston sorria enigmaticamente outra vez.

“Agente Paige, pensa que não sei como se sente? Pensa que não tenho os meus próprios segredos? Pensa que não agi erroneamente e fiz um pacto com quem não devia? Acredite em mim, sei exatamente com o que está a lidar. Arriscou e às vezes as regras têm que ser quebradas. Por isso quebrou-as. Não são muitos os agentes que têm essa coragem. Quero muito a sua ajuda.”

Riley estudou o rosto de Roston sem responder. Foi novamente atingida pela sinceridade da nova agente.

Riley detetou um sorriso soturno a formar-se nos cantos da sua boca. Parecia que algo obscuro se insinuava em Roston, tal como acontecia com Riley.

Roston disse, “Agente Paige, quando comecei a trabalhar no caso Hatcher, deu-me acesso a todos os ficheiros de computador relacionados com ele, exceto um denominado ‘PENSAMENTOS’. Estava listado no índice, mas não o consegui encontrar. Disse-me que o apagou. Disse que eram apenas algumas notas sem importância e escritos redundantes.”

Roston recostou-se na cadeira, parecendo relaxar um pouco.

Mas Riley estava tudo menos descontraindo. Tinha eliminado o ficheiro denominado PENSAMENTOS de forma precipitada, um ficheiro que continha informação vital sobre as ligações financeiras de Hatcher – ligações que o permitiam manter-se em fuga ao mesmo tempo que detinha considerável poder.

Roston disse, “Tenho quase a certeza de que ainda tem esse ficheiro.”

Riley conteve um estremecimento de alarme. A verdade era que ela guardara o ficheiro numa pen. Muitas vezes pensara em simplesmente apagá-lo, mas não o conseguia fazer. A influência de Hatcher sobre ela fora poderoso. E talvez ela pensasse que poderia utilizar aquela informação algum dia.

Em vez de o apagar, mantivera-o por uma questão de indecisão.

Encontrava-se na mala de Riley naquele preciso momento.

“Tenho a certeza de que esse ficheiro é importante,” Disse Roston. “Na verdade, pode conter informação de que preciso para prender Hatcher de uma vez por todas. E ambas queremos que isso aconteça. Tenho a certeza.”

Riley engoliu em seco.

Não devo dizer nada, Pensou.

Mas será que tudo o que Roston dissera não fazia perfeito sentido?

Aquela pen podia muito bem ser a chave para libertar Riley das garras de Shane Hatcher.

A expressão de Roston suavizou-se mais.

“Agente Paige, vou fazer-lhe uma promessa solene. Se me facultar essa informação, ninguém jamais saberá que a reteve. Não direi a ninguém. Nunca.”

Riley sentiu a sua resistência a ruir.

O seu instinto dizia-lhe que podia confiar na sinceridade de Roston.

Pegou silenciosamente na sua mala, retirou a pen e entregou-a à agente mais nova. Os olhos de Roston dilataram-se ligeiramente, mas não proferiu uma palavra. Apenas assentiu e colocou a pen no bolso.

Riley sentiu uma necessidade desesperada de quebrar o silêncio.

“Quer discutir mais alguma coisa, Agente Roston?”

A agente deu uma risadinha.

“Trate-me por Jenn, por favor. Todos os meus amigos o fazem.”

Riley observou Roston a levantar-se.

“Se não se importar, não a tratarei de outra forma que não por Agente Paige. Pelo menos até se sentir confortável para que seja de outra forma. Mas por favor, trate-me por Jenn. Insisto.”

Roston saiu da sala, deixando Riley ali sentada num silêncio espantado.

*

Riley foi para o seu gabinete tratar de papelada. Quando não estava a trabalhar num caso, aguardava-a sempre toneladas de tédio burocrático e só desaparecia quando regressava ao terreno.

Era sempre desagradável, mas naquele dia estava a seer especialmente difícil concentrar-se no que estava a fazer. Começava a preocupar-se cada vez mais com a possibilidade de ter cometido um erro pateta.

Porque raio acabara ela de entregar aquele ficheiro a Jannifer Roston – ou “Jenn” como ela insistira que Riley a tratasse?

Era nada mais, nada menos do que uma confissão de obstrução da parte de Riley.

Porque é que entregara aquela informação àquela agente em particular quando nunca a mostrara a mais ninguém? Será uma jovem agente ambiciosa não a reportaria a transgressão de Riley aos seus superiores – talvez mesmo ao próprio Carl Walder?

A qualquer momento, Riley podia ser presa.

Porque é que não se limitara a apagar o ficheiro?

Ou podia ter-se livrado dele como fizera com a corrente de ouro que Hatcher lhe dera. A corrente fora um símbolo da sua ligação a Hatcher. Também continha um código para entrar em contacto com ele.

Riley deitara-a fora num esforço frenético para se libertar dele.

Mas por qualquer razão, não conseguira fazer o mesmo com a pen.

Porquê?

A informação financeira que continha era suficiente para limitar os movimentos e atividades de Hatcher.

Até o podia parar de vez.

Era um enigma, tal como tantos aspetos da sua relação com Hatcher.

Enquanto Riley mexia em papéis na sua secretária, o telemóvel vibrou. Era uma mensagem de um número desconhecido. Riley perdeu o fôlego quando viu o que dizia.

Pensava que isto me parava? Tudo foi mudado. Não pode dizer que não foi avisada.

Riley sentiu dificuldade em respirar.

Shane Hatcher, Pensou.

CAPÍTULO TRÊS

Riley olhou para a mensagem com o pânico a invadi-la.

Não era difícil de adivinhar o que sucedera. Jenn Roston abrira o ficheiro mal se tinham despedido. Jenn descobrira o que continha e começara logo a trabalhar para bloquear as operações de Hatcher.

Mas na sua mensagem, o próprio Hatcher anunciava desafiadoramente que Jenn não tinha sido bem-sucedida.

Tudo foi mudado.

Shane Hatcher ainda estava em fuga e estava zangado. Com os seus recursos financeiros intactos, poderia ser mais perigoso do que nunca.

Tenho que lhe responder, Pensou. Tenho que me entender com ele.

Mas como? O que poderia ela dizer que não o enfurecesse ainda mais?

Então ocorreu-lhe que Hatcher poderia não compreender completamente o que se estava a passar.

Como poderia saber que era Roston que estava a sabotar a sua rede e não Riley? Talvez o conseguisse fazer compreender isso.

As suas mãos tremiam enquanto lhe respondia.

Deixe-me explicar.

\Mas quando tentou enviar o texto, surgiu-lhe a indicação de que não era possível ser entregue.

Riley desesperou.

Exatamente o mesmo que acontecera da última vez que tentara comunicar com Hatcher. Ele enviara uma mensagem críptica e não lhe dera hipótese de responder. Ela costumava conseguir comunicar com Hatcher por chat de vídeo, SMS e até chamadas telefónicas. Mas agora já não.

Naquele momento, não tinha forma de comunicar com ele.

Mas ele ainda conseguia comunicar com ela.

A segunda frase daquela nova mensagem era particularmente arrepiante.

“Não pode dizer que não foi avisada.”

Riley lembrou-se do que ele escrevera da última vez que haviam comunicado.

“Vai viver para se arrepender. A sua família talvez não.”

Num acesso de consciência, Riley disse alto...

“A minha família!”

Ligou atrapalhadamente para casa. Ouviu o toque, depois continuou a tocar. Então surgiu uma mensagem com a sua própria voz.

Era tudo o que Riley podia fazer para evitar gritar.

Porque é que ninguém atendia? As escolas estavam na pausa da primavera. As suas filhas deviam estar em casa. E onde é que estava Gabriela?

Antes da mensagem do telefone terinar, ouviu a voz de Jilly, a menina de treze anos que Riley estava prestes a adotar. Jilly parecia estar sem fôlego.

“Ei, desculpa mãe. A Gabriela foi à mercearia. A April, o Liam e eu estávamos no quintal a jogar à bola. A Gabriela deve estar quase a chegar.”

Riley percebeu que estivera a conter a respiração. Fez u esforço consciente para recomeçar a respirar.

“Está tudo bem?” Perguntou.

“Claro,” Disse Jilly de forma despreocupada. “Porque é que não estaria?”

Riley lutou para se acalmar.

“Jilly, podes ir espreitar à janela?”

“OK,” Disse Jilly.

Riley ouviu passos.

“Estou a espreitar,” Disse Jilly.

“A carrinha com os agentes do FBI ainda aí está?”

“Sim. E também outra no beco. Via-a quando estava no quintal. Se esse tal de Shane Hatcher aparecer, apanham-no de certeza. Passa-se alguma coisa? Estás a assustar-me.”

Riley forçou um sorriso.

“Não, não se passa nada. Estou só – a ser mãe.”

“OK. Vemo-nos mais tarde.”

A chamada terminou, mas Riley ainda estava preocupada. Caminhou pelo corredor diretamente para o gabinete de Brent Meredith.

Riley gaguejou, “Eu... eu preciso de tirar o resto do dia.”

Meredith fitou-a.

“Posso perguntar porquê, Agente Paige?” Perguntou.

Riley abriu a boca, mas não saíram palavras. Se ela explicasse que acabara de receber uma ameaça de Shane Hatcher, não insistiria ele em ver a mensagem? Como a poderia mostrar sem admitir que dera o ficheiro a Jenn Roston?

Agora Meredith parecia preocupado. Ele parecia consciente de que havia algo de errado de que Riley não podia falar.

“Vá,” Disse ele. “Espero que tudo esteja bem.”

Riley sentiu uma imensa gratidão pela compreensão e descrição demonstradas por Meredith.

“Obrigada,” Disse ela.

Depois saiu do edifício, entrou no carro e foi para casa.

*

Ao aproximar-se da sua casa situada num pacato bairro de Fredericksburg, ficou aliviada por ver que a carrinha do FBI ainda lá estava. Riley sabia que havia outra carrinha estacionada no beco. Apesar de os veículos estarem descaracterizados, não eram propriamente discretos. Mas nada se podia fazer quanto a isso.

Riley estacionou o carro, caminhou na direção da carrinha e olhou para a janela aberta do passageiro.

Dois jovens agentes estavam sentados à frente – Craig Huang e Bud Wigton. Riley sentiu-se mais tranquilizada. Tinha ambos os agentes em elevada consideração e trabalhara com Huang diversas vezes recentemente. Riley não simpatizara de imediato com Huang quando ele chegou à UAC, mas começava a amadurecer rapidamente para se tornar num excelente agente. Não conhecia Wigton tão bem, mas ele tinha uma excelente reputação.

“Passa-se alguma coisa?” Perguntou Riley pela janela.

“Nada,” Disse Huang.

Huang parecia aborrecido, mas Riley sentiu-se aliviada. Não haver novidades eram boas notícias para ela. Mas seria bom demais para durar?

“Posso entrar?” Perguntou Riley.

“Claro,” Disse Huang.

A porta lateral deslizou e Riley entrou, encontrando outro agente, Grace Lochner, no interior. Riley sabia que Grace também tinha uma reputação notável na UAC.

Lochner estava sentada em frente a vários monitores de vídeo. Virou-se para Riley com um sorriso.

“O que é que tens aqui?” Perguntou Riley.

Parecendo ansiosa por mostrar a tecnologia à sua disposição, Lochner apontou para alguns monitores que mostravam vistas aéreas do bairro.

Ela disse, “Aqui temos imagens de satélite em tempo real a mostrar todas as vindas e idas num raio de meio quilómetro. Ninguém se pode aproximar daqui sem darmos por isso.”

A rir-se, Lochner acrescentou, “Ainda bem que vives num bairro sossegado. Não temos que monitorizar tanto tráfego.”

Apontou para vários outros monitores que mostravam a atividade ao nível da rua.

Disse, “Escondemos câmaras à volta do bairro para ver o que se passa mais de perto. Podemos verificar matrículas de qualquer veículo que se aproxime.”

Uma voz soou num intercomunicador.

“Têm uma visita?”

Lochner respondeu, “A Agente Paige passou por aqui para nos cumprimentar.”

A voz disse, “Olá Agente Paige. Sou o Agente Cole e estou no veículo atrás da sua casa. Tenho comigo os Agentes Cypher e Hahn.”

Riley sorriu. Eram todos nomes familiares de agentes com boa reputação.

Riley disse, “Estou contente por estarem aqui.”

“O prazer é nosso,” Disse o Agente Cole.

Riley estava impressionada com a comunicação entre as duas carrinhas. Ela podia ver a carrinha atrás da sua casa em alguns dos monitores de Lochner. Era obvio que nada podia acontecer com nenhuma das equipas sem que a outra o detetasse imediatamente.

Riley também ficou agradada com as armas presentes no interior da carrinha. A equipa tinha suficiente poder de fogo para combater um pequeno exército se necessário.

Mas não conseguia deixar de pensar se seria suficiente para combater Shane Hatcher? Saiu da carrinha e encaminhou-se para sua casa, dizendo a si própria para não se preocupar. Não conseguia imaginar Shane Hatcher a passar por cima de toda aquela segurança.

Ainda assim, não conseguia evitar lembrar-se da mensagem que recebera.

Não pode dizer que não foi avisada.

CAPÍTULO QUATRO

Quando Riley entrou em sua casa, o local parecia soturnamente vazio. “Cheguei,” Disse.

Mas ninguém respondeu.

Onde estão todos? O alarme que sentiu começou a transformar-se em pânico.

Seria possível que Shane Hatcher pudesse passar por todo aquele dispositivo de segurança?

Riley tentou não imaginar o que poderia acontecer caso tal tivesse sucedido. O seu pulso e respiração aceleraram ao dirigir-se para a sala.

Os três miúdos – April, Liam e Jilly – estava lá. A April e o Liam estavam a jogar xadrez e a Jilly estava a jogar um jogo de vídeo.

“Ouviram-me?” Perguntou.

Os três olharam para ela com expressões distraídas. Estavam obviamente todos concentrados no que estava a fazer.

Estava prestes a perguntar aos miúdos onde é que estava Gabriela quando ouviu a voz da epregada atrás dela.

“Está em casa, *Señora* Riley? Estava lá e baixo e pareceu-e ouvi-la entrar.”

Riley sorriu à robusta mulher Guatemalteca.

“Sim, acabei de chegar,” Disse, já respirando melhor.

Assentindo e sorrindo, Gabriela virou-se e dirigiu-se para a cozinha.

April tirou os olhos do jogo por um momento.

“Está tudo bem, mãe? Pareces um pouco agitada.”

“Está tudo bem,” Disse Riley.

April voltou a sua atenção novamente para o jogo.

Riley demorou um momento a pensar na maturidade da sua filha de quinze anos. April era elegante, alta, tinha cabelo escuro e os olhos de avelã de Riley. April já passara por muito nos últimos meses, mas agora parecia estar a passar muito bem.

Riley olhou para Jilly, uma rapariga mais pequena com pele mais escura e grandes olhos negros. Riley estava a passar pelo processo de a adotar. Naquele momento, Jilly estava sentada em frente a um grande monitor a tratar da saúde de alguns tipos maus.

Riley não ficou agradada. Não gostava de jogos de vídeo violentos. No que lhe dizia respeito, faziam a violência – sobretudo a violência com armas – parecer demasiado atrativa e demasiado asséptica. Riley acreditava que exerciam uma influência negativa sobretudo nos rapazes.

Ainda assim, pensou Riley, talvez aqueles jogos fossem inofensivos quando comprados com a própria experiência de Jilly. No final de contas, a menina de treze anos sobrevivera a horrores na vida real. Quando Riley encontrou Jilly, ela estava a tentar vender o corpo por puro desespero. Graças a Riley, Riley tivera a oportunidade de ter uma vida melhor.

Liam levantou o olhar do tabuleiro de xadrez.

“Ei Riley. Estava a pensar...”

Hesitou antes de fazer a pergunta.

Liam era novo lá em casa. Riley não tinha planos para adotar o miúdo alto, ruivo e de olhos azuis. Mas salvara-o de um pai bêbedo que lhe batia. Precisava de um lugar para viver naquele momento.

“O que é Liam?” Perguntou Riley.

“Não há problema se for a uma competição de xadrez amanhã?”

“Também posso ir?” Perguntou April.

Riley sorriu novamente. Liam e April namoravam quando Liam começou a viver ali em baixo na sala de família, mas tinham prometido suspender a sua relação por enquanto. Tinham que ser *hermanos solamente*, como Gabriela dissera – apenas irmão e irmã.

Riley gostava de Liam, e ainda mais pela influência positiva que o rapaz inteligente tinha sobre April que se interessara por xadrez, línguas estrangeiras e trabalho escolar em geral.

“É claro que ambos podem ir,” Disse ela.

Mas depois teve um repentino acesso de preocupação. Tirou o telemóvel, encontrou algumas fotos de Shane Hatcher e mostrou-as aos três miúdos.

“Mas têm que ter cuidado com Shane Hatcher,” Disse ela. “Têm estas fotos nos vossos telemóveis. Lembrem-se sempre da sua aparência. Liguem-me de imediato se virem alguém que se pareça com ele.”

Liam e April olharam para Riley surpreendidos.

“Já nos disseste isto antesm” Disse Jilly. “E vimos essas fotos um milhão de vezes. Alguma coisa mudou?”

Riley vacilou por um momento. Ela não queria assustar os miúdos. Mas sentia que tinham que ser avisados.

“Recebi uma mensagem de Hatcher há pouco,” Disse ela. “Era...”

Hesitou novamente.

“Era uma ameaça. É por isso que quero que estejam muito atentos.”

Para surpresa de Riley, Jilly sorriu-lhe.

“Isso quer dizer que ficamos em casa quando a pausa de primavera da escola terminar?” Perguntou.

Riley ficou alarmada com a despreocupação de Jilly. Também se interrogou se a ideia de Jilly não era correta. Deveria manter os miúdos longe da escola? E não deveriam o Liam e a April ir à competição de xadrez no dia seguinte?

Antes de pensar bem nas coisas, April disse, “Não sejas pateta, Jilly. É claro que vamos continuar a ir à escola. Não podemos deixar de viver as nossas vidas.”

Depois, virando-se para Riley, April acrescentou, “Não é uma ameaça real. Até eu sei isso. Lembram-se do que aconteceu em janeiro?”

Riley lembrava-se demasiado bem. Hatcher tinha salvo April e Ryan, o ex-marido de Riley, de um assassino que se queria vingar de Riley. Também se lembrava como Shane Hatcher tinha deixado o assassino preso e amordaçado para que Riley lidasse com a situação como entendesse.

April continuou, “O Hatcher não nos faria mal. Deu-se a muito trabalho para me salvar.”

Talvez a April tivesse razão, Pensou Riley. Pelo menos no que dizia respeito a ela e aos outros miúdos. Mas mesmo assim estava contente por os agentes se encontrarem à porta.

April encolheu os ombros e acrescentou, “A vida continua. Temos que continuar a fazer o que fazemos.”

Jilly disse, “E isso também é para ti mãe. É bom teres vindo para casa mais cedo. Assim tens muito tempo para te preparares para hoje à noite.”

Durante um momento, Riley não se lembrava a que é que Jilly se referia.

Então recordou-se – tinha um encontro com o seu antigo vizinho, Blaine Hildreth. Blaine era dono de um dos mais simpáticos resaurantes de Fredericksburg. Planeava passar por lá, apanhar Riley e levá-la a desfrutar de um magnífico jantar.

April levantou-se.

“Ei, é verdade!” Disse ela. “Anda mãe. Vamos até lá acima e eu ajudo-te a escolher a roupa.”

*

Mais tarde nessa noite, Riley estava sentada no pátio iluminado por velas do Blaine's Grill, apreciando o tempo fantástico, a excelente comida e a adorável companhia. À sua frente, Blaine estava tão atraente como sempre. Era apenas um pouco mais novo do que Riley, em forma e aparentando já sinais de falta de cabelo de que não se orgulhava.

Riley também o considerava uma agradável companhia para conversar. Enquanto comiam um delicioso prato de pasta com frango em alecrim, conversaram sobre acontecimentos atuais, memórias de tempos há muito passados e viagens.

Riley estava encantada por a sua conversa nunca ter trazido à tona o seu trabalho na UAC. Nem estava com disposição para pensar nisso. Blaine parecia pressentir isso e manteve-se longe do assunto. Uma coisa que Riley gostava muito em Blaine era a sua sensibilidade aos seus humores.

Na verdade, havia muito poucas coisas em Blaine de que Riley não gostava. É verdade que tinham tido uma discussão há pouco tempo. Blaine tentara provocar ciúmes em Riley com uma amiga e conseguira realizar o seu intento. Agora já se conseguiam rir da sua infantilidade.

Talvez fosse do vinho, mas Riley sentia-se extremamente descontraída. Blaine era uma companhia confortável – recentemente divorciado como Riley e ansioso para prosseguir com a sua vida sem saber muito bem como.

A sobremesa chegou finalmente – a favorita de Riley, cheesecake de framboesa. Sorriu ligeiramente ao recordar-se do telefonema que um dia April fizera a Blaine para lhe dar a conhecer algumas das suas coisas preferidas, incluindo cheesecake de framboesa e a sua música preferida – “One More Night” de Phil Collins.

Ao desfrutar o cheesecake, Riley falou dos seus miúdos, sobretudo de como Liam se estava a habituar a tudo.

“A princípio estava um pouco preocupada,” Admitiu. “Mas ele é um miúdo espetacular e todas gostamos imenso de o ter lá em casa.”

Riley parou de falar durante um momento. Parecia um luxo ter alguém com quem falar sobre as suas dúvidas e preocupações domésticas.

“Blaine, não sei o que vou fazer com o Liam a longo prazo. Não o posso mandar de volta para aquele pai bêbedo e só Deus sabe o que é feito da

mãe. Mas não vejo como é que o posso adotar legalmente. Acolher a Jilly tem sido complicado e ainda não é uma situação resolvida. Não sei se consigo passar por isso outra vez.”

Blaine sorriu-lhe.

“Encara as coisas um dia de cada vez,” Disse ele. “E faças o que fizeres, será sempre o melhor para ele.”

Riley abanou a cabeça tristemente.

“Quem me dera ter a certeza,” Disse ela.

Blaine segurou na mão de Riley.

“Bem, acredita no que te digo,” Disse ele. “O que já fizeste pelo Liam e pela Jilly é maravilhoso e generoso. Admiro-te muito por isso.”

Riley sentiu um nó na garganta. Quantas vezes alguém lhe dizia coisas daquelas? Era muitas vezes elogiada no seu trabalho na UAC e até recebera uma Medalha de Perseverança recentemente. Mas não estava habituada a ser elogiada por coisas simples. Nem sabia como lidar com isso.

Então Blaine disse, “És uma boa mulher, Riley Paige.”

Riley sentiu lágrimas nos olhos. Riu-se nervosamente ao limpá-las.

“Oh, vê só o que fizeste,” Disse ela. “Fizeste-me chorar.”

Blaine encolheu os ombros e irradiou um sorriso delicado.

“Desculpa. Só estou a tentar ser brutalmente honesto. Acho que às vezes a verdade dói.”

Riram-se durante alguns momentos.

Por fim, Riley disse, “Mas não te perguntei pela tua filha. Como tem passado a Crystal?”

Blaine desviou o olhar com um sorriso agridoce.

“A Crystal está ótima – boas notas, feliz e alegre. Agora está na praia com os primos e a minha irmã.”

Blaine suspirou. “Só se passaram alguns dias, mas já estou cheio de saudades.”

Riley ficou novamente à beira de chorar. Sempre soubera que Blaine era um pai extraordinário. Como seria ter uma relação mais permanente com ele?

Calma, Disse a si própria. *Não nos apressemos.*

Entretanto, já quase tinha terminado o seu cheesecake de framboesa.

“Obrigada, Blaine,” Disse ela. “Foi uma noite maravilhosa.”

Fitando-o mais intensamente, acrescentou, “Odeio vê-la terminar.”

Olhando para ela com a mesma intensidade, Blaine apertou-lhe a mão.
“Quem diz que tem que acabar?” Perguntou ele.

Riley sorriu. Ela sabia que o seu sorriso era suficiente para responder à sua pergunta.

No final de contas, porque é que a sua noite deveria terminar? O FBI estava a guardar a sua família e nenhum assassino exigia a sua atenção.

Talvez tivesse chegado o momento de se divertir.

CAPÍTULO CINCO

George Tully não gostava do aspeto de um pedaço de terreno na estrada. Não sabia exatamente porquê.

Não tens que te preocupar, Disse a si próprio. A luz da manhã estaria apenas a pregar-lhe partidas.

Inspirou o ar fresco. Depois inclinou-se e apanhou uma mão cheia de terra solta. Como sempre, era macia e rica. Também cheirava bem, rica com nutrientes de antigas colheitas de milho.

A boa terra do Iowa, Pensou enquanto pedaços dela lhe escapavam pelos dedos.

A terra estava na família de George há muitos anos, por isso conhecera aquele magnífico solo toda a vida. Mas nunca se cansava dele e o seu orgulho em lavrar a terra mais rica do mundo nunca se esgotava.

Olhou para os campos que se estendiam ao longo de uma imensa extensão. A terra fora lavrada há alguns dias. Estava pronta para receber os grãos de milho já pulverizados com insecticida.

Adiara a plantação até àquele dia devido às condições meteorológicas. É claro que não havia forma de saber se uma geada surgiria mesmo naquela altura do ano, arruinado assim a colheita. Lembrava-se de uma nevasca em abril nos anos 70 que apanhara o pai de surpresa. Mas quando George sentiu uma brisa de ar quente e olhou para as nuvens altas que atravessavam o céu, sentiu confiança para avançar.

Hoje é o dia, Pensou.

Enquanto George ali permaneceu, o seu ajudante Duke Russo chegou a conduzir um trator que transportava um plantador de doze metros. O plantador plantaria dezasseis filas de seguida, com uma distância de trinta polegadas, um grão de cada vez, depositando o fertilizante em cima de cada um, cobriria a semente e prosseguiria.

Os filhos de George, Roland e Jasper, estavam no campo à espera da chegada do trator e caminharam na sua direção. George sorriu para si próprio. Duke e os rapazes eram uma boa equipa. Não havia necessidade de George ficar para a sementeira. Acenou aos três homens, depois virou-se para regressar ao seu camião.

Mas aquele pedaço estranho de terra junto à estrada chamou a sua atenção mais uma vez. O que estava errado ali? A semeadora tinha falhado

aquele pedaço? Não compreendia como é que aquilo podia ter acontecido.

Talvez uma marmota andasse por ali a escavar.

Mas ao aproximar-se do local, pode ver que não fora uma marmota a fazer aquilo. Não havia abertura e a terra estava achatada.

Parecia que algo tinha sido ali enterrado.

George rabujou. Os vândalos e os brincalhões às vezes davam-lhe trabalho. Há alguns anos atrás, alguns rapazes de Angier roubaram um trator e usaram-no para demolir um barracão de armazenamento. Mais recentemente, outros tinham pontado obscenidades em vedações e paredes e até em gado.

Era enfurecedor – e doloroso.

George não fazia ideia porque é que os miúdos lhe arranjavam problemas. Nunca lhes fizera mal que soubesse. Dera conhecimento dos incidentes a Joe Sinard, o chefe da policia de Angier, mas nunca nada fora feito.

“O que é que aqueles sacanas fizeram desta vez?” Disse em voz alta, calcando a terra com o pé.

Achou que o melhor era descobrir. O que quer que estivesse enterrado ali, poderia estragar o equipamento.

Virou-se para a sua equipa e acenou a Duke para parar o trator. Quando motor foi desligado, George gritou aos filhos.

“Jasper, Roland – tragam-me essa pá que está na cabina do trator.”

“O que é que se passa pai?” Indagou Jasper.

“Não sei. Traz-me a pá.”

Um momento mais tarde, Duke e os rapazes já caminhavam na sua direção. Jasper entregou a pá ao pai.

George manejou a pá contra a terra enquanto o grupo observava a operação com curiosidade. Ao enterrar a pá na terra, um cheiro estranho, azedo, inundou-lhe as narinas.

Sentiu uma onda de pavor instintivo.

Que raio está aqui em baixo?

Continuou a escavar até atingir algo sólido mas mole.

Escavou com mais cuidado, tentando desenterrar o que quer que fosse. De repente, avistaram algo pálido.

Demorou alguns segundos até George conseguir perceber de que se tratava.

“Oh, meu Deus!” Exclamou com horror.

Era uma mão – a mão de uma mulher jovem.

CAPÍTULO SEIS

Na manhã seguinte, Riley deparou-se com Blaine a preparar um pequeno-almoço de ovos Benedict com sumo de laranja fresco e café escuro. Chegou à conclusão que fazer amor com paixão não se resumira aos ex-maridos. E percebeu que acordar confortavelmente ao lado de um homem era algo novo.

Sentiu-se grata por aquela manhã e gratidão para com Gabriela que se assegurou de tratar de tudo quando Riley lhe ligara na noite anterior. Mas não conseguia evitar pensar se uma relação daquele tipo sobreviveria devido às muitas outras complicações da sua vida.

Riley decidiu ignorar essa questão e concentrar-se na deliciosa refeição. Mas ao comerem, notou de imediato que a mente de Blaine parecia estar noutro lugar.

“O que é que se passa?” Perguntou-lhe.

Blaine não respondeu. Os seus olhos denotavam incómodo.

Riley ficou preocupada. O que é que se passava?

Estaria com dúvidas em relação à noite passada? Estaria menos satisfeito com a situação do que ela?

“Blaine, o que é que se passa?” Perguntou Riley com a voz a tremer ligeiramente.

Passados alguns instantes, Blaine disse, “Riley, eu não me sinto... *seguro.*”

Riley tentou compreender o que Blaine acabara de dizer. Teria todo o afeto partilhado na noite anterior subitamente desaparecido? O que se passara que alterara tudo?

“Eu... eu não compreendo,” Gaguejou Riley. “O que é que queres dizer quando dizes que não te sentes seguro?”

Blaine hesitou, depois disse, “Penso que tenho que comprar uma arma. Para proteção em casa.”

As suas palavras sacudiram Riley. Não estava à espera daquilo.

Mas talvez devesse, Pensou.

Sentada na mesa à frente de Blaine, viu a cicatriz na sua bochecha direita. A cicatriz que obtivera em novembro último em casa de Riley quando tentava proteger April e Gabriela de um atacante que se queria vingar de Riley.

Riley lembrava-se da terrível culpa que sentira ao ver Blaine inconsciente numa cama de hospital.

E agora voltava a sentir essa culpa.

Será que Blaine alguma vez se ia sentir seguro com Riley na sua vida? Alguma vez sentiria que a sua filha estava segura?

E seria uma arma aquilo de que precisava para o fazer sentir-se mais seguro?

Riley abanou a cabeça.

“Não sei Blaine,” Disse ela. “Não sou muito favorável a civis terem armas em casa.”

Mal proferiu as palavras, Riley percebeu como soara tão paternalista.

Não conseguia perceber pela expressão de Blaine se ficara ou não ofendido. Parecia estar à espera que ela dissesse algo mais.

Riley bebericou o café, organizando os pensamentos.

Ela disse, “Sabes que estatisticamente, ter armas em casa pode mais rapidamente levar a homicídios, suicídios e mortes acidentais do que a uma defesa caseira bem-sucedida? Na verdade, os donos de armas têm um maior risco de se tornarem vítimas de homicídio do que as pessoas que não possuem armas.”

Blaine assentiu.

“Sim, sei tudo isso,” Disse ela. “Fiz alguma pesquisa. Também conheço as leis de auto-defesa da Virginia. E que este é um estado em que há liberdade para possuir armas.”

Riley anuiu aprovadoramente.

“Bem, já estás mais preparado do que a maior parte das pessoas que decide comprar uma arma. Ainda assim...”

Não completou o raciocínio. Estava relutante em dizer o que lhe ia na cabeça.

“O que é?” Perguntou Blaine.

Riley respirou fundo.

“Blaine, ias querer comprar uma arma se eu não fizesse parte da tua vida?”

“Oh, Riley...”

“Diz-me a verdade. Por favor.”

Blaine ficou a olhar para o café durante alguns segundos.

“Não, não ia,” Disse finalmente.

Riley estendeu os braços na mesa e pegou na mão de Blaine.

“Era o que pensava. E debes imaginar como me sinto. Gosto muito de ti Blaine. É terrível saber que a tua vida é mais perigosa por minha causa.”

“Eu sei,” Disse Blaine. “Mas quero que me digas a verdade sobre uma coisa. E por favor não leves isto a mal.”

Riley preparou-se silenciosamente para o que Blaine lhe ia perguntar.

“Os teus sentimentos não são um bom motivo para eu comprar uma arma? Quero dizer, não é verdade que estou mais exposto que o cidadão comum e que me devo poder defender a mim e à Crystal – e talvez mesmo a ti?”

Riley encolheu os ombros. Sentiu-se triste por admiti-lo, mas Blaine tinha razão.

Se uma arma o fizesse sentir-se mais seguro, devia arranjar uma.

Ela também tinha a certeza que ele seria muito responsável enquanto dono de uma arma.

“OK,” Disse ela. “Vamos terminar o pequeno-almoço e vamos às compras.”

*

Mais tarde nessa manhã, Blaine entrou numa loja de armas com Riley. Blaine pensou de imediato se estaria a cometer um erro. Vía armas nas paredes e em montras de vidro. Nunca dispara uma arma – a não ser que se pudesse contar com a arma de pressão que usara quando era miúdo.

No que é que me estou a meter? Pensou.

Um homem grande de barba com uma camisa xadrez movimentava-se entre a mercadoria.

“Em que vos posso ajudar?” Perguntou.

Riley disse, “Estamos à procura de uma arma de proteção pessoal para o meu amigo.”

“Bem, tenho a certeza que temos por aqui alguma coisa que lhe convenha,” Disse o homem.

Blaine sentiu-se constrangido sob o olhar do homem. Não devia ser todos os dias que uma mulher atraente ali entrava para o namorado escolher uma arma.

Blaine sentiu-se envergonhado. Até se sentiu envergonhado por se sentir envergonhado. Nunca se vira a si próprio como o tipo de homem que se sentisse inseguro em relação à sua masculinidade.

Enquanto Blaine saía da sua estranheza, o vendedor olhou para a arma de Riley aprovadamente.

“Essa Glock Modelo 22 que aí tem é uma bela arma, minha senhora,” Disse ele. “Pertence às forças de segurança, não é?”

Riley sorriu e mostrou-lhe o distintivo.

O homem apontou para uma fila de armas semelhantes numa montra de vidro.

“Bem, tenho das vossas Glocks aqui. Uma excelente escolha, na minha opinião.”

Riley olhou para as armas, depois olhou para Blaine como que perguntando a sua opinião.

Blaine limitou-se a encolher os ombros e a corar.

Riley abanou a cabeça.

“Não me parece que uma semiautomática seja o tipo de arma que mais nos interessa,” Disse ela.

O homem assentiu.

“Sim, são complicadas, sobretudo para alguém sem grande experiência no manejo de armas. As coisas podem correr mal.”

Riley concordou, acrescentando, “Sim, podem acontecer falhas de ignição, obstrução, palheta dupla, falha na ejeção.”

O homem disse, “É claro que esses problemas não se colocam a uma experiente agente do FBI. Mas para este senhor, talvez um revólver seja a melhor escolha,”

O homem conduziu-os a uma montra de vidro repleta de revólveres.

Os olhos de Blaine repousavam nas armas com canos mais curtos.

Pelo menos pareciam menos intimidantes.

“E que tal este?” Disse ele, apontando para um em particular.

O homem abriu a montra, tirou a arma e entregou-a a Blaine. Era estranho ter a arma na mão. Não sabia se era mais leve ou mais pesada do que estava à espera.

“Uma Ruger SP101,” Disse o homem. “Nada má escolha.”

Riley olhou para a arma de forma incerta.

“Penso que estamos à procura de algo com um cano de quatro polegadas,” Disse ela. “Algo que absorva melhor o recuo.”

O homem voltou a assentir.

“Certo. Bem, penso que tenho aquilo que procuram.”

Tirou uma pistola maior da montra. Entregou-a a Riley que a examinou de forma aprovadora.

“Oh, sim,” Disse ela. “Uma Smith e Wesson 686.”

Depois sorriu a Blaine e entregou-lhe a arma.

“O que é que te parece?” Perguntou Riley.

Esta arma mais longa parecia-lhe ainda mais estranha na mão. Só lhe restava sorrir envergonhadamente para Riley. Ela retribuiu o sorriso. Ele percebeu pela sua expressão que ela finalmente se apercebera do seu sentimento de estranheza.

Riley virou-se para o dono e disse, “Penso que a levamos. Quanto custa?”

Blaine ficou espantado com o preço da arma, mas partiu do princípio que Riley sabia se o negócio era ou não justo.

Também ficou surpreendido com a facilidade em comprar a arma. O homem pediu-lhe dois comprovativos de identidade e Blaine deu-lhe a carta de condução e o cartão de eleitor. Depois Blaine preencheu um pequeno formulário consentindo uma verificação de passado. A verificação computadorizada demorou apenas alguns minutos e Blaine estava apto a comprar a arma.

“Que tipo de munição querem?” Perguntou o homem.

Eiley disse, “Dê-nos uma caixa de Federal Premium Low Recoil.”

Alguns momentos mais tarde, Blaine era o perplexo proprietário de uma arma.

Ficou a olhar para a arma assustadora que se encontrava non balcão numa caixa de plástico aberta, envolta num material protetor. Blaine agradeceu ao homem, fechou a caixa e virou-se para se ir embora.

“Espere um minuto,” Disse o homem alegremente. “Não a quer experimentar?”

O homem conduziu Riley e Blaine até uma porta nas traseiras da loja que dava para um campo de tiro interior. Depois deixou Riley e Blaine sozinhos. Blaine estava contente por não estar lá mais ninguém naquele momento.

Riley apontou para a lista de regras que se encontrava na parede e Blaine Leu-as com atenção. Depois abanou a cabeça apreensivo.

“Riley, deixa-me dizer-te...”

Riley riu-se.

“Eu sei. Eu ajudo-te.”

Riley levou-o até uma das cabinas vazias onde ele colocou o equipamento de proteção para os ouvidos e olhos. Ele abriu a caixa com cuidado.

“Carrego-a?” Perguntou a Riley.

“Ainda não. Primeiro praticamos sem munições.”

Ele segurou a pistola nas mãos e Riley ajudou-o a encontrar a posição mais adequada – ambas as mãos na coronha da pistola mas com os dedos afastados do cilindro, cotovelos e joelhos ligeiramente curvados, ligeiramente inclinados para a frente. Dali a momentos, Blaine estava a apontar a pistola para uma forma vagamente humana num alvo de papel a cerca de vinte e três metros de distância.

“Primeiro vamos praticar a ação dupla,” Disse Riley. “É quando não puxas o gatilho para trás a cada disparo, fazes tudo com o gatilho. Isso vai-te permitir sentir o gatilho. Puxa o gatilho para trás suavemente, depois liberta-o também suavemente.”

Blaine praticou com a arma descarregada algumas vezes. Depois Riley mostrou-lhe como abrir o cilindro e preenchê-lo com munição.

Blaine assumiu a mesma postura de há pouco. Preparou-se, sabendo que a arma daria um bom coice e apontou cuidadosamente ao alvo.

Premiu o gatilho e disparou.

A subita força para trás assustou-o e a arma saltou das suas mãos. Baixou a arma e olhou na direção do alvo. Não via buracos. Subitamente interrogou-se como é que alguém quereria utilizar uma arma com um coice tão intenso.

“Vamos trabalhar a tua respiração,” Disse Riley. “Inspira devagar enquanto apontas, depois expira suavemente para que exales no momento em que disparas. É quando o teu corpo está mais quieto.”

Blaine disparou outra vez. Ficou surpreendido por ter sentido mais controlo.

Olhou para o fundo da carreira e viu que pelo menos desta feita tinha acertado no alvo de papel.

Mas ao preparar-se para disparar outro tiro, foi assaltado por uma memória – a memória do dia mais assustador da sua vida. Um dia em que ainda vivia na casa ao lado da de Riley e ouvira um barulho infernal vindo da casa ao lado. Correria para a casa de Riley e deparou-se com a porta da frente parcialmente aberta.

Um homem estava a atacar a filha de Riley no chão.

Blaine correria na sua direção e tirara o homem de cima de April. Mas o homem era demasiado forte para Blaine controlar e Blaine foi selvaticamente atacado até perder a consciência.

Era uma memória amarga e por um momento trouxe-lhe de volta um sentimento de triste impotência.

Mas de repente, esse sentimento evaporou-se ao sentir o peso da arma nas suas mãos.

Respirou e disparou, respirou e disparou, mais quatro vezes até não haver mais munições.

Riley carregou num botão que trouxe o alvo de papel até junto deles.

“Nada mal para uma primeira vez,” Disse Riley.

De facto, Blaine pôde ver que aquelas últimos quatro tiros tinham atingido a forma humana.

Mas percebeu que o seu coração batia com força e que estava avassalado por uma estranha mistura de sentimentos.

Um desses sentimentos era o medo.

Mas medo de quê?

Poder, Percebeu Blaine.

O sentimento de poder nas suas mãos era espantoso, algo diferente de tudo o que jamais sentira.

Sentia-se tão bem que ficou assustado.

Riley mostrou-lhe como abrir o cilindro e retirar as munições vazias.

“Chega por hoje?” Perguntou Riley.

“Nem penses,” Disse Blaine sem fôlego. “Quero que me ensines tudo o que há para saber sobre esta coisa.”

Riley sorriu-lhe enquanto Blaine recarregava a arma.

Ainda sentia o seu sorriso ao apontar para outro alvo.

Entretanto ouviu o telemóvel de Riley tocar.

CAPÍTULO SETE

Quando o telemóvel de Riley começou a tocar, os últimos tiros de Blaine ainda lhe soavam nos ouvidos. De forma relutante, pegou no telemóvel. Esperava ter uma manhã sem interrupções com Blaine. Quando olhou para o telemóvel soube que estava prestes a ficar desiludida. A chamada era de Brent Meredith.

Estava surpreendida com o quanto se divertira a ensinar Blaine a disparar a sua nova arma. O que quer que Meredith quisesse, Riley tinha a certeza de que ia interromper o melhor dia que tivera desde há muito tempo.

Mas não tinha alternativa que não fosse atender a chamada.

Como habitualmente, Meredith foi brusco e direto ao assunto.

“Temos um novo caso. Precisamos de si. Quanto tempo demora a chegar a Quantico?”

Riley conteve um suspiro. Com Bill de licença, Riley esperava que decorresse mais algum tempo após a morte de Lucy.

Nem por sombras, Pensou.

Não havia dúvidas de que teria de sair da cidade em pouco tempo. Teria tempo suficiente de ir a casa, ver todos e mudar de roupa?

“Uma hora?” Perguntou Riley.

“Tente chegar em menos tempo. Venha ter comigo ao meu gabinete. E traga a sua mala de viagem.”

Meredith terminou a chamada sem esperar por uma resposta.

Blaine estava à sua espera. Retirou a proteção dos olhos e ouvidos e perguntou, “Alguma coisa relacionada com o trabalho?”

Riley suspirou.

“Sim, tenho que ir para Quantico de imediato.”

Blaine anuiu sem se queixar e descarregou a arma.

“Eu levo-te lá,” Disse ele.

“Não, preciso da minha mala de viagem. E está no meu carro em casa. Tens que me deixar em minha casa e estamos com o tempo contado.”

“Não há problema,” Disse Blaine, colocando cuidadosamente a nova arma na caixa.

Riley deu-lhe um beijo na bochecha.

“Parece que vou deixar a cidade,” Disse ela. “Odeio isso. Diverti-me tanto.”

Blaine sorriu e retribuiu-lhe o beijo.

“Eu também me diverti muito,” Disse ele. “Não te preocupes. Nós retomamos tudo quando voltares.”

Quando saíram da carreira de tiro e da loja de armas, o dono lançou-lhes um adeus caloroso.

*

Depois de Blaine a deixar em casa, Riley entrou em casa para explicar a todos que teria que se ausentar. Nem teve tempo de mudar de roupa, mas pelo menos tinha tomado banho em casa de Blaine nessa manhã. Estava aliviada por a sua família aceitar a sua súbita mudança de planos.

Estão a acostumar-se a passar sem mim, Pensou. Não tinha a certeza se gostava da ideia, mas sabia que era uma necessidade numa vida como a dela.

Riley verificou que tinha tudo o que precisava no carro e conduziu até Quantico. Quando chegou ao edifício da UAC, dirigiu-se de imediato ao gabinete de Brent Meredith. Para sua consternação, encontrou Jenn Roston a caminhar na mesma direção no corredor.

Riley e Jenn olharam-se por um breve momento, depois prosseguiram os seus caminhos em silêncio.

Riley perguntou-se se Jenn se sentia tão estranha agora quanto ela. No dia anterior tinham tido uma reunião e Riley ainda não tinha a certeza se tinha cometido um erro ao dar a Jenn a pen.

Mas Jenn provavelmente não estava preocupada com isso, Pensou Riley.

No final de contas, Jenn tivera a preponderância no dia anterior. Ela controlara a situação de forma brilhante para sua própria vantagem. Alguma vez Riley conhecera alguém capaz de a manipular daquela forma?

Rapidamente chegou a uma conclusão – é claro que sim.

Por Shane Hatcher.

Ainda a caminhar e ainda virada para a frente, a agente mais nova falou num tom baixo. “Não resultou.”

“O quê?” Perguntou Riley sem deixar de avançar.

“A informação financeira da pen. O Hatcher tinha fundos guardados nessas contas. Mas o dinheiro foi todo removido e as contas estão encerradas.”

Riley resistiu ao impulso de dizer, “*Eu sei.*”

No final de contas, Hatcher dissera-o ontem na sua mensagem ameaçadora.

Por um momento, Riley não soube o que dizer. Continuou a caminhar sem falar.

Será que Jenn pensava que Riley a tinha traído dando-lhe um ficheiro falso?

Por fim, Riley disse, “Aquele ficheiro era tudo o que eu tinha. Não lhe estou a esconder nada.”

Jenn não respondeu. Riley desejava saber se ela acreditava em si.

Também se interrogou – se tinha usado aquela informação, poderia Hatcher já estar preso? Ou até morto?

Quando chegaram à porta do gabinete de Meredith, Riley parou, assim como Jenn.

Riley sentiu-se alarmada.

Era óbvio que Jenn também ia ao gabinete de Meredith.

Porque é que a nova agente ia participar naquela reunião? Teria informado Meredith acerca da retenção de informação de Riley?

Mas Jenn limitou-se a estar ali a olhar.

Riley bateu à porta e depois ela e Jenn entraram.

O chefe Meredith estava sentado na sua secretária, parecendo tão intimidante como habitualmente.

Ele disse, “Sentem-se ambas.”

Riley e Jenn sentaram-se em cadeiras em frente à secretária.

Meredith ficou calado durante alguns segundos.

Depois disse, “Agente Paige, Agente Roston – gostava que conhecessem a vossa nova parceira.”

Riley olhou para Jenn Roston, cujos olhos castanho escuros se tinham dilatado com a notícia.

“Espero que isso não seja um problema,” Disse Meredith. “A UAC está sobrecarregada com casos neste momento. Com o Agente Jeffreys de licença e todos os outros envolvidos em casos, vocês calharam uma com a outra. Está arrumado.”

Riley percebeu que Meredith tinha razão. O único outro agente com quem ela queria trabalhar naquele momento seria Craig Huang, mas ele estava atarefado a vigiar a sua casa.

“Está tudo bem,” Disse Riley a Meredith.

Jenn disse, “Será uma honra trabalhar com a Agente Paige.”

Aquelas palavras surpreenderam Riley um pouco. Interrogou-se se Jenn fora sincera.

“Não fiquem muito entusiasmadas,” Disse ele. “Provavelmente este caso não será da nossa competência. Esta manhã, foi encontrado o corpo de uma adolescente enterrado numa quinta perto de Angier, uma pequena cidade do Iowa.”

“Um único homicídio?” Perguntou Jenn.

“Porque é que isto é um caso para a UAC?” Perguntou Riley.

Meredith tamborilou os dedos na secretária.

“Penso que não será caso único,” Disse ele. “Outra jovem desapareceu da mesma cidade e ainda não foi encontrada. É uma cidade pacata onde estas coisas não acontecem. As pessoas de lá dizem que nenhuma das raparigas era do tipo de fugir ou aproximar-se de estranhos.”

Riley abanou a cabeça.

“Então porque pensam que se trata de um assassino em série?” Perguntou. “Sem outro corpo, é um pouco prematuro falar nessa possibilidade.”

Meredith encolheu os ombros.

“Sim, é essa a minha perspetiva. Mas o chefe da polícia de Angier, Joseph Sinard, está em pânico.”

Riley reconheceu aquele nome.

“Sinard,” Disse ela. “Onde é que já ouvi esse nome?”

Meredith sorriu um pouco e disse, “Talvez esteja a pensar no diretor assistente executivo, Forrest Sinard. Joe Sinard é seu irmão.”

Riley quase revirou os olhos. Agora fazia sentido. Alguém no topo da cadeia alimentar do FBI estava a ser importunado por um familiar, por isso o caso fora acolhido na UAC. Já se vira envolvida em investigações deste tipo no passado.

Meredith disse, “Vocês têm que lá ir e ver se há sequer um caso a desvendar.”

“E o meu trabalho no caso Hatcher?” Perguntou Jenn Roston.

Meredith disse, “Temos muita gente a trabalhar nisso – técnicos e outros. Presumo que tenham acesso a toda a informação.”

Jenn anuiu.

Meredith disse, “Podem passar sem si durante alguns dias. Se é que isto vai demorar tanto tempo.”

Riley sentia-se dividida. Para além de não saber ao certo se queria trabalhar com Jen Roston, também não queria perder tempo num caso que não seria da competência da UAC.

Preferia estar a ensinar Blaine a disparar.

Ou a fazer outras coisas com Blaine, Pensou, contendo um sorriso.

“Então quando é que partimos?” Perguntou Jenn.

“O mais rapidamente possível,” Disse Meredith. “Disse ao Chefe Sinard para não mexer no corpo até vocês chegarem. Vão voar até Des Moines onde terão à vossa espera pessoal do Chefe Sinard que vos levarão a Angier. Fica a cerca de uma hora de Des Moines. Vamos abastecer o avião e estamos prontos. Entretanto, não se afastem. Partem daqui a menos de duas horas.”

Riley e Jenn saíram do gabinete de Meredith. Riley foi direta para o seu gabinete, sentou-se e olhou em seu redor.

Des Moines, Pensou.

Só lá estivera algumas vezes, mas era lá que vivia a sua irmã mais velha, Wendy. Riley e Wendy, afastadas durante vários anos, tinham entrado em contacto uma com a outra no último outono quando o pai estava a morrer. Wendy, não Riley, estivera com o pai quando ele morreu.

Pensar na Wendy trazia ao de cima essa culpa, bem como outras memórias perturbadoras. O pai fora duro com a irmã de Riley e Wendy fugira quando tinha quinze anos. Riley só tinha cinco anos. Depois de o pai morrer, tinham prometido manter o contacto, mas até ao momento só tinham falado uma vez via chat de vídeo.

Riley sabia que devia visitar Wendy se tivesse a oportunidade. Mas obviamente que não de imediato. Meredith dissera que Angier ficava a uma hora de Des Moines e que a polícia local as ia buscar ao aeroporto.

Talvez consiga ver a Wendy antes de regressar a Quantico, Pensou.

Naquele momento, tinha algum tempo antes do avião da UAC decolar. E havia alguém que ela queria ver.

Estava preocupada com o seu parceiro de longa data, Bill Jeffreys. Ele vivia perto da base, mas não o via há vários dias. Bill sofria de SPT e

Riley sabia por experiência própria que a recuperação não era fácil.
Pegou no telemóvel e escreveu uma mensagem.

Pensei estar contigo alguns minutos. Estás em casa?

Esperou alguns momentos. A mensagem estava marcada como “Entregue” mas não lida.

Riley suspirou. Não tinha tempo para Bill verificar as suas mensagens. Se o queria ver antes de se ir embora, tinha que sair naquele instante e esperar que ele estivesse em casa.

*

O pequeno apartamento de Bill na cidade de Quantico ficava a apenas alguns minutos do edifício da UAC. Quando ela estacionou o carro e começou a caminhar na direção do prédio, reparou como aquele local era deprimente.

Não havia nada de especialmente errado com aqueles prédios – era um edifício de tijolo vermelho. Mas Riley não conseguia evitar lembrar-se da simpática casa suburbana em que Bill vivera antes do divórcio. Em comparação, aquele lugar não tinha charme e Bill vivia sozinho. Não era uma situação feliz para o seu melhor amigo.

Riley caminhou na direção do prédio rumo ao apartamento de Bill que ficava no segundo andar. Bateu à porta e esperou.

Ninguém respondeu. Bateu outra vez e ainda assim não obteve resposta.

Pegou no telemovel e viu que a sua mensagem ainda não tinha sido lida.

Ficou preocupada. Será que tinha acontecido alguma coisa a Bill?

Colocou a mão na maçaneta e girou-a.

Para sua preocupação, a porta estava destrancada e abriu sem dificuldade.

CAPITULO OITO

Parecia que o apartamento de Bill tinha sido arrombado. Riley congelou à porta durante uns instantes, prestes a sacar a arma em caso de um intruso ali se encontrar.

Depois descontraiu. As coisas espalhadas por todo o lado eram embalagens de comida, pratos sujos e copos. O apartamento estava completamente desarrumado, mas era uma desarrumação pessoal.

Chamou por Bill.

Não obteve resposta.

Chamou outra vez.

Desta vez pareceu-lhe ouvir um grunhido de um compartimento próximo.

O seu coração bateu com mais força ao aproximar-se do quarto de Bill. O quarto estava mal iluminado e as persianas estavam corridas. Bill estava deitado na cama desfeita, usando roupas amarrotadas e olhando para o teto.

“Bill, porque é que não me respondeste quando chamei por ti?” Perguntou Riley um pouco irritada.

“Eu respondi,” Disse ele num sussurro. “Tu é que não me ouviste. Importaste-te de fazer menos barulho?”

Riley viu uma garrafa de bourbon quase vazia na mesa de cabeceira. De repente, tudo fez sentido. Riley sentou-se à beira da cama.

“Tive uma noite complicada,” Disse Bill, tentando forçar um riso fraco. “Sabes como é.”

“Sim, sei,” Disse Riley.

Afinal de contas, o desespero tinha-a levado às suas próprias bebedeiras e ressacas.

Riley tocou na sua testa, imaginando como ele se devia sentir doente.

“O que é que te levou a beber?” Perguntou Riley.

“Os meus rapazes,” Disse ele.

Depois calou-se. Riley não via os dois filhos de Bill há algum tempo. Imaginava que teriam nove e onze anos por aquela altura.

“O que têm eles?” Perguntou Riley.

“Vieram visitar-me ontem. Não correu bem. A casa estava uma confusão e eu estava irritável e instável. Estavam ansiosos para ir para casa. Riley, foi horrível. Mais uma visita daquelas e a Maggie não me deixar voltar a vê-los. Ela está só à procura de uma desculpa para os tirar de vez da minha vida.”

Bill fez um ruído parecido com um soluço. Mas ao mesmo tempo não parecia ter energia para chorar. Riley suspeitou que já chorara muito sozinho.

Bill disse, “Riley, se não presto como pai, o que é que valho? Não valho nada como agente, já não. O que é que me resta?”

Riley sentiu um nó na garganta.

“Bill, não fales assim,” Disse ela. “És um pai fantástico. E és um grande agente. Talvez não hoje, mas em todos os outros dias do ano.”

Bill abanou a cabeça, cansado.

“Não me senti um bom pai ontem. E continuo a ouvir aquele tiro. Continuo a lembrar-me de ir na direção daquele edifício, de ver a Lucy lá deitada a sangrar.”

Riley estremeceu.

Também ela se lembrava de tudo demasiado bem.

Lucy tinha entrado no edifício abandonado sem consciência do perigo e fora abatida por um atirador. Surgindo pouco depois dela, Bill tinha atirado por engano contra o homem que a tentava ajudar. Quando Riley chegou, Lucy usara as suas últimas forças para abater o atirador com vários tiros.

Lucy morrera pouco depois.

Fora uma cena horrível.

Riley não se recordava de muitas situações mais dramáticas em toda a sua carreira.

Ela disse, “Eu cheguei lá mais tarde do que tu.”

“Sim, mas não atiraste contra um miúdo inocente.”

“A culpa não foi tua. Estava escuro. Não tinhas forma de saber. Para além disso, o rapaz agora está bem.”

Bill abanou a cabeça. Ergueu uma mão tremente.

“Olha para mim. Pareço o tipo de homem que vai conseguir voltar a trabalhar?”

Agora Riley estava quase zangada. Ele realmente tinha um péssimo aspeto – nada semelhante ao parceiro astuto e corajoso parceiro a que aprendera a confiar a vida, nem parecido com o homem atraente por quem se sentira atraída ocasionalmente.

Mas lembrou-se...

Eu já passei por aquilo. Eu sei como é.

E quando estivera assim, Bill sempre lá estivera para a ajudar.

Por vezes tivera que ser duro com ela.

Ela calculou que ele agora precisava de alguma dessa dureza.

“Estás com um péssimo aspto,” Disse ela. “Mas o estado em que estás agora – bem, fizeste-o a ti próprio. E és o único que pode reverter as coisas.”

Bill olhou-a nos olhos. Ela pressentiu que ele agora estava a prestar-lhe atenção.

“Senta-te,” Disse ela. “Recompõe-te.”

Bill sentou-se com dificuldade na beira da cama ao lado de Riley.

“O FBI atribuiu-te um terapeuta?” Perguntou ela.

Bill anuiu.

“Quem é ele?” Perguntou Riley.

“Não interessa,” Disse Bill.

“Podes crer que interessa,” Disse Riley. “Quem é ele?”

Bill não respondeu. Mas Riley podia adivinhar. O psiquiatra de Bill era Leonard Ralston, mais conhecido pelo publico como “Dr. Leo”. Riley sentiu-se invadir por uma fúria ilimitada. Mas agora não era com Bill que estava zangada.

“Oh meu Deus,” Disse ela. “Puseram-te com o Dr. Leo. De quem foi a ideia? Do Walder, aposto.”

“Como disse, não interessa.”

Riley queria abaná-lo.

“Ele é um charlatão,” Disse ela. “Sabes isso tão bem quanto eu. Dedica-se à hipnose, memórias recuperadas, todo o tipo de merda sem crédito nenhum. Não te lembras no ano passado quando ele convenceu um homem inocente de que era culpado de homicídio? O Walder gosta do Dr. Leo porque escreveu livros e aparece muitas vezes na televisão.”

“Não o deixo mexer com a minha cabeça,” Disse Bill. “Não o deixo hipnotizar-me.”

Riley estava a tentar manter a sua voz sob controlo.

“Não é essa a questão. Tu precisas de alguém que te *ajude*.”

“E quem me poderá ajudar?” Perguntou Bill.

Riley não teve que pensar mais do que alguns segundos na resposta.

“Vou-te preparar café,” Disse ela. “Quando voltar, espero que estejas de pé e pronto para sair daqui.”

A caminho da cozinha de Bill, Riley olhou para o relógio. Tinha pouco tempo antes do avião decolar. Tinha que agir rapidamente.

Pegou no telemóvel e ligou para o número pessoal de Mike Nevins, o psiquiatra forense de DC que trabalhava ocasionalmente para o FBI. Riley considerava-o um bom amigo que a ajudara a ultrapassar crises no passado, incluindo um terrível caso de SPT.

Quando o telefone de Mike começou a tocar, ela colocou o telemóvel em alta voz, deixou-o no balcão da cozinha e começou a preparar o café de Bill. Ficou aliviada quando Mike atendeu.

“Riley! Que bom ter notícias tuas! Como vão as coisas? Como vai essa tua família em crescimento?”

O som da voz de Mike era refrescante e quase conseguia visualizar a expressão agradável do homem bem vestido. Ela gostava de poder conversar com ele, mas agora não havia tempo para isso.

“Estou bem, Mike. Mas estou com pressa. Tenho que apanhar um avião daqui a pouco. Preciso de um favor.”

“Diz,” Disse Mike.

“O meu parceiro, Bill Jeffreys, está a passar por um mau bocado depois do nosso último caso.”

Ouviu uma nota de genuína preocupação na voz de Mike.

“Oh, é verdade, ouvi falar. Que coisa terrível, a morte de uma tua jovem protegida. É verdade que o teu parceiro está de licença? Algo relacionado com disparar sobre o homem errado?”

“Sim. Ele precisa de ajuda e precisa já. Ele está a beber, Mike. Nunca o vi tão mal.”

Seguiu-se um breve silêncio.

“Não tenho a certeza se compreendo,” Disse Mike. “Não lhe foi designado um terapeuta?”

“Sim, mas não está a fazer bem nenhum ao Bill.”

Agora havia uma nota de cautela na voz de Mike.

“Não sei, Riley. Geralmente não me sinto confortável em aceitar pacientes que já estão a ser acompanhados por outra pessoa.”

Riley ficou preocupada. Ela não tinha tempo para lidar com os escrúpulos éticos de Mike naquele momento.

“Mike, foi-lhe atribuído o Dr. Leo.”

Outro silêncio se seguiu.

Aposto que isto resulta, Pensou Riley. Ela sabia perfeitamente bem quye Mike desprezava o célebre terapeuta.

Por fim, Mike disse, “Quando é que o Bill pode vir?”

“O que é que estás a fazer agora?”

“Estou no meu escritório. Vou estar ocupado durante umas duas horas mas depois disso estou disponível.”

“Ótimo. Ela estará aí nessa altura. Mas diz-me alguma coisa se ele não aparecer.”

“Fica descansada.”

Quando terminaram a chamada, o café já estava pronto. Riley serviu uma chávena e voltou ao quarto de Bill. Ele não estava lá. Mas a porta da casa de banho estava fechada e Riley conseguia ouvir a máquina de barbear de Bill do outro lado.

Riley deu um toque na porta.

“Sim, estou decente,” Disse Bill.

Riley abriu a porta e viu Bill a barbear-se. Colocou o café na beira do lavatório.

“Marquei-te uma consulta com o Mike Nevins,” Disse ela.

“Para quando?”

“Para agora. É o tempo de conduzires até lá. Envio-te uma mensagem com a morada do gabinete dele. Eu tenho que ir.”

Bill pareceu surpreendido. É claro, Riley não lhe tinha dito que estava com pressa.

“Tenho um caso no Iowa,” Explicou Riley. “O avião está à espera. Não percas a consulta do Mike Nevins. Se faltares eu descubro e vai ser uma carga dos diabos.”

Bill tentou resistir mas então disse, “OK, eu não falto.”

Riley virou-se para partir. Então pensou numa coisa que não tinha a certeza se devia mencionar.

Por fim disse, “Bill, o Shane Hatcher ainda está à solta. Há agentes na minha casa. Mas recebi uma mensagem ameaçadora dele e ninguém o sabe exceto tu. Penso que ele não atacaria a minha família, mas não tenho a certeza. Se calhar...”

Bill assentiu.

“Eu mantenho as coisas debaixo de olho,” Disse ele. “Tenho que fazer alguma coisa útil.”

Riley deu-lhe um abraço rápido e saiu do apartamento.

Ao caminhar na direção do carro, olhou novamente para o relógio.

Se não encontrasse trânsito, chegaria a tempo.

Agora tinha que começar a pensar no seu novo caso, mas não estava particularmente preocupada com ele. Este não devia demorar muito tempo.

No final de contas, que tempo e esforço exigiria um homicídio isolado ocorrido numa pequena cidade?

CAPÍTULO NOVE

Ao atravessar a pista em direção ao avião, Riley começou a preparar-se psicologicamente para o seu novo caso. Mas havia uma coisa que tinha que fazer antes de se embrenhar nele.

Enviou uma mensagem a Mike Nevins.

Envia-me uma mensagem quando o Bill aparecer. E também se não aparecer.

Suspirou de alívio quando Mike lhe respondeu imediatamente.

Fica descansada.

Riley tinha consciência de ter feito tudo o que podia naquele momento pelo Bill e agora apenas dependia dele tirar partido dessa ajuda. Se alguém podia ajudar Bill a lidar com o que o atormentava, essa pessoa era Mike Nevins.

Entrou para a cabina onde Jenn Roston já se encontrava sentada e a trabalhar no seu portátil. Jenn olhou para cima e fez um gesto com a cabeça enquanto Riley se sentava do outro lado da mesa.

Riley retribuiu-lhe o gesto.

Depois Riley olhou pela janela durante a decolagem e enquanto o avião ganhava altitude até atingir a velocidade de cruzeiro. Não lhe agradava o arrepiante silêncio entre ela e Jenn. Interrogou-se se Jenn também não o apreciaria. Estes voos eram geralmente uma boa altura para discutir detalhes do caso. Mas na verdade, ainda não havia grande coisa a dizer sobre este. Afinal de contas, o corpo acabara de ser encontrado naquela manhã.

Riley tirou uma revista da sua mala e tentou ler, mas não se conseguia concentrar nas palavras. Ter Jenn sentada do outro lado tão silenciosamente era um factor de distração. Por isso, Riley limitou-se a fingir que lia.

A história da minha vida por estes dias, Pensou.

Fingir e mentir estavam a tornar-se uma rotina.

Por fim, Jenn levantou o olhar do computador.

“Agente Paige, eu estava a ser sincera na reunião com Meredith,” Disse ela.

“Desculpe?” Disse Riley, olhando por cima da sua revista.

“Sobre ser uma honra trabalhar consigo. Era um sonho meu. Sigo o seu trabalho desde a academia.”

Por um momento, Riley não soube o que dizer. Jenn já lhe dissera o mesmo anteriormente. Mas mais uma vez, Riley não conseguia perceber pela expressão de Jenn se estava a ser sincera.

“Ouvi falar grandes coisas a seu respeito,” Disse Riley.

Por muito evasiva que parecesse, pelo menos era verdade. Sob circunstâncias diferentes, Riley estaria encantada por ter a oportunidade de trabalhar com uma nova agente inteligente.

Riley acrescentou com um sorriso leve, “Mas não teria grandes expectativas se fosse a si – não em relação a este caso.”

“Certo,” Disse Jenn. “Se calhar nem é um caso para a UAC. O mais certo é regressarmos a Quantico ainda esta noite. Bem, haverão outros.”

Jenn voltou a sua atenção novamente para o seu computador. Riley interrogou-se se estaria a trabalhar nos ficheiros de Shane Hatcher. E claro, preocupou-se novamente em ter facultado aquela pen a Jenn.

Mas enquanto pensava nisso, apercebeu-se de uma coisa. Se Jenn realmente quisesse traí-la ao solicitar-lhe aquela informação, já não o teria usado contra ela?

Lembrou-se do que Jenn lhe dissera ontem.

“Tenho a certeza que queremos a mesma coisa – acabar com a carreira criminosa de Shane Hatcher.”

Se isso fosse verdade, Jenn era uma aliada de Riley.

Mas como é que Riley podia ter a certeza? Ficou ali a pensar se devia tocar no assunto.

Não contara a Jenn a ameaça que recebera de Hatcher.

Haveria razão para não o fazer?

Poderia Jenn ajudá-la de alguma forma? Talvez, mas Riley ainda não se sentia preparada para tomar esse passo.

Entretanto, parecia estranho que a sua nova parceira ainda a tratasse por Agente Paige quando insistira para que Riley a tratasse pelo seu primeiro nome.

“Jenn,” Disse ela.

Jenn ergueu o olhar do computador.

“Penso que me deves tratar por Riley,” Disse Riley.
Jenn sorriu e voltou novamente a sua atenção para o computador.
Riley colocou a revista de lado e olhou pela janela as nuvens lá em baixo. O sol brilhava, mas Riley não o considerava alegre.
Sentiu-se terrivelmente só. Sentia falta de Bill e da confiança que podia depositar nele.
E sentia tantas saudades de Lucy que lhe doía por dentro.

*

Quando o avião aterrou no Aeroporto Internacional de Des Moines, Riley consultou o seu telemóvel. Ficou agradada por ver que recebera uma mensagem de Mike Nevins.

O Bill está aqui comigo.

Era menos uma preocupação.
Um carro da polícia estava à espera à saída do avião. Dois polícias de Angier apresentaram-se na base das escadas do avião. Darryl Laird era um jovem desengonçado na casa dos vinte anos e Howard Doty era um homem mais baixo na casa dos quarenta.

Ambos tinham expressões de espanto nos rostos.
“Estamos contentes por cá estarem,” Disse Doty a Riley e Jenn enquanto os dois polícias as acompanhavam até ao carro.

Laird disse, “Isto tudo é...”

O homem mais jovem abanou a cabeça sem concluir o seu pensamento.

Pobres tipos, Pensou Riley.

Eram apenas polícias numa cidade pequena. Não haveria com certeza muitos homicídios numa pequena cidade do Iowa. Talvez o polícia mais velho já tivesse lidado com um ou dois homicídios, mas Riley tinha a certeza que o mais jovem nunca vira nada igual.

Quando Doty começou a conduzir, Riley pediu aos dois polícias para lhe contarem a ela e Jenn o que pudessem sobre o sucedido.

Doty disse, “O nome da rapariga era Katy Philbin, dezassete anos. Uma estudante na secundária Wilson. Os pais são donos da farmácia local. Uma rapariga simpática, todos gostavam dela. O velho George Tully encontrou o corpo dela esta manhã quando ele e os filhos se preparavam para a

sementeira de primavera. O Tully tem uma quinta não muito longe de Angier.

Jenn perguntou, “Sabe-se há quanto tempo lá estava enterrada?”

“Terão que perguntar isso ao Chefe Sinard. Ou ao médico-legista.”

Riley recordou-se do pouco que Meredith lhes havia relatado sobre a situação.

“E a outra rapariga?” Perguntou. “A que está desaparecida?”

“Chama-se Holly Struthers,” Disse Laird. “Ela era... uh, penso que é estudante na escola Lincoln. Está desaparecida há cerca de uma semana. Toda a cidade esperava que ela aparecesse mais cedo ou mais tarde. Mas agora... bem, acho que temos que ter esperança.”

“E fé,” Acrescentou Doty.

Riley sentiu um estranho arrepio quando ele disse aquilo. Já perdera conta ao número de vezes que ouvira pessoas a dizer que rezavam para que uma pessoa desaparecida aparecesse sã e salva. Mas a fé nunca ajudara.

Fará com que as pessoas se sintam melhor? Interrogou-se.

Não imaginava porquê ou como.

A tarde estava luminosa quando o carro saiu de Des Moines rumo à auto-estrada. Pouco depois, Doty virou para uma estrada de duas faixas que se espraiava pelo campo.

Riley teve uma sensação estranha no estômago. Demorou alguns momentos a perceber que essa sensação não estava relacionada com o caso – pelo menos, não diretamente.

Sentia-se muitas vezes assim quando tinha um trabalho no Midwest. Ela geralmente não sofria de medo de espaços amplos – agorafobia, pensava que se chamava. Mas as vastas planícies e pradarias despoletavam um tipo de ansiedade único nela.

Riley não sabia o que era pior – as planícies planas que vira em estados como o Nebraska, espraiando-se até onde a vista alcança, ou uma pradaria monótona como aquela com as mesmas quintas, cidades e campos a surgirem vezes sem conta. De qualquer das formas, considerava aquilo perturbador, até mesmo enjoativo.

Apesar da reputação do Midwest como uma terra de valores Americanos íntegros, de certa forma não a surpreendia que se cometessem homicídios ali. No que lhe dizia respeito, só o campo era suficiente para enlouquecer uma pessoa.

Em parte para afastar a mente da paisagem, Riley pegou no telemóvel para enviar uma mensagem à família.

Cheguei bem.

Pensou por um momento, depois acrescentou...

Já tenho saudades vossas. Mas provavelmente estou de volta num instante.

*

Após cerca de uma hora na auto-estrada de duas faixas, Doty virou para uma estrada de gravilha.

Enquanto prosseguia a condução disse, “Estamos a chegar ao terreno de George Tully.”

Riley olhou à sua volta. A paisagem parecia igual – grandes pedaços de campos vazios interrompidos por regos, vedações e linhas de árvores. Reparou numa casa grande no meio de tudo aquilo, situada ao lado de um celeiro decrépito. Calculou que Tully ali vivesse com a família.

Era uma casa de aspeto estranho que parecia ter sido sujeita a alterações ao longo dos anos, provavelmente por várias gerações.

Entretanto, Riley viu o veículo do médico-legista, estacionado na berma da estrada. Vários outros carros estavam estacionados por perto. Doty estacionou atrás da carrinha do médico-legista e Riley e Jenn seguiram-no e ao seu parceiro mais jovem na direção de um campo recentemente arado.

Riley viu três homens à volta de um local escavado. Não conseguia ver o que ali tinha sido encontrado, mas entreviu um pedaço de tecido colorido a flutuar na brisa primaveril.

Era ali que estava enterrada, Percebeu.

E naquele momento, Riley foi atingida por uma sensação estranha.

E percebeu que ela e Jenn tinham um importante papel a desempenhar ali.

Tinham trabalho a fazer – uma rapariga estava morta e elas não parariam até o assassino ser descoberto.

CAPÍTULO DEZ

Duas pessoas estavam junto ao corpo recentemente desenterrado. Riley dirigiu-se de imediato a um delas, um homem musculoso aparentando ter a sua idade.

“Chefe Joseph Sinar, presumo,” Disse ela com a mão em posição de cumprimento.

Ele anuiu e apertou-lhe a mão.

“As pessoas daqui tratam-me por Joe,”

Sinar indicou um homem obeso de aspeto aborrecido na casa dos cinquenta a seu lado, “este é Barry Teague, o médico-legista do condado. Vocês devem ser o pessoal do FBI por que esperávamos.”

Riley e Jenn mostraram os seus distintivos e apresentaram-se.

“Aqui está a nossa vítima,” Disse Sinar.

Apontou para baixo na direção do buraco onde uma jovem repousava descuidadamente com um vestido cor de laranja vivo. O vestido estava levantado acima das coxas e Riley viu que a roupa interior havia sido retirada. Não usava sapatos. O rosto estava anormalmente pálido e a sua boca aberta ainda apresentava vestígios de terra. Os olhos estavam abertos. O corpo sujo apresentava uma cor opaca, já sem traços de vida.

Riley estremeceu. Raramente sentia qualquer emoção ao ver um cadáver – Vira muitos ao longo dos anos. Mas esta rapariga lembrava-lhe muito April.

Riley virou-se para o médico-legista.

“Já chegou a alguma conclusão, Sr. Teague?”

Barry Teague acorrou-se junto ao buraco e Riley juntou-se a ele.

“É mau – muito mau,” Disse ele num tom de voz que não expressava qualquer emoção.

Apontou para as coxas da rapariga.

“Vê estas nódoas negras?” Perguntou ele. “Parece-me que foi violada.”

Riley não o disse, mas pareceu-lhe que tinha razão. A julgar pelo odor, talbém pressupôs que a rapariga tivesse morrido há duas noites e que estaria ali enterrada desde essa altura.

Riley perguntou ao médico-legista, “Qual terá sido a causa da morte?”

Teague soltou um suspiro de impaciência.

“Não sei,” Disse ele. “Talvez se vocês me deixarem retirar o corpo daqui para fazer o meu trabalho, eu vos consiga dizer.”

Era palpável o ressentimento do homem por ali estar o FBI. Iriam ela e Jenn enfrentar muita resistência local?

Lembrou a si própria que fora o Chefe Sinard a chamá-los. Pelo menos podia contar com a cooperação de Sinard.

Riley disse ao médico-legista, “Já a podem levar.”

Levantou-se e olhou em seu redor. Viu um homem idoso a alguns metros de distância, encostado a um trator e a olhar diretamente para o corpo.

“Quem é aquele?” Perguntou ao Chefe Sinard.

“George Tully,” Disse Sinard.

Riley lembrou-se que George Tully era o dono daquela terra.

Ela e Jenn caminharam na sua direção e apresentaram-se. Tully mal pareceu reparar na sua presença. Não parava de olhar para o corpo enquanto a equipa de Teague se preparava para cuidadosamente o remover do local.

Riley disse-lhe, “Sr. Tully, sei que encontrou a rapariga.”

Ele assentiu monotonamente, sem retirar os olhos do corpo.

Riley disse, “Eu sei que é difícil. Mas poderia contar-me o que aconteceu?”

Tully falou num tom de voz vago e distante.

“Não há muito a dizer. Eu e os rapazes viemos de manhã cedo para semear. Eu reparei em qualquer coisa de estranho na terra aqui. O aspeto incomodou-me por isso comecei a cavar... e então lá estava ela.”

Riley pressentiu que Tully não ia ser capaz de contar muito.

Jenn disse, “Faz ideia de quando é que o corpo possar ter sido enterrado aqui?”

Tully abanou a cabeça silenciosamente.

Riley olhou à sua volta durante um instante. O campo parecia ter sido recentemente arado.

“Quando é que araram este campo?” Perguntou.

“Há dois dias. Não, há três. Íamos começar a semear hoje.”

Riley pensou nisto. Parecia consistente com a sua hipótese de que a rapariga tivesse sido morta e enterrada há duas noites.

Tully falou enquanto continuava a olhar em frente.

“O Chefe Sinard disse-me o seu nome,” Disse ele. “Katy – o seu último nome era Philbin, acho. Estranho, não reconheci esse nome. E também não a reconheci. Já lá vai...”

Parou de falar durante um momento.

“Já lá vai o tempo em que conhecia todas as famílias da cidade e também os seus filhos. Os tempos mudaram.”

Da sua voz sobressaía uma tristeza dolorida e entorpecida.

Agora Riley conseguia sentir a sua dor. Ela tinha a certeza que ele vivera naquela terra toda a sua vida, assim como os pais, os avós e os bisavós, e esperava passar a quinta aos seus próprios filhos e netos.

Nunca imaginara que algo assim pudesse acontecer ali.

Riley também se apercebeu de algo mais – que Tully estava naquele local há horas, olhando com descrença horrorizada para o corpo da pobre rapariga. Ele encontrara o corpo de manhã cedo, reportara a situação e depois não conseguira sair mais daquele lugar. Agora que o corpo estava a ser levado, talvez também ele saísse dali.

Mas Riley sabia que o horror nunca o abandonaria.

As suas palavras ecoavam na sua cabeça..

“Os tempos mudaram.”

Ele devia ter sentido que o mundo enlouquecera.

E talvez tenha enlouquecido, Pensou Riley.

“Lamentamos muito o sucedido,” Disse-lhe Riley.

Depois ela e Jenn dirigiram-se ao local onde se encontrava o buraco.

A equipa de Teague já tinha o corpo coberto numa maca.

Transportavam-no de forma estranha na terra com socalcos em direção ao veículo do médico-legista.

Teague abordou Riley e Jenn. Falou naquele seu tom perpetuamente monótono.

“Em resposta à sua pergunta, como é que ela morreu... vi melhor e ela foi espancada com várias pancadas. Então é isso.”

Sem proferir mais uma palavra, virou costas e foi ter com a sua equipa. Jenn mostrou-se aborrecida.

“Bem, parece que no que lhe diz respeito o exame está concluído,” Disse ela. “É um amor.”

Riley abanou a cabeça, concordando com desânimo.

Depois caminhou na direção do Chefe Sinard e perguntou, “Foi encontrada mais alguma coisa com o corpo? Uma mala? Um telemóvel?”

“Não,” Disse Sinard. “Quem quer que fez isto ficou com esses objetos.”

“A Agente Roston e eu temos que conhecer a família da vítima o mais rapidamente possível.”

O Chefe Sinard franziu o sobrolho.

“Isso vai ser bastante difícil,” Disse ele. “O pai, Drew, esteve aqui há pouco para identificar o corpo. Estava muito mal quando se foi embora.”

“Eu compreendo,” Disse Riley. “Mas e mesmo necessário.”

O Chefe Sinard anuiu, tirou uma chave do bolso e apontou para um carro.

“Calculo que precisem de um meio de transporte,” Disse ele. “Podem usar o meu carro enquanto aqui estiverem. Eu sigo mais à frente num carro da polícia e mostro-lhes onde vivem os Philbin.”

Riley deixou Jenn conduzir. Dali a nada estavam a seguir o carro da polícia em direção a Angier.

Riley perguntou à sua nova parceira, “O que te parece?”

Jenn conduziu em silêncio durante alguns instantes enquanto pensava na pergunta de Riley.

Depois disse, “Sabemos que a vítima tinha dezassete anos – dentro da faixa de idade de cerca de metade das vítimas deste tipo de crime. Ainda assim é um caso fora do comum. A maioria das vítimas de predadores sexuais são prostitutas. Esta encaixa-se nos dez por cento que são vítimas de pessoas conhecidas.”

Jenn fez nova pausa.

Depois acrescentou, “Mais de metade deste tipo de crimes são por estrangulamento. Mas a segunda causa de morte mais frequente é trauma por pancada. Por isso, e seguindo esse raciocínio, este homicídio pode não ser atípico. Ainda assim, temos muito que descobrir. A pergunta mais importante é se estamos a lidar com assassino em série.”

Riley anuiu soturnamente. Jenn não estava a dizer nada que ela já não soubesse, mas fossem quais fossem as suas desconfianças acerca da sua nova parceira, pelo menos estava bem informada. E ambas enfrentavam a possibilidade de uma terrível resposta àquela última pergunta, mas esperando que fosse negativa.

Numa questão de minutos, desciam a Rua Principal de Angier atrás de Sinard. Riley não viu nada que a distinguisse de outras ruas principais do Midwest – filas de lojas sem nada que as distingua, algumas velhas e outras novas. Não detetou qualquer vestígio de charme ou pitoresco. Riley teve a

mesma sensação na cidade que tivera na viagem pela pradaria – uma sensação de algo obscuro à espreita atrás da aparência de decência do Midwest.

Quase deu voz aos seus pensamentos. Mas rapidamente se lembrou que não era Bill quem estava a seu lado e sim uma mulher que ela mal conhecia e em quem não sabia se podia confiar.

Será que Jenn Roston partilhava as sensações de Riley ou sequer gostaria de ter conhecimento delas?

Riley não tinha forma de saber e isso incomodava-a.

Era difícil não ter um parceiro com quem pudesse falar livremente, expressar ideias à medida que surgiam quer fizessem sentido ou não. Tinha mais saudades de Bill a cada minuto que passava – e de Lucy também.

A família da vítima vivia numa casa antiga mas bem conservada numa rua sossegada com grandes árvores no quintal. Muitos veículos estavam ali estacionados. Riley calculou que os Philbin tinham muitas visitas naquele momento.

Sinard parou o carro patrulha e saiu. Fez um gesto a Jenn em direção a um pequeno espaço de estacionamento e ficou a dar indicações para ajudar a estacionar o carro. Assim que o carro estava estacionado, Riley e Jenn saíram e caminharam na direção da casa. O Chefe Sinard já estava a caminho da porta da frente.

Riley interrogou-se – Iriam encontrar uma família inocente de luto e muitos amigos e familiares bem-intencionados?

Ou estavam prestes a encontrar pessoas capazes de matar?

De qualquer das formas, Riley sempre temia este tipo de visita.

CAPÍTULO ONZE

Durante algum tempo, Riley não entendeu o que lhe pareceu estranho na casa onde Katy Philbin tinha vivido. Mal ela e Jenn entraram na casa, teve uma sensação de desconforto.

Tal como Riley esperava, a sala estava repleta de pessoas – amigos e vizinhos, a maioria mulheres. No estilo típico das pequenas cidades, a comunidade unia-se para ajudar a família num momento de crise.

Então porque é que a cena lhe pareceu estranha?

Então Riley percebeu – tudo parecia estranhamente organizado e adequado. Todas as pessoas pareciam estar a envergar a sua melhor roupa de domingo. Tinham trazido comida e tinham-na disposto na mesa da sala de refeições, e todos estavam a cumprir alguma tarefa ou a comer e a conversar em vozes sussurradas.

Lembrava a Riley muitas receções de funerais a que assistira, o tipo de evento que decorria após um enterro. Quase parecia impossível que o corpo profanado de Katy Philbin tinha sido encontrado naquela mesma manhã. Como é que esta reunião ordenada se formara de forma tão espontânea e rápida?

É esse tipo de cidade, Lembrou a si própria.

Riley sentiu-se deslocada naquele mundo onde todos pareciam saber o que fazer em qualquer momento e em qualquer ocasião. Já decorrera muito tempo desde que ela vivera numa comunidade como aquela – na verdade, desde os seus tempos de criança. E não se sentia confortável naquele cenário.

Toda aquela atividade de vizinhança parecia demasiado ensaiada, demasiado automática para o gosto de Riley. No final de contas, a morte da rapariga indicava que algo maligno se insinuava para lá daquela aparência de decência. Riley não conseguia afastar uma sensação irracional de que toda aquela bondade e boa vontade não passavam de uma anorme mentira.

Riley e Jenn seguiam logo atrás do Chefe Sinard. Ele tinha uma palavra para toda a gente e era óbvio que os conhecia a todos pelo nome.

Sinard pareceu a Riley como o perfeito chefe de polícia de uma pequena cidade. Também tinha a compleição corada de um homem que estivera exposto a todas as condições climáticas que o Midwest tinha

para oferecer. Riley tinha a certeza que ele vivera nesta parte do país – talvez nesta mesma cidade – toda a sua vida.

Riley lembrou-se que o seu irmão era Forrest Sinard, o diretor assistente executivo do FBI. Encontrara-se com Forrest Sinard algumas vezes e parecera-lhe astuto e urbano, nunca do tipo rural. Imaginou como dois irmãos tinham acabado por seguir dois caminhos tão diferentes.

Um homem e uma mulher sentados no fundo da sala eram o centro da atenção de todos. O Chefe Sinard apresentou Riley e Jen aos pais de Katy, Drew e Lisa Philbin.

Lisa mal parecia ciente da presença das duas agentes.

“Porque não?” Perguntava ao marido. “Porque é que não posso?”

“É melhor não, querida,” Não parava de dizer Drew, segurando nas suas mãos com força. “Acredita em mim, é melhor.”

“Se não for agora, quando?”

“Não sei. Talvez em breve. Ainda não.”

Riley percebeu o que se passava de imediato. Lembrou-se do Chefe Sinard mencionar que Drew tinha estado no campo de George Tully para identificar o corpo da filha. Agora, a sua mulher também queria ver o corpo, mas Drew queria poupá-la ao horror – pelo menos por agora.

Lisa olhou à sua volta numa confusão lacrimajante.

“Ela é a minha filha e eu sou a sua mãe,” Disse ela, abafando um soluço. “A Katy precisa de mim. Onde é que ela está?”

Riley condoeu-se daquela mulher.

Negação, Pensou.

Ia demorar algum tempo até Lisa enfrentar a realidade da morte da filha.

Entretanto, Riley calculou que ela e Jenn deveriam dirigir a maior parte das perguntas a Drew.

Riley disse, “Sr. Philbin, lamentamos muito a sua perda e pedimos desculpa por incomodá-lo. Mas eu e a minha colega temos que lhe colocar algumas perguntas.”

Ainda a segurar nas mãos da mulher com força, Drew limitou-se a assentir.

“Quando é que deram pelo desaparecimento da vossa filha?” Perguntou Riley.

Drew franziu o sobrolho como se estivesse a tentar lembrar-se.

Choque, Pensou Riley.

Apesar de ter aceite a realidade da morte da filha, Riley sabia que ele ainda estava confuso. Riley não tinha a certeza se ele conseguiria responder mesmo às perguntas mais simples.

“Penso que na noite passada,” Disse ele. “Não, há duas noites.”

Lisa parecia emergir do seu nevoeiro de negação um pouco. Disse, “Sim, foi há duas noites. Ela esteve fora numa reunião do clube na escola. Esperavamo-la tarde, mas ela não apareceu.”

“Reportaram o seu desaparecimento?” Perguntou Jenn.

Lisa e Drew olharam um para o outro de forma incerta.

“Reportámos – não reportámos?” Perguntou Lisa ao marido.

“Drew gaguejou, “S-sim. Chamámos o Chefe Sinard... não me recordo exatamente...”

Riley olhou para o Chefe Sinard que disse, “Foi a Lisa quem me ligou. Ligou na noite passada. Dei o alerta local online.”

Riley reparou que Jenn pareceu reagir a esta informação com desconfiança. Elas sabiam que Katy tinha sido morta quase de certeza na quarta-feira à noite. Ela não tinha vindo para casa, mas os pais só reportaram o seu desaparecimento na noite anterior, quinta-feira.

Jenn perguntou a Lisa, “Quer dizer que esperaram um dia inteiro? Não sabiam que já havia outra rapariga desaparecida?”

Os olhos de Lisa fixaram os rostos de Jenn, Riley e do Chefe Sinard.

Ela respondeu, “Ouvimos falar nisso. Mas não a conhecíamos. E ela fugiu, não foi? Era... não era... nada que tivesse a ver connosco... com a Katy... pois não?”

Riley sabia que não podia dizer nada. No final de contas, até ao momento a tese era de Holly tinha mesmo fugido e poderia aparecer a qualquer momento.

Mas isso não impediu a sua parceira de fazer perguntas.

De forma rígida, Jenn disse, “Desculpe mas não compreendo. Porquê esperar tanto tempo? Não ficaram preocupados quando ela não apareceu na quarta-feira à noite?”

Riley compreendeu que a suspeita de Jenn era compreensível. Naquele ponto, todas as pessoas que conhecessem – sobretudo homens – podiam ser o assassino de Katy. Isso incluía Drew Philbin.

Mas Riley também estava preocupada que Jenn deixasse as suas suspeitas levarem a melhor. Uma coisa era certa, não tinha as capacidades de interrogatório que Lucy possuía. Até Bill era mais dotado. Riley sabia

que ela própria era por vezes brusca e dependera dos parceiros para ser mais amigável.

Lisa parecia estar à beira do pânico.

Gaguejou, “Eu... nós... isto não é...”

Drew interrompeu com gentileza a mulher.

“O que a Lisa quer dizer é que isto já tinha acontecido. Não quero dizer que a Katy tivesse estado ausente por tanto tempo. Mas já ficara fora até às primeiras horas da manhã sem ligar para casa. Pensámos que fosse uma situação idêntica.”

Lisa anuiu e disse, “E nós ligámos a outras pessoas ontem de manhã – ao ex-namorado, outros amigos, até a alguns professores.”

“Mas não ao Chefe Sinard?” Perguntou Jenn.

Lisa parecia abalada e envergonhada.

“Nós só... não pensámos...”

Antes de Jenn bombardear Lisa e Drew com mais perguntas, Riley tocou-lhe no ombro para a acalmar. Ela ignorou o olhar obliquo que Jenn lhe lançou. Riley sabia porque é que o casal não tinha ligado de imediato à polícia, mas aquele não era o momento para verbalizar a sua teoria.

Riley perguntou ao casal, “A Katy mencionou ter medo de algo ou de alguém recentemente? Havia alguma coisa que a deixasse desconfortável?”

Lisa e Drew ficaram pensativos durante alguns instantes.

“Não exatamente,” Disse Lisa. “Mas não estava em si ultimamente. Estava pacata, ficava muito tempo no quarto e parecia... não sei, triste ou aborrecida com alguma coisa. Não me contava nada.”

Drew abanou a cabeça.

“A Lisa tem razão,” Disse ele. “Ela comportava-se de forma estranha. Costumava ser tão feliz e cheia de entusiasmo em relação a tudo – escola, desporto, amigos.”

Lisa disse, “Esperámos que ela recuperasse. Sempre que lhe perguntava o que se passava, ela dizia que não era nada.”

Lisa parou de falar por um momento. Depois disse, “Penso que mudou quando terminou com o Dustin.”

Riley ficou mais interessada.

“O namorado?” Perguntou Riley.

“Sim,” Disse Drew. “Dustin Russo.”

“Ela disse porque é que tinham terminado a relação?” Perguntou Riley.

Lisa encolheu ligeiramente os ombros.

“Não. Naquela altura não nos contava grande coisa.”

Riley perguntou, “Algo no comportamento do Dustin vos preocupava?”

“Não,” Disse Drew. “Quero dizer, é um miúdo. É só um adolescente normal.”

“A Katy tinha um diário?”

“Se tinha, devia estar no portátil. Nunca bisbilhotámos.”

“Claro,” Disse Riley. “Mas nós vamos ter que ter acesso ao portátil.”

Drew ficou em silêncio durante alguns instantes, depois disse, “Tudo o que possa ajudar. Está lá em cima, no...”

“Vou pedir a alguém que o vá buscar,” Disse Riley.

Depois Riley olhou para Jenn cuja mente parecia estar noutro lugar. Mas Riley sabia que tinham que encontrar o miúdo e falar com ele.

Riley disse ao casal, “Obrigada pela vossa ajuda. Eu sei que tudo isto é muito difícil.”

Entregou a Drew o seu cartão do FBI.

“ligue-me se se lembrar de mais alguma coisa que devamos saber. Lamentamos muito a vossa perda.”

Quando Riley e Jenn se afastaram do casal, viram que o Chefe Sinard estava rodeado de convidados que lhe colocavam todo o tipo de pergunta. Riley e Jenn conseguiram passar entre a multidão e puxá-lo à parte.

Riley perguntou-lhe, “Conhece um rapaz chamado Dustin Russo?”

O Chefe Sinard assentiu.

“Sim, o filho de Era e Dereck Russo,” Disse ele. “Da última vez que soube, namorava com a Katy.”

“Que impressão tem dele?” Perguntou Riley.

“Precisamos falar com ele,” Disse Jenn.

O Chefe Sinard olhou para o seu relógio.

“Bem, a escola já acabou por isso é provável que esteja em casa. Vou à frente e vocês seguem-me.”

Riley não queria que Sinard estivesse presente na conversa. Ela e Jenn safar-se-iam melhor sem ele. Felizmente, não era difícil pensar numa desculpa.

“Não, precisam de si aqui,” Disse ela, indicando as pessoas que o haviam rodeado. “Dê-nos só a morada e direções até à casa dele.”

Depois de o Chefe Sinard ter anotado a informação, Riley disse, “Oh e Drew disse que o portátil da Katy está lá em cima. Pode pedir a alguém

que o vá buscar? Temos que o ver.”

“Claro,” Disse Sinard, depois virou-se de novo para os convidados.

Riley e Jenn saíram da casa e dirigiram-se ao carro. Sem dizer nada e com um aspeto soturno, Jenn entrou no carro.

Sem dizer nada, Riley sentou-se no lugar do passageiro. Olhou para a agente mais jovem, perguntando-se porque é que sentia tensão entre elas. Lembrou-se que Jenn se calara quando estavam a falar com os Philbin. Não tinha a certeza do que estava errado e não tinha a certeza se queria saber.

Enquanto Jenn conduzia, Riley olhou pela janela, pensando se a sua parceria iria funcionar.

A questão preocupava-a. Ela esperava ter uma resposta depois de falarem com Dustin Russo.

Mas naquele momento, não conseguia deixar de pensar que estaria melhor a trabalhar naquele caso sozinha. Ou com outra pessoa.

Riley tinha cada vez mais saudades de Bill e Lucy.

Mas agora não podia pensar nisso.

Possivelmente – apenas possivelmente – estavam a caminho de conhecer um jovem assassino.

CAPÍTULO DOZE

Jenn Roston pensava ao conduzir até à casa de dos Russo. Riley tinha-lhe dado um toque durante a entrevista e isso tinha-a deixado fula. Deveria deixar a situação passar ou deveria mencioná-la?

Por fim, Jenn disse a Riley, “Não me deixaste fazer as perguntas que eu queria fazer.”

“Quando?” Perguntou Riley.

“Quando os Philbin não conseguiram explicar porque é que não tinham falado mais cedo com o Chefe Sinard. Tenho a certeza que estavam a esconder alguma coisa. Tínhamos que os sujeitar a mais pressão. Foste demasiado branda.”

Para surpresa de Jenn, Riley soltou uma risada.

“Então estás a pensar que Drew Philbin violou e matou a própria filha?” Perguntou.

“Tu não?” Perguntou Jenn. “Quero dizer, não é uma possibilidade?”

“Pode ser. É óbvio que não o eliminámos como suspeito.”

Agora Jenn começava a sentir-se confusa. Disse, “Eles não ligaram ao Chefe Sinard durante um dia inteiro. Isso pareceu-me estranho. Queria saber porquê. Não querias? Talvez pudéssemos ter resolvido o caso naquele momento.”

Riley riu-se outra vez e perguntou, “Já viveste numa cidade pequena, Jenn?”

Jenn perguntou-se o que é que a pergunta de Riley tinha a ver com o assunto em questão.

“Não,” Disse ela. “Fui uma miúda citadina, nascida e criada em Richmond.”

Ela olhou e viu que Riley olhava reflexivamente pela janela.

“Bem, eu cresci em algumas pequenas cidades,” Disse Riley. “Uma delas era uma pequena cidade chamada Slippery Rock nas Montanhas Apalache. Tinha apenas algumas centenas de habitantes. Sempre que eu e o meu pai passávamos pela loja das bebidas, ele entrava e comprava whiskey – muito, ele bebia imenso.”

Riley parou de falar durante alguns instantes, perdida nas memórias que lhe sobrevinham.

“Eu olhava pela janela quando o pai lá estava. Nunca lá vi mais ninguém a não ser o Sr. Stalnaker, o velho dono da loja. Ele falava sempre com o pai durante algum tempo – parecia não ter mais ninguém com quem falar.”

Riley riu-se novamente.

“Bem, eu era muito pequena e uma vez perguntei ao pai, ‘Mais ninguém bebe em Slippery Rock?’ Ele riu-se. Isso surpreendeu-me, porque ele era um homem amargo e não se ria muito...”

A voz de Riley desvaneceu-se. Durante um momento, Jenn interrogou-se se ela iria terminar a história.

Depois ela disse, “Ele disse-me, ‘Claro miúda. A maior parte dos homens nesta terra merdosa bebem mais do que eu. Mas não comprem o álcool na loja do Sr. Stalnaker. As mulheres não os deixam. Têm que ir até Lyons ou Tryon comprar o seu álcool.’”

Riley riu-se.

“Era uma cidade de bêbedos e toda a gente sabia que toda a gente bebia, mas também iam todos os domingos à igreja e não se atreviam a ser vistos na loja das bebidas. Não o pai, claro. Ele não queria saber o que os outros pensavam.”

Riley calou-se. Jenn demorou alguns momentos a compreender o ponto de vista de Riley.

Por fim, Jenn disse, “Penso ter compreendido. Numa cidade pequena como esta, as aparências são tudo.”

Riley anuiu e disse, “Angier é uma cidade maior do que Slippery Rock. Mas ainda assim é América rural. Estamos num local onde as aparências podem ser muito mais importantes do que está para além delas. Pelo menos para os locais.”

Jenn pensou naquilo ao continuar a conduzir. Nunca vivera numa cidade pequena, mas conhecera pessoas para quem as aparências eram tudo.

Então ela disse, “Então... Drew e Lisa Philbin estavam preocupados com a filha quando ela não apareceu na primeira noite e no dia seguinte. Mas também estavam preocupados com o que as pessoas podiam pensar se soubessem. Na primeira noite não devem ter ligado a ninguém. No dia seguinte ligaram a algumas pessoas – o namorado, amigos, professores. Mas...”

Riley assentiu e terminou o pensamento de Jenn.

“Mas não ao Chefe Sinard, pelo menos não de imediato. Eles sabiam que ele divulgaria o desaparecimento e todos ficariam a saber. E claro, foi exatamente isso o que aconteceu quando reportaram o desaparecimento de Katy.”

Agora tudo parecia claro a Jenn.

Porque é que ela não fora capaz de chegar àquela conclusão?

Porque não sou Riley Paige, Pensou. Apercebeu-se de que lhe faltava um amplo conhecimento das pessoas de que uma agente necessitava.

Então Riley perguntou, “Ainda pensas que Drew Philbin é o nosso assassino?”

Jenn encolheu os ombros.

“Não sei. Ainda não o podemos excluir.”

“Mais alguma coisa?”

Jenn fez uma pausa, tentando organizar os pensamentos.

Pensou alto, “Penso que não estamos a lidar com um assassino em série. A forma como o assassino se livrou do corpo foi demasiado descuidada, demasiado amadora.”

“Bem,” Disse Riley, “alguns assassinos em série nem escondem os corpos. Limitam-se a jogá-los ou a exhibi-los. Já vi vítimas suspensas em correntes ou arranjadas para parecerem pequenas bonecas.”

Jenn lembrava-se desses casos dos seus dias na academia.

Ela disse, “Mas um assassino que não quer saber que um homicídio foi cometido, esconde o corpo. Apenas penso que um assassino em série tê-lo-ia feito melhor. E tenho uma sensação estranha sobre este namorado. A morte de Katy parece um arrufo de namorados que correu mal.”

“E a outra rapariga desaparecida?”

“Penso que vai aparecer viva um destes dias.”

“Talvez saibamos mais em breve,” Disse Riley. Depois numa voz mais suave acrescentou, “Estas cidades assustam-me.”

Estavam apenas a alguns quarteirões de distância da casa dos Russo. Jenn continuava a pensar em tudo o que Riley acabara de dizer enquanto conduzia.

É claro que era tudo muito criterioso – Mas que mais podia esperar de Riley Paige?

Mas esta também era a primeira vez que Riley se abria a respeito da sua vida pessoal.

Está a começar a confiar em mim? Interrogou-se Jenn.

Na verdade, Riley pouco tinha contado a Jenn que ela já não soubesse. Jenn tinha estudado a vida de Riley em detalhe – incluindo a sua infância passada em pequenas cidades como Slippery Rock e Lanton, Virginia. Conhecia os casos de Riley.

Não conhecia todos os segredos pessoais de Riley. Mas sabia muito mais do que Riley imaginava.

Muito mais do que ela sabe sobre mim, Pensou Jenn ironicamente.

Afinal de contas, Jenn também tinha os seus segredos.

*

Riley sentiu-se desconfortável durante o resto da viagem. Interrogou-se porque contara a Jenn aquele episódio sobre ela e o pai.

Não quisera baixar a guarda daquela forma. Mas não era fácil esquecer que não era Bill quem estava a seu lado no carro.

Ao menos não tinha partilhado nenhuma informação mais sórdida.

E não tinha nada a ver com Shane Hatcher.

Ainda assim, Riley decidiu não fazer mais revelações. Para já, apenas esperava que ela e Jenn pudessem trabalhar juntas de forma eficaz no que quer que se desenrolasse de seguida. Afinal de contas, Jenn acabara de dizer que tinha a sensação de que o miúdo Russo era o assassino.

Até ao momento, Riley não tivera grandes pressentimentos. Mas Jenn era uma talentosa jovem agente. E se ela tivesse razão, estariam à beira de fazer uma detenção.

Dali a pouco chegaram à casa e estacionaram o carro. Os Russo viviam num bairro muito semelhante ao que tinham acabado de visitar, com relvados perfeitos e casas pequenas mas confortáveis e bem conservadas.

Riley e Jenn saíram do carro, dirigiram-se à porta de entrada e tocaram à campainha. Foram saudadas por uma mulher de aspeto ansioso que usava um avental. Devia ter a idade de Riley. Riley e Jenn mostraram os distintivos e apresentaram-se.

“É a mãe de Dustin Russo?” Perguntou Riley.

“Sim,” Disse a mulher. “Sou Era Russo.”

“O Dustin está em casa?”

“Sim.”

“Gostaríamos de falar com ele se possível.”

Por um momento, a mulher parecia incerta.

Depois disse, “Entrem.”

Riley e Jenn seguiram-na até uma imaculadamente limpa pequena casa.

A mulher chamou o filho. Ninguém respondeu.

Chamou outra vez, “Dustin, é o FBI. Querem falar contigo.”

Ainda assim não obteve resposta.

A mulher abanou a cabeça, preocupada.

“Ele veio para casa da escola há pouco e a primeira coisa que fez foi fechar-se no quarto sem me dirigir uma palavra. Está assim há dias – com um humor terrível, diferente do que é.”

Riley começou a ficar nervosa.

“Precisamos mesmo de falar com ele,” Disse ela.

Sobre quê?” Perguntou Rae Russo.

Jenn disse, “Tem conhecimento de que Katy Philbin foi encontrada morta esta manhã?”

Os olhos de Rae abriram-se muito, alarmados.

“Oh, sim. E horrível. Mas com certeza não pensam...”

“Só precisamos de falar com o seu filho,” Disse Riley.

Rae Russo conduziu-as nervosamente pelas escadas. Depois bateu à porta do quarto de Dustin.

“Dustin, estas pessoas precisam mesmo de falar contigo.”

Mais uma vez, nenhuma resposta.

Riley interrogou-se – estaria ele ali? Se sim, poderia ser perigoso?

A mão de Riley pousou na arma e silenciosamente deu indicação a Jenn para proceder da mesma forma.

Ela sabia que tinham que estar prontas para tudo.

CAPÍTULO TREZE

Riley conseguiu resistir à tentação de sacar a arma.

Disse a Rae, “Abra a porta, por favor.”

Rae hesitou, depois anuiu nervosamente e rodou a maçaneta e empurrou a porta.

Era um quarto pequeno com a típica confusão de um ocupante adolescente. Deitado na cama estava um adolescente musculado com cabelo cortado à escovinha – Riley lembrava-se do Chefe Sinard mencionar que Dustin era jogador de futebol.

Tinha os olhos fechados e pareceu não ter notado a presença de ninguém. Riley percebeu logo porquê. Mesmo da porta, conseguia ouvir a música que ele ouvia com fones.

A mãe chamou-o novamente. Ele abriu os olhos repentinamente, sentou-se e tirou os fones. Olhou para as visitas com uma expressão vazia.

“O que é que se passa?” Perguntou com um tom de voz monótono.

Riley e Jenn mostraram os seus distintivos e apresentaram-se novamente. O rapaz coçou a cabeça. Se estava surpreso, Riley mal o notara. Tinha um rosto largo, robusto e imóvel com olhos brilhantes.

Riley fez um gesto silencioso a Rae Russo para sair do quarto. Rae saiu fechando a porta atrás de si.

Riley disse a Dustin, “Presumo que saiba o que aconteceu a Katy Philbin.”

“Sim, mais ou menos,” Disse Dustin. “Toda a gente não falava noutra coisa na escola. Que chatice.”

Riley e Jenn trocaram olhares.

Jenn disse, “Não parece muito pesaroso. Não namoravam?”

Ele encolheu os ombros e disse, “Ela acabou tudo comigo.”

Jenn aproximou-se dele e falou num tom de voz rígido.

“Isso significa que ela mereceu o que lhe aconteceu?”

Riley começou a preocupar-se novamente. Parecia que Jenn já estava a tirar conclusões. Após a sua visita aos Philbin, Riley sabia que as capacidades de interrogatório de Jenn era limitadas. E as de Riley também não eram muito diferentes. Nenhuma das duas conseguiria retirar respostas a uma testemunha relutante.

Se ao menos o Bill ou a Lucy aqui estivessem, Pensou.

O rosto de Dustin não registava nenhuma emoção em particular.

“Hu-uh,” Disse ele. “O que lhe aconteceu foi horrível. Ela era uma rapariga muito simpática. Ela era...”

Ele parecia estar à procura da palavra certa.

“Bonita,” Disse ele finalmente. “Toda a gente gostava dela. Eu gostava muito dela.”

Depois ficou imóvel.

Jenn perguntou, “Onde estava na quarta-feira à noite?”

“A que horas?” Perguntou Dustin.

“Toda a noite,” Disse Jenn, aproximando-se ainda mais. “Desde que a escola acabou até à manhã seguinte.

Dustin encolheu os ombros.

“Aqui,” Disse ele. “Já não saio muito. Não me apetece. Pode perguntar à minha mãe.”

Riley reparou que Jenn olhava pela janela do quarto. Ela sabia o que Jenn estava a pensar. Teria sido possível Dustin sair pela janela sem a mãe reparar. Mas a janela estava virada para a rua. Poderia ter saído sem ninguém o ter visto?

Num bairro tranquilo como aquele, não era impossível.

Quando Dustin falou novamente, Riley ouviu um ligeiro tremor na sua voz.

“Não sei o que é que aconteceu,” Disse ele. “Ela estava tão feliz, era tão divertida. Depois um dia ficou diferente. Não sabia se estava zangada ou triste, mas já não queria estar comigo.”

Riley ficou ligeiramente alarmada.

Estaria ainda Dustin em negação?

Ou algo mais se passava?

Riley perguntou, “Pensa que o que quer que fosse que a estivesse a incomodar está relacionado com a sua morte?”

“Não sei. Talvez. Não sei mesmo.”

Riley reparou que Jenn estava a olhar para ela. Claculou que estivesse a pensar se iam prender aquele rapaz ou pelo menos tratá-lo como suspeito. Riley ainda não tinha decidido.

Disse a Dustin, “Então não sabe porque é que ela mudou?”

“Não faço ideia,” Disse Dustin.

“Conhece alguém que possa saber?”

Dustin pensou durante algum tempo.

“Sim, talvez. Daisy Kinney e Taylor McGrath são – *eram* – os melhores amigos da Katy. Falava com eles sobre tudo.”

“Onde é que os podemos encontrar?” Perguntou Riley.

Dustin olhou para o relógio.

“Bem, se forem para a escola agora, ainda os apanham. Fazem parte da equipa de futebol, como a Katy. Têm um jogo esta tarde contra o Liceu de Cobbtown. Deve estar mesmo a terminar,”

Riley avaliou rapidamente a situação, depois tomou uma decisão.

“Obrigada por falar connosco,” Disse ela. “Dê-nos conhecimento de algo que devamos saber. Entretanto, precisamos que fique na cidade.”

Dustin encolheu novamente os ombros.

“Eu estou aqui,” Disse ele. “Não vou a lado nenhum.”

Jenn parecia perplexa.

Ela quer prendê-lo já, Pensou Riley.

Mas isso não ia acontecer.

Riley virou-se para sair do quarto e Jenn seguiu-a relutantemente.

Antes de saíre, Dustin disse, “Se falarem com a Daisy e a Taylor, perguntem-lhes se sabem porque é que a Katy acabou tudo comigo. Queria mesmo saber.”

Ao dirigirem-se às escadas, Jenn disse num sussurro, “Riley!”

“Agora não,” Sussurrou Riley de volta.

A mãe de Dustin estava no fundo das escadas, aparentando estar tão preocupada como anteriormente. Parecia um pouco aliviada quando Riley lhe perguntou como ia para o Liceu Wilson.

Quando saíram da casa e entraram no carro, Jenn falou rispidamente.

“Riley, que raio estás a fazer?”

“Não temos nada contra ele,” Disse Riley. “Não o podemos prender.”

Jenn deu à chave e começou a conduzir.

“Devemos levá-lo para um interrogatorio mais detalhado?” Perguntou Jenn.

“Não nos vai dizer mais nada.”

“Não corremos o risco que fuja?”

“Penso que não,” Disse Riley.

“Como sabes?”

Riley não respondeu. A verdade era que não tinha nenhuma razão racional para pensar que Dustin Russo não saíria da cidade à primeira

oportunidade. Mas de alguma forma, não o conseguia imaginar a ir mais longe que o seu quarto.

“O que pensas dele?” Perguntou Jenn.

Riley encolheu os ombros.

“É um ingênuo. Não muito brilhante. Para além disso, não sei dizer. O que é que pensas dele?”

Jenn abanou a cabeça.

“Passa-se algo de errado com aquele miúdo,” Disse Jenn. “As suas respostas emocionais foram tão inapropriadas. Ele parecia muito mais aborrecido por ter terminado o namoro com Katy do que com a sua morte.”

Riley não conseguiu evitar concordar com a avaliação de Jenn. Ainda assim, tinha uma perspetiva diferente das reações de Dustin.

Riley disse, “Não tens passado muito tempo com adolescentes, pois não?”

Jenn riu-se e disse, “Bem, eu fui uma – e não há muito tempo. Não que isso me dê grande discernimento.” Calou-se durante algum tempo e depois acrescentou, “Fui uma grande chata.”

Riley olhou pela janela, lembrando-se do que tinha passado co April, depois com Jilly e o que teria ainda que enfrentar com Liam. Apesar de April e Jilly parecerem estar agora bastante estáveis, ambas tinham passado por fases turbulentas e de alguma rebeldia. Houvera momentos em que Riley pensara que a maternidade era uma tarefa impossível e quase desejara poder desistir. E por muito que gostasse de Liam, ainda não sentia que o conhecia muito bem.

Riley disse, “Bem, com base na minha experiência, apenas podes ter a certeza de uma coisa no que diz respeito aos adolescentes – que não podes ter a certeza de nada. São todos diferentes e são autênticos mistérios, pelo menos para os adultos.”

Riley parou de falar para pensar mais um pouco. Ela lembrava-se daquele estranho tremor na voz de Dustin.

“Depois um dia ficou diferente,” Dissera ele.

Riley disse, “Não posso dizer que esteja surpreendida por um adolescente reagir a uma tragédia de uma forma emocionalmente inapropriada. As suas emoções estão à flor da pele e não fazem muito sentido. A maior parte do tempo não sabem o que pensam ou sentem. O Dustin pode estar a sofrer e nem o saber.”

“Ou pode ser um assassino,” Disse Jenn com um tom de voz ríspido. “E um violador também. Meu Deus, Riley. Não sei. Penso que podes ter cometido um grave erro lá atrás.”

Riley conteve um suspiro. Este tipo de coisa acontecia com frequência sempre que tinha que trabalhar com alguém novo. Um novo parceiro sempre demorava a aprender a confiar nos instintos de Riley.

Pior ainda, as dúvidas de Jenn começavam a incomodá-la.

E se ela tiver razão? Interrogou-se Riley.

Afinal, os instintos de Riley não eram infalíveis. Ela cometera alguns erros ao longo dos anos.

E se tivesse cometido um agora mesmo, deixando Dustin desacompanhado?

Calma, Disse a si própria. *Mantém-te concentrada.*

Se tivesse dúvidas, perderia a sua habilidade de apreender tudo o que estava relacionado com o caso. Não podia deixar isso acontecer. Se estivessem realmente atrás de um assassino em série, mais vidas estariam em risco.

CAPÍTULO CATORZE

Quando Jenn parou o carro no estacionamento da escola, Riley sentiu-se inquieta ao avistar raparigas adolescentes a entrar dentro de um autocarro amarelo. Aparentemente, o jogo de futebol acabara de terminar e os miúdos pareciam tão inocentes, tão insuspeitos.

Terão a noção do mal que os rodeia? Interrogou-se Riley.

De certeza que já tinham ouvido falar na morte de Katy Philbin. Mas Riley sabia que os miúdos eram assim. O horror não era real para eles. Eram demasiado jovens para o entender. E a sua inocência tornava-os ainda mais vulneráveis.

Viu que as palavras LICEU DE COBBTOWN estavam escritas na parte lateral do autocarro, por isso sabia que as raparigas que entravam pertenciam à equipa visitante. Jenn estacionou o carro e ela e Riley caminharam na direção das bancadas onde os espetadores ainda se dispersavam. Apesar de haver sorrisos, pareciam moderados. Era óbvio que a notícia começava a instalar-se na psique coletiva da cidade.

O Liceu Wilson parecia antigo em comparação com a escola moderna que April frequentava. Toda a cena deu a Riley a sensação assustadora de que regredira no tempo até à sua própria infância ou que entrara numa sitcom dos anos 50. Tudo parecia íntegro. Nem viu miúdos a usarem roupa estranha ou a terem atitudes de rebeldia.

Quando Riley e Jenn se aproximaram, algumas pessoas olharam para elas com curiosidade. Naquele momento, a cidade ainda não sabia que ela e Jenn eram agentes do FBI.

Por isso, sem se identificar, perguntou a um casal onde ficava o balneário da equipa da casa. Sorrindo agradavelmente, indicaram um pequeno edifício de tijolo próximo das bancadas. Fora do edifício, um homem com um uniforme de treinador ainda era felicitado por algumas pessoas. Riley e Jenn esperaram alguns instantes até o abordarem.

Quando se apresentaram, o homem demonstrou alívio.

“O FBI!” Disse ele. “Oh, graças a Deus! O Chege Sinard disse-me que vos ligara. Ele e o seu pessoal sentem que é demais para eles. Chegaram aqui em menos de nada.”

Apertou as mãos de Riley e Jenn.

“Sou Judd Griggs, o treinador de futebol. Nem sabem como estou contente por aqui estarem.”

O homem era grande. Riley simpatizou com ele de imediato.

“Lamentamos as circunstâncias,” Disse Riley.

“Sim,” Disse Griggs com um olhar distante e de dor. “Estou – estamos todos – é tão difícil acreditar. A Katy era uma miúda tão especial – uma verdadeira estrela e também uma líder. As outras raparigas da equipa adoravam-na e viam-na como um exemplo.”

O homem engoliu com dificuldade.

Depois disse, “Pensei em cancelar o jogo de hoje. Mas as miúdas nem quiseram ouvir falar disso. Queriam jogar pela Katy. Disseram que queriam que ela tivesse orgulho.”

A sua voz estava plena de emoção.

“Eu estava preocupado em como se sentiriam se tivessem um jogo mau. Parecia tanta pressão. Mas elas foram fantásticas. Empatámos 1-1 com Cobbtown que é uma excelente equipa. Parece que temos uma hipótese nos playoffs deste ano. Se ao menos a Katy também aqui estivesse...”

Não terminou a frase.

“Peço desculpa,” Disse ele. “este é um dia terrível.”

Riley compreendia. Era óbvio que gostava muito das raparigas daquela equipa. A dor da perda de Katy deve ter sido insuportável para ele.

Então Jenn disse, “Sr. Griggs, pode dizer-nos onde estava e o que estava a fazer na quarta-feira à noite?”

Riley torceu o nariz.

Será que ela vai tratar cada homem que encontra como um suspeito?

Interrogou-se.

Griggs já lhe parecia suficientemente perturbado.

Riley disse apressadamente, Sr. Griggs, peço desculpa...”

“Não, não é preciso desculpar-se,” Disse Griggs. “Estão a fazer o vosso trabalho, eu compreendo. Estava em casa com a minha mulher toda a noite a ver televisão. Não sei se ajuda. Se houver alguma coisa que possa fazer para o confirmar, darei o meu melhor. Farei tudo – *tudo* – para ajudar.”

Jenn parecia que o queria pressionar um pouco mais, mas Riley refreou-a. Jenn não pareceu satisfeita com isso.

Riley perguntou a Griggs, “Conhece uma rapariga chamada Holly Struthers?”

Ele pensou por um momento, depois perguntou, “Não me parece. Também estuda em Wilson?”

“Não,” Disse Riley. “Anda no Lincoln.”

“Então provavelmente não a conheço a não ser que jogue na equipa de futebol,” Disse ele. “Ouvi falar de uma rapariga que desapareceu. É ela?”

“Sim, foi dada como desaparecida.”

“Pensam que o desaparecimento tem algo a ver com...?”

“Ainda não sabemos nada,” Disse Riley. “Pelo que sabemos, Holly ainda pode aparecer ilesa.”

O treinador encolheu os ombros e acrescentou, “Pelo que ouvi, algumas pessoas pensam que ela fugiu com um rapaz ou algo do género. Meu Deus, espero que não tenha acontecido nada de pior.”

Riley queria poder dar-lhe essa certeza. E como sempre acontecia quando interrogava pessoas perturbadas, desejava não lhe causar mais angústia.

Riley hesitou e depois disse, “Sr. Griggs...”

“Trate-me por Judd, por favor.”

“Judd, reparou em alguma alteração no humor ou comportamento de Katy recentemente?”

Judd Griggs pensou durante um momento.

“Agora que fala nisso – talvez. Não tenho a certeza se devo falar nisso porque não sei realmente o que aconteceu. Ou se aconteceu algo.”

“Tudo o que nos possa dizer pode ajudar,” Disse Riley.

Judd olhou para o campo de futebol.

“Há algum tempo atrás, as miúdas fizeram uma festa depois de uma vitória. Eu não fui – sempre as deixo celebrar entre elas. Mas no treino do dia seguinte, a Katy parecia diferente – discreta e sossegada, não parecia ela própria. Esperava que ela mudasse o seu comportamento, mas nunca mudou.”

Riley perguntou, “Afetava a forma como jogava? Perdeu o entusiasmo?”

Judd franziu o sobrolho.

“Não, quanto muito, trabalhava com mais afinco – demasiado afinco, pensava eu. Foi até ao limite, mas já não desfrutava do que fazia.”

Judd olhou para o chão e abanou a cabeça.

“Eu devia ter falado com ela,” Disse ele. “Devia ter-lhe perguntado o que é que se passava. Talvez se ela me tivesse dito...”

Agora parecia à beira de chorar.

Riley não suportava vê-lo assim. Ela queria que ele soubesse que não tinha culpa. Mas aprendera há muito tempo que demasiada empatia poderia distraí-la do seu trabalho. Não era da sua competência tornar-se numa espécie de terapeuta local. As pessoas que tinham conhecido e amado Katy teriam que procurar a ajuda de outra pessoa.

Para além disso, ele poderia ter razão. Se tivesse conversado com Katy, talvez ela ainda estivesse viva.

Riley relanceou a porta do balneário.

Perguntou, “A sua equipa ainda lá está?”

Judd assentiu.

“Sim. Calculo que tenham que falar com elas também. Tenham calma com elas, OK? Acabaram de fazer um bom jogo, apesar do ocorrido. É uma pena que tenham que ser lembradas do que aconteceu, mas você têm que fazer o vosso trabalho.”

Quando Riley e Jenn se começaram a encaminhar para o balneário, Judd chamou-as.

“Agente Paige, Agente Roston... não pensam que algo semelhante possa voltar a acontecer, pois não?”

Agora tinha uma expressão implorativa. Riley sentiu compaixão por ele. Apenas queria que alguém o tranquilizasse.

Mas ela não lhe podia dar isso, por isso limitou-se a voltar costas.

Quando ela e Jenn se dirigiam ao balneário, Jenn disse, “Deixe-me fazer as perguntas ali dentro.”

Um pouco surpreendida, Riley virou-se para Jenn.

Podia perceber pela sua expressão que a agente mais nova estava aborrecida por Riley a ter impedido de fazer perguntas a Judd Griggs.

Por muito que não gostasse do estilo de Jenn a interrogar, não a podia impedir de o fazer.

Vai ter que acabar por aprender, Pensou Riley.

Riley disse, “Lembra-te – as miúdas não são suspeitas.” Não parecia provável que alguma adolescente daquela cidade tivesse morto e enterrado a amiga.

Jenn pareceu um pouco insultada por lhe ter sido dito o óbvio. Mas Riley não se importava.

Continuaram a caminhar até ao balneário. A maior parte das miúdas já estava vestida e a preparar-se para se ir embora. Havia conversas e risos,

mas o humor era moderado para uma equipa que acabara de fazer um bom jogo.

Jenn e Riley mostraram os distintivos e apresentaram-se.

Os olhos das miúdas dilataram-se e a maioria sentou-se nos bancos do balneário.

“É por causa do que aconteceu à Katy?” Perguntou uma rapariga.

“Sim,” Disse Jenn. “Lamentamos a vossa perda. Só queremos que respondam a algumas perguntas.”

Riley estava contente por Jenn ter iniciado a conversa com uma nota de compaixão. Mas não havia muito afeto na sua voz. Tinha pena que Jenn nunca tivesse tido a oportunidade de aprender com Lucy.

Mas Riley manteve-se calada. A vantagem em deixar Jenn falar era que ela podia observar os rostos das raparigas e estar atenta às suas reações. Naquele momento, pareciam compreensivelmente ansiosas.

Jenn perguntou, “Alguém faz ideia de quem poderia querer fazer mal a Katy?”

As raparigas olharam nervosamente umas para as outras e abanaram as cabeças. Algumas responderam não.

“Quando foi a ultima vez que a viram?” Perguntou Jenn.

As raparigas murmuraram entre elas durante alguns instantes, tentando lembrar-se.

Então uma rapariga disse, “Foi depois do treino de quarta-feira. Fomos todas ao Burger Shanty comer alguma coisa.”

Outra disse, “A Katy saiu antes de todas.”

“Ela disse onde é que ia?” Perguntou Jenn.

“Não,” Respondeu a segunda rapariga. “Mas eu via-a pela janela a dirigir-se à paragem de autocarro. Por isso penso que ia apanhar o autocarro para casa. Era o que fazia habitualmente.”

Jenn pensou durante um momento.

Depois disse, “O treinador Griggs disse algo sobre uma festa recente.”

Riley reparou numa súbita alteração nas expressões das raparigas. Pareciam mais alarmadas do que anteriormente.

O que é que se passa? Interrogou-se.

Jenn prosseguiu, “Ele disse que o humor de Katy mudou depois daquela festa. Vocês sabem porquê?”

As raparigas disseram “não” num coro nervoso e sussurrado.

Riley olhou para os seus rostos cuidadosamente enquanto deixava Jenn continuar a fazer perguntas. A sua ansiedade perante a menção da festa persistiu mesmo quando se começou a tocar noutros assuntos. Riley tinha a certeza que pelo menos algumas delas sabiam algo.

Também tinha a certeza de que não se abririam em grupo.

Lembrava-se dos nomes das raparigas que Dustin mencionara – as raparigas mais próximas de Katy.

Quando Jenn acabou de fazer perguntas, Riley disse, “Obrigada a todas. Foram uma grande ajuda. A Daisy Kinney e a Taylor McGrath estão aqui?”

Duas raparigas sentadas lado a lado de repente pareceram muito ansiosas.

“Eu sou a Daisy,” Disse uma.

“Eu sou a Taylor,” Disse outra.

Riley disse, “Gostaríamos de falar com vocês as duas em privado. As outras podem ir embora. Mais uma vez, lamentamos muito a vossa perda.”

Todas as outras raparigas saíram do balneário.

Daisy e Taylor pareciam horrorizadas.

“Estamos metidas em algum sarilho?” Perguntou Daisy.

“Os meus pais estão à minha espera lá fora,” Disse Taylor.

Riley não disse nada. Olhou cada uma das raparigas nos olhos. E o que viu foi um mundo de inquietação.

“Alguma coisa aconteceu naquela festa,” Disse Riley.

Taylor forçou um encolher de ombros.

“Eu não sei de nada,” Disse ela.

Daisy deu uma cotovelada à amiga.

“Taylor,” Disse Daisy.

Taylor olhou para Daisy bruscamente.

“Daisy, não. A Katy fez-nos prometer. Não devemos contar a ninguém. Nunca.”

Daisy soluçou.

“Ela está morta, Taylor. Temos que dizer alguma coisa.”

Riley sentiu um formigueiro dentro de si.

Estas raparigas sabiam de alguma coisa – e fosse o que fosse, era obscuro e feio.

CAPÍTULO QUINZE

Os rostos das raparigas enrubesceram. Olhando para elas com atenção, Riley suspeitou que sentiam medo e vergonha. Percebeu que Taylor ainda estava relutante em falar. Mas Daisy chorava e parecia querer dizer a verdade.

Riley disse, “Preciso que vocês as duas me contem tudo acerca daquela festa.”

As raparigas ficaram em silêncio durante um momento interminável.

Então Daisy começou a falar, “A festa foi na casa da Taylor.”

Taylor soltou um grunhido de desalento.

“Daisy, não faças isto.”

“Temos que dizer a verdade, Taylor,” Disse Daisy.

Depois virando-se para Riley e Jenn, Daisy disse, “Tínhamos feito um grande jogo contra Blenker. Toda a gente queria comemorar. Os pais da Taylor estavam fora por isso fizemos a festa em casa dela.”

Jenn perguntou, “Beberam?”

“Bem, sim,” Disse Taylor defensivamente. “Não é contra a lei.”

“Na verdade, é contra a lei,” Disse Jenn.

Riley rangeu os dentes.

A última coisa que queria naquele momento era que Jenn fosse buscar assuntos irrelevantes.

Riley disse, “Não estamos aqui por terem bebido. Não terão problemas por causa disso. Não desta vez. Estamos aqui por causa da Katy e do que lhe aconteceu. Havia rapazes na festa?”

“Alguns,” Disse Daisy. “A maioria da escola. A Katy estava à espera que o namorado aparecesse – Dustin Russo. Mas estava muito atrasado. Por isso começou a flertar com outro tipo. Não o conhecíamos bem, um tipo mais velho que vive em Manton e se chama ‘Trip’. Vem até Angier de tempos a tempos.”

Daisy parou de falar por alguns instantes.

“Bem, a Katy tinha bebido, o que não era o seu estilo e normalmente nunca se teria envolvido com um cretino daqueles. Mas acho que estava zangada com o Dustin e estava a tentar provocar-lhe ciúmes. Bem, havia muita gente e a Katy e o Trip saíram sem que eu desse conta.”

“Eu também não reparei.” Disse Taylor.

Daisy prosseguiu, “Pouco depois, a Katy voltou à festa. Parecia perturbada. Estava mesmo transtornada e eu e a Taylor perguntámos-lhe porquê, mas ela não nos dizia. Quando o Dustin finalmente apareceu, ela tentou agir como se nada se tivesse passado. Mas alguns dias mais tarde, terminou o namoro com ele.”

Agora Taylor parecia mais disposta a falar.

Disse, “A Katy começou a agir de forma estranha depois daquilo. Não fazia os trabalhos de casa, não ia às aulas. Ela não era assim. E começou a esforçar-se mais no futebol – muito mais, até nos assustava. Era como se tentasse libertar raiva ou como se tentasse magoar-se.”

Taylor calou-se por momentos.

“É melhor dizer-lhes, Taylor,” Disse Daisy.

A voz de Taylor denotava emoção agora.

Ela abanou a cabeça.

“Eu devia ter calculado logo. Acho que sabia, mas não o queria admitir. Quando a festa acabou, depois de limpar tudo e ir para a cama, reparei que o meu quarto estava desarrumado. Algumas coisas estavam partidas e a colcha da cama estava amarrotada. Alguém tinha estado ali. Mas disse a mim própria que não era importante.”

Taylor engoliu em seco.

“Mas a Katy foi ficando pior e eu não consegui evitar pensar...”

Não terminou o raciocínio.

Agora era Daisy quem falava.

“Um dia depois das aulas, a Taylor contou-me sobre o quarto e eu disse que tínhamos que falar com a Katy e saber o que tinha acontecido. Então encontrámo-la e pedimos-lhe para nos contar.”

Agora Taylor começara a chorar. Disse, “A Katy não tinha a certeza do que tinha acontecido ou como. Ela calculava que o Trip tivesse colocado alguma coisa na sua bebida. Ela nem se lembrava de sair da sala com ele. Quando deu por ela, estava no quarto a fazer sexo com o Trip. Quando acabou, ele pucou as calças para cima, riu-se e saiu dali.”

Taylor limpou uma lágrima.

Disse, “Tentámos dizer-lhe que não era muito importante. Quaro dizer, ela tomava a pílula como todas nós por isso não ia ficar grávida. Desde que o tipo não tivesse DST, ela ficaria bem.”

Taylor encolheu os ombros e acrescentou, “Foi como eu lhe disse, era só sexo.”

Riley estremeceu. Aquilo fazia-a sentir-se mal – não apenas o que o tipo tinha feito a Katy, mas a forma como aquelas raparigas tinham lidado com aquilo.

“*Só sexo,*” Pensou.

Será que tinham a noção de que a amiga tinha sido violada?

Riley agora sabia que a sua sensação de angústia em relação a Angier tinham uma razão de ser.

Era tudo menos a cidade perfeita da sitcom dos anos 50.

Havia muita obscuridade atrás daquelas portas.

Daisy olhava ansiosamente para Riley e Jenn.

“Açam que isto está relacionado com o que lhe aconteceu? Digam-nos que não por favor. Porque se pudéssemos ter feito algo para o impedir e não fizemos...”

Riley não respondeu. Agora parecia mais do que provável que Trip era o seu suspeito. Mas a verdade era que ela não sabia se aquelas raparigas poderiam ter evitado a morte de Katy. Tudo o que sabia era que se sentia enojada com tudo aquilo.

Perante o silêncio de Riley, Jenn falou.

“Falem-nos mais desse Trip. É o seu nome verdadeiro?”

Taylor encolheu os ombros mais uma vez e assoou o nariz num lenço de papel.

“Não sei. Não me parece. E tu Daisy?”

“Duvido,” Disse Daisy. “Como eu disse, era um tipo mais velho e era um verdadeiro tangas. Dizia às miúdas que estava em Angier para fazer um filme independente e que poderia querer alguns de nós nesse filme. Algumas das nossas amigas acreditavam nele. Eu não acreditava de certeza.”

Riley estava prestes a perguntar porque é que Taylor o deixara entrar na sua festa. Mas rapidamente percebeu – Trip convencera gente suficiente de que era fixe e Taylor poderia ter medo dele.

Riley perguntou, “Fazem ideia de onde Trip vive?”

Daisy e Taylor olharam uma para a outra.

Taylor disse, “Às vezes dizia que era de Minneapolis, às vezes de Chicago.”

Daisy disse, “Penso que nunca viveu em nenhum desses lugares. Era um mentiroso.”

Riley agradeceu às raparigas pela sua ajuda e ela e Jenn saíram do balneário. Agora havia poucas pessoas à volta do estádio. Riley e Jenn dirigiram-se ao carro onde Riley ligou ao Chefe Sinard.

Disse, “Chefe Sinard, não quero que tenha grandes esperanças, mas eu e a minha parceira pensamos ter um suspeito. Já ouviu falar num jovem que vem a Angier chamado Trip?”

Ouviu Sinard soltar um rugido de desaprovação.

“Claro que sim. E não é de boa cepa. Mistura-se com os miúdos locais gabando-se e contando mentiras sobre si próprio. Pensamos que seja um esquema para vender drogas mas ainda não conseguimos provar nada. Tentamos mantê-lo debaixo de olho, esperando que um dia escorregue e o apanhemos.”

Riley pensou se Trip estaria a vender drogas na festa das raparigas?

Se sim, Taylor e Daisy não tinham dito nada a esse respeito.

Mas não era algo para se preocuparem naquele momento.

“Sabe o verdadeiro nome dele?” Perguntou a Sinard.

“Sim, e Ivan Crozier.”

“E a morada?”

“Deixe-me ver.”

Riley aguardou alguns momentos.

Então Sinard disse, “Ele vive em Manton, cerca de trinta e dois quilómetros a oeste de Angier. A morada que tenho é 420 Bennett Drive.”

Riley terminou a chamada e introduziu a morada no GPS do seu telemóvel. Quando surgiram as direções, Jenn começou a conduzir.

*

Riley ficou desiludida quando Jenn chegou à morada indicada.

420 Bennett Drive era um parque de autocaravanas.

Jenn perguntou, “Como é que vamos saber em que autocaravana é que vive Ivan Crozier?”

Riley perguntava-se o mesmo. Sem dúvida que as casas individuais eram marcadas por letras ou outra coisa, mas a morada geral era a única informação que possuíam.

“Penso que vamos ter que perguntar,” Disse Riley.

Estacionaram e saíram do carro. Riley notou que o parque de autocaravanas era decrepito. Algumas das autocaravanas pareciam há

muito abandonadas – ou se não estivessem, parecia que deveriam ter sido.

Dois homens de meia-idade com a barba por fazer e usando roupas de trabalho vinham na sua direção.

Não pareciam nada amigáveis.

Um deles sorriu para Riley e Jenn, levantando o boné de beisebol e dizendo qualquer coisa por entre uma dentadura incompleta e amarela.

“O que podemos fazer pelas adoráveis senhoras?” Perguntou.

Antes de Riley dizer o que quer que fosse, ouviu a voz do outro homem atrás dela.

“Ei, parece que estas tipas são da polícia!”

Riley virou-se e viu outro homem a inclinar-se atrás do carro do Chefe Sinard. Espreitava a matrícula. Riley lembrava-se que a palavra OFICIAL surgia na matrícula.

“Polícias!” Disse o homem que ainda não tinha falado. “Não acredito. Vocês são demasiado bonitas para serem polícias. E onde estão os uniformes?”

Vizinhos curiosos começavam a emergir das autocaravanas – mais alguns homens de aspeto duro e três ou quatro mulheres, uma delas a segurar num bebé. Ali parados a olhar fixamente, lembraram a Riley os pobres habitantes rurais que encontrara em Appalachia. As suas memórias de pessoas assim não era agradável.

Mostrou o seu distintivo.

“Somos as Agentes Especiais Paige e Roston do FBI.”

Todos os rostos à sua volta se obscureceram.

“FBI,” Disse o homem que falara primeiro.

“Que vão para o raio,” Disse o homem a seu lado.

“Minhas senhoras, penso que têm a morada errada,” Disse o homem atrás do carro.

Havia mais homens do que antes e começaram a cercar Riley e Jenn.

A mão de Riley pousou junto à arma.

“Mantém-te calma,” Sussurrou a Jenn. “Mas fica pronta para qualquer coisa.”

CAPÍTULO DEZASSEIS

O círculo de homens apertou-se mais em torno de Riley e Jenn. Apesar de Riley não ter a certeza de como resolveria uma rixa com este grupo, não queria usar a arma e estava determinada a não mostrar medo.

Disse numa voz determinada, “Eu e a minha parceira estamos à procura de um homem chamdo Ivan Crozier. Também é conhecido como ‘Trip’. Conhecem-no? Vive por aqui?”

Para surpresa de Riley, os homens ficaram estáticos.

Ela notou que alguns deles sorriam soturnamente uns para os outros.

“São do FBI – e estão à procura do Trip?” Disse um.

“Sim,” Respondeu Riley.

Vários dos homens começaram a rir-se. Até algumas das mulheres se juntaram.

“Nós conhecemos o Trip,” Disse um homem.

Uma mulher obesa de meia-idade disse, “É por causa de drogas ou alguma coisa assim?”

Riley sabia que não devia responder àquela pergunta.

“Temos assuntos a tratar com ele,” Disse Riley.

Outra mulher apontou e disse, “O Trip vive ali na autocaravana Q.”

O círculo de homens abriu-se, deixando espaço para Riley e Jenn passarem.

“Vão em frente, apanhem-no,” Disse um dos homens.

“Boa sorte,” Disse outro.

Ouviram-se um murmúrio geral de concordância divertida. A mulher obesa soltou um cacarejo maléfico.

Riley estava mais preocupada do que anteriormente. O que é que estes homens sabiam que ela e Jenn não sabiam? Talvez Trip não estivesse sozinho naquela autocaravana. Talvez tivesse um arsenal de armas como o lobo solitário que prendera na Califórnia.

Também não sabia se as pessoas reunidas à sua volta estavam a colaborar com Trip. Eram claramente um grupo zangado mas ainda não percebera em que concentravam a sua fúria.

Todo este desconhecimento podia significar que ela e Jenn podiam estar a caminho de uma armadilha perigosa. Mas para Riley não havia grande escolha.

Aparentemente Jenn pensava da mesma forma porque começou a caminhar na direção da autocaravana de Trip.

Riley parou-a e disse, “Vamos fazer isto à minha maneira. Dá-me a chave do carro.”

Com um olhar ligeiramente intrigado, Jenn deu a chave a Riley.

“Vem,” Disse Riley. Jenn seguiu-a de volta ao carro e entraram.

Riley conduziu por entre o labirinto de casas móveis até chegar a uma com a letra Q rudemente pintada na porta. Esta autocaravana estava em tão mau estado que mal conseguia acreditar que alguém ali vivesse. Mas estava um carro maltratado estacionado à sua frente.

Riley parou atrás do carro, não deixando espaço para ele sair. Ela e Jenn saíram do carro e dirigiram-se à porta. Riley bateu bruscamente.

“Estamos à procura de Ivan Crozier. Está em casa?”

Uma voz respondeu do interior.

“O que é que querem?”

“Só queremos falar consigo.”

“Se estão a vender alguma coisa, vão-se embora.”

“Não estamos a vender nada,” Disse Riley. “Só queremos falar.”

Após uma pausa, a voz resmungou, “Merda.”

Riley ouviu passos e depois a frágil porta metálica abriu-se.

À porta estava um homem magro envergando uma camisola interior e calças de pijama. Teria uns trinta anos e tinha um corte de cabelo punk com os lados rapados e o topo desgrenhado. O cabeçaço estava sujo e a julgar pelo odor, precisava desesperadamente de um banho.

Riley questionou-se porque é que os miúdos de Angier consideravam aquele tipo fixe.

Deve andar com bom aspeto, Calculou.

Riley e Jenn mostraram os distintivos e apresentaram-se.

Trip revirou os olhos que pareciam dilatados. Parecia estar pedrado.

“FBI,” Disse ela com uma voz instável e distante. “Merda. O que é isto?”

“Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas sobre Katy Philbin.”

“Katy quem?” Perguntou Trip.

Jenn disse, “Pensamos que sabe quem ela é.”

Trip olhava vagamente à sua volta, piscando os olhos com a luminosidade do sol.

“Ela vive em Angier,” Disse Riley.

Trip assentiu.

“Oh, sim. Katy. O que é que ela tem?”

“Gostaríamos de entrar para lhe falar sobre isso,” Disse Riley.

Trip sorriu.

“Não tenho que vos deixar entrar, pois não?” Perguntou.

Riley deu um passo intimidante até ao seu espaço pessoal – uma tática que resultara em inúmeras situações semelhantes.

“Porque é que não nos deixaria?” Disse ela. “Se não tem nada a esconder?”

Trip recuou nervosamente, e Riley e Jenn entraram na autocaravana. Deram por si num corredor comprido e estreito que continha uma rudimentar área de cozinha. Ela calculou que as duas portas ao fundo à direita dariam para um quarto e uma casa de banho.

À esquerda encontrava-se o que parecia ser uma sala de estar.

Riley fez um gesto com a cabeça naquela direção.

“Talvez nos possamos sentar,” Disse ela.

Mais uma vez, aproximou-se de Trip.

Ele recuou, depois conduziu Riley e Jenn até ao fundo do corredor.

Ao seguirem-no, Riley começou a ficar preocupada.

Alguma coisa parecia estranha nesta situação.

Trip não parecia perigoso – pelo menos não naquele momento. Então porque é que os vizinhos tinham enviado Riley e Jenn para aquele local?

O que Riley sabia com toda a certeza era que os vizinhos as odiavam por serem do FBI.

Agora interrogava-se se as tinham enviado para ali como ardil.

Poderiam estar a preparar algum tipo de emboscada no exterior?

Riley sussurrou a Jenn enquanto caminhavam, “Fica atenta à janela.”

“Procuro o quê?” Sussurrou Jenn de volta.

“Saberás se o vires.”

A pequena sala de estar estava parcamente mobilada com um par de cadeiras, uma mesa e um candeeiro desligado. A mobília parecia tão maltratada e maltrapilha que Riley duvidava que Trip as tivesse comprado numa loja económica. Parecia mais provável que a tivesse obtido num ferro-velho.

Até podia ser um traficante de droga, mas não parecia ser muito bem-sucedido. Provavelmente só vendia drogas para sustentar o seu próprio

vício. A julgar pelo seu rosto magro e pele pálida, depreendeu que usaria heroína.

Riley e Jenn sentaram-se numa cadeira esfarrapada enquanto Trip se instalava num banco de três pernas. Jenn moveu-se em direção à janela.

Riley lançou-lhe um sorriso falso.

“Sabemos que usa o nome Trip,” Disse ela. “Não há problema se o tratarmos por Trip?”

Ele encolheu os ombros.

“É o que toda a gente me chama.”

Riley perguntou, “Qual é a sua profissão, Trip?”

“Sou realizador independente,” Disse Trip, parecendo agora mais consciente – até um pouco entusiasmado. “Já devem ter ouvido falar do meu trabalho. Ganhei prémios em alguns dos melhores festivais. O meu trabalho mais conhecido é um filme chamado *Origami Lace*. Foi um grande êxito em Sundance.”

Era uma mentira tão descarada que Riley começou a ficar fascinada.

Ela lembrava-se do que Daisy dissera a respeito dele...

“... *um verdadeiro mentiroso.*”

Daisy não se enganara.

Riley abanou a cabeça e disse, “Lamento mas não me diz nada.”

Jenn disse, “A mim também não.”

Pelo canto do olho, Riley podia ver que Jenn estava a manter a janela sob vigilância.

Trip disse, “E o que tem a rapariga?”

“Talvez nos deva dizer,” Disse Riley.

“Não sei do que é que estão a falar,” Disse Trip.

Riley não conseguia perceber se ele estava a mentir.

Disse, “O seu corpo foi encontrado esta manhã num campo de milho perto de Angier. Foi violada e assassinada.”

Riley reparou que a expressão de Trip quase não se alterara.

“Isso é mau,” Disse ele.

Ainda a olhar pela janela, Jenn disse, “Temos conhecimento de que aconteceu algo entre vocês os dois numa festa não há muito tempo.”

Trip riu entredentes.

“Sim, ela não me largava. Não que eu me importasse. Gostava dela. Davámo-nos bem. Pensei que pudéssemos ter um futuro.”

Parecia estar a despertar paulatinamente à medida que falava de Katy.

“Alguma vez sentiram algo assim? Quando conhecem uma pessoa e parece que o destino vos juntou? Eu sentia isso em relação à Katy e ela disse-me que sentia o mesmo em relação a mim. Mas agora...”

Abanou a cabeça.

“É muito mau,” Disse ele.

Riley estudou a sua expressão, agora muito alegre.

Uma mentira atrás da outra, Pensou Riley.

Já lidara com mentirosos compulsivos como ele anteriormente. Com base na sua experiência, eram extremamente fáceis de entrevistar ou interrogar. Isso porque adoravam falar e sabia que tudo o que diziam era mentira. Conseguiram informar de uma forma negativa.

Quase tudo era mentira, Lembrou Riley a si própria. Afinal de contas, poucas coisas no seu trabalho eram tão fáceis e simples.

Riley disse, “As amigas de Katy dizem que a drogou nessa festa e que a violou.”

Trip parecia completamente indiferente.

“Quem lhes disse isso?” Perguntou ele.

“A Katy.”

“Não é verdade. Pareço o tipo de homem que precisa de drogar raparigas para ter sexo com elas?”

Sim, é exatamente isso que parece, Pensou Riley. Mas não valia a pena dizê-lo em voz alta.

Riley disse, “A Katy foi morta na quarta-feira à noite. Pode dizer-nos onde esteve durante todo esse dia?”

Trip sorriu e levantou-se do banco.

“Claro. Estive em Des Moines. Posso prová-lo.”

Caminhou pela sala até uma mesa de fórmica coberta de contas e outros papéis. Começou a remexer neles.

Entretanto, Riley notou uma mudança na sua atitude.

Enquanto remexia nos papéis, não parava de olhar para uma cabina de madeira compensada pendurada na parede acima da mesa. Estava fechada com um cadeado.

Algo estava lá dentro – algo que ele não queria que fosse visto.

Riley tinha a certeza.

Ele conseguiu encontrar o papel que procurava e dirigiu-se a Riley para o mostrar.

Era uma conta em seu nome de um motel em Des Moines.

Indicava que tinha feito o check-in na terça-feira e que tinha partido na quinta-feira.

Conveniente, Pensou Riley.

Mas não era uma prova de inocência. Se quisesse montar um álibi, alguém poderia ter ido a Des Moines no seu lugar usando o seu nome.

Mas seria este homem suficientemente astuto para planejar algo do género?

Trip não se voltou a sentar. Agora andava nervosamente de um lado para o outro em frente à cabina.

Riley perguntou, “O que é que guarda nessa cabina, Trip?”

“Equipamento de filmagem,” Disse ele. “As ferramentas da minha profissão.”

Como quase tudo o que dissera, tratava-se de uma mentira e Riley sabia.

Ela sorriu e disse, “Pode mostrar-me? O cinema sempre me fascinou.”

“Uma coisa engraçada – perdi a chave,” Disse ele

Riley apercebeu-se de que Jenn agora estava a seu lado. A conversa sobre a cabina pareceu chamar a sua atenção e deixara o seu posto à janela.

Riley ficou aborrecida com ela.

Queria dizer-lhe para voltar e fazer o que lhe tinha sido pedido.

Jenn dirigiu-se à cabina.

“Tem a certeza de que está fechada?” Perguntou Jenn. “Parece-me que pode ser aberta.”

Riley ficou preocupada.

O que é que Jenn ia fazer, abrir a cabina com as mãos?

Riley pensou que não seria algo difícil de conseguir. Para o efeito, qualquer uma delas poderia abrir aquela fechadura num instante. Mas isso seria um desastre – uma busca ilegal traia problemas e não as levaria a lado nenhum. Qualquer prova seria imprecisa.

Riley dirigiu-se a Jenn e tentou tocar-lhe no braço. Depois tudo aconteceu demasiado rapidamente.

Trip colocou-se entre Jenn e a cabina. Deu um empurrão inesperado à jovem agente. Jenn desequilibrou-se para trás contra Riley e ambas caíram no chão. Com agilidade surpreendente, Trip passou por elas na direção do corredor.

Quando Riley e Jenn se levantaram, ouviram a porta da autocaravana a bater.

“Que raio pensavas que estavas a fazer?” Disse Riley.

“A contornar regras,” Disse Jenn. “Não me digas que nunca o fazes.”

Riley sabia que não tinham tempo para discutir.

“Anda,” Disse ela. “Ele está a fugir.”

Riley e Jenn saíram da autocaravana a tempo de ver Trip a hesitar fora do seu carro. Parecia estar a assimilar que o carro de Riley estava a bloquear o seu.

Quando olhou e viu Riley e Jenn, começou a fugir a pé e desapareceu atrás da autocaravana seguinte. Riley e Jenn foram no seu encalço.

Naquele momento, ouviu a voz de um homem.

“Ei rapazes – as meninas do FBI estão a ir atrás do nosso rapaz!”

Raios, Pensou Riley.

Os vizinhos vinham ajudar Trip.

As coisas estavam prestes a ficar feias.

CAPÍTULO DEZASSETTE

Em perseguição do suspeito em fuga, Riley e Jenn contornaram as traseiras da autocaravana seguinte. Ficaram surpreendidas com que encontraram ali.

As duas agentes quase esbarraram com um círculo de pessoas. Os vizinhos que as tinham confrontado há pouco tinham cercado Trip, mas não pareciam estar a protegê-lo.

Riley penetrou no círculo entre duas mulheres. Naquele momento, ela viu o maior dos homens batia em Trip. Depois o mesmo homem inclinou-se sobre a figura que gemia no chão, ergueu o punho e bateu-lhe na cabeça.

Os curiosos, tanto mulheres como homens, todos aplaudiram audivelmente.

A situação tornou-se brutalmente clara para Riley. Os vizinhos tinham-se tornado justiceiros por conta própria.

A vida de Trip estava em perigo.

“Temos que parar isto,” Disse Riley a Jenn que estava a seu lado.

Jenn assentiu e pegou na pistola.

“Sem armas,” Disse Riley.

Jenn olhou para Riley com uma expressão incrédula.

“Estás a brincar comigo?” Disse Jenn.

Riley sabia demasiado bem como uma situação daquelas se poderia tornar fatal se fossem sacadas armas. Esta multidão estava demasiado empolgada para terem noção de uma ameaça daquelas. Até um tiro de aviso poderia não os parar. Outras armas apareceriam e as coisas podiam descontrolar-se em poucos segundos. Alguém podia morrer.

Mas Riley não tinha tempo para explicações.

“Estou a falar a sério,” Disse rispidamente.

Jenn não parecia satisfeita, mas parecia ter compreendido.

Riley infiltrou-se no círculo de pessoas zangadas.

“Parem já, todos vocês!” Gritou.

A maioria afastou-se, parecendo desiludidos.

Mas o homem que derrubara Trip ignorava-a, batendo no rosto de Trip repetidamente.

Riley agarrou-o por trás pelos ombros e puxou-o com força. Era um homem enorme e Riley não o conseguia controlar. Depois viu Jenn à frente

dele a dar-lhe um pontapé no peito. O homem caiu de costas.

Agora aqueles que tinham recuado estavam furiosos. Alguns homens aproximaram-se para terminar o que o homem grande estava a fazer.

Riley disse bruscamente a Jenn, “Ficas com o homem à direita.”

Riley atacou o agressor mais próximo e deu-lhe um soco na barriga. O homem curvou-se e Riley conseguia ouvir o ar a sair dos seus pulmões. Virou-se a tempo de ver Jenn a derrubar o outro homem com um pontapé na virilha.

A pequena multidão agora praguejava contra Riley e Jenn.

Riley questionou-se se afinal sempre precisariam das armas. Gritou por cima das suas vozes.

“O que é que pensam que estão a fazer?”

Um dos homens gritou, “Estamos a fazer o que tem que ser feito.”

Uma mulher a segurar num bebé gritou, “Tínhamos a certeza que o Trip traficava droga. Vocês terem vindo até cá é a prova disso. Temos filhos a crescer aqui. Não vamos permitir que isto continue.”

“Deixem-nos fazer o nosso trabalho,” Disse Riley.

“O vosso trabalho!” Desdenhou uma mulher.

Um homem gritou, “É mesmo coisa vossa,” Disse o homem. “Batem-nos a nós sem razão aparente, mas não tocam num cabelo deste crápula. Vão falar com ele, ele vai dizer que não fez nada de mal e vocês acreditam nele e deixam-no ficar.”

Agora a multidão agitava-se.

Riley gritou, “Não é isso que vai acontecer! Ouçam-me! Vamos prendê-lo por suspeita de violação e homicídio.”

Os gritos esmoreceram. Os homens e mulheres pareciam surpreendidos.

“Ouviram-me bem,” Disse Riley. “Não o vamos largar.”

Ocorreu um murmúrio geral entre a multidão. Todos pareciam concordar em deixar Riley e Jenn fazer a detenção.

Riley tranquilizou-se. Virou-se para Jenn e disse, “Algema-o e lê-lhe os direitos.”

Trip estava no chão a queixar-se e com o rosto a sangrar dos golpes dados. Jenn algemou-o com as mãos atrás das costas e começou a ler-lhe os direitos.

Entretanto, uma mulher dirigiu-se a Riley.

“Psst,” Disse-lhe a mulher. “Encontraram as drogas dentro da autocaravana dele?”

Riley estava demasiado intrigada com a pergunta para responder. Depois reconheceu a mulher.

Era a mulher obesa que tinha perguntado...

“Isto tem a ver com drogas ou alguma coisa do género?”

Riley não soube o que dizer à mulher.

Disse, “Bem, talvez não tenha procurado com afinco. Talvez devam ver melhor.”

Durante um momento, Riley hesitou. A mulher parecia estar a falar de algo que lhe parecia importante.

Olhou para Jenn para ver se tinha as coisas sob controlo. Agora parecia que alguns homens a estavam a ajudar, levantando Trip. Toda a gente parecia perfeitamente satisfeita com o resultado.

“Leva-o para o carro,” Disse Riley a Jenn. “Eu já volto.”

Riley regressou à autocaravana de Trip e entrou. Dirigiu-se de imediato à pequena sala de estar situada no fundo da autocaravana.

A cabina agora estava aberta e lá dentro estavam sacos de pó e imensas pequenas garrafas de plástico.

A mulher deve ter entrado ali e forçado a fechadura.

Riley ficou a observar a cena, tentando entender a situação.

Tivera sorte?

No final de contas, não tinha feito uma busca ilegal no local. Apenas tropeçara na droga de Trip por acidente.

De qualquer das formas, agora não parecia o momento de pensar nas ramificações legais. E não podia deixar aquilo ali.

Pegou no telemóvel e tirou várias fotos da droga dentro da cabina. Depois pegou num caixote do lixo de plástico, esvaziou-o no chão e carregou-o com a droga cuidadosamente para não acrescentar as suas impressões digitais ao que já lá estaria.

Regressou ao exterior a tempo de ver Jenn a empurrar Trip para o assento traseiro do carro.

A mulher obesa voltou para junto de Riley.

A piscar o olho, disse, “Chamo-me Ethel Burney. Prazer em conhecervos.”

Virou-se e foi-se embora.

Jenn chamou Riley, “O que é que tens aí?”

Riley olhou para o balde, encolheu os ombros e disse, “Não vais acreditar quando te disser. Vamos embora, vamos levar este patife para a

esquadra.”

CAPÍTULO DEZOITO

Uma hora mais tarde, Riley estava ao lado do Chefe Sinard no exterior da sala de interrogatório na esquadra de Angier. Os dois viam e ouviam Jenn a interrogar Ivan “Trip” Crozier que estava algemado a uma mesa.

Trip mostrava sinais evidentes da sova que levava no parque de autocaravanas. O rosto apresentava nódoas negras e pensos. Mas Riley não conseguia sentir pena dele.

É escumalha, sem dúvida, Pensou. O mundo tornava-se melhor sem ele nas ruas.

Mas seria ele o assassino que procuravam? Riley ainda tentava chegar a alguma conclusão quanto a isso.

Era óbvio que Jenn, que estava a colocar todas as perguntas certas, estava a tentar descobrir isso.

Ela disse, “Alega ter estado em Des Moines na noite do homicídio de Katy Philbin.”

“Sim,” Respondeu Trip.

“O que é que estava a fazer em Des Moines?”

“Negócios.”

“Que tipo de negócios?”

“A procurar cenários. Já não vos disse que sou um realizador independente?”

Até ao momento Jenn não encontrara o ponto fraco de Trip. Ainda assim, a jovem agente estava a fazer um bom trabalho. Riley tinha a certeza que não conseguiria fazer melhor.

“Alguém pode confirmar o seu paradeiro?” Perguntou Jenn.

Trp encolheu os ombros.

“Não sei. Vou ter que pensar,” Disse ele.

Um silêncio seguiu-se.

“Então?” Perguntou Jenn.

Trip sorriu entredentes.

“Eu disse que is ter que pensar. Pergunte-me mais tarde quando eu já tiver tido tempo de pensar.”

Riley sabia que ele estava a brincar com Jenn. Até agora, não pedira por um advogado. Riley sabia que o faria, provavelmente antes do dia

terminar. Entretanto, estava apenas a divertir-se a desperdiçar o tempo e dinheiro dos contribuintes.

Mal parecia o falhado que haviam encontrado no parque de autocaravanas. Era obviamente astuto e malicioso. Riley começava finalmente a perceber porque é que os miúdos locais tinham sido atraídos até ele. Ele sardonicamente fixe de uma forma que os adolescentes podem apreciar.

Enquanto Jenn continuava a fazer perguntas, o Chefe Sinard falou com Riley.

“Acerca dessas drogas que encontrou...”

Riley sorriu. Mostrara ao chefe as fotos da cabina aberta e as drogas eram agora prova.

“Sim, sei o que parece.” Disse Riley. “Mas eu disse-lhe a verdade. Encontrámos a cabina aberta.”

O Chefe Sinard abanou a cabeça.

“Eu quero acreditar em si,” Disse ele. “Mas pode ter a certeza que este crápula vai acusá-la de busca ilegal. Isso pode estragar a única acusação que temos contra ele neste momento. Já se está a queixar de brutalidade policial.”

Riley quase se riu.

A ideia de que ela e Jenn teriam pulverizado aquele tipo para o prender parecia absurda e ela tinha a certeza que o chefe o sabia.

“Digo-lhe uma coisa, Chefe,” Disse Riley. “Se ele começar a fazer muito barulho com isso, procure uma mulher chamada Ethel Burney. Ela vive no parque de autocaravanas. Penso que terá todo o prazer em dar uma explicação sobre o que se passou com as drogas.”

No final de contas, Riley agora compreendia que a mulher lhe tinha dado o nome exatamente por esse motivo.

Uma mulher muito inteligente, Pensou Riley. Ethel provavelmente sabia que não a acusariam de nenhum crime. Mesmo que tal sucedesse, valeria a pena para se livrar de um vizinho como Trip.

Riley quase queria voltar ao parque de autocaravanas para agradecer a Ethel o que fizera. Mas sabia que não era boa ideia.

Riley acrescentou, “A Ethel também poderá confirmar o que a Agente Roston e eu dissémos sobre como é que o tipo foi espancado.”

“Espero que sim,” Disse o Chefe Sinard com um suspiro.

Riley continuou a ouvir Jenn a fazer perguntas a Trip – boas perguntas. Mas Jenn ainda não estava a conseguir ir a lado nenhum com ele.

Por fim, Trip encostou-se na cadeira, a sorrir presunçosamente.

“Acho que estou pronto para um advogado agora,” Disse ele.

É claro que era o que Riley estava à espera. Ainda assim, conteve um sinal de exaspero.

Numa cidade daquelas, um advogado não estaria disponível até ao dia seguinte.

Nada mais podiam fazer naquele dia.

*

A noite já tinha caído quando Riley se deitou na cama do seu quarto de hotel situado nas franjas de Angier. Olhando para trás, custava acreditar em tudo o que tinha acontecido naquele dia – desde a descoberta do corpo de Katy Philbin até à salvação e detenção de Trip Crozier. Será que ela e Jenn só ali estavam desde aquela manhã?

Riley sentia-se exausta – e nada satisfeita.

Olhou o seu quarto. Parecia-se exatamente com os muitos quartos onde pernoitara ao longo dos anos. Quase podia jurar que já vira aqueles quadros de rios e árvores um milhão de vezes.

O quarto parecia-se com a cidade de Angier – feio por baixo de uma aparência barata de respeitabilidade.

Alguém bateu à porta e Riley disse “Entre”. Jenn entrou trazendo uma caixa de pizza e um pack de cervejas.

Riley sorriu e sentou-se.

“Porque é que eu não me lembrei disso?” Perguntou.

Ela e Jenn sentaram-se num sofá bastante desconfortável e colocaram a pizza e a cerveja na mesinha à sua frente.

“Hoje fizeste um bom trabalho,” Disse Riley depois de dar a sua primeira dentada na pizza.

Jenn zombou do elogio.

“Queres dizer quando provoquei a nossa queda na autocaravana de Trip? Sim, isso foi muito ágil da minha parte.”

“Estou a falar da forma como interrogaste o Trip.”

Jenn abanou a cabeça.

“Não lhe consegui tirar grande coisa,” Disse ela. “Tu terias feito melhor.”

“Não,” Disse Riley. “Não teria.”

Depois de ter estado em alguns momentos de candeias às avessas com Jenn, sabia bem poder dizer algo de positivo a seu respeito. E a verdade era que Riley se sentia confortável com ela agora. Não sabia exatamente porquê.

É melhor desfrutar enquanto dura, Pensou Riley.

Também se lembrou que o melhor era ter cuidado com o que lhe dizia.

“Pensas que apanhámos o nosso assassino?” Perguntou Jenn, bebendo a sua cerveja.

Riley abanou a cabeça.

“Quem me dera saber.”

“O teu instinto diz-te alguma coisa?”

Riley começou a pensar nos seus sentimentos.

“Não,” Disse ela. “E o teu instinto?”

“Nada,” Disse Jenn. “Então o que é que sabemos?”

Riley pensou por um momento.

“Até agora nem sequer sabemos se estamos à procura de um assassino em série. Não sabemos de nenhuma relação existente entre Katy e Holly e pelo que sabemos, Holly ainda pode aparecer.”

Riley parou de falar para pensar mais um pouco.

“Amanhã vamos falar com os pais de Holly. Se é óbvio que o seu desaparecimento não está ligado à morte de Katy, não temos mais nada a fazer aqui. Não é um caso para o FBI no final de contas. Regressamos a Quantico amanhã.”

“E se outra rapariga for assassinada?” Perguntou Jenn.

Riley tremeu ligeiramente. Era precisamente aquela pergunta que ela tentava não colocar a si própria. Era uma terrível ironia que outra vida se perdesse antes que o FBI pudesse declarar o caso como um caso de homicídios em série.

“Vamos esperar que tal não aconteça,” Disse Riley.

Riley e Jenn comeram e beberam em silêncio durante algum tempo.

Por fim, Jenn disse, “Não é da minha conta, mas...”

Parou de falar durante um momento. Depois disse, “Gostava que me contasses mais sobre o Shane Hatcher. A tua relação com ele. Tenho

curiosidade. A tua empatia com ele, a vossa química. Sabes que é lendário – a forma como te aliaste a um criminoso para resolver crimes.”

Riley ficou surpreendida por não levar a pergunta a mal. Pressentia que Jenn não estava a tentar armar-lhe uma cilada. Parecia estar genuinamente curiosa.

“Como é que era trabalhar com ele?” Perguntou Jenn. “Gostavas de voltar a trabalhar com ele? Quererias?”

Riley abanou a cabeça.

“Jenn...” Começou Riley.

“Eu sei, não é da minha conta. Desculpa por perguntar.”

“Não, não é isso... é só porque eu faço essas mesmas perguntas a mim mesma e ainda não sei as respostas. É um enigma para mim.”

Riley bebeu um gole de cerveja.

“Ele assusta-me, mas também me fascina,” Disse ela. “Já ouviste falar da traça proverbial e da chama?”

“Sim,” Disse Jenn com um suspiro. “Sei tudo sobre isso.”

Riley virou-se para Jenn e viu um olhar distante na jovem agente.

Ela tem os seus próprios segredos, Pensou Riley, não pela primeira vez.

Iria alguma vez Jenn falar-lhe neles? Riley estava interessada nesses segredos?

Por fim, as duas agentes acabaram de comer a pizza. Foram deixadas quatro cervejas no pack de seis. Jenn pegou nelas e voltou para o seu quarto. Riley acabara de se esticar na cama novamente quando o telemóvel vibrou.

Era uma mensagem de um número desconhecido.

Dizia...

Está muito longe de casa.

Ficou arrepiada quando se apercebeu que era outra mensagem de Shane Hatcher.

Escreveu uma resposta freneticamente.

Onde está? O que quer dizer?

Mas mais uma vez, quando tentou enviar a mensagem, indicava que não era possível entregá-la.

Riley apenas podia adivinhar que Hatcher enviava aquelas mensagens com telemóveis descartáveis de que se livrava imediatamente.

Ficou a olhar para o texto. Como muitas das comunicações de Shane Hatcher, era enigmática e misteriosa.

Estou mesmo muito longe de casa, Pensou Riley.

Estaria a sua família em perigo naquele momento? Lembrou-se da promessa de Bill antes de se ir embora...

“Vou manter as coisas debaixo de olho.”

Ligou o seu número e ficou aliviada quando ele atendeu.

“Ei Riley. Como está a correr o caso?”

Riley caminhava de um lado para o outro.

“Acho que bem. Pelo menos temos um suspeito. Mas não é por isso que te estou a ligar. Acabei de receber uma mensagem do Hatcher.”

“Outra ameaça?”

“É difícil de perceber com o Hatcher. Como estão as coisas na minha casa?”

“Bem. Acabei de chegar a casa mas antes passei por lá. Falei com o Wigton e com o Lochner na carrinha. Não repararam em nada de anormal. Ligo-lhes de duas em duas horas para saber como estão a correr as coisas.”

Riley respirou de alívio.

“Bill, obrigada por estares a fazer isto. Nem sabes como te estou grata.”

“Como eu disse hoje de manhã, preciso de fazer alguma coisa útil.”

Riley sentou-se à beira da cama.

“Como correram as coisas com o Mike Nevins?”

“Bem,” Disse Bill.

O seu tom de voz parecia agora mais plano.

“Como é que te sentes?”

“Melhor.”

“Conta-me mais coisas.”

Bill riu-se. O seu riso parecia um pouco forçado.

“Não sejas uma mãe galinha. Confia em mim, estou a sentir-me melhor, OK?”

Ela pressentiu que ele estava a fazer um esforço para parecer alegre. Mas ela sabia que não o devia aborrecer sobre o seu estado de espírito. Só se tornaria menos comunicativo. Agradeceu-lhe outra vez e terminaram a chamada.

Depois ligou para o seu telefone de casa.

April atendeu.

“Olá mãe. Já apanhaste os maus?”

“Sim, um. Ainda não sabemos se é a pessoa que procuramos. Como está tudo aí por casa?”

“Bem.”

O cérebro de Riley girava, tentando pensar em perguntas para colocar sem assustar April.

“E a Jilly, está bem? E o Liam?”

April riu-se com a preocupação de Riley.

“Estamos todos bem – e a Gabriela também. Ela preparou uma grande refeição – *pollo en crema*, galinha com natas. Quem me dera que tivesses provado.”

Riley conseguiu rir um pouco.

“Sim, eu também. Bem, dá abraços meus a todos.”

“Quando pensas voltar?”

“Ainda não tenho a certeza. Talvez amanhã. Tenho saudades tuas.”

April riu-se mais um bocadinho.

“Ei, apenas estiveste um dia fora.”

“Sim, eu sei. Mas estou a ter um daqueles momentos mais piegas. Abraça todos por mim.”

Ela e April terminaram a chamada e Riley deitou-se novamente na cama.

Estava rígida, dorida e cansada. Um banho quente iria fazê-la sentir-se melhor. Mas mesmo depois, não estaria completamente descontraída e não pararia de se preocupar.

A mensagem de Hatcher não parava de lhe atravessar a mente.

Está muito longe de casa.

Perguntou a si própria que raio ali estava a fazer.

Talvez amanhã a rapariga desaparecida aparecesse viva e ela pudesse regressar a casa.

CAPÍTULO DEZANOVE

Camryn Mays estava no seu pequeno apartamento a tratar das unhas quando ouviu o telemóvel tocar.

Não atendas, Disse a si própria.

Quem poderia ser?

De certeza que ninguém de Angier e não conhecia ninguém que vivesse noutra lugar a não ser o irmão e ele nunca telefonava.

Ela odiava viver em Angier – mais em algumas manhãs do que noutras.

Hoje queria sair daquela cidade a toda a velocidade.

O toque cessou e Camryn acabou de pintar as unhas e soprou para que secassem mais rapidamente. Estariam secas a tempo do seu turno no Vern's Café. Só esperava que não se estragassem hoje.

As outras empregadas chamavam ao turno do almoço o turno do “run and gun”. Os clientes apareciam e iam embora muito rapidamente para as empregadas fazerem mais do que aceitar os pedidos e despejar a comida à sua frente.

Não havia tempo para conversar com os clientes – e para Camryn não havia problema.

Ninguém em Angier tinha algo interessante para dizer.

No dia anterior não fora exceção. Todas as conversas giravam em torno da morte de Katy Philbin.

Camryn sabia que devia estar triste e chocada, mas não conseguia. Lembrava-se de Katy e considerava-a estúpida e básica. O seu gosto por namorados provava-o. O que é que ela via naquele palerma do Dustin Russo?

É tão anormal, Pensou.

Na verdade, ela tinha a certeza de que Dustin tinha morto Katy. Quem mais se daria ao trabalho?

Mas Dustin não tinha sido preso.

A polícia desta cidade é tão estúpida.

É claro, ninguém queria suspeitar de um herói do futebol. Desporto e palermices – ninguém falava de mais nada no Liceu Wilson. Camryn não estava interessada nessas coisas. Sendo uma estudante Afro-Americana numa escola de maioria caucasiana, fizera-a sentir-se isolada.

Estava tão contente por já não andar naquela escola.

Não que gostasse muito da Angier Community College. Também não havia lá muitos estudantes negros e mesmo os professores não eram interessantes. Mas ao menos era mais um passo que dava para sair daquela cidade e ir para a universidade.

E depois disso?

Bem, com um curso poderia mudar-se e ter uma vida confortável.

Ela invejava o seu irmão que já tinha terminado a universidade e vivia em Cedar Rapids. De alguma forma, fora mais fácil para ele do que para ela. Ela ainda não tinha o dinheiro para as propinas e todas as outras despesas.

Mas fazia tudo o que podia. Estava a tentar arranjar um pacote de ajuda financeira. Tentava evitar empréstimos ao máximo porque teria que os pagar nos anos futuros. A parte financeira não estava a correr como ela queria.

Olhou para o seu pequeno apartamento modesto. Não era muito, mas era melhor do que estar em casa.

É claro que podia poupar mais dinheiro se estivesse em casa.

O problema era que os pais lhe faziam exigências intermináveis quando lá estava. Queriam que fizesse recados aqui, fosse buscar alguma coisa ali, comprasse isto ou aquilo com o seu dinheiro. Não conseguia fazer os trabalhos de casa em casa. E quando regressava dos recados, a mãe e o pai estavam os dois num estupor em frente à televisão.

Suspirou com alguma tristeza. Era pena que os pais não compreendessem porque é que ela queria viver sozinha. Odiava que os magoasse.

A verdade era que sentia pena deles.

Eles tinham vivido nesta porcaria de cidade toda a sua vida, sentindo-se isolados neste mar de gente branca tal como ela. Não que eles alguma vez se tivessem queixado acerca da subtil intolerância que grassava em Angier. Mas ela sabia que eles odiavam os seus empregos e provavelmente as suas vidas. Já nem eram felizes um com o outro. Apenas permaneciam juntos por não terem mais nada que fazer.

Camryn esperava desesperadamente que ela não acabasse assim. Mas aquela cidade parecia uma armadilha pronta a caçá-la.

O telefone tocou outra vez e desta vez olhou para ver quem estava a ligar.

Oh meu Deus! Pensou quando viu o nome.

Afinal era alguém com quem queria falar.

Atendeu o telefone cuidadosamente para não estragar as unhas.

“Olá,” Disse ela no seu tom de voz mais maduro.

“Olá Camryn. Espero não ter ligado em má altura.”

“Não, de maneira nenhuma.”

“Tenho algumas informações sobre sobre um programa de bolsas que penso te pode interessar. Requer muita informação e um ensaio, mas penso ser o ideal para ti. Gostava de discutir isto contigo.”

Camryn quase soltou um grito de alegria. Mas conseguiu manter a voz sob controlo. Ela não queria parecer uma adolescente demasiado excitada.

“Parece-me ótimo,” Disse ela. “Podes enviar-me o formulário por e-mail?”

“Claro. Mas antes disso, gostava de me encontrar pessoalmente contigo para revermos cada item juntos. Isto é muito importante e tens que lhe dedicar muita atenção. Depois podes demorar o tempo necessário a preencher tudo e eu posso rever tudo outra vez.”

Camryn estava nas nuvens. Esta era a oportunidade que precisava, um grande boost financeiro. E se o conseguisse, o prestígio também ajudaria.

“Quando queres falar?” Perguntou ela.

“Que tal agora?”

Camryn olhou para o relógio e engoliu em seco. Só tinha uma hora antes de ir para o trabalho. Mas nem queria mencionar o seu emprego mesquinho naquele momento.

Para além disso, o que é que era mais importante – servir às mesas ou ganhar uma grande bolsa escolar?

Se chegasse atrasada ao turno, as outras empregadas iam ter que lidar com isso.

Naquele momento, nem se importava se era despedida.

“Vou apanhar um autocarro e passo já por aí,” Disse ela.

“Fazemos assim, eu não estou muito longe. Passo por aí e apanho-te.”

“Perfeito,” Disse Camryn, ainda a tentar não trair o seu entusiasmo.

“Dá-me só quinze minutos.”

O seu interlocutor pareceu satisfeito.

“OK. Mas ouve – sei que é tentador divulgar isto, mas não contes a ninguém, ainda não. Quero ter a certeza de que sabemos o que estamos a fazer e o fazemos bem. E há um limite de candidaturas para cada distrito. Quero ter a certeza que tens mesmo hipóteses.”

Camryn quase riu da ideia de contar a alguém. Quem é que ela conhecia que se interessaria por aquilo? Para além disso, não queria comprometer as suas hipóteses gabando-se.

Agradeceu e terminou a chamada.

Apressou-se a vestir roupas elegantes e a pentear o cabelo. Estava contente por ter pintado as unhas num tom suave. Ele estava a ser tão prestativo que ela queria parecer que valia todo aquele esforço.

CAPÍTULO VINTE

Na manhã seguinte, quando ela e Jenn iam a caminho de visitar os pais de Holly Struthers, Riley sentia emoções díspares.

Não sabia o que esperar.

Não sabia o que ansiar.

Ela sabia que os polícias do Chefe Sinard estariam provavelmente naquele momento a entrevistar Trip Crozier, tentando conseguir sacar-lhe alguma coisa. Era perfeitamente possível que o álibi de Crozier não se confirmasse e ele fosse mesmo culpado.

Também poderia ser considerado culpado pelo que quer que sucedera a Holly Struthers.

Por outro lado, poderia não haver qualquer ligação entre o desaparecimento de Holly e a violação e homicídio de Katy.

Fosse qual fosse a verdade, Riley tinha a certeza de uma coisa – abominava a cidade de Angier. A cidade começava a enojá-la com a sua fachada falsa de respeitabilidade e integridade. Não se lembrava da última vez que tivera uma reação tão negativa em relação a uma cidade.

É claro que se não havia relação entre Holly e Katy, ela e Jenn não tinham mais nada que fazer ali.

E isso seria uma benção para Riley. Ela queria sair dali – ainda esta manhã, se possível.

Por outro lado, se houvesse realmente um assassino em série à solta em Angier, ela e Jenn tinham trabalho urgente a realizar. Tinham que o descobrir antes que voltasse a atacar.

Tanto quanto Riley sabia, ele já tinha atacado outra vez. O corpo de outra jovem já podia estar enterrado algures – ou até mais do que uma.

Um agricultor que notara algo estranho no seu campo fora um golpe de sorte. Se George Tully não se encontrasse naquele local naquela manhã, o plantador de milho teria passado por cima do corpo enterrado. Então a cidade teria duas raparigas desaparecidas sem saber o destino de ambas. E um assassino em série ter-se-ia safado.

Quando o carro se começou a aproximar da casa dos Struther, Riley reparou que as casas daquele bairro eram mais novas do que na área em que os Philbin viviam. Também eram maiores com relvados mais amplos e garagens de dois carros em cada casa. Mas estas casas modulares seguiam

o design de um bairro mais antigo, tornando-as tão superficiais como as outras na ótica de Riley.

Este bairro bem tratado era com toda a certeza aquilo que as pessoas das imobiliárias designavam de “elevado orgulho em ser proprietário”. Provavelmente não era a parte mais rica da cidade, mas as famílias sentir-se-iam bem em estabelecer-se ali.

Riley quase sentia alguma vaidade no ar.

Jenn estacionou o carro em frente a uma casa com um alpendre amplo. Era tão perfeita que parecia ali ter sido plantada ontem. Riley quase esperava que os seus habitantes fossem pessoas de plástico.

Riley e Jenn dirigiram-se ao alpendre e bateram à porta. Riley estava satisfeita por terem avisado que iam. Talvez assim fosse menos alarmante.

Uma mulher de aspeto nervoso abriu a porta. Riley calculou que estivesse na casa dos quarenta anos, apesar de se empenhar em parecer mais nova.

Riley e Jenn mostraram os seus distintivos e apresentaram-se.

“Sim, sim,” Disse a mulher numa voz tremente. “Eu sou Dorothy Struthers. Eu e o meu marido estávamos à vossa espera.”

Ao acompanhar Riley e Jenn até à sala de estar, disse, “Harold, são as pessoas do FBI.”

Um homem de aspeto normal desceu as escadas até à sala de estar. Dorothy convidou Riley e Jenn a sentarem-se.

Os olhos de Dorothy oscilavam entre Riley e Jenn.

“Há... notícias sobre a Holly? Perguntou.

Com a sua expressão ansiosa, Harold Struthers parecia estar a fazer a mesma pergunta silenciosamente.

“Não, ainda não,” Disse Riley.

Ficou ligeiramente surpreendida quando Dorothy soltou um audível suspiro de alívio.

Depois Riley percebeu – estava preocupada que ela e Jenn tivessem lá ido para confirmar o seu maior receio, que a filha estivesse morta.

Com a voz ainda instável, Dorothy disse, “oh, quando aquela rapariga chegar a casa, vai mesmo ouvi-las.”

Riley foi apanhada de surpresa. A última coisa que queria era dar esperanças ao casal.

No seu atual estado de negação, Dorothy tinha presumido pelas palavras de Riley que a filha estava provavelmente bem e viva. É claro que

Riley não dissera nada do género. Seria possível a Riley e Jenn encaminhá-la para os factos?

Que factos? Pensou Riley.

Dorothy prosseguiu, rindo nervosamente.

“Ela vai ver... a lata daquela miúda fazer-nos passar por isto... ficará de castigo até, não sei, para sempre ou até começar a descontar para a Segurança Social ou assim...”

Enquanto Dorothy palrava nervosamente, o marido tentava com calma interrompê-la.

“Dorothy... Dorothy...”

Por fim, a mulher virou-se para Harold com um olhar aborrecido.

“O que é?” Perguntou.

Harold baixou a cabeça.

“Nada,” Disse ele.

Riley percebeu que o marido de Dorothy não se encontrava no mesmo estado de negação. Mas sabia tanto o que lhe dizer quanto Riley. Dorothy continuou a sua diatribe até Jenn conseguir falar.

“Sr. e Sra. Struthers, temos que vos fazer algumas perguntas.”

“Sobre quê?” Perguntou Dorothy.

Parecia absolutamente convencida de que não havia mais nada a discutir.

Jenn perguntou, “A vossa filha tem um historial de fazer este tipo de coisa? Fugir, quero dizer?”

Dorothy forçou um riso.

“Oh sim, mais do que uma vez. E é estranho porque era uma menina perfeitamente normal. Mas quando chegou à adolescência – bem, foi como se tivesse enlouquecido. Rebelou-se e atacava-nos por tudo e por nada. Não era, Harold?”

Sim, é verdade,” Disse Harold calmamente.

Dorothy disse, “Ela às vezes desaprecia uma noite ou duas. Geralmente ia para casa de uma amiga. Uma vez alugou um quarto de motel e ficou lá três noites. Dá para imaginar? Nunca chamámos antes a polícia. Desta vez fizemo-lo para a envergonhar. Se a polícia a apanhar, talvez aprenda uma boa lição.”

Suspirou.

“Eu e o Harold não fazemos ideia do que se passa naquela cabecinha.”

Harold deu uma palmadinha na mão da mulher.

Disse a Riley e a Jenn, “A Holly não se empenha em nada. Não para de experimentar coisas e desistir delas – ser cheerleader, futebol, ténis, diversos tipos de clube na escola.”

Harold apontou na direção de um piano ao fundo da sala.

Disse, “No último outono disse que queria ser pianista. Tinha algum talento e parecia tão determinada, por isso ficámos entusiasmados e comprámos aquele piano. Mas ela perdeu o interesse e o piano está ali abandonado desde então.”

Riley perguntou, “Entraram em contacto com todos os amigos?”

Harold disse, “Sim – pelo menos todos os amigos que conhecemos. Ninguém sabe onde ela poderá estar.”

Riley viu que Jenn se debruçou para a frente na sua cadeira.

“Temos que vos fazer algumas perguntas sobre Katy Philbin,” Disse Jenn.

Dorothy inclinou a cabeça com curiosidade.

“Oh, a rapariga que foi morta. Bem, nunca a conheci. E tu Harold?”

Harold abanou a cabeça em silêncio.

Dorothy disse, “E tenho a certeza de que Holly nunca a conheceu. Ela nunca mencionou ninguém com esse nome. Eu lembrar-me-ia.”

Riley sabia que aquela era uma linha de interrogatório delicada que muito facilmente podia deixar Dorothy em pânico.

Mas Riley rapidamente percebeu que Jenn estava a lidar bem com a situação, fazendo perguntas que não perturbavam Harold e Dorothy mais do que era suposto.

Ela está a aprender, Pensou Riley.

Decidiu deixar Jenn continuar a fazer perguntas. Enquanto ouvia, estudava o ambiente imaculado de classe média e pensou sobre a família.

Quão disfuncionais seriam?

Haveria algo de sinistro nesta casa?

O Chefe Sinard mencionara que Harold era quiroprático. Riley suspeitava que Harold estudara quiroprática noutro lugar, talvez numa cidade grande. Tinha vindo para Angier com a esperança de se destacar e deixar a sua marca na comunidade. Era financeiramente bem-sucedido o suficiente para dar conforto à família e a sua mulher não tinha que trabalhar.

Mas Riley duvidava que Harold e a mulher estivessem realmente satisfeitos com a vida que ali tinham. Não havia dúvidas de que tinham

descoberto que as famílias proeminentes de Angier eram um grupo fechado que ali se encontravam à várias gerações.

Gente que queria subir na escala social mas sem o poder fazer, Pensou Riley.

Não pareciam especialmente autoconscientes, por isso provavelmente não tinham consciência do seu insinuante ressentimento.

A sua filha adolescente tinha provavelmente mais consciência disso do que eles.

Daí o padrão de comportamento rebelde de Holly.

Pelo menos era um cenário plausível do que se passava naquela casa.

Riley ouviu passos a descenderem as escadas. Um rapaz adolescente entrou na sala. Riley calculou que tivesse talvez quinze ou dezasseis anos.

Disse, “Ei pai, temos que ir andando. O evento do clube começa daqui a alguns minutos.”

Harold apresentou às agentes o seu filho Zach.

O rapaz ficou surpreendido.

“O FBI!” Disse ele. “Meu Deus!”

Harold disse a Zach, “Estão aqui a fazer perguntas sobre a Holly.”

Zach abanou a cabeça.

“Uau. Aquela miúda está em sarilhos ou quê?”

Acrescentou para Riley e Jenn, “Bem, quando a encontrarem, façam-nos a todos um favor e fiquem com ela. É uma grande chata.”

Dorothy soltou uma exclamação de desaprovação materna.

Jenn disse, “Zach, conheces alguém que pudesse querer fazer mal à tua irmã?”

“Para além de mim, quer dizer?” Disse com um sorriso. “Não sei. Não lhe faço perguntas sobre a sua vida e ela não me faz perguntas sobre a minha. Funciona para ambos.”

Depois virou-se para o pai e disse, “Vamos andando.”

Riley colocou a hipótese de fazer mais algumas perguntas ao miúdo. Mas tinha a sensação de que falava a sério – prestava o mínimo de atenção possível à irmã. Não devia saber nada do que lhe poderia ter acontecido.

Para além disso, quaisquer perguntas só iriam perturbar mais os pais.

Riley disse a Harold e Dorothy, “Obrigada a ambos pelo vosso tempo e cooperação. Lamentamos ter incomodado. Entramos em contacto se tivermos novidades.”

Riley e Jenn saíram da casa e entraram no carro.

“Então o que é que achas do irmão?” Perguntou Jenn.

“O típico adolescente,” Disse Riley. “Um caso clássico de rivalidade entre irmãos.”

“Temos alguma razão para ficarmos em Angier?”

Riley pensou, mas não conseguia formar uma opinião.

“O que é que tu achas?” Perguntou Riley.

Jenn pensou durante um momento.

“Não sei,” Disse ela. “Até agora não estabelecemos nenhuma relação entre Katy e Holly. E agora sabemos que Holly tem um historial de rebelião e de fugas. Pode aparecer a qualquer momento ou pode ter-se metido em sarilhos, talvez até ter sido morta. Por isso não temos qualquer razão para pensar que o homicídio de Katy não tenha sido um acontecimento isolado. Mas ainda assim...”

Jenn deixou frase em suspenso.

Depois disse, “Se pensares como eu, então penso que ainda não devemos ir embora. A Holly Struthers andava no Liceu Lincoln. Talvez possamos falar com o diretor.”

“É sábado,” Disse Riley. “Mas vamos ver se ele está hoje na escola.”

Jenn ligou para a escola e confirmou que o diretor estava no seu gabinete. Quando desligou o telefone disse, “Ele pode falar connosco hoje. Disse para tocarmos à campainha e ele abre-nos a porta.” Passado alguns instantes acrescentou, “Parece um vendedor de carros usados.”

Riley concordou que falar com o diretor era uma boa ideia e a agente mais nova começou a conduzir na direção da escola.

Enquanto Jenn conduzia, Riley pensava.

Jenn tinha razão. Tanto quanto sabiam, o desaparecimento de Holly não estava relacionado com o homicídio de Katy.

Mas mesmo assim Riley tinha um mau pressentimento quanto a Holly. Mais do que uma semana era muito tempo para uma adolescente desaparecer de forma deliberada.

Riley não conseguia evitar pensar que algo de terrível lhe tinha acontecido.

Lembrou-se a si mesma que não podia resolver todos os problemas de uma cidade tão problemática como aquela.

Mas poderia deixar Angier enquanto Holly estivesse desaparecida?

CAPÍTULO VINTE E UM

O Liceu Lincoln parecia estranhamente deslocado para Riley. Enquanto o Liceu Wilson parecia pertencer a outro tempo, o Lincoln parecia brilhante e novo, todo coberto de aço e vidro. Lembrava-lhe a escola de April, o que era perturbador porque a despertava para o facto de os miúdos já não estarem seguros em nenhum lugar.

Mas algo mais no edifício a incomodava.

Percebeu que não conseguia parar de pensar nele como falso – uma fachada falsa tal como tudo o resto naquela cidade. Riley advertiu-se interiormente para verificar as suas percepções. Ela já não sabia se pressentia algo de obscuro naquela aparente normalidade ou se o estava a imaginar.

Quando Jenn tocou na campainha da entrada, Riley conteve um suspiro e concentrou-se no trabalho que tinha em mãos. A porta abriu-se por um elegantemente vestido com uma camisa de aspeto caro, uma gravata, um colete com padrões de diamante e calças plissadas.

“Sou Nigel Pelelo, o diretor,” Disse ele. “Creio estarem aqui para falar comigo. Sigam-me.”

Enquanto Riley e Jenn o seguiram até ao gabinete, Riley observou-o com atenção.

Lembrava-lhe Carl Walder, a não ser o rosto que era muito mais bem-parecido. Tinha mesmo alguma da autoconfiança de um modelo de moda.

Quando chegaram ao seu gabinete, o diretor convidou Riley e Jenn a sentarem-se, ocupando depois o seu lugar atrás da secretária.

“Meu Deus, o FBI!” Disse Pelelo com um riso. “Espero não estar sob investigação.”

Riley nem tentou forçar um riso perante a fraca piada.

“Temo estarmos aqui devido a uma situação muito séria, Sr. Pelelo,” Disse. “Creio que saberá que uma rapariga que frequenta a escola desapareceu.”

Pelelo abanou a cabeça e deu um estalido com a língua.

“Oh, sim – Holly Struthers,” Disse ele. “Muito preocupante. Espero que apareça em breve sã e salva. Mas porque é que isto é um assunto conduzido pelo FBI?”

Jenn disse, “Penso que também terá conhecimento da violação e homicídio de Katy Philbin.”

Os olhos de Pelelo abriram-se mais.

“A rapariga cujo corpo foi encontrado ontem – a rapariga que andava no Liceu Wilson? Mas ouvi dizer que havia um suspeito detido. Meu Deus. Com certeza não pensam que a Holly... bem, nem sei como dizê-lo.”

Riley disse, “Nesta altura, não sabemos se existe alguma ligação. Por isso quisémos falar consigo. Conhecia bem a Holly?”

Pelelo rodou um pouco a cadeira e tamborilou os dedos na mesa. Ele parecia a Riley praticamente uma enciclopédia de linguagem corporal – apesar de ainda não saber como interpretar os seus aparentemente gestos treinados.

Pelelo disse, “Bem, temo que ainda esteja a conhecer todos os meus alunos. Assumi o cargo de diretor apenas este ano.” Com um sorriso acrescentou, “Bem podem chamar-me o novato aqui em Lincoln. E também em Angier.”

Ele pensou durante um momento, depois acrescentou, “Mas devo dizer que a Holly me impressionou.”

Riley sentiu-se subitamente enjoada. Teria ela detetado malícia na sua voz?

Riley tinha a sensação de que este não era o tipo de homem que devia trabalhar perto de centenas de raparigas adolescentes.

Também reconheceu que ele era muito semelhante a muitos homens do tipo administrativo que conhecera ao longo dos anos. Era um homem da grande cidade que conseguira este emprego numa comunidade próspera com charme e boa aparência e pouco mais.

Nunca fora grande coisa no trabalho, mas poucos pais notariam – e menos ainda se importariam.

As aparências são tudo nesta cidade, Lembrou Riley a si própria.

E Nigel Pelelo parecia perfeito atrás daquela secretária. Os pais podiam até menosprezar a forma desagradável como olhava para as estudantes do sexo feminino.

Mas se o seu comportamento resultasse em mais do que apenas olhar, também menosprezariam?

Ela tinha a certeza que havia muita negação naquela comunidade.

Pelelo prosseguiu, “A Holly é chamada ao meu gabinete com frequência. Por pequenas coisas – perturbar a aula, responder a professores, rudeza com outros alunos. E tem o pequeno hábito de fugir de vez em quando. Nunca o tinha feito durante tanto tempo, mas foge.”

Pelelo olhou para o teto com ar sonhador.

“Falámos e falámos e falámos,” Disse ele.

“Sobre quê?” Perguntou Jenn.

Pelelo parecia agora um pouco defensivo.

“Não sei se vos deveria dizer,” Disse ele. “Tenho vergonha em admiti-lo mas não sei se existe algum tipo de questão de confidencialidade em relação ao que é dito entre um direto e uma aluna.”

Riley também não sabia, mas duvidava. Adinal, Pelelo não se encontrara com Holly como conselheiro profissional.

Pelelo inclinou-se para a frente na cadeira.

“Mas digo-vos que penso que ela ficará bem quando sair da fase que está a atravessar. E tenho a certeza que regressará. É uma boa rapariga com muito potencial e um grande futuro à sua frente. É uma rapariga inteligente e encantadora.”

Agora Riley estava arrepiada. Ela já sabia que Holly se rebelava contra os pais. Tal como tantas adolescentes, Holly convencera-se que não a compreendiam. Na verdade, Holly pode ter-se sentido incompreendida, negligenciada, até maltratada por toda a gente.

Holly seria certamente vulnerável ao charme de uma figura paternal numa posição de poder.

Teria Pelelo retirado vantagem física da sua vulnerabilidade?

Riley esperava que não.

Mas apesar de suspeitar que não tinha acontecido mais nada do que uma conversa naquele gabinete, Riley pensou que mesmo falar não fora apropriado ou próprio.

Esta cidade, Pensou mais uma vez. Parecia difícil encontrar inocência em Angier – e fácil perdê-la.

Pensou se deveria pressionar Pelelo a especificar a sua relação com Holly.

Rapidamente decidiu que uma abordagem indireta era mais indicada.

Se Pelelo fosse culpado de alguma coisa, talvez se denunciasse de formas não intencionadas e até não verbais.

Riley olhou para Jenn e fez-lhe um gesto com a cabeça, indicando-lhe para fazer as suas perguntas.

Jenn perguntou, “Sr. Pelelo, conhece alguém alunos ou adultos – que pudessem querer fazer mal a Holly?”

Pelelo riu-se.

“Nesta escola? Os miúdos aqui em Lincoln são bons miúdos e os pais são bons pais. Quanto ao que aconteceu a Katy Philbin – bem, talvez devam falar com o diretor de Wilson e não comigo. Apesar de duvidar que o encontrem a trabalhar num fim de semana.”

Riley percebeu a insinuação de rivalidade entre escolas – e talvez também alguma rivalidade profissional.

Mas era algo que não parecia surpreendente ou sinistro.

Jenn continuou a fazer perguntas de rotina, e Riley observou Pelelo com atenção. Mas lembrou-se de não se deixar levar pelas suspeitas.

Naquele momento, não tinha nenhum motivo tangível para suspeitar que Pelelo era culpado dos crimes de violação e homicídio. Se perdesse tempo a pensar na relação dele com Holly Struthers, poderia distrair-se de apanhar o verdadeiro assassino.

Dali a pouco o telemóvel de Riley tocou.

Pensou em ignorá-lo. Mas nas circunstâncias atuais, podia ser algo urgente, até uma questão de vida ou de morte.

“Peço desculpa,” Disse Riley.

Saiu do gabinete e atendeu a chamada.

“Estou a falar com a Agente Especial Riley Paige?” Perguntaram do outro lado da linha.

“Sim.”

“Daqui fala Austin Daggett. Sou o Presidente da Câmara de Angier. O Chefe Sinard deu-me o seu número.”

Riley não sabia o que dizer. O que queria o Presidente da Câmara?

“Onde é que está neste momento?” Pergunto Daggett.

A sua voz tinha um tom distintivo que lhe lembrou o pai.

De anos de whiskey e tabaco, Calculou Riley.

Riley disse, “A minha parceira e eu estamos no Liceu Lincoln a falar com o Diretor Pelelo.”

“Bem, deixem o que estão a fazer e venham até ao meu gabinete.”

Riley ficou alarmada. Deveria explicar que não aceitava ordens suas? Naquele momento apenas respondia perante o Chefe Sinard.

“De que é que se trata?” Perguntou Riley.

“Digo-lhe quando cá chegar,” Disse Daggett.

Sem esperar por uma resposta, Daggett deu indicou a Riley como chegar à Câmara Municipal. Depois terminou a chamada abruptamente.

Riley ficou alguns segundos a olhar para o telefone. Ficou a pensar que o Presidente tinha uma grande lata em lhe dar ordens do nada. Podia muito bem ignorar a sua convocatória.

Mas não se atrevia – não se ele tivesse alguma nova informação pertinente ao caso.

Voltou a entrar no gabinete de Pelelo e captou parte da conversa entre ele e Jenn. O sorriso do homem parecia algo congelado, mas parecia óbvio a Riley que aquela conversa não levaria a lado nenhum.

Disse, “Agente Roston, agora temos que ir.”

Jenn pareceu surpreendida mas levantou-se da cadeira. Riley conseguiu forçar um educado agradecimento a Pelelo pelo seu tempo e cooperação. Depois Jenn e Riley dirigiram-se ao carro. Riley explicou rapidamente que iam a caminho de se encontrar com o Presidente da Câmara.

Jenn abanou a cabeça.

“Aquele Pelelo era arrepiante,” Disse ela ao mesmo tempo que ligava a ignição.

“Concordo,” Disse Riley.

Não o disse, mas suspeitava que as coisas ainda se iam tornar mais arrepiantes.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Durante a viagem até à Câmara Municipal, Riley não parava de pensar na imagem da pobre Katy Philbin naquele campo de milho – agredida, com a boca cheia de terra e nódoas negras nas coxas...

É claro que a rapariga lhe lembrava April. Por isso é que Riley não parava de ver uma imagem horrível na mente. A sua própria filha fora colocada em perigo devido às investigações de Riley. Ela não se podia esquecer da memória de uma adolescente assassinada porque mexia com os seus terrores pessoais.

Riley tentou que a imagem lhe saísse do pensamento, mas não conseguiu.

Ela sabia que isso não era bom.

Ela geralmente conseguia manter os seus medos pessoais separados do trabalho. Na verdade, este podia nem estar relacionado com o trabalho. Parecia bastante possível que ela e Jenn voltassem para Quantico sem resolver o homicídio de Katy. Se o desaparecimento de Holly não estivesse mesmo relacionado com o que acontecera a Katy, já não havia motivo para as duas agentes do FBI ali permanecerem.

Riley questionou-se – aquela imagem continuaria a assombrá-la mesmo depois de chegar a casa?

Só de pensar nisso estremeceu.

Ela não tinha a certeza se conseguiria partir de Angier sem apanhar o assassino de Katy. Também sentia a necessidade de descobrir o que sucedera a Holly.

Mas e se não tivesse escolha?

Se não houvesse sinal de um assassino em série, como poderia continuar neste caso?

Talvez saibamos mais quando falarmos com o Presidente, Pensou Riley.

Mas tinha um pressentimento de que a reunião não ia correr bem. A sua chamada não lhe deixara nenhuma indicação de que o homem pudesse vir a ser útil.

Jenn parou o carro à frente da Câmara Municipal de Angier – um edifício compacto de tijolo e granito que Riley calculou ter cerca de cem anos.

As duas agentes entraram e encaminharam-se para o gabinete do Presidente. Os seus passos ecoavam num espaço que parecia deserto naquele dia. Mas havia uma rececionista à porta do gabinete. Depois de as cumprimentar com cara de poucos amigos, a rececionista levantou-se da sua cadeira e introduziu-as no gabinete.

O Presidente Daggett lançou da sua secretária um olhar pouco amigável, como se Riley e Jenn não fossem esperadas e não fossem bem-vindas.

Não as convidou a sentarem-se, como se não esperasse que permanecessem mais do que apenas alguns minutos.

O homem pareceu a Riley como uma relíquia viva, o Presidente de uma cidade pequena de tempos idos. Era um homem alto com cabelo grisalho que usava um laço, suspensórios e calças acima da cintura.

Também havia um odor distinto e familiar no gabinete.

Whiskey e cigarros, Pensou Riley.

A impressão que a sua voz lhe causara ao telefone confirmava-se. Sem dúvida que naquela secretária estava uma garrafa meio cheia de bournon caro de oito anos, juntamente com um copo de shot. Também havia um cinzeiro repleto de pontas de cigarro.

O Presidente aparentemente ignorava as regras de não fumar no seu domínio pessoal.

Estava feliz por ele não estar agora a fumar.

O Presidente Daggett disse na sua voz arranhada, “Há um tipo na cadeia que diz que vocês as duas violaram os direitos da Quarta Emenda e o espancaram.”

Riley conteve um sorriso.

E lá se foi a ociosa conversa fiada, Pensou.

Não parecia estar bêbedo. Riley lembrava-se de como o pai conseguia beber um dia inteiro sem mostrar os efeitos da bebida. O Presidente Daggett parecia ter essa mesma capacidade.

E agora ela sabia que Trip Crozier tinha um advogado, provavelmente um defensor público que dava no duro a ganhar o que pudesse do dinheiro dos contribuintes.

Riley disse, “O suspeito não vai conseguir provar essas acusações.”

O Presidente Daggett começou a remexer nuns papéis na secretária, como se para indicar que aquela conversa era digna de apenas parte da sua concentração.

“Tenho outras queixas a seu respeito,” Disse ele.

Tirou os olhos dos papéis. Parecia esperar que Riley e Jenn se explicassem. É claro que Riley não fazia ideia a que se referia.

Ele disse, “Barry Teague disse-me que foram inconvenientes na cena do crime.”

Durante um momento Riley não soube a quem se referia.

Mas depois lembrou-se.

Barry Teague era o desagradável médico-legista com que se tinham cruzado no campo de milho de George Tully.

Ela lembrou-se do seu ressentimento palpável pela presença das duas agentes.

“Talvez se vocês me deixarem retirar o corpo daqui e fazer o meu trabalho...”

Riley acusou o toque.

Ela e Jenn pareciam entrado num ninho local de bons rapazes que não gostavam de estranhos.

Riley disse, “Eu e a minha parceira tivemos uma conduta profissional na cena do crime.”

“Não foi isso que ouvi,” Grunhiu Daggett.

Riley respirou fundo para se manter sob controlo.

“Presidente Daggett, afastou-nos de uma entrevista. Talvez nos possa dizer porquê.”

Daggett continuava a espreitar os seus papéis de forma ociosa.

Disse, “Chegou o momento de regressarem a Quantico.”

Riley sentiu-se enrubescer. Mal acreditava no que estava a ouvir.

“E como é que chegou a essa conclusão?” Perguntou Riley.

Daggett encolheu os ombros sequer se incomodar em olhar para elas.

“Têm o assassino de Katy preso. E se não tiverem estragado tudo em termos legais, teremos uma condenação. Entretanto, não vos quero cá enquanto os meus homens estão a fazer o seu trabalho.”

Agora era Jenn quem falava.

“E Holly Struthers?”

“A rapariga desaparecida?” Perguntou Daggett. “Ela vai aparecer. Vem de uma boa família.”

Riley quase se riu.

Jenn disse, “Presidente Daggett, existe a possibilidade de que esteja um assassino em série à solta nesta cidade.”

“Não há,” Disse Daggett.

“Como é que sabe?” Perguntou Jenn.

“Essas coisas não acontecem em Angier. Sou Presidente aqui há mais de metade da minha vida. Mantive esta cidade limpa.”

Riley não sabia o que a aborrecia mais – se a arrogância do homem ou a sua ingenuidade. Por agora, não sabia o que dizer.

Daggett acrescentou, “Também mantenho uma cidade pacífica com pessoas felizes. Recebo imensas chamadas de pessoas que estão preocupadas e com medo. Vocês são a causa disso. Bem, não vou aturar mais isto. Quero que saiam daqui o mais rapidamente possível.”

Riley já estava mais que farta dele.

Disse, “Presidente Daggett, não estamos aqui por sua causa. O que significa que não respondemos à sua autoridade. Agora se o Chefe Sinard...”

Daggett interrompeu, “O Sinard concorda comigo.”

“O que quer dizer?”

“Ele concorda comigo. A vossa presença já não é necessária. Nem nunca foi.”

Riley ficou surpreendida.

Estaria Daggett a dizer a verdade? Fora Sinard que estivera tão ansioso pela sua presença.

Riley tinha a certeza que o Chefe Sinard era o único aliado que ela e Jenn tinham em Angier.

Mas então rapidamente percebeu – Daggett era quem mandava naquela cidade.

Se Sinard quisesse manter o seu emprego, tinha que fazer o que Daggett queria. E naquele momento, isso implicava que Riley e Jenn tinham que se ir embora de Angier.

Ela disse, “Gostaria de falar sobre o assunto com o Chefe Sinard.”

Daggett encolheu os ombros.

“Façam como quiserem. É um desperdício de tempo. Mas parece que o desperdício é a única coisa para que serve o tempo do FBI.”

Riley olhou para Jenn que parecia tão exasperada como ela – e pronta para sair daquele gabinete.

Mas antes de o fazerem, o telefone do Presidente tocou.

Daggett atendeu.

O seu rosto emudeceu com o que ouviu.

“O quê?” Disse ele. “Meu Deus!”

Riley percebeu de imediato que algo de terrível tinha acontecido.

Depois também o seu telefone tocou.

Antes de atender a sua chamada, Riley observou o Presidente a ouvir quem lhe ligara. O que estaria a ouvir que lhe causara tanto alarme? Mas não dizia nada. Apenas ouvia com uma expressão horrorizada e estupefacta.

Depois Riley atendeu a sua chamada. Ouviu a voz do Chefe Sinard.

“Agente Paige, onde está neste momento?”

Riley interrogou-se se Sinard estaria a ligar para frisar a mensagem do Presidente – de que ela e Jenn já não eram necessárias em Angier.

Riley disse, “Eu e a Agente Roston estamos no gabinete do Presidente Daggett.”

Sinard parecia agitado.

“Bem, ignorem o que o Presidente voz disse sobre voltar para Quantico. Foi encontrado outro corpo.”

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Riley perguntou, “É a Holly Struthers?”

“Ainda não sei. Vou verificar pessoalmente. É melhor também virem mas fica no campo. Eu passo pela câmara e apanho-vos daqui a alguns minutos.”

A chamada terminou e Riley olhou para Jenn.

Riley disse, “Parece que afinal ainda estamos no caso.”

Entretanto, o Presidente acabara de desligar o telefone. Olhou para Riley e para Jenn ininterruptamente.

Gaguejou, “E-era Marcus Dunning. Ele gere o aterro à saída da cidade. Ele diz que um dos seus colaboradores encontrou...”

A Daggett não terminou a frase. Parecia não conseguir completar o raciocínio. Mas Riley percebeu o que ficara por dizer. O corpo tinha sido encontrado naquele aterro.

O Presidente parecia não conseguir falar. A sua boca movia-se sem que dela saísse qualquer som.

Riley olhou-o nos olhos e perguntou, “Tem um pedido a fazer?”

O Presidente anuiu, indicando que sim.

Riley não disse nada.

Por fim, ele disse, “Uh, desde já faço o pedido oficial ao FBI para nos ajudar neste caso.”

Quando Riley não falou, o Presidente acrescentou, “Por favor.”

Riley virou-se para Jenn e disse, “Vamos.”

Sem dizer mais uma palavra ao Presidente, Riley e Jenn dirigiram-se ao exterior para esperar pelo Chefe Sinard.

*

O aterro ficava apenas a dez minutos de Angier. O Chefe Sinard estacionou o SUV à beira da escavação. Assim que saíram do veículo, Riley sentiu o efeito do odor que emanava daquele local. Interrogou-se se deveriam usar máscaras cirúrgicas.

Um homem corpulento de meia idade usando um macacão vinha na sua direção.

Não usava máscara, por isso Riley calculou que não fazia mal não usarem.

O Chefe Sinard apresentou Riley e Jenn ao homem.

“Sou Marcus Dunning,” Disse ele. “Peço desculpa se não aperto as mãos.”

Com um riso ligeiro e autodepreciativo acrescentou, “Sei que os visitantes geralmente preferem que não lhes aperte aaaa mão. Nem imagino porquê.”

Depois a sua expressão entristeceu-se abruptamente.

“Isto é terrível. Nunca pensei ver chegar o dia...”

Riley teve pena dele. Marcus Dunning tinha um rosto bondoso. Parecia um homem caloroso e atencioso, apesar do seu trabalho.

Dunning começou a conduzi-los pelo aterro. O odor pareceu a Riley uma combinação de produtos fortes de limpeza e ovos podres.

Dunning pareceu notar o desconforto dos visitantes.

“Peço desculpa pelo cheiro,” Disse ele. “Não se preocupem, não é tóxico, não vos fará mal. É sobretudo amoníaco e sulfureto. Uma pessoa habitua-se quando trabalha aqui.”

Riley calculou que o melhor era saber mais coisas sobre aquele lugar para compreender o que tinha acontecido.

Disse a Dunning, “Diga-me como é que esta operação funciona.”

Enquanto caminhavam, Dunning apontou para o local onde o bulldozer empurrava o lixo contra uma parede de material.

“Esta é a carga de hoje,” Explicou. “O Elliot está a operar o bulldozer, a modelar a carga até ao que denominamos de ‘célula’. Uma vez compacta, cobrimo-la com aparas de madeira – no topo e de lado. Existem imensas células para lá desta pilha e por baixo dela também – mais células do que possam imaginar, acreditem em mim.”

Caminharam à volta da porção escavada para onde o vasto aterro era inteiramente coberto por uma camada horizontal de aparas de madeira.

Dunning explicou, “Eu estava aqui esta manhã quando reparei num cheiro horrível, algo que nunca tinha cheirado anteriormente.”

Riley também sentia o cheiro – um fedor pungente com o qual estava familiarizada, como carne apodrecida embebida em perfume barato.

Dunning parou de caminhar e apontou para um local mais distante no meio da camada de aparas de madeira. Aquela área tinha sido escavada com lixo e aparas espalhados de um dos lados.

“Segui o cheiro até àquele lugar,” Disse ele, agora com a voz a tremer. “As aparas de madeira lá pareciam diferentes. Peguei numa pá e...”

Dunning mostrou como estava abalado.

“Oh, meu Deus,” Disse ele. “Eu preferia não voltar a olhar para ela, se não se importarem.”

“Tudo bem,” Disse Riley, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

“Lamentamos que isto tenha acontecido.”

Dunning permaneceu onde estava enquanto Riley, Jenn e o Chefe Sinard caminharam pela camada suave, espessa e esponjosa de aparas de madeira que cobria toneladas de lixo. Quando chegaram ao local viram o que Dunning descobrira.

O odor era agora quase insuportável e os olhos de Riley ardiam de tal forma que tinha dificuldade em focá-los. Ela sabia que as máscaras cirúrgicas não serviam de nada perante um cheiro daqueles.

A primeira coisa que chamou a sua atenção foi o rosto do cadáver.

Estava tão inchado que mal parecia real – mais parecia uma horrenda máscara de Halloween. Os olhos e a língua estavam salientes, e a pele era uma mistura de verde e vermelho. Uma espuma negra formara-se à volta das narinas e dos lábios.

O resto do corpo estava cheio de lixo – pacotes de leite, latas vazias e garrafas, cascas de ovo, restos de comida e coisas do género.

Por muito grotesco que o corpo parecesse, percebia-se que pertencia a uma adolescente que ainda usava o que fora uma roupa bonita. A blusa parecia demasiado apertada para ela. Mas Riley sabia que tal se devia ao inchaço massivo.

Riley olhou com mais atenção quando ouviu um som violento.

Virou-se e viu que o Chefe Sinard estava a vomitar.

Olhou para Jenn que tinha a mão no nariz e boca, e olhava estupefacta para o cadáver. Riley já vira corpos naquele estado de decomposição anteriormente, mas lembrou-se que Jenn era nova naquela profissão.

“Já tinhas visto...?” Começou Riley.

Jenn abanou a cabeça. Mas apontou para a mão direita do corpo.

Disse, “Estou a ver alguma coisa – debaixo da unha da rapariga.”

Riley acorrou-se ao lado do corpo. Jenn tinha razão – havia qualquer coisa roxo debaixo da unha. No meio de toda aquela confusão, ainda conseguira detetar aquilo.

Riley estava impressionada como Jenn estava a conseguir permanecer calma, profissional e atenta. Ela sabia que a jovem agente teria que enfrentar mais cenas semelhantes durante a sua carreira no FBI. Mas também não podia culpar o Chefe Sinard por perder a compostura.

Como habitualmente, Riley tinha trazido uma mala e pinças para recolher amostras. Mas antes que pudesse alcançar o objeto roxo, ouviu uma voz a gritar do outro lado do aterro.

“Fique longe do corpo!”

Riley virou-se e viu Barry Teague a correr na sua direção com a sua enorme barriga a balançar. Atrás dele vinham dois membros da sua equipa. O seu veículo oficial estava estacionado perto do SUV do Chefe Sinard.

Riley virou-se para o Chefe Sinard para perguntar se tinha chamado o médico-legista. Mas Sinard ainda não parara de vomitar.

É claro que ligou, Percebeu Riley.

Era a coisa certa a fazer.

Não que estivesse satisfeita por ver Teague – sobretudo depois de ter mentido ao Presidente Daggett sobre a forma como ela e Jenn se tinham comportado no campo de milho de George Tully.

Ao aproximar-se, Teague rosnou, “Pensei que já se tivessem ido embora. Não sabem quando desistir, pois não?”

Teague ajoelhou-se e olhou para o corpo.

“Raios,” Rosnou. “Vamos ter uma trabalhadeira para identificar este.”

Riley não deixou passar a oportunidade.

“Não será assim tão difícil,” Disse Riley. “Está em estado inchado de decomposição com decadência ativa. Isso situa a sua morte a uma semana de distância. Altura em que a Holly Struthers desapareceu.”

Teague olhou para ela e emitiu um grunhido ressentido.

Ela apontou para a mão e disse, “Deverá querer verificar debaixo da unha.”

Teague espreitou mais atentamente. Com as suas pinças pegou no pedaço de roxo.

“Algum tipo de tecido sintético,” Disse ele. “De um tapete talvez.”

Colocou a amostra num saco de prova.

Riley disse, “Gostava que o nosso laboratório do FBI fizesse testes a isso.”

O homem endireitou-se e olhou para ela. “Podemos fazê-lo aqui,” Disse.

Riley estava a perder a paciência com o temperamental médico-legista, mas não queria entrar numa luta física com ele ali naquele aterro ao lado de um corpo em decomposição.

Momentos depois, Teague cedeu ao poder do seu olhar e entregou-lhe o pequeno saco. Sem dizer uma palavra, Riley guardou-a para a enviar para Quantico.

Entretanto, Jenn deslocara-se até ao outro lado do corpo. Ainda demonstrando um notável autocontrolo, baixou-se e apontou.

“Há qualquer coisa no bolso da blusa,” Disse.

Riley caminhou ao lado de Jenn e usou as suas pinças para puxar uma folha de papel dobrada do bolso.

Abriu-a e viu que era um pedaço de papel de música. Algumas notas estavam escritas nele com o título “Canção de Holly”.

“Achas que isto quer dizer alguma coisa?” Perguntou Jenn, olhando pelo ombro de Riley.

“É muito cedo para dizer,” Disse Riley, largando o papel no saco. “Mas tenho a certeza de uma coisa. Quem quer que fez isto, foi a mesma pessoa que matou e enterrou Katy Philbin.”

Jenn anuiu.

“A mesma forma descuidada de largar o corpo.”

“Pois é,” Disse Riley.

Jenn estremeceu ligeiramente e acrescentou, “O que significa que esta rapariga também foi violada.”

“Provavelmente,” Disse Riley.

O Chefe Sinard recompusera-se e limpava a boca.

Riley disse-lhe, “Afinal sempre tinha razão em chamar o FBI. Isto parece mesmo o trabalho de um assassino em série.”

Sinard não parecia nada consolado com a notícia.

Ele perguntou, “Pensa que temos o homem certo preso?”

Riley pensou no traficante de droga Trip. Apesar de o ter prendido, não tinha a certeza se se tratava do assassino.

“Quem me dera saber,” Disse ela.

Ela dirigiu-se ao local onde ainda se encontrava Dunning.

Perguntou-lhe, “Tem ideia de como alguém aqui veio para enterrar o corpo?”

Dunning assentiu.

“O aterro fecha às seis,” Disse ele. “Mas existe apenas uma corrente na estrada e um sinal com a indicação de que está encerrado. Ninguém vem cá espreitar de noite. As pessoas mantêm-se afastadas deste local. Nunca me ocorreu...”

De repente o grito de uma mulher preencheu o ar.

“Onde é que ela está? Não pode ser ela! Deixem-me ver!”

Riley virou-se e viu um homem e uma mulher a dirigirem-se ao local. Reconheceu-os como sendo Dorothy e Harold Struthers, os pais de Holly. Dorothy gritava e esbracejava ao aproximar-se.

Riley ficou sem saber o que fazer.

O que é que estão a fazer aqui?

Ela sabia que uma situação aterradora ia tornar-se muito, muito pior.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Quando Harold e Dorothy Struthers se aproximaram, Jenn saiu do lado de Riley e correu na direção do casal, tentando persuadi-los a não se aproximarem. Harold parou e parecia tentar segurar a mulher. Mas Dorothy empurrou-o a ele e Jenn.

Riley colocou-se à frente de Dorothy e segurou-a pelos ombros.

“Não pode estar aqui,” Disse ela. “O que é que está a fazer aqui?”

“O Presidente ligou,” Disse Dorothy, a chorar. “É verdade? O que ele me disse? Não pode ser verdade! Não pode ser ela!”

Riley ficou furiosa.

O que é que Daggett pensava que estava a fazer, ligando aos pais da rapariga? Porque é que não esperou até o corpo estar na morgue?

É claro que a resposta era óbvia.

É um palerma pegado, Percebeu Riley.

Dorothy estava a tentar libertar-se de Riley e era claro que a única forma de a impedir de passar era atirá-la ao chão.

Isso não era uma opção.

Dorothy passou por ela e atravessou o aterro. O Chefe Sinard e Teague e a sua equipa recuaram para a deixar passar.

Quando ela chegou à beira do buraco e olhou para baixo, o rosto de Dorothy assumiu uma expressão de pura descrença.

Numa voz esganiçada ela disse, “Não é... não pode ser...”

Riley percebeu o que se estava a passar. No seu atual estado de decomposição, o rosto do cadáver estava irreconhecível, mesmo para uma mãe.

Mas passado um momento, Dorothy soltou um grito ensurdecedor.

“O, meu Deus! Aquele vestido! O vestido dela!”

Depois foi para junto de Riley, agredindo-a com os punhos.

“Você disse que ela estava bem! Disse que viria para casa! Mentiu!”

Riley agarrou-lhe nos pulsos, desconcertada com a sua terrível acusação.

O que é que ela quer dizer? Questionou-se Riley.

Mas depois lembrou-se do profundo estado de negação de Dorothy quando ela e Jenn tinham estado em sua casa. Nem Riley, nem Jenn haviam dito nada que assegurasse que Holly estava bem. Ainda assim, a

mãe assumira cada palavra dita como uma confirmação de a filha em breve regressaria a casa sã e salva.

Agora por fim, aquela comporta de negação abrira-se, libertando uma torrente de dor.

Dorothy caiu de joelhos, chorando incontrolavelmente.

Riley, Jenn e o Chefe Sinard conseguiram erguê-la e levá-la para o carro do chefe, seguidos de Harold.

Ainda a chorar, Dorothy agachou-se no chão enquanto Harold se encostava contra o veículo.

O rosto de Harold estava pálido e os olhos brilhantes.

Riley pressentiu que ele estava num tal estado de choque que ainda não conseguia chorar.

Numa voz monocórdica disse, “Devíamos ter ido procurá-la. Devíamos ter contratado um detetive privado. Talvez se tivéssemos feito mais, ela não tivesse...”

Não completou a frase.

“Não teria ajudado,” Disse Riley.

Harold olhou para ela e disse, “Como é que sabe?”

Riley baixou os olhos. Como lhe poderia explicar? Ela tinha a certeza de que Holly ali estava morta e enterrada quando os pais se começaram a preocupar a sério.

Mas dizer a Harold isso não seria de grande consolo.

O melhor era guardar silêncio.

Jenn fez uma pergunta a Harold.

“Sr. Struthers, diga-nos por favor como era a relação de Holly com o irmão.”

Harold ficou confuso.

“Não compreendo,” Disse ele.

Jenn disse, “Quando o conhecemos em sua casa, pareceu mostrar muita hostilidade contra ela.”

Harold ainda parecia perplexo. Mas Riley compreendeu o que Jenn queria com aquilo. Também ela se lembrava do que Zach Struthers tinha respondido quando Jenn perguntou se sabia de alguém que quisesse fazer mal à irmã.

“Para além de mim?”

Mas Riley não pressentira nenhum instinto assassino nele – só muita rivalidade entre irmãos. Para além disso, ele era apenas um miúdo. Riley

não conseguia imaginar aquele rapaz a fazer algo do género – matar a irmã, possivelmente depois de a violar e depois trazê-la até aqui para a enterrar. E a Katy Philbin? Como teria acesso a Katy? Como a poderia ter conhecido?

É claro que não era impossível.

Mas parecia altamente improvável.

Riley não queria aborrecer Jenn passando-lhe por cima outra vez. Ela agora sabia que a sua nova parceira era sensível quanto a esse aspeto. Mas também não queria perder tempo. E tinha uma pergunta sua a colocar.

Pegou no pedaço de papel musical dobrado que tinham encontrado no bolso de Holly e mostrou-o a Harold.

“Isto diz-lhe alguma coisa?” Perguntou.

A sua expressão ainda era de perplexidade mas Harold observou-o atentamente.

“A Canção de Holly,” Disse ele, lendo o título no papel.

Olhou para Riley, como se tentasse compreender onde é que ela queria chegar.

Ele disse, “Então... ela estava a escrever uma música?”

Dorothy Struthers estava a levantar-se. Parecia agora mais composta.

“Deixe-me ver isso,” Disse ela.

Riley segurou no papel, tentando evitar que ela agarrasse numa prova importante. Mas Dorothy segurou no papel.

“Meu Deus,” Disse ela numa voz sussurrada. “Música. Não me tinha ocorrido, mas...”

“Mas o quê?” Perguntou Riley.

“O último professor que teve quando estudou piano... Alec Castle.”

Harold parecia incrédulo.

“O Sr. Castle? Achas...”

“Expliquem-me por favor o que querem dizer,” Disse Riley.

Dorothy pensou durante uns momentos.

“Há alguns meses atrás, quando a Holly pensava que queria estudar piano e lhe comprámos aquele piano, ela também insistiu em ter um professor mais sério. Ela disse que não ia a lado nenhum com a mulher com quem estudava na escola. O Sr. Castle tinha uma boa reputação e ela queria estudar com ele.”

Dorothy parou de falar para pensar mais um pouco.

“Levámo-la a casa do Sr. Castle para uma lição. Quando a fomos buscar, ela estava a chorar.”

“Porquê?” Perguntou Riley. “O que é que aconteceu?”

“A Holly não disse,” Respondeu Dorothy. “Mas disse que nunca mais lá queria voltar. E por isso nunca mais voltou. E foi o fim do seu interesse pelo piano.”

Harold estivera a ouvir atentamente a mulher.

Disse-lhe, “Mas se estava a tentar escrever uma música... talvez estivesse a mudar de ideias. Talvez quisesse tocar piano outra vez.”

Dorothy anuiu.

Disse, “E talvez tenha voltado ao Sr. Castle por conta própria.”

Tudo aquilo despertou o interesse de Riley.

Um professor de piano parecia-lhe um suspeito plausível. No final de contas, poderia ter acesso a raparigas da idade de Holly.

Riley tirou o papel cuidadosamente das mãos de Dorothy e voltou a colocá-lo no saco.

Depois disse a Jenn, “Já volto.”

Foi ter com o Chefe Sinard que ainda se encontrava junto do corpo. A equipa de Teague estava empenhada no delicado processo de retirar o corpo em decomposição do buraco.

Perguntou-lhe, “O que é que me pode dizer sobre um professor de piano local chamado Alec Castle?”

O chefe da polícia pareceu surpreendido com a pergunta.

“Alec Castle... não penso nele há muito tempo. Porque é que pergunta?”

Riley disse, “A Holly Struthers teve uma lição de piano com ele. Parece ter feito algo que a perturbou por isso ela nunca mais lá foi.”

Sinard inclinou a cabeça pensativamente.

“Então está a pensar que ele pode ser um suspeito?” Perguntou Sinard.

“Não sei,” Disse Riley. “Por isso é que estou a perguntar.”

O Chefe Sinard observou o corpo de Holly a ser levado enquanto falavam.

“Bem, é um tipo estranho. Viveu toda a vida em Angier, começou a ensinar antes de eu nascer. Quando eu era miúdo, ele ainda era um respeitado professor de piano. Não propriamente *amado*. Ninguém que eu conheça alguma vez gostou dele – bem pelo contrário. Mas ele sabia o que

estava a fazer e era rígido, e alguns dos seus alunos iam estudar música para a universidade. Vários até se tornaram mesmo pianistas.”

O Chefe Sinard coçou o queixo.

Disse, “Ouvi dizer que está praticamente aposentado hoje em dia. Provavelmente não por escolha própria. À medida que envelheceu tornou-se mais rabujento - e pelo que ouvi, mais mau também. Os miúdos que começam a estudar com ele não fivam por lá muito tempo e os pais também não gostam dele. Geralmente os miúdos em Angier têm aulas de piano na escola ou de algum professor privado mais jovem.”

Agora Riley estava mesmo curioso acerca daquele professor.

Disse, “Temos que falar com ele.”

*

O Chefe Sinard levou Riley, Jenn, e Harold e Dorothy Struthers de volta a Angier no seu SUV. Disse ao casal Struthers que lhes mandaria o seu carro. Nenhum deles estava em condições para conduzir e nem discutiram com ele. Dorothy estava agora mais controlada e Harold continuava num silencioso estado de choque.

Depois de o chefe deixar o casal Struthers em casa, levou Riley e Jenn de volta à Câmara onde o carro que estavam a usar ainda estava estacionado, e deu-lhes indicações para a casa de Alec Castle.

Jenn conduzia em silêncio. Riley questionou-se se ela estaria ofendida pela forma como a tinha parado de interrogar os Struthers.

Não podia ser evitado, Pensou Riley.

Começou a pensar na situação que tinham em mãos.

“Algo me está a incomodar,” Disse ela a Jenn. “Quando entrevistámos Dorothy e Harold pela primeira vez, Dorothy apenas disse que a Holly tinha perdido o interesse no piano, tal como tinha perdido o interesse em muitas outras coisas. Não falou no professor.”

“Porque é que isso te está a incomodar,” Perguntou Jenn num tom de voz distante.

Riley pensou por um momento.

“Só me parece estranho. Quase como se Dorothy mencionasse o piano como...”

Riley interrompeu a frase.

“Como uma distração?” Perguntou Jenn.

“Sim, acho que sim.”

Jenn abanou a cabeça.

“Não me parece,” Disse ela. “Aquela mulher estava em negação quando falámos com ela da primeira vez. Estava a reprimir pensamentos de qualquer coisa má que pudesse ter acontecido a Holly. Isso incluiria pensamentos sobre Alec Castle.”

Riley estava impressionada com a perspetiva de Jenn. Ao calarem-se novamente, Riley apercebeu-se de que Jenn afinal não estava zangada com ela. Apenas estava perdida nos seus pensamentos.

Talvez tenha uma teoria, Pensou Riley.

Ou talvez seja outra coisa – algo de que Riley não iria gostar.

Ela ainda não sabia se podia confiar na sua nova parceira.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A casa na morada indicada não era o que Riley esperava de uma casa em Angier.

“Estamos na morada certa?” Perguntou quando Jenn parou o carro.

“Não sei,” Disse Jenn. “É a morada que nos deram.”

A casa era um bungalow de tijolo muito semelhante àquele onde a família de Katy Philbin vivia. Ficava até no mesmo bairro sossegado. Mas este relvado estava maltratado.

À primeira vista, parecia que ninguém vivia ali.

Mas então Jenn apontou e disse, “Parece que aquele carro está a ser usado.”

Marcas na erva mostravam que o velho carro ali estacionado era utilizado.

Jenn estacionou o carro e saíram. Mais de perto, puderam ver cortinas penduradas nas janelas, corridas contra o dia agradável e solarengo.

Riley viu uma cortina a mover-se ligeiramente, um sinal de que a casa seria provavelmente habitada.

Ela e Jenn caminharam ao longo de um caminho de pedras estreito até ao alpendre, depois bateram à porta.

Quase imediatamente, um homem alto e idoso veio à porta.

“Sim?” Perguntou num tom de voz baixo e obscuro.

“É Alec Castle?” Perguntou Riley.

“Sou.”

Riley e Jenn apresentaram-se. Castle pareceu ficar apenas ligeiramente surpreendido.

“Porque é que estão aqui?” Perguntou.

“Gostávamos de entrar e conversar,” Disse Jenn.

Castle ficou calado por um momento. Olhava para Jenn e Riley com uns olhos azuis penetrantes. Estava extremamente magro e o pouco cabelo que lhe restava era grisalho.

Por fim, sem dizer uma palavra, virou-se e entrou em casa, deixando a porta aberta.

Está a convidar-nos a entrar? Questionou-se Riley.

Olhou para Jenn que parecia interrogar-se do mesmo.

Jenn encolheu os ombros e ambas entraram.

Seguiram Castle até uma sala de estar ampla e mal iluminada. As cortinas em que Riley reparara do exterior eram escuras e pesadas. A luz que entrava pela estreita abertura entre as cortinas mal suplantava o brilho de um pequeno candeeiro de mesa.

Ao contrário do exterior, o interior estava limpo e organizado. Mas ainda assim o compartimento pareceu estranho a Riley.

Toalhas de renda brancas encontravam-se nos braços e costas de mobília antiga. As paredes estavam cobertas por um papel de parede floral envelhecido, o padrão interrompido aqui e ali por velhas fotografias de familiares. As estantes estavam preenchidas com porcelana decorativa e figuras de porcelana.

Desde que chegara a Angier que Riley sentira com frequência que regredira no tempo – mas nunca tanto como naquele momento. Pareciam ter passado cem anos por aquela sala.

Algo especialmente estranho no lugar incomodava Riley.

Demorou alguns instantes para perceber o que era.

Isto não é a casa de um homem, Apercebeu-se. Esta casa tinha sido decorada por uma mulher há muito tempo.

E quase nada tinha sido alterado durante todos aqueles anos.

Dois pianos estavam de costas um para o outro no extremo da sala. Como se não desse pela presença das agentes, Castle sentou-se num dos pianos e começou a tocar.

Riley não estava muito familiarizada com música clássica, mas a peça parecia-lhe familiar – algo de Chopin, calculou. As mãos do homem tinham artrite mas ele tocava hábil e graciosamente mesmo assim.

Continuando a tocar, Castle perguntou outra vez, “Porque é que estão aqui?”

Ao lado de Jenn, Riley sentiu-se estranhamente bloqueada. Ela queria sentar-se, mas a cadeira mais próxima estava um pouco distante para poderem conversar, sobretudo se tivessem que falar enquanto Castle tocava no piano.

Ainda em pé, Riley perguntou, “Alguma vez teve uma aluna chamada Holly Struthers?”

Ele parou de tocar ao ouvir o nome.

“Não, não tive,” Disse ele.

Depois continuou a tocar. Fechou os olhos como se perdido na música.

“Ela veio para ter uma aula,” Disse ele. “Não resultou. Ela não voltou.”

Riley hesitou durante uns instantes, depois perguntou, “Tem conhecimento de que Holly foi assassinada?”

Riley sabia que as notícias da descoberta do corpo de Holly ainda não lhe teriam chegado.

Ainda bem para melhor perceber a sua reação, Pensou.

Mas Castle não parou de tocar. A sua expressão não se alterou.

“Não,” Disse ele.

Um arrepio percorreu a espinha de Riley.

A sua resposta pareceu-lhe inumana.

Conteve o seu choque e perguntou, “Alguma vez teve uma aluna chamada Katy Philbin?”

“Não.”

“Pode dizer-nos onde estava na quarta-feira à noite?”

Ainda a tocar, Castle respondeu, “Sim, posso. Estava num recital de piano. Uma aluna minha estava a tocar em casa para os amigos e família. Ela chama-se Avery Dalton. Infelizmente, já não é minha aluna. Foi a última que tive.”

“O que é que aconteceu?” Perguntou Jenn.

“Ela tocou Bach e a sonata Pathétique de Beethoven. Foi insuportável. Fiquei chocado. Dinâmica horrível, dedilhar péssimo, tempos descuidados, inúmeros erros. Ela esqueceu-se de tudo o que lhe foi ensinado, como se nunca tivesse sido minha aluna. Considerei aquilo um insulto pessoal. Mas a família e amigos adoraram.”

Tocou durante algum tempo sem falar.

“Depois exibiu-se com um encore,” Continuou ele. “‘O Voo do Moscardo’, que lhe tinha indicado para não tocar. Uma seleção tão banal, tão vulgar! As raparigas querem sempre tocá-lo – todas aquelas notas cromáticas tocadas de forma ridiculamente rápida. E claro, toda a gente adora. Os pais pareciam tão orgulhosos.”

O seu rosto mostrou uma careta feia.

“Bem, fartei-me. Levantei-me à frente de todos e disse-lhes exatamente o que pensava do desempenho da rapariga. E disse-lhes exatamente o que pensava do seu gosto e discernimento. Que filisteus!”

Castle terminou a peça que estava a tocar.

Disse, “Mas isso não é nada de novo nesta cidade. Tive que lidar com isso toda a minha vida. Imaginem crescer nesta miserável pequena cidade sem qualquer cultura – um rapazinho sensível a ser incomodado todos os

dias. E o bullying nunca parou. Apenas assumiu outras formas – indelicadezas sociais, desrespeito cínico, escárnio atrás das minhas costas.”

Abanou a cabeça.

“A minha mãe foi a única que alguma vez me compreendeu. E já não está cá. Há muito que não está cá.”

Começou a tocar outra peça.

Riley imaginou como teria sido a sua vida.

Esta era a casa da infância de Alec Castle e ele vivera ali com a mãe até à sua morte. Riley calculou que o pai abandonara a família a dada altura, provavelmente quando ele ainda era criança.

Sentira-se dividido entre a devoção à mãe e as fantasias de se tornar num pianista de renome?

Riley julgava que sim.

E o que restava dele era um homem amargurado que odiava todos à sua volta.

Queria vingar-se de todos.

Era capaz de matar?

Riley não duvidava.

Para começar, ela pressentia que ele era fisicamente muito mais forte do que parecia. Tinha potentes braços de pianista.

Ela estava determinada a não sair daquela casa até saber a verdade de uma forma ou de outra.

Ainda não procurara pelo seu paradeiro quando Holly desapareceu. Ia abrir a boca para falar no assunto quando Jenn a surpreendeu falando.

“Eu também estudei piano. Importa-se que eu...”

Jenn fez uim gesto na direção do piano.

Castle olhou para ela. Durante um momento interminável parecia que ele não ia responder.

Então levantou-se do banco do piano e recuou. Jenn sentou-se no seu lugar.

Começou imediatamente a tocar. Riley ficou surpreendida por ouvir a mesma pela de Chopin que Castle acabara de tocar.

E para o ouvido destreinado de Riley, Jenn tocara tão bem quanto Castle.

Castle mostrou-se furioso.

Num tom de voz rígido disse, “Nem pensar, rapariga.”

Jenn parou de tocar.

Castle pegou numa batuta de maestro.

“Quero escalas,” Disse ele. “Todas as doze escalas maiores.”

Jenn começou obedientemente a tocar uma série de escalas – com perfeita precisão de início. Durante as primeiras escalas, Castle simplesmente moveu a sua batuta, mas depois começou a bater no teclado com a batuta, à volta das suas mãos. Jenn distraiu-se e atrapalhou-se, começando a cometer muitos erros. A cada nota errada, Castle batia-lhe nas mãos com a batuta.

Por fim, Jenn parou de tocar e colocou as mãos no colo.

Pareceu a Riley ver-lhe lágrimas nos olhos.

Numa voz espessa, Jenn disse, “Obrigado pelo seu tempo, Sr. Castle. Agora vamos embora.”

Sem dizer mais uma palavra, Jenn levantou-se do banco e dirigiu-se à entrada.

Riley estava estupefacta. Tinham imensas perguntas a colocar a Castle.

Mas Jenn estava a caminho da porta de entrada. Riley sentiu que não tinha escolha que não ir atrás dela.

Que raio se passara ali?

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Sem dizer uma palavra ao professor de piano, Riley seguiu Jenn. Quando chegou ao exterior da casa, viu que a agente mais jovem se apressava na direção do carro. Riley desatou a correr e apanhou-a.

Ela disse, “Jenn, o que é que estás a fazer? Temos mais perguntas a fazer àquele homem.”

“Não, não temos,” Disse Jenn, abrindo a porta do condutor.

“Espera aí,” Disse Riley.

Jenn ficou parada, olhando para a porta do carro.

“Não vais conduzir,” Disse Riley firmemente. “Não nesse estado.”

Sem emitir qualquer comentário, Jenn foi para o outro lado do carro e entrou no lado do passageiro.

Riley olhou para a casa de Alec Castle. A porta de entrada tinha sido fechada e a casa parecia tão inabitada como parecera quando ali tinham chegado. Abriu a porta do carro e sentou-se ao volante, mas não tinha intenção de ir a lado nenhum – ainda não.

Riley disse, “Ouve-me. Eu não sei se o Castle é o nosso assassino, mas é o nosso suspeito mais provável até agora. Mais provável do que Trip Crozier, parece-me. Temos que voltar lá. Temos que o pressionar mais.”

Jenn suspirou profundamente. “Ele tem um álibi,” Disse ela. “O recital da rapariga – Avery Dalton. Podemos confirmá-lo.”

Riley estava cada vez mais abalada.

“Jenn, pelo que sabemos até ao momento, ele inventou tudo. Para além disso, o recital de uma miúda não dura uma noite inteira. Não é álibi suficiente para provar que não matou Holly Struthers. E nem tive a oportunidade de lhe perguntar onde é que ele estava quando a Katy Philbin foi assassinada.”

“Não importa,” Disse Jenn.

“Importa sim!”

Agora Jenn olhava diretamente para Riley. A sua voz subitamente ríspida e alta.

“O Castle não é o nosso assassino, OK?” Disse ela. “Ele não é o nosso assassino.”

Riley não disse mais nada.

Jenn respirou fundo.

“Não rias do que te vou dizer,” Disse ela. “Mas quando era miúda queria ser bailarina.”

Riley não sabia o que dizer.

Porque é que me riria? Pensou.

E o que é isso tinha a ver com Alec Castle?

Esperou que Jenn prosseguisse.

“Por isso é que estudei piano,” Disse Jenn. “Para ter uma base musical mais profunda, para me tornar uma melhor bailarina.”

Jenn parou de falar durante alguns instantes.

“O nome do meu professor de dança era Sr. Katz. Toda a gente dizia que ele era um dos melhores professores de dança de Richmond. Os seus alunos conseguiam muitas vezes ir estudar para Nova Iorque e alguns acabavam em companhias profissionais.”

Jenn engoliu em seco.

“Penso que era uma boa dançarina. Na verdade, o Sr. Katz disse-me que eu era boa – muito boa. Ele disse-me que eu tinha grande potencial, que me poderia tornar dançarina profissional um dia, talvez até famosa. Mas também não parava de me dizer que eu era gorda, fazendo comentários jocosos sobre o meu peso. Fazia-me anotar o que comia em cada refeição. Não importava quão pouco comia, ele dizia sempre que era demais. Eu estava a enlouquecer, a morrer de fome. E nunca conseguia ficar suficientemente magra. Nunca.”

Jenn forçou um riso amargo.

“Bem, eu não era gorda. Tinha só uma estrutura óssea larga e era atlética e musculada – como sou agora. O que o Sr. Katz não me dizia era que o meu tipo de corpo não era o mais adequado para ser uma bailarina. As bailarinas têm que ser magras e esguias. Nenhuma dieta do mundo alteraria isso. Nunca me tornaria suficientemente magra.”

“Lamento,” Disse Riley. “Mas o que é que isso tem a ver com...?”

Jenn interrompeu com a voz a tremer de raiva.

“O que se passa é que ela podia ter-me dito. Eu nunca seria uma bailarina e não era culpa minha nem de mais ninguém, tinha apenas o azar de ter os genes errados. Isso não queria dizer que não pudesse dançar e não o pudesse apreciar. Talvez até pudesse enveredar pela coreografia ou pelo ensino.”

Jenn soltou um grunhido de fúria contida.

“Mas ele continuava a mentir-me, dizendo que se não fosse tão grotescamente gorda poderia arrasar no mundo da dança. E a única razão por que me tratava assim era...”

Calou-se.

Riley terminou a frase.

“Por pura crueldade.”

Jenn anuiu.

“Pois é. Levei muito tempo a perceber que não era só a mim que tratava assim. Era sobretudo assim com as raparigas. Se uma rapariga não era uma estrela nata, ele fazia tudo o que estava ao seu alcance para fazer da sua vida um inferno, enquanto lhe acalentava esperanças. As raparigas que estudavam com ele magoavam-se, trabalhavam demasiado, morriam de fome para nada. Ele não queria saber. Tudo não passava de um jogo para ele.”

Jenn levantou a cabeça e olhou para Riley.

“Ele era um misógino – e um sádico. E aprendi muito com ele sobre misóginos e sádicos, e ainda mais quando fiz a formação para a UAC. Aprendi que existem dois tipos de sádicos – o tipo que tortura e viola e mata, e o tipo que é apenas mesquinho e mau. E acredita em mim, existe uma grande diferença. O Sr. Katz nunca mataria ninguém. Era demasiado covarde para isso. E gostava demasiado de torturar para não o fazer. Mantinha as vítimas desde que continuassem a estudar com ele.”

Jenn abanou-se como se tentasse libertar a sua fúria.

“Estava a testar o Alec Castle ao perguntar-lhe se podia tocar para ele. Eu sabia que ele mostraria o seu verdadeiro carácter. Percebi logo que ele me começou a bater com a batuta – nem bateu com força suficiente para me magoar fisicamente, só o suficiente para me fazer sentir humilhada. Era tudo o que queria – fazer-me chorar se pudesse. É isso que ele faz. Foi por isso que Holly chorou depois da única aula que teve com ele.”

Jenn engoliu em seco e limpou as lágrimas.

“Mas ele não é um assassino, nem um violador. Acredita em mim Riley, sei do que estou a falar.”

Riley ficou boquiaberta com o que Jenn lhe disse.

Não fazia ideia do que dizer.

E também não sabia o que pensar.

Estaria Jenn certa quanto a Alec Castle?

Olhou novamente para a casa e mais uma vez viu um ligeiro movimento nas pesadas cortinas de uma janela. Conseguia imaginar o homem cadavérico a espreitar pela abertura para ver o que estavam a fazer.

As palavras de Jenn começaram a fazer sentido para ela. Castle manteria os seus alunos a lutar para desenvolver uma capacidade que nunca teriam. Pediria aos pais para comprarem instrumentos caros e continuarem a pagar as aulas. Aguentaria dolorosos recitais e faria os pais sentir que deviam apreciar o seu esforço. Por fim, humilhá-los-ia a todos.

Lembrou-se que Holly Struthers não caíra na sua armadilha. Quando o professor de música a tinha humilhado, ela não voltou uma segunda vez. Mas não fora isso que conduziu à sua morte.

Era óbvio que Castle se vingava nos alunos pela vida miserável que levava. Mas não matando-os.

Riley ligou a ignição.

Disse, “É melhor irmos ter com o Chefe Sinard à esquadra.”

Enquanto conduzia, Riley pensou acerca do álibi do professor de música. É claro que iriam confirmar. Seguiriam sempre os passos processuais corretos. O álibi confirmar-se-ia. Ainda podia deixar perguntas no ar e eles conbririam essas questões também. Mas a longo prazo nada disso importaria.

Não tinham encontrado o assassino que procuravam. Pelo menos Jenn tinha evitado que perdessem mais tempo com o homem errado.

Riley sentiu-se estranhamente impressionada pelo que a sua parceira tinha acabado de fazer.

Tal como Riley, Jenn parecia possuir apurados poderes de intuição. Mas os métodos de Jenn eram muito diferentes dos de Riley – talvez ainda mais pouco convencionais. Ela estava perfeitamente disposta a ficar emocionalmente vulnerável para descobrir o que precisava de saber.

Mas era isso algo bom ou mau?

Riley não sabia e a questão preocupava-a. Ela ainda tinha muito que aprender sobre a sua nova parceira.

E suspeitava que muito do que viesse a descobrir seria muito perturbador.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Ao conduzir para a esquadra, Riley apercebeu-se que estava a ficar cada vez mais perturbada com a cidade de Angier. Tinha a desconfortável sensação de que o mal se insuava de todos os lados destas ruas de aspeto perfeitamente normal. Continuou a dizer a si própria que tal estava apenas relacionado com a entrevista do sádico professor de piano.

Anteriormente habituara-se a pensar em Angier como uma pequena comunidade rural. Mas há medida que ela e Jenn passavam por quarteirões de casas iguais, lembrou-se a si mesma que não era assim tão pequena como parecia. Com uma população de cerca de 25,000, era tão grande como Fredericksburg. Mas esta cidade tinha um estilo geral uniforme. Não incluía locais históricos ou centros comerciais modernos. A única área menos bem cuidada que vira, fora o quintal do professor de música.

Tem muitos potenciais suspeitos, Penou para si mesma.

Também não ajudava o facto de tantas pessoas que conhecera parecerem culpadas de alguma coisa, nem que fosse de mera crueldade.

E ela e Jenn não podiam ir de porta em porta entrevistar toda a gente.

Tinham que estreitar a lista de possíveis suspeitos.

Depois de Riley estacionar o carro na esquadra, ela e Jenn dirigiram-se para o edifício de tijolo. Tal como a Câmara Municipal onde ela e Jenn tinham conhecido o Presidente, tinha colunas em cada lado da entrada. Da sua última visita para o interrogatório do imprestável traficante de droga, Riley sabia que o Chefe Sinard dirigia uma operação ampla e sofisticada com bastante equipamento de alta tecnologia. Esta não era a esquadra de polícia de pequena cidade típica de uma sitcom.

Uma vez lá dentro, ela e Jenn dirigiram-se de imediato para o gabinete do Chefe Sinard. Ele olhou para elas e recostou-se na sua cadeira, aparentemente ansiosa pela sua presença.

Perguntou, “Foram ter com o professor de piano?”

Jenn disse, “Falámos com ele. Não pensamos que seja o nosso assassino. Tem um álibi que podemos confirmar.”

Riley não a contradisse. Naquele momento, ela tinha a certeza que os instintos de Jenn estavam corretos.

O Chefe Sinard abanou a cabeça.

Disse, “Estivémos a confirmar o álibi de Trip Crozier e parece bater certo. Localizámos o motel em Des Moines e enviámos uma foto ao gerente. Um rececionista de lá reconheceu-o imediatamente. Ele esteve em Des Moines quando Katy Philbin foi morta. Mas apanhamo-lo por causa das drogas. Pelo menos sai das ruas.”

Riley conteve um suspiro. Estavam na estaca zero no que dizia respeito a suspeitos.

Jenn perguntou, “E os portáteis e telemóveis das raparigas?”

Sinard respondeu, “Nada. Nenhum dos telemóveis foi encontrado. Os nossos técnicos passaram tudo a pente fino, dois portáteis e a Holly Struthers também tinha um tablet. Não encontraram nada de útil. Ainda estão a ver os e-mails mas até agora não encontraram nada de útil.”

Sinard fez um gesto apontando duas cadeiras.

“Fiquem à vontade,” Disse ele.

Riley e Jenn sentaram-se em frente à sua secretária.

Sinard apoiou-se nos cotovelos.

Disse, “Reparem, sou novo nesta coisa de assassinos em série. Vou precisar de contributos. E espero que não se importem que vos faça muitas perguntas. Com que tipo de assassino é que pensam que estamos a lidar?”

Riley disse, “Bem, considerando o estado de decomposição do corpo de Holly Struthers, vai ser difícil determinar se ela foi violada. Mas sabemos que Katy Philbin foi violada por isso é provável que Holly também tenha sido.”

Sinard perguntou, “Então quão típico é este caso no que respeita a assassinos que atacam sexualmente as vítimas?”

Riley sabia que Jenn tinha bons conhecimentos a este respeito. Olhou para ela, dando-lhe a entender que devia por Sinard a par da informação.

Jenn abanou a cabeça.

“Temo que não seja muito típico. A maioria das vítimas de assassinos em série que atacam sexualmente são prostitutas. Não é o caso. Temos que considerar outros identificadores.”

“Tais como?” Perguntou Sinard.

Jenn pensou durante um momento.

“Bem, posso dar-lhe algumas informações gerais. Geralmente são homens caucasianos com idades compreendidas entre os vinte e quatro e os quarenta e três anos. A maioria tem empregos e formação escolar para lá do secundário.”

Sinard tamborilou os dedos na secretária.

Perguntou, “Pensam que talvez estes crimes possam ter sido cometidos por um andarilho – alguém que passou pela cidade, matou duas vezes e foi-se embora?”

“É sempre possível,” Disse Jenn. “Os assassinos em série com motivações sexuais geralmente usam um estratagema para chegar às vítimas e um desconhecido inteligente pode fazer isso. Mas a UAC descobriu que na maioria dos casos, a vítima e o assassino já se conheciam. Então regra geral existe algum nível de confiança ou amizade. Estes assassinos geralmente entram em contacto com as vítimas em lugares familiares, muitas vezes nas suas próprias casas.”

Riley falou.

“Vamos continuar a perguntar se alguém reparou em estranhos a andar por aí. Mas o que seria de grande ajuda era encontrar alguma relação entre Katy e Holly, sobretudo algum conhecimento comum. Mas não descobrimos nada. Andavam em escolas diferentes e os pais de Holly pensam que elas nem se conheciam.”

Sinard abanou a cabeça.

“Como é que vamos encontrar um suspeito?” Perguntou.

Jenn disse, “Há uma forma. A maioria do tipo de assassino que procuramos têm algum tipo de registo ou histórico criminal. Sugiro que analisemos relatórios que cubram cento e sessenta quilómetros nos últimos dez anos.”

Sinard anuiu e levantou-se.

“Venham,” Disse ele. “Eu levo-vos até à nossa sala de registos.”

*

Mais tarde nessa noite, Riley e Jenn estavam a comer hamburgueres num restaurante a pouca distância do motel onde estavam instaladas. Estavam ambas desanimadas depois de um longo e tedioso dia a percorrer registos.

“Pensas que fizemos alguma coisa de útil hoje?” Perguntou Jenn.

Riley acabou de mastigar um pedaço do seu hamburguer e bebeu um gole de cerveja.

Disse, “Bem, confirmámos o álibi de Alec Castle, por isso podemos descartá-lo. Temos os nomes de alguns agressores sexuais que podemos

ver em mais pormenor amanhã. Talvez tenhamos sorte.”

Ela duvidava e a julgar pelo silêncio de Jenn, também ela.

Riley pensou um pouco mais e acrescentou, “Sabemos que as amigas de Katy viram-na pela última vez num lugar chamado Burger Shanty. Temos que descobrir se Holly também lá ia.”

Jenn tirava notas.

“Vamos verificar isso,” Disse Jenn. “E vamos mostrar fotos de ambas as raparigas ao público para ver se alguém as viu juntas.”

“Isso é uma boa ideia,” Disse Riley.

Jenn pousou o lápis e disse, “Não sei como é que consegues Riley. Quero dizer, este trabalho é muito duro. Mas tu estás a criar – o quê? – três miúdos. Como é que fazes isto e tens uma família e uma vida pessoal?”

Riley deu uma risada.

Disse, “Quando souber a resposta, digo-te.”

Jenn pousou o hamburguer e bocejou.

“Estou demasiado cansada para acabar de comer,” Disse ela. “Preciso de me recolher.”

“Vai,” Disse Riley. “Eu vou ficar aqui mais um bocado a comer.”

Jenn saiu do restaurante e Riley ficou lá a terminar a sua refeição. Deu por si a pensar no futuro de Jenn e no tipo de exemplo que estava a dar à sua parceira mais jovem. Depois de se aperceber das prioridades díspares de Riley, será que Jenn evitaria compromissos sentimentais?

Riley odiava pensar que pudesse ter esse efeito em Jenn.

Mas lembrou a si própria que o que Jenn fazia com a sua vida era da sua responsabilidade a longo prazo. Já parecia completamente dedicada ao seu trabalho quando se conheceram.

Riley terminou o hamburguer, pagou a conta e saiu do restaurante. A caminho do hotel, passou por uma loja de bebidas. Parou, entrou e comprou uma garrafa de bourbon. Levou a garrafa para o seu quarto, tomou um banho quente e preparou-se para se deitar.

Depois serviu-se de um copo de bourbon e sentou-se na cama.

Hesitou antes de começar a beber. Este era um ponto familiar nas suas investigações. Demasiado familiar e geralmente não produtivo.

Estava a sentir-se desanimada e sabia que a uma bebida se seguiria outra.

Iria ceder a essa tentação naquela noite?

E naquele momento o telemóvel vibrou. Ela sorriu quando viu que era uma mensagem de April.

Ei mãe, como é que estás?

Riley respondeu...

Bem. Tenho saudades tuas. Está tudo bem por aí?

April respondeu...

Estamos bem. Estás quase a resolver o caso?

Riley suspirou e escreveu...

Quem me dera saber. Digo-te quando resolver. Abraços para todos.

April respondeu...

Dou. Amo-te mãe.

Riley sentiu-se melhor ao pousar o telemóvel. Encostou-se às almofadas e bebeu um gole de bourbon. Mas a tentação de beber mais do que um copo desaparecera.

Deu por si a pensar em Shane Hatcher e na ameaça que fizera contra a sua família.

Era mesmo a sério?

Ela sabia que ele estava zangado na altura. Talvez a sua raiva se tivesse desvanecido e ele tivesse virado as suas atenções para outra coisa. No final de contas, ele era rico. Não queria desfrutar da sua liberdade num lugar confortável? Porque é que arriscaria tudo só para se vingar de Riley?

A verdade era que Riley não sabia.

Só podia ter a certeza de uma coisa – que ele estava algures à solta.

E ela lembrou-se da última mensagem que recebera dele.

Está muito longe de casa.

Ela suspirou. Realmente sentia-se muito longe de casa – demasiado longe para tomar conta da sua família. Mas lembrou a si própria que a casa estava bem guardada por agentes do FBI.

Era um pensamento reconfortante.

Também era reconfortante ter tido notícias de April. Riley sabia que os seus entes queridos estavam em segurança.

Terminou o copo de bourbon a sentir-se muito mais descontraída e pronta para dormir.

*

Riley estava a percorrer um museu de cera repleto de exposições. Aqui estavam os aposentos onde os pais de Lizzy Borden estavam, brutalmente esquarterados.

Depois seguiu-se um pequeno compartimento Vitoriano com uma mulher estripada – uma das vítimas de Jack, o Estripador.

Depois desse veio um chão despedaçado com corpos embrulhados em sacos de plástico – rapazes violados e mortos por John Wayne Gacy.

Depois surgiu um cadáver parcialmente devorado – uma vítima de Jeffrey Dahmer.

Riley arrepiou-se.

Ela não suportava aquele cenários falsos e efígies de cera.

Não sabia exatamente porquê.

De seguida apareceu uma cena exterior com uma mulher nua numa pose rígida e composta para parecer uma boneca...

... seguida pelo corpo de uma mulher pendurada com correntes num poste...

... seguida de um homem morto com uma chávena de chá virada por cima dele...

... seguida do cadáver emaciado de uma mulher cujos braços apontavam para direções estranhas...

... seguida de um soldado morto perto da caserna com um único ferimento de bala na testa.

Riley demorou um momento até perceber que as cenas eram imagens dos seus casos, os atos de assassinos que tinha apanhado.

O seu coração bateu com mais força quando viu a última imagem.

Num compartimento amplo e escuro encontrava-se uma jovem com um ferimento no peito.

Era Lucy Vargas, a brilhante parceira de Riley que tinha morrido demasiado jovem.

Riley foi inundada por uma dor infinita. A perda de Lucy era mais do que podia suportar.

Tentou lembrar-se...

Não é real. É só uma exposição de cera.

Mas de repente, os lábios de Lucy moveram-se e ela disse em voz alta.

“Ajuda-me!”

Lucy já não era de cera. Era real – e ainda estava viva.

Riley queria ir ao seu encontro e tentar estancar a hemorragia. Mas depois ouviu um coro de vozes atrás dela a dizer...

“Ajuda-me!”

Virou-se e foi com horror que enfrentou o que viu.

As vítimas por que passara estavam vivas e de pé., esticando os braços na sua direção, todas clamando em uníssono...

“Ajuda-me!”

Riley abriu os olhos; estava a tremer do pesadelo.

Sentou-se na cama e gemeu audivelmente.

Pesadelos como aquele não eram novidade para ela. O seu subconsciente parecia ter alguma terrível necessidade de a fazer sentir-se culpada pelas pessoas que não conseguira salvar das garras dos seus carrascos.

Mas este era o primeiro pesadelo em que Lucy aparecia.

Será que a Lucy iria assombrar os seus pesadelos de agora em diante? O mero pensamento aterrorizava Riley.

Ao esfregar os olhos, ouviu o telemóvel tocar.

Pegou nele e viu que era uma mensagem de Bill.

Leu-a com um estremecimento de horror.

Só para saberes. Estou aqui sentado com uma arma na boca.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Riley ficou a olhar horrorizada para a mensagem.

Estou aqui sentado com uma arma na boca.

Iria Bill matar-se?

Já o teria feito?

Agora estava completamente acordada, o choque a percorrer-lhe o corpo. Ligou para o número de Bill.

O telefone tocou durante alguns instantes, depois foi para a caixa do correio.

Nas atuais circunstâncias, a mensagem soava bizarramente alegre.

Riley gritou para o telefone quando soou o sinal.

“Bill! Atende, raios! É a Riley! Não brinques comigo! Atende agora!”

Ninguém respondeu.

As mãos de Riley tremiam tanto que mal conseguia segurar no telefone,

A sua mente enfurecia-se com a imagem de Bill sentado sozinho com uma arma carregada, a pensar em engolir uma bala.

Já o fez?

Ligou novamente.

Desta vez Bill atendeu. A sua voz era baixa e suave.

“Ei Riley. O que é que se passa?”

Riley não conseguiu parar de gritar.

“O que é que se passa? O que é que achas que se passa? Recebi a tua mensagem. Que raio se passa Bill?”

Bill soltou uma risada forçada e estranha.

“Ah, sim, isso. Que vergonha, não é? Não queria enviar aquilo. A sério que não queria. Estava meio a dormir e a brincar, enviei-a por engano. Não te queria assustar.”

Riley estava chocada com a forma como Bill estava a tentar disfarçar a sua ação. Agora já estava a pé.

“Bem, estou assustada. Onde está a tua arma?”

Bill não respondeu logo.

“Onde está a tua arma?” Repetiu Riley.

“Num lugar seguro,” Murmurou Bill.

Ela sabia que ele estava a mentir.

“Onde está Bill?”

Um silêncio seguiu-se.

Então Bill disse, “Aqui mesmo na mesa da cozinha à minha frente.”

O coração de Riley batia com tanta força que o conseguia ouvir.

“Está carregada?” Perguntou Riley.

“Não te preocupes Riley.”

“Está carregada?”

Bill soltou um grunhido de desespero.

“Sim, está carregada.”

Riley respirou longa e lentamente, mas não se sentiu mais calma.

Disse, “Quero que a descarregues. Agora mesmo.”

“Preferia não fazer isso,” Disse ele.

“Porque não?”

Bill emitiu um ruído estranho.

“Porque não?” Insistiu Riley.

“Estou a ter pesadelos Riley. Alguém me persegue. Não sei quem é. Mas está relacionado com a Lucy. E com o miúdo que atingi. É alguém que quer... justiça, acho.”

Riley sabia o que era ter pesadelos como aquele.

Acabara de acordar de um.

Disse, “É só um sonho Bill.”

“Sim, eu sei que é apenas um sonho. Mas assusta-me como tudo. E ter uma arma carregada por perto faz-me sentir mais seguro.”

Riley sentou-se à beira da cama, tentando reunir alguma energia.

“Bem, não estás mais seguro Bill. Estiveste a beber?”

“Não.”

Algo lhe dizia que não estava a mentir.

Ela disse, “Acabaste de me enviar uma mensagem que dizia que estavas com uma arma apontada à boca. Era verdade?”

Bill não respondeu.

“Descarrega essa arma Bill.”

Ainda assim Bill não respondeu.

“Faz o que te peço,” Disse Riley. “Tira as munições da arma. Quero ouvir-te a fazê-l.”

Riley ouviu um movimento, seguido do som familiar do depósito a ser ejetado da arma.

“Agora esvazia o depósito.”

“Oh Riley...”

“Fá-lo. Quero ouvir.”

Riley conseguiu ouvir o som das balas a caírem na mesa. Tentou contá-las. Pareceu-lhe ouvir as quinze balas que a Glock de Bill suportava, mas não tinha a certeza.

“Verifica a câmara,” Disse ela. “Certifica-te de que está vazia.”

Ouviu Bill a verificar.

“Está vazia,” Disse ele.

Agora Riley respirava mais calmamente. Mas não tinha a certeza do que lhe dizer de seguida. Gostava de poder separar aquelas balas dele. Tirá-las do seu alcance. Mas como? Não podia atirar munições ao lixo, nem pela janela.

Para além disso, ela sabia que Bill tinha muitas mais munições em casa.

Por fim disse, “Apanha as balas e coloca-as onde guardas o resto das munições. E fica ao telefone enquanto o fazes.”

Riley ouviu um som de irritação seguido do barulho das balas reunidas na mão de Bill. Depois surgiu o som de passos. Riley ouviu uma gaveta a ser aberta e as balas a caírem lá dentro. Depois ouviu a gaveta a ser fechada.

“Está feito,” Disse Bill.

“Ótimo,” Disse Riley. “Agora senta-te. Mantém-te em linha.”

Mais uma vez ouviu-o a mover-se. Calculou que se dirigia para a mesa da cozinha.

“Estou aqui,” Disse Bill.

“Fala comigo. O que é que te fez explodir?”

A respiração de Bill era pesada, como se tentasse evitar chorar.

“Tive notícias da Maggie hoje. O nosso divórcio estará concluído nos próximos dias. Eu já sabia. O que eu não sabia é que a Maggie não anda a perder tempo. Já tem outra relação – com um dentista, penso que se chama Sebastian. Vão-se casar de imediato e depois mudam-se para St. Louis. No próximo mês, disse ela.”

Riley entendeu de imediato o desespero de Bill.

“Vai levar os miúdos?” Perguntou Riley.

Bill soltou um riso amargo e enfurecido.

“O que é que achas? Que vão ficar aqui comigo?”

Riley estava prestes a perguntar-lhe se a Maggie ia insistir na custódia completa. Mas rapidamente percebeu...

É uma pergunta estúpida.

Afinal de contas, quanto tempo teria Bill para estar com os miúdos se a ex-mulher os levasse para St. Louis? Ela provavelmente nem lutaria pela custódia a não ser que ele questionasse o seu direito de os afastar. Mas se chegassem a tribunal, era provável que ele perdesse.

Ela disse, “Bill, tenho muita pena. Eu sei que receavas perder o contacto com eles.”

“Tinha razão em preocupar-me,” Murmurou.

“Mas não te podes deixar ir abaixo assim.”

“Porque não? Para que mais sirvo? Já nem para agente sou bom – não depois de deixar a Lucy morrer e disparar sobre aquele miúdo.”

“Não tiveste culpa,” Disse Riley.

“Tive sim. E agora ouve-me. Pareço-te o tipo de homem que alguma vez conseguirá voltar a trabalhar?”

A julgar pelo atual estado de Bill, Riley tinha as suas dúvidas. Mas não se atrevia a dizê-lo. Agora estava à beira de chorar.”

“Bill, não podes fazer isto – a mim. Eu preciso de ti na minha vida. És o meu parceiro. O meu melhor amigo. Não te atrevas a abandonar-me agora.”

Seguiu-se um longo silêncio.

“Fica ao telefone,” Disse Riley. “Vou fazer uma coisa.”

“O quê?” Perguntou Bill.

Riley conteve um suspiro de desespero. A verdade é que não fazia ideia. Mas tinha que pensar em alguma coisa.

Riley sentou-se na cama agarrada ao telefone como se à própria vida, com medo que Bill desligasse a qualquer momento. Se não o segurasse agora, podia perdê-lo para sempre.

Lentamente, um plano desesperado começou a formar-se na sua mente.

“Sei o que é que vou fazer,” Disse ela. “Não desligues. Faça o que fizeres, não desligues.”

“O que é que vais fazer?” Perguntou Bill.

Riley não lhe contaria o seu plano.

Ele não gostaria.

Na verdade, ele recusaria alinhar.

“Confia em mim,” Disse Riley.

Seguiu-se outro silêncio do outro lado da linha.

“Bill,” Disse Riley. “Confias em mim?”

Ouviu um suspiro pesado e depois ele disse, “Tu sabes que sim.”

“Então fica comigo.”

Ainda a segurar no telefone, ela saiu do seu quarto. Percebeu que estava escuro lá fora – as primeiras horas da manhã. Bateu na porta contígua onde Jenn se encontrava.

Continuou a bater até Jenn abrir a porta.

“Então Riley,” Disse Jenn, esfregando os olhos. “O que é que se passa?”

“Veste-te,” Disse Riley. “Vais-me levar a Des Moines.”

“Porquê? O que é que se passa? O que é que estás a fazer?”

Riley pensou...

Provavelmente a pôr um fim à minha carreira no FBI.

Mas não o disse em voz alta.

“Prepara-te,” Disse ela.

E regressou ao seu quarto.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Riley voltou a sentar-se na sua cama, a calcular mentalmente tudo o que precisava de fazer nos próximos minutos.

Era tudo o que podia fazer para evitar que o pânico se apoderasse dela.

Ela disse, “Bill, vou fazer outra chamada do telefone do motel. Mas fica em linha. Não desligues.”

“O que é que estás a fazer?” Perguntou Bill.

“Confia em mim,” Disse Riley outra vez.

Colocou o telemóvel em cima da cama. Depois pegou no telefone do motel e ligou para o número pessoal de Mike Nevins. Já ligara para o psiquiatra forense em casos de emergência a horas impróprias, por isso esperava não ter que deixar uma mensagem.”

Ficou aliviada quando ele atendeu.

Ela tentou falar de forma a que Bill não ouvisse.

“Mike, preciso da tua ajuda. É o Bill.”

“O que tem?”

“Está com tendências suicidas.”

“O quê? Não acredito! Vi-o outra vez ontem. Parecia estar muito melhor. Temos outra consulta amanhã.”

Riley estava quase a hiperventilar agora.

“Aconteceram algumas coisas desde esse momento,” Disse ela. “Não tenho tempo para te contar. Mas tens que acreditar em mim, ele está mesmo mal.”

Riley calou-se por um momento para organizar os pensamentos.

“Neste momento estou no Iowa,” Disse ela. “Estou a ligar do telefone do motel e ainda o tenho em linha no telemóvel. O que podes fazer de onde estás?”

“Posso chamar uma ambulância com médicos imediatamente.”

“Faz isso. Por favor. Vou manter o Bill ao telefone entretanto.”

Desligou o telefone e colocou Bill em alta voz. Começou a falar com ele ao mesmo tempo que se vestia e se preparava para sair.

“Ainda aí estás Bill?”

“Sim.”

“Ótimo. Continua a falar comigo.”

“Sobre quê?”

“Qualquer coisa. Não importa.”

Seguiu-se um silêncio.

Então Bill disse, “Bem, como tens passado ultimamente?”

Ele riu-se um pouco da absurda trivialidade da pergunta e Riley também.

Riley disse num tom de voz casual, “Oh, sabes como é. Como sempre. A sentir-me culpada. A ter pesadelos.”

Bill deu uma risada triste.

“Sim, sei o que é isso. Como está a correr o novo caso?”

Riley ficou aliviada por Bill mostrar interesse em algo para além da sua crise. Enquanto se continuava a preparar, informou-o das incidências do caso – que, como era óbvio, não corria nada bem.

“Lembra-te,” Disse Bill quando ela acabou de falar. “Cada caso parece impossível a dada altura.”

“Sim. Este pode mesmo ser impossível.”

“Então Riley. Tens que ter uma atitude positiva.” Disse. “Não que eu seja grande exemplo. O que achas da tua nova parceira?”

Riley estava quase pronta para se ir embora.

“Tudo bem. Às vezes não tão bem. Ela demora algum tempo a habituar-se. Mas penso que eu também.”

Riley parou de falar, depois acrescentou, “Tenho saudades tuas Bill. Tenho saudades de trabalhar contigo.”

Quase acrescentou que também tinha saudades de Lucy. Mas rapidamente se lembrou da culpa que Bill sentia em relação à morte de Lucy.

Ela disse, “Promete-me que vamos trabalhar novamente juntos em breve.”

Bill não respondeu. O seu silêncio preocupou-a.

Depois ouviu o som de uma sirene ao telefone.

Isso é uma ambulância?” Perguntou Riley.

Ouviu Bill a levantar-se e a ir até à janela.

“Sim. Deve ter acontecido alguma coisa a alguém no prédio.”

“A ambulância é para ti Bill.”

Durante um momento, Bill não disse nada. A sirene calou-se quando o veículo parou.

Por fim, Bill disse, “O que queres dizer?”

“Liguei ao Mike Nevins. Conte-lhe o que se passava contigo. Ele enviou a ambulância.”

“O quê? Para onde é que me vão levar?”

Bill começava a parecer zangado.

“Não sei,” Disse Riley. “A decisão é do Mike Nevins. Mas eu vou apanhar o próximo voo em Des Moines. Vou ter contigo logo que possa.”

“Nem penses. Estás num caso. Podes ser despedida.”

“Sim, não é a primeira vez que isso me acontece.”

“Não venhas Riley. Estou a falar a sério.”

Riley não tinha tempo para discutir com ele.

Ela disse, “Entra na ambulância Bill.”

Terminou a chamada. Um milésimo de segundo mais tarde desejou não o ter feito. E se Bill não cooperasse? E se os tentasse repelir?

OuvIU um toque à porta e foi abri-la.

Era Jenn, vestida e pronta para arrancar.

Riley pegou na sua mala e dirigiu-se ao carro. Jenn ligou a ignição e arrancou do estacionamento do motel.

“Disseste que íamos para Des Moines, não é?” Perguntou Jenn.

“Sim,” Disse Riley. “Para o aeroporto.”

Riley pegou no telemóvel e começou a procurar voos de Des Moines para qualquer aeroporto de Washington.

“Importas-te de me dizer o que se está a passar?” Pediu Jenn.

Riley conteve o seu desespero.

Como ia ela explicar que estava prestes a pôr a sua carreira em risco, como ia deixar Jenn por sua conta e risco numa investigação de homicídio?

Parecia uma loucura ter que pensar...

Vou mesmo com isto por diante?

Antes de pensar no que dizer, o telemóvel tocou. A chamada era de Mike Nevins.

Mike disse, “Acabei de falar com o médico na ambulância, A equipa tem Bill.”

Riley suspirou de alívio por Bill não se ter recusado a ir.

“Como está ele?” Perguntou Riley.

“Não muito bem. Mas o médico diz que parece não constituir uim perigo imediato para si próprio.”

“Para onde o vão levar?”

“Disse-lhes para o levarem para a minha clínica. Vou para lá agora. Vou estar com ele daqui a poucos minutos.”

Riley estava imensamente grata. Mike já o fizera antes, trabalhar a qualquer dia e a qualquer hora para ajudar alguém. Riley não conseguia verbalizar o quão grata estava.

Então limitou-se a dizer, “Obrigada Mike.”

“De nada.”

“Encontro-me com ambos na clínica assim que chegar.”

Mike disse, “Pensava que estavas no Iowa. Não estás num caso?”

Riley suspirou.

“Mike, não discutas comigo, por favor. O Bill é o meu melhor amigo. Ele precisa de mim.”

Mike calou-se por uns instantes.

“Vemo-nos daqui a pouco,” Disse ele com uma nota de desaprovação na voz.

Terminaram a chamada. Riley respirava com mais facilidade sabendo que Bill estava em boas mãos.

Jenn disse, “Isto está relacionado com o teu parceiro, não está?”

Por um momento, Riley interrogou-se como é que Jenn sabia. Ela tinha a certeza que não mencionara o nome de Bill durante a curta chamada.

Mas depois lembrou-se...

Ela tem um instinto excecional.

Riley limitou-se a assentir. Ela sabia que tinha que dar explicações e não sabia por onde começar.

Jenn disse, “Ouvi dizer que o Agente Jeffreys está de licença. Parece que está a ter dificuldade em aceitar a morte da Agente Vargas. As coisas não lhe correram bem.”

Riley estava aliviada por Jenn conseguir depreender tanto sozinha.

“Sim, ele está mesmo mal,” Disse Riley. “Penso que acabei de o impedir de...”

Estava à beira de dizer que impedira Bill de se matar. Mas percebeu que não seria sensato fazê-lo.

“Não tem que me dizer,” Disse Jenn.

Riley estava surpreendida pelo tom de voz prático de Jenn.

Ela devia realmente a Jenn uma explicação o mais completa possível.

“Jenn, peço desculpa por te deixar com tudo. Penso que não vou estar ausente por muito tempo. Só preciso de...”

No mesmo tom que anteriormente Jenn repetiu, “Não tem que me dizer.”

Riley olhou para Jenn sem saber o que dizer.

Por fim Jenn disse, “O que está a acontecer agora não está a acontecer. Eu não estou a levar-te a lado nenhum. Amanhã estaremos ambas a trabalhar. Talvez tenhamos que nos separar, seguir pistas diferentes, para ninguém nos ver juntas. Mas vais estar aqui em Angier.”

Riley estava estupefacta.

Jenn estava a assegurar a Riley que a encobriria, mesmo que tivesse que mentir.

Jenn estava a colocar o seu trabalho em risco por Riley.

Riley estava grata e desconfortável.

Era o tipo de garantia que poderia esperar de Bill – um amigo e parceiro de há mmuitos anos.

Mas era a última coisa que esperaria de alguém em quem ainda não sabia se podia confiar.

Riley interrogou-se se estaria a fazer algum tipo de acordo implícito e involuntário com Jenn – um acordo de que se poderia vir a arrepender.

Poderia Jenn um dia pedir um favor obscuro em troca?

Tudo o que Riley sabia naquele momento era que não estava em posição de discutir.

Quase disse “obrigada” em voz alta.

Mas lembrou-se que quanto mais ela e Jenn dissessem uma à outra naquele momento melhor.

Pegou no telemóvel e continuou à procura de voos. Encontrou um voo de Des Moines para o Reagan International Airport que devia sair dali a pouco mais de uma hora.

Com alguma sorte, Riley conseguiria apanhá-lo.

*

O sol da manhã brilhava quando Riley olhou pela janela do avião com Des Moines a afastar-se lá em baixo. O voo de duas horas que aí vinha seria um purgatório. Não podia comunicar com ninguém, por isso não podia saber como estava Bill sob os cuidados de Mike.

Não havia muito que pudesse fazer exceto colocar a si própria algumas perguntas perturbantes.

Porque é que estou a fazer isto? Pensou.

De certa forma, parecia a história da sua vida.

Quebrara todas as regras que havia para querbrar, mesmo antes de se tornar agente do FBI. Enquanto aluna, passara inúmeras horas de castigo ou em gabinetes de diretores.

A conformidade e o cumprimento nunca tinham sido o seu estilo.

E se perdesse o seu emprego devido ao que estava a fazer naquele momento?

Bem, era como dissera a Bill ao telefone...

“Não é a primeira vez que sou despedida.”

A sua carreira no FBI fora marcada por sucessos e elogios, mas também por muitas reprimendas e suspensões.

Mas e se desta vez fosse escorraçada de vez? Mais cedo ou mais tarde parecia inevitável que tal sucedesse. Mas quando acontecesse, o que seria da sua vida?

Olhou para o exterior e viu nuvens brancas debaixo da asa do avião.

Era uma vista calmante, tranquilizadora.

Recostou a cadeira para trás e fechou os olhos. Perguntou-se...

O que farei se não puder ser agente so FBI?

Aos poucos, uma tentativa de resposta começou a formar-se na sua mente.

O que estou a fazer agora.

O que sempre faço.

O que quer que significasse para a sua carreira, estava a caminho de DC por um bom motivo – talvez até um motivo nobre.

Ia ajudar um querido amigo num momento difícil.

Ao olhar para a sua vida, percebeu que a sua prioridade sempre tinha sido tomar conta das pessoas.

Sorriu perante este pensamento.

Uma cuidadora.

Era uma palavra que nunca relacionara consigo.

E no entanto, cuidar estava na base do seu trabalho de detetive. Quantas vidas salvara graças aos criminosos que apanhara?

Sempre protegera e ajudara as pessoas que dela precisaram.

Parecia algo natural nela – tão natural que nunca antes pensara nisso.

Era um instinto que surgira quando encontrou Jilly naquele parque de estacionamento e decidiu tomar conta dela.

Surgira novamente quando Liam precisou de se afastar do seu agressivo pai.

E surgia agora, clamando para que ajudasse o amigo, independentemente das consequências para ela.

Quase riu quando pensou numa coisa.

Tomar conta das pessoas.

Não era isso que se esperava das mulheres?

Nunca tinha pensado em si própria como enquadrado-se em qualquer imagem convencional. Ela não era o estereótipo de mulher dócil.

Tinha o seu próprio estilo de ajudar – um que envolvia ser dura e implacável.

Apercebeu-se de que estava cansada e começou a querer adormecer.

É uma bela vida, Pensou sonolentemente.

E talvez até pudesse ser uma bela vida se perdesse o emprego.

Mas ao adormecer, um pensamento obscuro ocorreu-lhe.

Ainda estava ligada a um inimigo, a uma ameaça que podia destruir tudo e todos os que amava.

O inimigo era Shane Hatcher.

CAPÍTULO TRINTA

Riley acordou quando o avião aterrou no Reagan International Airport. Abanou a cabeça para libertar a mente de sonhos obscuros de que não se lembrava. Tinha a certeza de que tinha sonhado com Hatcher, mas não era ele que a preocupava agora.

Alugou um carro e foi diretamente para o consultório e clínica de Mike Nevins em DC. Entrou no edifício mas quando se dirigiu ao consultório de Mike, a sala de recepção estava vazia e silenciosa.

Foi atingida por um momento de pânico.

Aconteceu alguma coisa? Interrogou-se. *O Bill esteve sequer aqui?*

Depois lembrou-se – era domingo. A rececionista de Mike e a maioria do pessoal não estariam a trabalhar. O próprio Mike não estaria ali ao domingo. O edifício estava aberto apenas para atividades clínicas mínimas que decorreriam num dia como aquele.

Nervosamente, bateu à porta do consultório de Mike.

Mike abriu a porta. Riley ficou aliviada por ver que Bill estava sentado no sofá.

Mike estava como sempre – um homem elegante com uma camisa cara um colete. Parecia impossível que o tivesse acordado às primeiras horas da manhã e que ele viera diretamente para aqui. Mas ela sabia que Mike era assim – perfeitamente preparado fossem quais fossem as circunstâncias.

Em contraste, Bill parecia um caco. Não se barbeara e usava uma camisola interior e calças de ganga esfarrapadas – as mesmas roupas que devia estar a utilizar quando Riley falou com ele ao telefone. É claro que a equipa médica que o fora buscar não lhe dera tempo para se trocar.

Mike estava recostado na sua cadeira sem lhe dirigir nenhuma palavra. Não percebia pela sua expressão se estava ou não estava satisfeito por vê-la.

Riley tinha a sensação de que Mike também não sabia ao certo.

Na reação de Bill não havia mistério. Ele olhou para ela e resmungou, “Que raio estás aqui a fazer Riley?”

“Cala-te Bill,” Disse Riley numa voz meiga.

Ela sentou-se no sofá a seu lado e deu-lhe uma palmadinha na mão.

“Podes perder o emprego,” Disse Bill.

“Não quero saber,” Disse Riley.

Bill segurou-lhe na mão e engoliu em seco com emoção.

“Como é que estás?” Perguntou-lhe Riley.

“Não sei,” Disse Bill. “Pergunta ao doutor.”

Riley olhou para Mike que sorria ligeiramente.

Mike disse, “Estamos a trabalhar em algumas questões. Ele vai ultrapassar isto.”

Riley não sabia como perguntar de forma delicada a pergunta que queria colocar.

Disse a Mike, “Ele... tem que...?”

Os olhos de Mike piscaram. Pareceu compreender a pergunta de Riley.

“Penso que ele não precisa de ser hospitalizado ou algo do género,”

Disse ele. “Só quero continuar a trabalhar com ele durante algum tempo. Depois pode ir para casa.”

Os três ficaram alguns momentos em silêncio.

Riley desejava ter alguns minutos a sós com Bill.

Pressentindo isso, Like levantou-se e anuiu silenciosamente. Dirigiu-se à porta.

Um único soluço se ergueu da garganta de Bill.

“Riley, desculpa. Peço imensa desculpa.”

Apesar da sua própria emoção, Riley fez menção de não chorar. Tinha que estar bem para ajudar Bill.

“Não faz mal,” Disse ela, apertando-lhe a mão. “Estás em boas mãos com o Mike.”

Bill abanou a cabeça.

“O Mike não para de dizer que vou ultrapassar isto. Mas sinto-me tão esmagado. Tudo com a Maggie e os miúdos... atingiu-me com força. Quero dizer, para além da forma como me sinto pela Lucy e pelo miúdo que atingi... parece demasiado.”

Riley deu por si a lembrar-se dos seus próprios dias obscuros quando estivera de licença depois de ter estado presa numa gaiola por um psicopata. Também ela se interrogara se seria capaz de voltar a trabalhar.

Mike e Bill tinham-na ajudado a ultrapassar aquele momento horrível.

Agora chegara o momento de fazer o mesmo por Bill.

“Não é demasiado,” Disse calmamente. “Não para ti Bill. Tu és uma das pessoas mais fortes que conheço.”

A voz de Bill reduziu-se a um sussurro.

“O pior de tudo é que... te desiludi.”

Riley soube de imediato do que é que ele estava a falar. Riley pedira-lhe para olhar pela família agora que Shane Hatcher estava à solta. E Bill prometera...

“Eu mantenho as coisas debaixo de olho. Preciso de fazer alguma coisa útil.”

Mas ali estava ele, a não fazer o que tinha prometido que iria fazer.

Riley não iria esquecer o seu falhanço. Isso seria desonesto e ela não podia ser desonesta com Bill – não se o pudesse evitar.

Era necessária alguma dureza.

“Tens razão – desiludiste-me. E é essa uma das razões porque tens que sair disto. Tenho que poder contar contigo.”

Bill olhou para ela com grande preocupação.

“Como está a tua família?” Perguntou ele. “Estão todos bem?”

Riley tentou lembrar-se – quando é que tinha comunicado com alguém em casa?

Depois lembrou-se das mensagens que trocara com April a noite passada. Esperava que nada tivesse mudado desde então.

“Estão todos bem Bill,” Disse ela. “E com agentes como o Craig Huang e o Bud Wigton por lá, não tenho que me preocupar. Mas preocupo-me na mesma. Vou ter que voltar para Des Moines o mais rapidamente possível e vou estar novamente ralada. Por isso é que preciso que estejas atento.”

Bill anuiu.

“Vou fazer isso,” Disse ele. “Assim que sair daqui, faço isso.”

Riley e Bill calaram-se. O silêncio parecia estranhamente reconfortante, lembrando a familiaridade da sua relação.

Depois, a mensagem que Bill lhe enviara nas primeiras horas da manhã voltou à sua mente.

“Estou aqui sentado com uma arma na boca.”

Riley falou de forma hesitante.

“Bill, quando tu... me enviaste a mensagem, tu... nem fazes ideia de como...”

Bill suspirou.

“Estavas com medo. Eu sei. Desculpa. Foi horrível da minha parte. Mas...”

Ele fez uma pausa, como se tentasse encontrar as palavras para o que queria dizer.

“Falei com o Mike sobre a mensagem. Perguntei-lhe porque é que fiz uma coisa daquelas. Ele referiu algo muito importante. Se eu realmente quisesse... sabes, matar-me, nunca te teria enviado a mensagem. Ao entrar em contacto contigo, estava a dizer a mim próprio que o suicídio não era opção.”

Bill parou novamnete de falar.

Depois disse, “És a minha corda de segurança Riley. Desde que cá estejas, nunca tomarei esse caminho. Mais do que qualquer outra coisa ou alguém na minha vida, tu mantens-me preso ao mundo, à minha vida.”

Riley sentiu uma lágrima escorrer-lhe pelo rosto. Limpou-a rapidamente.

Sentia-se esmagada agora – esmagada pela incrível responsabilidade do que significava para Bill e pela beleza de ser tão precisa.

Por um breve momento, ela sentiu que a sua vida fazia todo o sentido.

Ela realmente fazia a diferença no mundo – não apenas para Bill, mas para todos os que amava e de quem gostava.

Largou a mão de Bill e deu-lhe outra palmadinha.

Disse, “É melhor ir e deixar que tu e o Mike voltem ao trabalho.”

Bill sorriu.

“Sim, é melhor,” Disse ele. “Obrigado por tudo.”

Riley saiu do consultório. Mike estava à espera com as mãos nos bolsos.

Sorriu e disse, “Ele vai ficar bem Riley.”

Riley limitou-se a anuir.

Depois Mike disse, “Obrigado por vires.”

Riley ficou surpreendida. Ela duvidara que Mike aprovasse a sua vinda.

Encolheu os ombros e disse, “Não pude fazer muito.”

“Fizeste mais do que sabes,” Disse Mike. “Ele precisava de te ver. Só não te pedi para vires quando ligaste porque... bem, eu sabia que estavas a trabalhar num caso. Não queria que te metesses em sarilhos.”

Riley deu uma risada.

Ela disse, “Sarilhos é o meu nome do meio. Estou bastante habituada a isso.”

Agora Mike parecia preocupado.

“Riley, se alguém do FBI me perguntar se apareceste aqui...”

Não terminou a frase. Riley sabia o que ele queria perguntar.

“Não mintas Mike. Não por mim. Eu lido com as consequências se tiver que ser.”

Ela agradeceu novamente a Mike e dirigiu-se ao carro. Ela sabia que tinha que voltar para Des Moines o mais rapidamente possível. Mas antes queria ver como estavam as coisas em casa. Tinha o bilhete de volta e sabia o horário do voo. Tinha tempo de ir a casa, dizer olá, dar um abraço a todos e regressar ao aeroporto. Esperava estar em Angier, Iowa, antes que alguém, exceto Jenn se apercebesse da sua ausência.

*

Quando Riley se aproximava da sua casa foi invadida por uma onda de pânico.

Da última vez que ali estivera, um veículo do FBI com dois agentes de topo e equipamento do melhor estavam estacionados na rua. Estavam ali na expectativa de apanhar Shane Hatcher e de proteger a família de Riley.

Agora a carrinha não estava à vista. No seu lugar viu um modesto sedan.

Riley percebeu pela matrícula e janelas esfumadas que era um carro da polícia descaraterizado.

Onde está a carrinha? Perguntou-se. Onde está o FBI?

E a segunda carrinha que estivera estacionada no beco atrás da casa?

Teria acontecido algo de terrível?

Riley estacionou, saiu do carro e dirigiu-se à entrada. Mal entrou ouviu um grito.

“Ajuda-me! Porque é que não me ajudas!”

É a Jilly! Pensou. *E está em dificuldades!*

CAPÍTULO TRINTA E UM

Riley ouviu o grito de Jilly outra vez...

“Eu disse para me ajudares!”

Agora Riley percebera de onde vinha a voz.

Riley colocou a mão na arma, depois correu freneticamente pela casa e abriu a porta da sala.

Parou perante aquilo que viu.

Jilly, April e Liam estavam ali perfeitamente bem.

Liam estava sentado num puff com fones e a ler um livro.

April parecia tentar ler um livro, mas Jilly andava de um lado para o outro à sua frente esbracejando.

“Que tipo de irmã mais velha és tu?” Perguntou Jilly.

April resmungou, “Tenho trabalhos de casa para fazer. Não posso também fazer os teus.”

“Não estou a pedir que faças os meus trabalhos de casa!” Disse Jilly.

“Estou apenas a pedir-te ajuda! É tão raro pedir-te alguma coisa.”

“Estás sempre a pedir alguma coisa,” Disse April. “Faz o teu trabalho de casa.”

Riley soltou um som de alívio exasperado.

“Vocês assustaram-me,” Disse ela.

Ainda de fones nos ouvidos, Liam parecia não perceber o que se estava a passar.

As miúdas olharam para Riley assustadas.

“Mãe!” Exclamou April.

“Vais-nos matar ou quê?” Perguntou Jilly.

Riley demorou um momento a perceber que ainda tinha a mão na arma.

Soltou-a e caiu na cadeira mais próxima a tentar recuperar o fôlego.

“Ouvi gritos,” Disse ela. “Pensei que algo estava a acontecer.”

Jilly ainda estava muito agitada.

“Bem, há uma coisa a acontecer! A April não me ajuda com os trabalhos de matemática!”

Riley soltou um rugido de irritação.

Adolescentes! Pensou.

Liam tinha finalmente reparado que Riley ali estava. Tirou os fones.

“Ei, o que é que está a fazer em casa?” Perguntou.

Riley não tinha vontade de explicar o que tinha acontecido a Bill. Para além disso, estava preocupada com a carrinha que tinha desaparecido.

Naquele momento Gabriela entrou na sala.

“*Señora* Riley! Não estávamos à sua espera tão cedo!”

Riley perguntou a Gabriela, “O que aconteceu à carrinha que estava à porta? A que estava lá atrás também se foi embora?”

“*Sí*, ambas se foram embora esta manhã. Agora temos dois polícias simpáticos lá à frente. Vieram apresentar-se. Não disseram porque é que as carrinhas se foram embora. Só nos disseram que estariam lá fora e que não havia motivo para preocupações.”

Riley conteve um suspiro.

Não há motivo para preocupações!

Algo tinha acontecido e ela não sabia o que fora. Será que tinham retirado as carrinhas porque tinham apanhado Hatcher?

É claro que não, Percebeu, porque caso contrário não teriam deixado ali um carro.

“Mãe!” Jilly exigia a sua atenção. Estava à sua frente de braços cruzados, batendo com um pé no chão.

Riley olhou para a filha mais nova.

“Mãe, não te importas de dizer à April para me ajudar com os trabalhos de casa?”

“Huh-uh,” Disse April. “Eu é que acabo sempre a fazer tudo.”

Riley sentia-se assoberbada. Ela não sabia porque é que as carrinhas se tinham retirado e tinha um avião para apanhar dali a pouco. E agora as duas filhas estavam a discutir por causa do trabalho de casa.

Era suficiente para a fazer gritar.

Mas agora não era o momento para piorar tudo.

Virou-se para Liam e disse, “Achas que consegues ajudar a resolver isto entre a April e a Jilly?”

“Resolver o quê?” Perguntou Liam. “Peço desculpa, não estava com muita atenção.”

Riley disse, “A Jilly diz que precisa de ajuda com a matemática e a April não a quer ajudar.”

Liam sorriu, obviamente agradado por precisarem da sua ajuda.

“Com todo o prazer,” Disse ele. Depois disse a Jilly, “Traz os teus trabalhos para aqui. Vamos ver o que podemos fazer.”

Jilly deitou a língua de fora a April que por sua vez lhe fez uma careta. Depois Jilly colocou-se ao lado de Liam e mostrou-lhe o problema que não conseguia resolver.

Riley suspirou de alívio quando Liam começou a explicar o problema.

Gabriela perguntou a Riley, “Vai ficar para jantar?”

Riley abanou a cabeça.

“Lamento e sei que vai parecer uma loucura mas tenho que regressar já a Des Moines.”

Gabriela parecia intrigada, mas voltou para a cozinha sem fazer mais perguntas.

Riley olhou para o relógio. O tempo escasseava e ela não tinha muito tempo para descobrir o que acontecera às carrinhas. Dirigiu-se ao exterior e foi ao encontro do sedan ali estacionado. Os dois polícias de uniforme sorriram-lhe e desceram o vidro.

Só dois polícias de patrulha, Apercebeu-se Riley. Nem são detetives.

Não lhe inspiravam qualquer confiança.

“Olá,” Disse ela. “Sou Riley Paige e vivo aqui.”

O polícia no lugar do passageiro disse, “Sim, reconhecemo-la da foto que o Fbi nos deu. Eu dou o agente Maddox e este é o meu parceiro agente Carney.”

Carney acenou a Riley do lado do condutor.

“Estamos surpreendidos por vê-la,” Disse ele. “Ouvimos que estava no Iowa a trabalhar num caso.”

Quase sorriu quando se apercebeu...

Porque não a verdade?

Disse, “Sim, surgiu uma coisa por aqui. Mas vou regressar agora ao Iowa. Não é suposto ninguém saber que aqui estou por isso... fica entre nós, OK?”

Os agentes assentiram, obviamente a pensar que Riley tinha regressado nalguma missão oficial secreta.

Ela disse, “Quando saí de cá, havia carrinhas aqui à frente e lá atrás com agentes do FBI e equipamento. O que é que aconteceu?”

Os agentes olharam um para o outro.

Então Maddox disse, “Os tipos das carrinhas foram para Norfolk.”

Riley ficou surpreendida.

“Norfolk?” Perguntou.

“Sim,” Disse Carney. “O Shane Hatcher foi lá visto esta manhã. Pensam que está num prédio.”

Riley quase perdeu o fôlego.

“O Hatcher está em Norfolk?” Perguntou. “Têm a certeza?”

“Absoluta,” Disse Maddox. “Um polícia local localizou-o, identificou-o a partir de um boletim do FBI. Até tirou uma foto dele.”

Maddox mostrou uma foto que tinha no telemóvel a Riley.

Riley sentiu um secreto entusiasmo ao estudar o rosto por uns momentos. A foto mostrava Shane Hatcher a caminhar numa rua, aparentemente ignorando que tinha sido visto.

Riley não tinha a mínima dúvida que era ele.

Aquele rosto, a sua expressão, a forma como se movia – estava tudo muito presente na sua mente.

Nunca o poderia confundir com outra pessoa.

Maddox explicou, “O polícia chamou logo o FBI e as equipas nas carrinhas foram de imediato para a área onde ele fora visto. Eles têm muito equipamento de alta tecnologia que ajudaria.”

Carney acrescentou, “Têm a certeza de o terem localizado num prédio perto do local onde foi avistado e as equipas estão a vigiar para terem a noção do perigo que representa. Não querem entrar e colocar pessoas em perigo.”

Maddox disse, “De uma maneira ou de outra, vão apanhá-lo de certeza.”

Riley mal conseguia acreditar no que estava a ouvir. Parecia demasiado bom para ser verdade.

Carney disse, “Disseram para ficarmos aqui e vigiarmos a casa. Só em caso de algum cúmplice de Hatcher aparecer, embora me pareça altamente improvável.”

Também parecia muito improvável a Riley.

E se o que aqueles homens diziam era verdade, dois polícias num carro descaraterizado seriam suficientes para vigiar a casa agora que Shane Hatcher estava noutro lugar.

Riley agradeceu aos polícias e voltou para sua casa. Olhou novamente para o relógio e calculou que tinha tempo suficiente para se refrescar e vestir roupa lavada.

A caminho de casa, tentou organizar na sua cabeça o que se estava a passar.

Agora que pensava nisso, fazia cada vez mais sentido.

Foi para o seu quarto e abriu o armário para tirar uma blusa limpa. Mas então reparou numa pequena caixa na estante do armário.

Parecia demasiado familiar.

E não devia estar ali.

Segurou na caixa. Estava demasiado pesada para star vazia. Pegou na caixa e olhou para ela durante um momento.

Depois abriu-a.

Lá dentro estava um envelope com o seu nome escrito. Pegou no envelope e deixou a caixa cair no chão.

Agora tinha a noção de que a sua respiração assumira um ritmo rápido.

Abriu o envelope e lá estava, dobrada numa folha de papel...

... uma pulseira feita de ouro.

Agora Riley sentia-se tonta.

Isto é impossível, Pensou.

Interrogou-se se estaria a sonhar.

A corrente fora um presente de Shane Hatcher – um símbolo da sua ligação a ele.

Ele usava uma igual.

Ela também usara aquela quando estivera sob a influência de Hatcher.

Mas ela sabia que a tinha deitado fora não há muito tempo – deitado para o lixo.

A sua presença ali outra vez apenas tinha um significado.

Hatcher estivera a observá-la atentamente. E estivera ali enquanto ela estava no Iowa - ali mesmo na sua casa apesar das carrinhas do FBI estarem no exterior.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Ao segurar a pulseira de ouro na mão, Riley sentiu-se perder a força nos joelhos. Terror puro percorreu-lhe o corpo. Dirigiu-se à cama e sentou-se.

Há medida que a sensação de medo diminuiu, ela reconheceu a sensação de violação que experimentara anteriormente quando a sua casa tinha sido invadida. Pensava que não poderia acontecer desta vez.

Estava enganada.

Mas como raio tinha Hatcher passado pelas equipas nas duas carrinhas e entrado na sua casa?

Lembrou-se que não o podia subestimar. Tinha capacidades brilhantes e excepcionais em todas as áreas criminais. Estava tão bem equipado como um assassino militar.

Ela devia ter percebido que ele seria capaz de se esgueirar num bairro respeitável sem ser detetado apesar das precauções do FBI.

Então uma horrível nova certeza se apoderou dela.

Não só tinha Hatcher ido ali para colocar a pulseira na caixa no armário – como sabia que ela costumava guardar aquela caixa naquele preciso lugar.

Já lá estivera anteriormente – Talvez muitas vezes.

Será que lá estivera a observá-la enquanto ela dormia?

E as outras pessoas da casa – os miúdos e Gabriela? Tinha-os espiado?

Riley estremeceu perante a mera ideia.

Deveria dar conhecimento oficial do que tinha ocorrido? Riley soltou um rugido de desespero.

E dizer-lhes o quê? Perguntou a si própria.

A pulseira era uma prova de uma relação proibida e ilegal. Nunca revelara a sua existência a ninguém e sabia que nunca o poderia fazer.

Para além disso, ela nem devia estar ali em Fredericksburg. Ela deveria estar no Iowa a fazer o seu trabalho.

Estudou a pulseira durante um momento e viu uma inscrição minúscula familiar num dos elos.

“face8ecaf”

Há muito que resolvera o enigma da inscrição. Significava “Cara a cara” e sugeria um espelho – o espelho um do outro, uma personificação dos seus impulsos mais obscuros.

A inscrição também era uma morada de vídeo que Riley usara para entrar em contact com Hatcher.

Conseguiria entrar em contacto com ele agora?

Deveria tentar?

Nem parou para pensar.

Foi até à secretária e ligou o computador. Abriu o programa de chat de vídeo e escreveu os caracteres.

Deixou tocar durante algum tempo mas ninguém atendeu.

Não estava surpreendida. Ela sabia por experiência própria que Hatcher não podia ser contactado se não quisesse ser contactado.

Depois olhou para o pedaço de papel que fora dobrado à volta da pulseira. Endireitou-o cuidadosamente na secretária.

E lá estava escrito...

Au revoir, Riley Paige

Como a maioria das mensagens de Hatcher, de certeza que continha alguma espécie de enigma.

Qual o significado desta?

Ela sabia que *au revoir* era uma forma de dizer adeus em Francês.

O significado parecia óbvio – talvez demasiado óbvio.

Ele devolvia-lhe a pulseira como uma espécie de presente de despedida.

Vai-se embora, Pensou Riley.

Mas para onde e como?

As coisas começavam a fazer sentido para ela. Hatcher fora para Norfolk, um lugar com inúmeras autoestradas, linhas de autocarros e Amtrak. Tinha uma grande base naval com quilómetros de cais. Também era um porto comercial e tinha um aeroporto internacional.

Norfolk oferecia uma vasta gama de possibilidades para fugir – até para sair do país.

E era isso o que Hatcher pretendia fazer.

Ou pelo menos essa fora a sua intenção até ser detetado em Norfolk.

Mas agora o que iria acontecer? Sabia que estava fora do seu alcance.

De repente, o telefone de Riley tocou. Viu que era Jenn a ligar.

Quando atendeu, a voz de Jenn parecia agitada.

“Riley, acabei de receber uma chamada do Chefe Sinard. Diz que outra rapariga desapareceu. Vou agora para a esquadra para me encontrar com

ele.”

Riley ouviu Jenn emitir um suspiro desanimado.

“Desculpa Riley, mas não sei como é que posso continuar a cobrir-te. Disse ao Chefe Sinard que estavas numa cidade chamada Hammett a entrevistar um agressor sexual registado. Mas espera-te em breve. O que queres que lhe diga?”

Riley estava ainda tão abalada com a sua descoberta que demorou um momento a compreender o que Jenn lhe estava a dizer. Quando percebeu, sentiu-se culpada por Jenn ter que mentir por ela.

Mas o que é que ia fazer agora que sabia que Hatcher estivera na sua casa?

Poderia ir-se embora naquele momento?

Lembrou a si própria que Hatcher estava em Norfolk naquele momento e seria com toda a certeza preso a qualquer momento.

A sua família estava agora mais segura.

Por fim, Riley disse, “Diz ao Sinard que estarei aí mal consiga. O que é verdade. Estou a caminho do aeroporto para apanhar o voo para Des Moines.”

“Quem me dera poder ir buscar-te ao aeroporto mas...”

Riley interrompeu-a.

“Não faz mal, eu sei que não podes escapar. Eu alugo um carro no aeroporto e vou até Angier. Ligo-te quando chegar para me dizeres onde nos devemos encontrar.”

Terminaram a chamada.

Riley levantou-se e olhou à volta do quarto, mais uma vez tomada pela certeza doentia de que Hatcher estivera ali.

Sacudi-se, tentando libertar-se daquele sentimento.

Mas não era fácil.

Hatcher tinha provado a sua astúcia ao entrar na sua casa.

Não conseguiria ele fugir da armadilha que o FBI lhe montara em Norfolk?

Olhou mais uma vez para a mensagem que lhe escrevera.

Au revoir, Riley Paige

E lembrou-se que ele planeava ir embora.

Mesmo que fugisse ao FBI, iria embora.

Ela atirou a pulseira e a nota para a caixa, colocou-a numa gaveta da cómoda e fechou-a.

Ao fazê-lo, murmurou em voz alta...

“*Au revoir*, Shane Hatcher.”

Depois desceu as escadas para dizer à sua família que ia partir novamente.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Assim que Riley saiu do avião em Des Moines, o telefone tocou. O coração bateu com mais força quando viu que a chamada era de Bill. Atendeu enquanto caminhava para as cabinas de aluguer de carros.

Bill parecia preocupado.

“Riley, passa-se algo errado. Quando deixei o Mike na Clínica, a primeira coisa que fiz foi ir a tua casa. Estou aqui agora. As carrinhas do FBI desapareceram. Só cá está um carro descaraterizado da polícia estacionado...”

“Tudo bem Bill. O Craig Huang e o resto da equipa levaram as carrinhas para Norfolk. Têm o Hatcher encurralado num prédio lá.”

Ouviu Bill a suspirar.

“Têm a certeza?” Perguntou ele.

“Sim, têm. E não há forma de fugir. Pelo que sei, já o devem ter preso.”

Bill ficou em silêncio durante alguns instantes.

Por fim disse, “Shane Hatcher – por fim apanhado. É difícil de acreditar.”

“Eu sei,” Disse Riley. “Sinto o mesmo.”

Ela caminhou alguns metros sem dizer nada. Interrogou-se – deveria dizer a Bill que Hatcher tinha estado em sua casa?

Não, não parecia haver motivo para isso.

Ainda assim...

Acrescentou cautelosamente, “Bill, não te importas de passares pela minha casa e veres como estão as coisas de tempos a tempos? Não sei porquê, mas ia sentir-me melhor. E não te importas de ver como correm as coisas em Norfolk?”

“Claro. É o mínimo que posso fazer. Alguma novidade no caso do Iowa?”

“Sim, mas não é boa. Outra rapariga desapareceu. É tudo o que sei por agora. Devo saber mais pormenores em breve.”

Riley hesitou, depois acrescentou, “Bill, quem me dera que aqui estivesses. Este caso está a afetar-me de uma forma que não entendo. Para começar, esta cidadezinha arrepia-me.”

Bill disse, “Não me digas – tudo é demasiado perfeito.”

“Sim, belos relvados, casas perfeitas. Mas assim que eu e a Jenn espreitamos atrás da fachada, encontramos podridão em todo o lado – traficantes de droga predadores, diretores de escola assustadores, professores de piano sádicos. Quase todos parecem suspeitos. Não sabemos por onde começar.”

“Segue o teu instinto Riley. O teu instinto não te vai enganar.”

Riley soltou um riso desanimado.

“O meu instinto não me diz nada neste momento.”

“Mas dirá. Lembra-te – o que parecer demasiado perfeito geralmente não passa disso mesmo, aparência. Continua a investigar essas fachadas. Vais encontrar aquilo de que estás à procura.”

Riley sentiu um nó na garganta.

Ela sabia que Bill lhe estava a dizer exatamente aquilo que ela precisava de ouvir.

Ela disse, “Bill, obrigada por...”

Não conseguiu encontrar as palavras para exprimir toda a sua gratidão,

“Por tudo,” Disse ela.

Bill não respondeu logo. Quando o fez, a sua voz soava mais robusta.

“Riley, depois de tudo o que fizeste por mim nos últimos dias...”

Riley interrompeu-o.

“Nem penses nisso Bill. Melhora para que possamos voltar a trabalhar juntos. Tenho saudades tuas.”

“Eu também tenho saudades tuas.”

Terminaram a chamada quando Riley chegou à cabina de aluguer de carros. Alugou um carro e quando entrou nele ligou para Jenn. Colocou a chamada em alta voz e ela e Jenn falaram enquanto conduzia.

Jenn informou-a sobre a nova rapariga desaparecida.

“Chama-se Camryn Mays e é mais velha do que as outras – vinte e um anos. Está no segundo ano da faculdade comunitária local.”

“Vive com a família?” Perguntou Riley.

“Não, vive num apartamento sozinha. Por isso, ninguém reparou logo que tinha desaparecido. Trabalha num restaurante local, o Vern’s Café. É onde estou agora com o Chefe Sinard e o seu pessoal. Temos entrevistado toda a gente por aqui. Ela faltou ao turno de ontem, mas ninguém deu muita importância a isso. Quando não apareceu hoje, o patrão começou a ficar preocupado.”

Riley pensou no que estava a ouvir.

É óbvio que era possível que Camryn tivesse desaparecido por motivos próprios. Mas depois do que sucedera a Katy Philbin e Holly Struthers, Riley sabia que não devia pensar dessa forma.

Apenas esperava que pudessem encontrar Camryn ainda viva.

Riley perguntou a Jenn, “Queres que vá ter aí ao restaurante?”

“Não, estamos quase a terminar. Daqui a pouco vamos ao apartamento da rapariga. Vai lá ter connosco. Eu dou-te a morada.”

Depois de Jenn dar a morada a Riley, ela disse, “Jenn, peço desculpa... por te comprometer desta forma.”

Jenn ficou calada durante um momento.

Depois disse, “Vem só o mais rápido possível, OK?”

“Estou a conduzir,” Disse Riley.

Quando terminaram a chamada, Riley questionou-se se Jenn se arrependia de a ter coberto. Esperava que não. Mas ela sabia que não a podia culpar se assim fosse.

*

Riley seguiu as indicações do GPS até ao prédio onde vivia Camryn Mays. Quando estacionou o carro, viu que o carro que ela e Jenn estavam a usar já lá estava e também o SUV oficial do Chefe Sinard.

O edifício de tijolo vermelho tinha um sinal e um nome – Apartamentos Monterrey. Riley sabia que o nome não sugeria qualidade ou classe. Afinal de contas, ela sabia que aquela rapariga trabalhava num restaurante e vivia sozinha.

Durante os seus tempos de faculdade, Riley vivera num prédio semelhante chamado o Devonshire, mas o seu apartamento era tudo menos amplo e glamoroso. Ela sabia que alguns senhorios tinham uma forma peculiar de dar nomes pretensiosos aos prédios sem nenhuma razão em especial.

Na verdade, ao aproximar-se do local, viu que o prédio estava algo degradado. O passeio estava rachado e o relvado não estava bem tratado. Espreitou pela vedação de madeira e viu uma oiscina vazia repleta de folhas e lixo.

Riley dirigiu-se ao edifício e encontrou o apartamento no segundo andar, Bateu à porta e o Chefe Sinard abriu-lhe a porta.

“Conseguiu alguma coisa em Hammett?” Perguntou Sinard.

Riley ficou intrigada durante um momento.

Depois lembrou-se – Jenn dissera ao chefe que Riley estava a entrevistar agressores sexuais registados numa cidade de nome Hammett.

“Temo que não,” Disse ela, entrando.

Esperava que Sinard não pedisse detalhes.

Jenn já lá estava como Riley esperava. E também estavam Laird e Doty, os polícias locais que tinham ido buscar Riley e Jenn ao aeroporto. Todos estavam a trabalhar, analisando o local cuidadosamente. Jenn mostrou-se visivelmente aliviada por Riley ter finalmente chegado.

Riley olhou à sua volta. Não havia muito para ver. Com cinco pessoas lá dentro, o pequeno apartamento estava à pinha. O apartamento era alarmantemente semelhante ao lugar onde tinha ficado nos seus tempos de faculdade. Um pequeno compartimento que fazia as vezes de sala e cozinha onde se via alguma mobília barata, um fogão e um frigorífico. Havia uma porta aberta de um lado. Riley viu que conduzia a um minúsculo quarto com uma casa de banho adjacente.

Mas era diferente do velho apartamento de Riley de uma forma significativa.

Como muitas alunas da faculdade, Riley fora uma preguiçosa, deixando roupas e utensílios de cozinha espalhados por todo o lado. Nunca fazia limpezas. A jovem que ali vivia era tudo menos preguiçosa.

Tudo estava organizado, limpo e impecável. Havia um portátil numa mesa de fórmica. Alguns livros estavam cuidadosamente alinhados entre suportes para livros numa pequena mesa. Mas apesar de tudo, não havia qualquer decoração – nem fotos emolduradas ou quincalharas de qualquer espécie. Nem havia uma televisão.

Riley respirava lentamente, sentindo um odor vagamente familiar. Era em parte a decadência de um apartamento parcamente mantido.

Mas também havia algo mais no ar que ela tenuemente reconheceu. Não sabia ao certo o que era – pelo menos não para já.

Virou-se para Sinard e disse, “Fale-me na rapariga que desapareceu.”

Sinard mostrou a foto da jovem que tinha no telemóvel. Era uma sorridente jovem Afro-Americana.

Sinard disse, “Camry Mays está no segundo ano da faculdade comunitária de Angier. Terminou o secundário há dois no Liceu Wilson.”

Riley assentiu e disse, “A mesma escola em que andou Katy Philbin. Sabemos se haverá alguma ligação entre as duas raparigas?”

“Ainda não,” Disse Sinard. “Como tinham dois anos de diferença, podem não se ter conhecido bem ou nem sequer se terem conhecido. E neste momento não temos nenhum motivo para crer que Camryn também conhecesse Holly Struthers.”

Riley continuou a olhar à sua volta com a cabeça cheia de perguntas por responder. Por exemplo,

Tendo em consideração de que Camryn era uma rapariga local, porque é que não vivia com a família? Deve ter-se mudado para este apartamento por algum motivo.”

“Quem comunicou o desaparecimento?” Perguntou Riley a Sinard.

“Os pais,” Disse Sinard. “Ela faltara ao trabalho no restaurante durante dois dias. Quando o gerente não a conseguiu contactar por telefone, ligou aos pais para perguntar o que é que se passava. Eles ficaram preocupados e telefonaram-me.”

O agente Laird abriu o portátil da rapariga.

Disse aos outros, “O computador está bloqueado. Como não sabemos a palavra-passe, temos que pedir ajuda aos técnicos.”

“Vamos a isso,” Disse o Chefe Sinard. “Não que adiante grande coisa. Não descobrimos nada suspeito nos e-mails ou redes sociais das outras raparigas. Calculo que também não consigamos localizar o seu telemóvel. Os telemóveis das outras raparigas parecem ter desaparecido – talvez destruídos pelo assassino.”

O Chefe Sinard suspirou.

Disse, “Claro, não sabemos ao certo se Camryn Mays está em perigo mas...”

Não terminou a frase.

Riley desejava ter algo de animador para lhe dizer.

Ao olhar para a sala, a sensação vaga e familiar que tivera começou a tornar-se óbvia na sua mente.

Pelo menos conseguiu dar-lhe um nome.

Liberdade.

Sim, era o que Riley sentira naqueles anos quando saíra de casa e se mudara para um apartamento.

Fora maravilhoso e intoxicante estar por sua conta pela primeira vez na vida.

A rapariga que vivia ali sentia o mesmo – uma vertiginosa sensação de liberdade, de todo um futuro pleno de possibilidades.

Também estava cheia de esperança.

Ou pelo menos estivera até...

Riley tentou não imaginar que Camryn Mays tivera o mesmo fim de Katy e Holly.

Mas a esperança que Riley pressentiu no ar não era contagiosa.

Vira demasiado mal e escuridão no mundo para se deixar contagiar.

De qualquer das formas, teve a certeza de que ela e os colegas não encontrariam pistas ali.

Disse ao Chefe Sinard, “Vamos falar com os pais de Camryn.”

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Ao conduzir, Jenn perguntava-se porque é que o desaparecimento de Camryn a perturbava especialmente. Seguiu atrás do veículo do Chefe Sinard a caminho da casa da família Mays. No lugar do passageiro a seu lado, Riley estava silenciosa, obviamente a considerar as suas próprias perguntas.

É claro que ainda não determinara sequer se Camryn Mays era uma vítima. Ainda era inteiramente possível que ela tivesse ido à sua vida e aparecesse a qualquer momento.

Então porque é que o desaparecimento desta rapariga a incomodava tanto?

Seria porque Camryn era Afro-Americana como ela?

Jenn odiava pensar que essa pudesse ser a razão. Todas as vítimas deviam ser iguais. Era o seu trabalho ver as coisas dessa forma.

E se o pior tivesse acontecido, tal como com Katy e Holly, era óbvio que não estava relacionado com uma questão de raça.

Jenn lembrou-se de algo que Riley dissera sobre Angier.

“Cidades como esta assustam-me.”

Jenn estava a ter a mesma sensação, apesar de talvez por motivos diferentes. Até agora enquanto conduzia, não detetara um único condutor ou pedestre negro. Angier parecia quase assustadora na sua falta de diversidade.

E não podia negar que se sentira particularmente afetada no apartamento de Camryn.

Jenn pressentira algo perturbador no ar – uma palpável sensação de isolamento.

A pobre rapariga devia sentir-se tão sozinha nesta cidade, Pensou Jenn.

Era isso que a incomodava quando pensava em Camryn, não a raça especificamente mas a solidão que lhe devia causar. Apesar de Jenn ter crescido em ambientes mais diversificados, ela conhecia bem esse sentimento.

Jenn tentou afastar estes sentimentos. Afinal de contas, nada tinha que ver com o assunto em questão.

Jenn estacionou o carro atrás do veículo do Chefe Sinard em frente à casa dos Mays num modesto bairro de classe trabalhadora. À primeira

vista, tudo parecia igual ao bairro em que vivera Katy Philbin – as mesmas ruas com árvores altas, bungalows perfeitamente cuidados, relvados perfeitos.

E no entanto, tudo pareceu a Jenn tão...

Que palavra lhe faltava?

Pequeno, Apercebeu-se.

Esta área era igual ao resto da cidade, mas em miniatura – quase como um modelo ou um brinquedo. Este bairro era marcadamente menos próspero do que outras partes de Angier. Mas ainda assim, os seus residentes faziam o máximo que conseguiam com o pouco que tinham. E tinham orgulho do que tinham alcançado na vida.

Jenn e Riley cruzaram-se com o Chefe Sinard ao dirigirem-se à casa. Sinard bateu à porta onde foram saudados por uma mulher Afro-Americana vestindo uma blusa branca com uma placa indicando LYLA MAYS. A mulher parecia preocupada – apesar de Jenn calcular que a preocupação era crónica, a julgar pelos traços carregados no seu rosto, uma parte inescapável da sua vida quotidiana.

O Chefe Sinard apresentou-se, a Riley e Jenn. Lyla convidou-os a entrar nervosamente e apresentou-os ao marido, Trent, que usava um macacão cinzento azulado.

O casal convidou os visitantes a sentarem-se numa pequena mas confortável sala de estar. Jenn reparou que o Chefe Sinard escolheu a cadeira mais distante. Calculou que quisesse deixá-las mais à vontade para fazer perguntas.

Enquanto Riley explicava quem eram e o que ali estavam a fazer com o Chefe Sinard, Jenn observou a sala. Nas paredes, viu vários retratos da família tirados ao longo dos anos. Havia imagens de Camryn em diferentes idades e também de um rapaz mais velho – o irmão de Camryn, Jenn tinha a certeza.

Observou que Trent Mays não parava de olhar para o relógio. Parecia muito ansioso com o tempo. Ela questionou-se o que o poderia preocupar mais do que o desaparecimento da própria filha.

Jenn perguntou ao casal, “Posso perguntar-vos qual as vossas profissões?”

Trent disse, “Sou porteiro na Câmara Municipal.”

“Eu sou balconista no supermercado,” Disse Lyla. “Trabalho lá há vinte anos.”

Lyla parecia ter orgulho do seu emprego.

Trent olhou novamente para o relógio e Jenn conseguiu finalmente adivinhar porquê.

A julgar pela roupa que envergavam, tanto Lyla como Trebt tinham vindo para casa do trabalho. Depreendeu que os patrões de Trent não tivessem gostado que saísse a meio do turno. Talvez ambos estivessem sob pressão para voltarem ao trabalho.

Era óbvio que a vida não era fácil para a família Mays. Mas pelo menos Trent e Lyla estavam juntos, e pelo que percebeu, eram pais devotados.

Jenn deu por si a recuar até à sua infância despedaçada – uma mãe depressiva e alcoólica que desaparecera quando ela era pequena, um pai que partira para formar outra família obrigando Jenn a passar grande parte da juventude em lares de acolhimento. Quando tentou fugir para o mundo do ballet, os seus sonhos esbateram-se.

Em comparação, Camryn parecia ter vivido uma vida perfeita.

Tanta sorte, Pensou.

Mas será que a sorte desta rapariga se tinha esgotado da pior forma possível?

Riley disse, “Gostaríamos de fazer algumas perguntas se possível. Quando foi a última vez que viram a vossa filha?”

Lyla e Trent trocaram um olhar triste.

Trent disse, “Há já algum tempo. Há duas semanas ou mais.”

Riley pareceu surpreendida. Disse, “Mas ela vive aqui na mesma cidade.”

Jenn não gostou daquela abordagem. O comentário de Riley pareceu-lhe um pouco insensível. Mesmo no apartamento de Camryn, Jenn pressentiu que a rapariga era algo distante da família – apesar de não completamente afastada. Camryn dera-se a algum trabalho para ter uma vida só sua, mesmo que apenas noutra parte da mesma cidade.

Lyla encolheu os ombros.

“Penso que tem muito que fazer,” Disse ela. “Com trabalho e escola, não tem tempo para...”

Lyla não terminou a frase. Trent deu-lhe uma palmadinha na mão.

Jenn detetou tristeza no tom de Lyla – e também algum ressentimento. E pressentiu que Trent sentia o mesmo.

A história da família estava a tornar-se clara para Jenn. Este casal tinha trabalhado no duro em empregos servis durante toda a sua vida numa

cidade onde não se enquadravam, criando filhos com sonhos e esperanças que nem imaginavam. Os sonhos desses filhos não eram compreendidos por estas duas pessoas humildes.

A julgar pelas fotos, Jenn calculou que o irmão mais velho de Camryn já se tinha mudado há vários anos. E agora, de uma forma ou de outra, Trent e Lyla também perdiam a filha.

Lyla abanou a cabeça.

Disse, “Não sei o que quer fazer com a vida. Não pode fazer o que quer aqui connosco? Parece que não. Não para de nos dizer que tem sonhos, mas nunca diz que sonhos são esses.”

Jenn sentia o ressentimento de Lyla Mays. E de repente, Jenn não gostou do seu tom.

Porque é que Lyla e o marido não desejavam que a filha tivesse uma vida mais próspera do que a sua?

A preocupação de Lyla crescia. Não parava de contorcer as mãos.

Disse, “Oh, por favort, por favor digam-nos que a Camryn vai ficar bem.”

“É isso que estamos a tentar descobrir,” Disse Riley.

Lyla abanou a cabeça ansiosamente.

“Dissemos-lhe para não ir para aquela faculdade,” Disse ela. “As faculdades são lugares tão violentos, há tantas raparigas a serem violadas nos dias de hoje. Já não é seguro irem para a faculdade.”

Mais uma vez Jenn estremeceu perante as suas palavras. Será que poderia ter dito algo mais derrotista?

Pobre rapariga, Pensou Jenn.

Jenn estava tentada a explicar que era apenas um mito que mais mulheres fossem violadas na faculdade do que mulheres da mesma idade que não frequentavam a faculdade. É claro que Jenn sabia que as violações em faculdades era um assunto importante da atualidade. Mas porque as alunas eram mais conscientes do que as mulheres que não andavam na faculdade. Elas compreendiam o que se passava e estavam determinadas a fazer algo.

Mas agora não era o momento de alertar o casal para os factos. Jenn compreendeu que os seus próprios sentimentos começavam a interferir no seu julgamento.

Ficou a ouvir enquanto Riley fazia as perguntas sensíveis. Os pais sabiam se alguma relação entre Camryn e as outras raparigas? Alguma vez

se queixou de algo na escola ou no trabalho? Sabiam de alguém que a tivesse ameaçado ou feito sentir-se desconfortável?

Trent e Lyla simplesmente não sabiam as respostas.

Pior ainda, Jenn pressentiu que se estavam a tornar cada vez mais aborrecidos a cada pergunta colocada.

A gravidade do que poderia ter acontecido à filha começava a tornar-se demasiado real para eles. Quando Riley acabou de fazer perguntas, Lyla chorava e Trent implorava para que encontrassem a filha sã e salva.

Jenn sentiu-se mal por nem ela, nem Riley poderem fazer quaisquer promessas.

*

Riley entrou no carro ao saírem de casa dos Mays e percebeu que não sabia onde deviam dirigir-se de seguida.

Virou-se para o Chefe Sinard. Ele disse, “Está a fazer-se tarde. Chega por hoje. Para todos.”

Riley olhou para Jenn. A agente mais nova concordou, “Não sei que mais podemos fazer hoje.”

Riley percebeu que também não sabia. Não se lembrava de mais nada para fazer e estava cansada depois de um longo dia que incluía várias horas num avião. No dia seguinte de manhã poderiam recomeçar a busca, talvez entrevistando pessoas que conhecessem Camryn.

Riley reparou que Jenn estivera bastante silenciosa durante grande parte da entrevista. E ainda estava muito silenciosa enquanto Riley conduzia. Algo parecia incomodá-la.

Cuidadosamente, Riley perguntou, “Jenn, passa-se alguma coisa?”

Jenn estava a olhar para a escuridão.

“Porque é que perguntas?” Disse.

Riley encolheu os ombros.

“Não sei. Só me questionei.”

Seguiu-se um silêncio.

Bem, acho que não me quer dizer, Pensou Riley.

Passado algum tempo, Jenn disse, “Riley, achas que a Camryn... quero dizer, pensas que lhe aconteceu o mesmo que...?”

Jenn não concluiu a frase.

“O que é que te parece?” Perguntou Riley.

A voz de Jenn parecia distante e melancólica.

“Não sei. É que... bem, ela enquadra-se no perfil? Ela é tão diferente das outras. Mais velha, numa escola diferente, um tipo de vida completamente diferente. E Afro-Americana.”

Riley disse, “A verdade é que não temos um perfil de vítima – ou um perfil do suspeito já agora.”

Jenn calou-se novamente.

Por fim disse, “Riley, eu... eu quero que ela esteja bem.”

Riley conhecia aquele sentimento demasiado bem.

Jenn acrescentou, “Alguma vez te habituas a... bem, a este trabalho?”

Uma boa pergunta, Pensou Riley. E como a maioria das perguntas, não tinha uma resposta fácil e muito menos reconfortante.

Riley resistiu à resposta que lhe vinha à cabeça:

Não me habituo.

Mas fico dormente.

Pelo menos durante algum tempo e a algumas coisas.

A dormência vai e vem.

Em vez disso, Riley disse, “Queres habituar-te a isso?”

Afinal de contas, aquela era a pergunta mais importante que uma promissora jovem agente devia colocar a si própria no início da sua carreira.

Jenn não respondeu e Riley continuou a conduzir. Ela desejava poder dizer algo que fizesse Jenn sentir-se melhor. Desejava sobretudo poder dizer-lhe que Camryn Mays ainda podia aparecer são e salva.

Mas o seu instinto dizia-lhe o contrário.

Riley tinha a terrível sensação de que já era demasiado tarde para salvar Camryn.

O melhor que podiam fazer era apanhar o monstro, certificarem-se que mais nenhuma rapariga era violada e morta.

Mas Riley não o disse em voz alta.

Guarda os teus pensamentos para ti, Decidiu Riley.

Para além disso, ainda podia estar enganada. Tinha que esperar estar enganada.

Seguiram o resto da viagem até ao hotel em silêncio.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Mais tarde nessa noite no seu quarto, o telefone de Riley tocou quando tinha acabado de se esticar na cama.

Ficou apreensiva quando viu que a chamada era de Bill.

Atendeu rapidamente.

“Bill! Aconteceu alguma coisa em casa?”

“Relaxa,” Disse Bill. “Estive em tua casa e tudo parece estar bem.”

Riley sentiu-se aliviada.

Perguntou, “Novidades de Norfolk? Já apanharam o Hatcher?”

“Não, mas não fiques preocupada. Ainda estão a localizá-lo,”

Riley sentiu-se intrigada.

“A localizá-lo? Pensei que o tivessem encurralado naquele prédio?”

“Não, parece que está à solta em Norfolk. Não sei detalhes, mas o Huang e o Wigton e a equipa estão a seguir cada movimento dele. Tem-se encontrado com muitos camaradas criminosos na cidade. O Huang está muito entusiasmado. Parece que vão apanhar muitos criminosos de alto gabarito juntamente com Hatcher. Mas estão a levar o seu tempo. Querem tirar o máximo partido desta oportunidade.”

Riley agradeceu a Bill e terminou a chamada. Fechou os olhos e percebeu que estava muito cansada. Seria bem-vinda uma boa noite de sono.

Mas não conseguia evitar sentir algum desconforto.

Ela sabia que dormiria muito melhor assim que soubesse que Shane Hatcher tinha sido capturado.

*

Na manhã seguinte bem cedo, Riley acordou de sonhos inquietos ao som do telefone a tocar novamente.

Soltou um resmungo de desespero.

Não podem ser boas notícias, Pensou.

Atendeu o telefone e ouviu a voz do Chefe Sinard.

“Agente Paige...”

Ouviu Sinard a engolir em seco.

“Acabei de receber uma chamada,” Disse Sinard. “A Camryn Mays... foi encontrada.”

Riley percebeu pela voz de Sinard que não valia a pena perguntar se a rapariga estava viva ou morta.

Aquela sensação instintiva que tivera no dia anterior provara estar correta.

Riley conteve um suspiro. Às vezes desejava que o seu instinto se enganasse com mais frequência.

“Onde é que ela está?” Perguntou ao chefe.

“No Parque Cruikshank,” Disse Sinard. “Estou lá agora mesmo.”

“Vamos já ter consigo,” Disse Riley.

A chamada terminou. Foi para a casa de banho e borrifou o rosto com água, apressou-se até à porta do quarto de Jenn e bateu.

Jenn veio à porta ainda com aspeto de sono.

Riley disse, “Desculpa acordar-te tão cedo. Mas temos que ir agora.”

“O que é que se passa?” Perguntou Jenn.

Riley limitou-se a abanar a cabeça.

Os olhos de Jenn abriram-se muito. Ela pareceu apreender o que Riley não verbalizara.

“Oh,” Disse ela num sussurro. “Estou pronta num minuto.”

Jenn voltou para o seu quarto e Riley foi preparar-se para partirem.

*

Apenas alguns minutos mais tarde, Riley e Jenn já estavam no carro a seguir as indicações do GPS até ao Parque Cruikshank. Mal estacionaram no parque de estacionamento, Riley ficou surpreendida pelo aspeto diferente do parque.

Parecia estar arranjado como uma espécie de campo de golfe compacto, com exceção dos pedaços de cimento aqui e ali, e os objetos em forma de cestos em tubos de aço direitos.

“Que tipo de parque é este?” Perguntou Riley quando ela e Jenn saíram do carro.

“Parece um campo de disc golfe,” Disse Jenn.

“Disc golfe?”

“Sim. Já ouvi falar do jogo mas nunca tinha visto um campo. Em vez de bolas de golfe, tenta-se atirar discos do tipo frisbee para aqueles cestos.”

“E chama-se golfe?” Perguntou Riley.

“Podes ver que tens as coisas habituais num campo de golfe.”

Riley sentiu-se desconcertada. A simples ideia do jogo parecia-lhe idiota – e a idiotice era uma característica dissonante numa cena de crime.

Jenn disse, “Ali estão eles.”

O SUV de Sinard e a carrinha do médico-legista estavam estacionados numa estrada anexa a um conjunto de árvores. Várias pessoas estavam ali reunidas, incluindo Sinard e Barry Teague, o médico-legista.

Riley e Jenn dirigiram-se a eles.

Os homens estavam reunidos junto a uma vala de drenagem próxima das árvores. O corpo da rapariga tinha sido descoberto. Riley reconheceu-a como sendo Camryn Mays imediatamente. À primeira vista, também percebeu que o corpo não estava ali há muito tempo – provavelmente há menos tempo do que Katy estivera enterrada no campo de George Tully. O fedor da decomposição começava a instalar-se.

Riley sentiu-se triste ao observar o corpo. Estas raparigas haviam sido perdidas. Se ela tivesse ficado em Angier teria conseguido salvar esta?

Mas percebeu que a resposta era negativa. Camryn Mays já estava morta quando tinham sido avisados que ela estava desaparecida. O mesmo era verdade com as outras.

Ele tinha-as assassinado antes que alguém pudesse soar o alme.

Jenn perguntou a Sinard, “Como é que foi encontrada?”

Sinard disse, “Um tipo estava aqui a fazer a sua corrida matinal. Reparou em sujidade e folhas empilhadas de forma descuidada aqui. Calculo que não tivesse pensado duas vezes se não fossem as outras raparigas assassinadas. Foi bom ter entrado em contacto comigo. Os meus homens descobriram o corpo.”

Riley podia ver a sujidade e folhas que tinham sido colocadas de lado. Alguém tinha simplesmente deixado ali o corpo e tinha-o coberto de forma desleixada com destroços encontrados por ali. O assassino não o tentara enterrar.

Barry Teague, o médico-legista obeso, estava de cócoras junto ao corpo. Riley imitou-o.

“O que é que descobrimos até agora? Perguntou ela.

Teague apontou para as nódoas negras nas coxas da jovem.

“De certeza que foi violada,” Disse ele. “Tal como Katy Philbin. Foi mais difícil com Holly Struthers porque o corpo estava mais decomposto,

mas a minha análise postmortem mostrou que também foi violada.”

Então Riley disse, “Presumo que enviou amostras de sémen para o ADN ser analisado.”

Teague olhou para ela.

“Não encontrámos sémen nas outras raparigas. Esses vestígios podem ser difíceis de encontrar após algum tempo. Oh, às vezes temos sorte e encontramos sémen dias ou até meses após a morte. Talvez tenhamos mais sorte com este.”

Riley levantou-se.

Sinard perguntou-lhe, “O que lhe parece?”

Riley não respondeu. Olhou para o corpo novamente. Tal como os outros três corpos, Camryn tinha sido ali despejada de forma descuidada. Na verdade, o corpo seria descoberto mais cedo ou mais tarde.

Riley considerou tudo muito intrigante.

Um assassino que esconde um corpo geralmente fá-lo para impedir que se descubra que foi cometido um crime.

Este estaria em conflito? A um nível subconsciente, queria ser apanhado?

Sinard abanou a cabeça tristemente.

“Acho que o melhor é dar conhecimento aos pais de Camryn,” Disse ele.

Por momentos pensou se ela e Jenn deveriam ir com ele.

Mas tinham que voltar à investigação. Já tinham entrevistado os pais da rapariga. Tinham visto o seu apartamento e Jenn estivera no seu local de trabalho. Tal como as outras, não fora encontrado o telemóvel com o corpo. Os técnicos de Sinard teriam que trabalhar para encontrar alguma informação eletrónica relevante.

Riley tentou reagir a uma onda de futilidade que começava a apoderar-se dela. Onde encontrariam uma nova pista?

As mortes estavam mais próximas e sabiam que as matava pouco depois de as raptar.

Tinham que apanhar este assassino antes que se perdesse outra rapariga.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Assim que a equipa de Teague transportou o corpo da rapariga para uma maca, Riley e Jenn voltaram para o carro. Os pensamentos de Riley eram agitados tal como a realidade deste novo homicídio.

“O que é que sabemos?” Perguntou Jenn.

Riley não respondeu logo. O que poderiam saber? Pensou. Tinham que se colocar, de alguma forma, à frente deste assassino.

Raramente se sentira tão desesperada por pistas naquele ponto da investigação.

Ligações, Pensou. *Temos que descobrir ligações.*

Ainda não tinha descoberto elos comuns entre as três raparigas mortas.

Ou tinham algo em comum ou o assassino escolhia-as ao acaso. Mas Riley já perseguira antes assassinos que escolhiam as vítimas aleatoriamente e não lhe parecia que fosse o caso ali. Riley tinha quase a certeza que o assassino era alguém que as raparigas conheciam e em quem confiavam. Alguém que tinha um motivo plausível para estar em contacto com elas.

Por isso tinham que ter algo em comum.

E alguém, algures tinha que saber que ligação era aquela.

Pensando em voz alta, disse, “Sabemos que Katy Philbin frequentava o Liceu Wilson e também sabemos que Camryn Mays lá andava há dois anos.”

Riley olhou para o relógio.

“A escola ainda não começou,” Disse ela. “Vamos até ao Liceu Wilson.”

“Já falámos com as raparigas da equipa de futebol,” Disse Jenn.

A sua voz soava algo duvidosa.

“Sim, mas não falámos com toda a gente lá,” Disse Riley.

A verdade era que Riley também não se sentia particularmente confiante.

Enquanto Jenn conduzia até à escola, Riley traçou mentalmente a sua visita. Ainda não tinham conhecido o diretor do Liceu Wilson. Primeiro podiam falar com ele, perguntar-lhe se se recordava de Camryn Mays. Depois podiam descobrir que professores é que Katy e Camryn tinham em comum. Também podiam falar com eles.

Riley lembrava-se de muitas perguntas que lhes podia colocar. Por exemplo:

Apesar das duas raparigas terem uma diferença de dois anos na escola, teriam amigos em comum? Pertenciam aos mesmos clubes? E desportos e outras atividades extracurriculares?

Riley tentou convencer-se que estariam prestes a conseguir alcançar alguns progressos.

Mas em vez disso, não conseguiu evitar sentir que ela e Jenn não tinham nada a que se agarrar.

Afinal de contas, Holly Struthers tinha frequentado um liceu diferente de Katy e Camryn.

Quais eram as hipóteses de encontrar uma ligação entre as três raparigas no liceu Wilson?

Não parecia provável. Mas Riley não sabia que mais fazer.

Os terrenos da escola estavam animados e agitados quando pararam no parque de estacionamento. Os pais deixavam os alunos e havia miúdos por todo o lado – alguns a dirigirem-se ao interior da escola, outros a circularem por ali a rir e a conversar.

Quando Riley e Jenn saíram do carro e caminharam na direção da escola, ouviram uma voz a chamá-las.

“Agente Paige! Agente Roston!”

Riley virou-se e viu um homem sentado numa mesa ao ar livre a acenar-lhes. Reconheceram-no de imediato. Era o treinador de futebol da escola, Judd Griggs. Sentado à sua frente estava uma mulher com um enorme sorriso. Duas adolescentes andavam à volta da mesa a falar com eles.

Griggs acenou a Riley e Jenn.

“Venham até aqui! Sentem-se!”

Riley e Jenn dirigiram-se à mesa e as adolescentes seguiram o seu caminho. Ao sentarem-se, Griggs fez um gesto na direção da mulher sentada à sua frente.

“Agente Paige, Agente Roston – quero apresentar-vos a minha mulher, Renee. Renee, estas são as duas agentes do FBI de que te falei.”

Renee Griggs servia ovos mexidos e salsichas em pratos descartáveis. Renee e o marido bebiam café que havia sido retirado de um termo.

“Oh, o Judd está tão satisfeito por aqui estarem,” Disse ela. “E eu também. Querem comer alguma coisa?”

Depois com uma risada acrescentou, “Preparei demasiado como habitual.”

Riley hesitou. Ela estava ansiosa por entrar e falar com o diretor. Mas nem ela, nem Jenn tinham tomado o pequeno-almoço ou café. Talvez não fosse má ideia comerem qualquer coisa antes de tratarem do que interessava.

Para além disso, podia fazer algumas das perguntas que planeava ao treinador. Olhou para Jenn que parecia estar a pensar no mesmo que ela.

“Obrigada,” Disse Riley a Renee. “Aceitamos.”

Renee falava enquanto servia Riley e Jenn.

“O pequeno-almoço aqui tornou-se numa espécie de ritual para mim e para o Judd. Ele está sempre tão ansioso para vir para a escola e ver os miúdos que não consigo que coma o pequeno-almoço em casa.”

Judd acrescentou com uma risada, “Então persegue-me com ovos e salsichas.”

Renee apontou-lhe o dedo em modo de brincadeira.

“Então Judd, isso não é verdade.”

Antes que dissesse mais alguma coisa, outras raparigas vieram até à mesa cumprimentar e conversar por um bocado com Judd. Riley reconheceu-as do balneário da equipa de futebol. As raparigas olhavam para Riley e Jenn desconfortavelmente. Era óbvio que se perguntavam porque é que as agentes tinha voltado.

Enquanto as raparigas conversavam com Judd, Renee debruçou-se sobre a mesa em direção a Riley e Jenn.

“Estão a ver o que acontece?” Disse ela num sussurro divertido. “As raparigas não o largam e ele passa a maior parte do tempo com elas. Eu tenho que fazer o que estiver ao meu alcance para ter um minutinho com ele. De outra forma, ficavam com ele só para elas.”

Riley estava a desfrutar a tagarelice alegre da mulher. Renee falava num tom de voz feliz que lembrava a Riley outras mulheres de meia-idade do Midwest que conhecera ao longo dos anos. Renee parecia ter a mesma idade do marido – talvez fosse alguns anos mais velha do que Riley. Ambos pareciam ter engordado com o passar dos anos, mas tinham envelhecido de forma graciosa e ainda eram atraentes à sua maneira.

Os olhos de Renee brilharam para Riley e Jenn enquanto continuava a falar.

“Sou presidente da PTA local, por isso passo muito tempo aqui na escola, quase tanto como o Judd. Esta é uma forma adorável de começarmos as nossas manhãs – pelo menos quando o tempo está agradável. Tentamos nunca perder esta oportunidade.”

As raparigas que estavam a falar com Judd acenaram e seguiram o seu caminho.

Agora não havia alunos por perto. Riley estava a tentar pensar como lhes dizer que outra rapariga tinha morrido quando Judd perguntou, “Então, o que as traz por cá? Boas notícias, espero.”

Riley respirou fundo e disse, “Lamento, mas não. Outra rapariga foi morta. Encontrámos o corpo dela esta manhã.”

Judd ficou boquiaberto e a chávena de café estremeceu na sua mão.

“Oh, meu Deus. Espero que não seja outra rapariga da minha equipa.”

“Não. É uma rapariga mais velha que saiu aqui da escola há dois anos. Chamava-se Camryn Mays. Não a conhecia?”

Judd franziu o sobrolho.

“O nome é familiar. Mas não, eu... penso que nunca a conheci pessoalmente. Mas ainda assim... é tão terrível...”

A sua voz ficou afetada com a emoção.

A mulher deu-lhe uma palmadinha reconfortante na mão.

Renee disse calmamente a Riley e Jenn, “Nem sabem como tem sido difícil para o Judd ultrapassar a morte de Katy. Ele gostava tanto dela e ela era uma grande promessa. E depois aconteceu à outra rapariga, a que andava em Lincoln e agora esta hoje.”

Ela baixou os olhos e abanou a cabeça com tristeza.

“Oh, por favor, por favor,” Disse a Riley e Jenn. “Façam com que isto pare. Certifiquem-se de que não volta a acontecer. Acho que o Judd já não aguenta mais. E eu também não.”

Riley sentiu uma enorme compaixão por ambos, sobretudo Judd. Ela detestava dar notícias tão más a alguém. Era uma parte do seu trabalho a que nunca se conseguia habituar.

Seguiu-se um silêncio quando Renee colocou os braços à volta de Judd que parecia conter as lágrimas.

Tão injusto, Pensou Riley.

Desde que ela e Jenn tinham chegado a Angier, encontrara poucas pessoas de quem gostasse. Muitas delas pareciam culpadas de alguma

coisa – o professor de piano, o diretor do Liceu Lincoln, o traficante de droga, até o presidente da câmara.

De todas as pessoas que ali tinham conhecido, Judd e Renee Griggs pareciam as mais decentes, as mais atenciosas e solidárias.

O que as tornava mais vulneráveis à dor – aquilo que parecia injusto a Riley.

Ao mesmo tempo, Riley sentia inveja deles.

Era óbvio que tinham uma relação maravilhosa há muitos anos e tudo neles parecia ser tão...

Demorou um momento para Riley pensar na palavra certa.

Perfeito.

Pensar naquela palavra atingiu-a de uma forma estranha, dúbia.

Não percebeu ao certo porquê.

Depois lembrou-se do que Bill lhe dissera ao telefone.

“Lembra-te – o que parece demasiado perfeito, geralmente é.”

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Riley ficou a olhar para Judd e Renee Griggs em estado de choque.

Tão perfeito, Não parava de pensar.

Renee continuava com os braços à volta dos ombros do marido, murmurando-lhe palavras reconfortantes enquanto ele lutava para manter a compostura.

Não parecia possível que a dor e horror de Judd não fossem perfeitamente sinceros.

Também não parecia possível que uma boa mulher como Renee não devotasse a sua vida a um homem bom e decente.

E no entanto...

Demasiado perfeito, Pensou para si.

Riley ouviu Jenn dizer, “Lamentamos tê-lo perturbado, mas gostaríamos de fazer algumas perguntas...”

Sim, perguntas, Pensou Riley.

A cabeça de Riley estava a explodir com perguntas, mas não as que Jenn pretendia colocar. Por exemplo – onde estava Judd Griggs na última quarta-feira à noite quando Katy Philbin fora violada e morta?

Mas manteve-se calada enquanto Jenn falava, tentando gentilmente persuadir Judd a lembrar-se do que pudesse sobre Camryn Mays.

Era complicado não demonstrar o seu alarme. Ela reparou que tremia ligeiramente. Ficara pálida? O que aconteceria se Judd notasse a sua agitação interna?

Sentiu que tinha de sair dali – imediatamente.

Fingiu que sentira o telefone a vibrar no bolso, depois pegou nele.

“Oh,” Disse. “Surgiu algo. Agente Roston, temos que ir.”

Jenn ficou a olhar para Riley enquanto se levantava.

Riley disse a Judd e Renee, “Peço desculpa por nos irmos embora assim depois de nos oferecerem um maravilhoso pequeno-almoço. Mas isto é muito importante. E urgente. Acreditem em mim, temos muita pena por vos ter dado notícias tão más.”

Judd olhou para ela e assentiu.

“Eu compreendo,” Disse ele. “Vão, façam o que tiverem que fazer.”

A sua mulher concordou.

“Deus vos abençoe por tentarem resolver as coisas,” Disse ela. “Vamos rezar para que sejam bem-sucedidas.”

Riley afastou-se da mesa em direção ao carro e Jenn caminhou a seu lado.

“Riley – o que é que se passa?” Sussurrou Jenn.

Riley pediu silêncio a Jenn.

Entraram no carro e Riley começou a conduzir.

Agora Jenn parecia estar muito agitada.

“Não sou estúpida Riley. Sei que não recebeste nenhuma mensagem. Só inventaste. Só querias sair dali. Porquê?”

Riley não respondeu.

Jenn percebeu.

“Oh, meu Deus,” Disse ela. “Com certeza que não pensas...”

Riley continuou calada.

Jenn disse, “Riley, tens algum motivo racional para suspeitar...”

“Não,” Admitiu Riley. “Não tenho.”

“Então no que é que estás a pensar? Perdeste o juízo?”

Riley estremeceu ligeiramente.

Quase pensou se teria realmente perdido o juízo.

“Onde é que vamos?” Perguntou Jenn.

Era uma boa pergunta e Riley não tinha a resposta.

Ela sabia que não podia prosseguir com o seu terrível palpite sem encontrar algum tipo de prova. Deveriam dirigir-se à esquadra e utilizar o considerável equipamento técnico lá disponível?

Teria que explicar os seus motivos ao Chefe Sinard.

Então o que é que lhe diria?

Que suspeitava que um querido treinador de futebol fosse responsável por violação e rapto, sem nenhum motivo racional?

Isso seria certamente um desastre.

Riley disse a Jenn, “Vamos tomar um café em algum lugar.”

Foram até à baixa e encontraram um café de esquina. Riley estacionou o carro e as duas entraram e sentaram-se no café.

Enquanto Jenn pedia um café para ambas, Riley colocou o seu portátil em cima da mesa. Fez uma busca com o nome do treinador...

“Judd Griggs.”

Obteve uma lista de resultados e rapidamente descobriu que o seu nome completo era Judd Colton Griggs. Muitos dos resultados obtidos eram

notícias, todos a elogiar o treinador. Levara a sua equipa a ganhar muitos campeonatos, mas esses pareciam se os feitos menores conseguidos em Angier. Recebera honrarias e prémios de todo o tipo por serviços à comunidade, sobretudo entre os jovens.

Ele era mais do que um professor ou um treinador.

Ele era um mentor e um guia.

No ano anterior, fora dado um banquete em sua honra. Antigos alunos tinham vindo de propósito para agradecer a Judd Griggs a forma como os inspirara e motivara a atingir grande sucesso na vida.

Riley também encontrou várias referências a Renee Griggs cujo trabalho com a PTA tinha ajudado o Liceu Wilson a alcançar a excelência académica.

Jenn foi para o lado de Riley. Olhou para a informação no monitor.

“Isto é uma loucura,” Disse ela. “Não há nada de errado com este homem e está tudo bem. Com certeza que vês isso.”

Riley não conseguia discordar.

Mas quantos mais elogios via, mais a suspeita aumentava.

Demasiado perfeito, Continuava a pensar.

Continuou a percorrer os artigos, recuando alguns anos.

Por fim, encontrou um de há vinte anos, anunciando que o Liceu Wilson tinha contratado um novo professor de ginástica e treinador de futebol para as raparigas chamado Judd Griggs.

Então Riley reparou em algo estranho.

Apontou para o ecrã e disse a Jenn, “Esta é a referência mais antiga que se encontra de Judd Griggs. Parece não haver mais referências a ele na internet.”

“E então?” Perguntou Jenn.

“Então... não tinha uma vida antes de vir para Angier?”

“Talvez não,” Disse Jenn. “Parece que foi aqui que as coisas começaram para ele.”

“Não, não pode ser,” Disse Riley. “Um homem tão notável não pode ter aparecido do nada. Deve ter impressionado pessoas antes de Angier, na faculdade ou até no liceu. Mas não encontro sinal disso.”

Jenn soltou um grunhido de desaprovação.

“Riley, estás a esticar-te. Estás à procura de provas que não existem.”

Talvez, Pensou Riley.

Mas cada vez mais duvidava disso.

E sabia de alguém que poderia ajudá-la com aquilo.

Pegou no telemóvel e ligou para a extensão de Sam Flores da UAC. Quando apanhou o técnico em linha, ele pareceu satisfeito por ouvi-la.”

“Ei, Agente Paige – o que é que se passa?”

O cérebro de Riley tentava organizar os pensamentos.

“Sam, estou à procura de informações sobre um professor de ginástica e treinador de futebol daqui de Angier. Chama-se Judd Colton Griggs. Fiz uma pesquisa e não consigo encontrar nada sobre ele antes de ter vindo para cá trabalhar há vinte anos.”

“Não precisa de dizer mais nada,” Disse Sam. “Vou ver se consigo aceder a alguns registos oficiais.”

Ouviu os dedos da Sam no teclado do computador.

Depois ouviu-o falar.

“Uh, isto é interessante,” Disse ele. “Encontrei um registo do seu nascimento de há quarenta e seis anos. Depois disso nada. Parece haver um vazio durante vinte e seis anos.”

“O que aconteceu então?” Perguntou Riley.

Sam ficou em silêncio durante alguns instantes, depois disse...

“Morreu.”

CAPÍTULO TRINTA E OITO

O coração de Riley batia descompassadamente perante as palavras que Sam Flores acabara de proferir.

Judd Griggs – morto!

O que poderia aquilo querer dizer?

“Como é que aconteceu?” Perguntou Riley.

“Encontrei o seu certificado de óbito oficial. Teve um acidente de viação. O pescoço partiu-se e pensa-se que terá morrido imediatamente. O certificado não diz mais nada sobre as circunstâncias da sua morte.”

Jenn olhava para Riley de olhos muito abertos, obviamente a interrogar-se do que estava a ser dito. Riley gostava de por a chamada em alta voz para Jenn ouvir.

Mas não podia fazer isso – não num local público como aquele café.

Na verdade, nem devia estar a ter aquela conversa ali.

Ninguém estava por perto e pensava não estar a ser ouvida.

Ainda assim, Judd Griggs era muito conhecido na cidade e podia desencadear rumores estranhos se alguém a ouvisse falar da sua morte.

Riley disse, “Sam, espera um minuto. Temos que ir para um lugar onde possamos falar sem problemas.”

Riley arrumou as suas coisas apressadamente, incluindo o portátil. Deixou dinheiro em cima da mesa para pagar os cafés e dar gorjeta.

“Vamos,” Disse a Jenn.

Levantou-se da mesa e ela e Jenn saíram do café e dirigiram-se ao carro.

“O que é que se passa?” Perguntou Jenn.

Riley disse, “Parece que Judd Griggs morreu há uns bons anos.”

Jenn reagiu. “O quê? Não compreendo!”

“Nem eu. Talvez ambas percebamos daqui a nada.”

Riley e Jenn entraram no carro. Riley abriu o portátil novamente e colocou a chamada em alta voz.

Riley disse a Sam, “A Agente Roston também está a ouvir.”

“OK,” Disse Sam. “Mas tenho que saber porque é que estão tão interessadas neste homem?”

Riley disse, “Existe um Judd Griggs a treinar a equipa de futebol local – e ele está bem e de saúde.”

“E é um suspeito?”

Riley hesitou, depois disse, “Sim.”

Jenn perguntou, “Onde é que isso aconteceu? Onde é que Judd Griggs morreu?”

“No Nordeste do Iowa,” Disse Sam. “Numa pequena cidade chamada Barrows no Condado de MacGrath.”

Riley ouviu Sam novamente a teclar.

Passado pouco tempo disse, “Encontrei um obituário num jornal local. É ainda mesno informativo – sem foto, sem causa da morte. Ninguém parece ter-se importado muito com a sua morte. Não deixou grande marca no mundo. Mas nasceu em Barrows e passou lá toda a sua vida.”

“Outros documentos oficiais?” Perguntou Riley.

Depois de teclar durante alguns segundos, Sam disse, “Encontrei uma carta de condução com a foto dele. Envio por e-mail.”

Dali a momentos, Riley recebeu um e-mail.

A imagem não tinha grande qualidade e era difícil distinguir bem o rosto do homem. Ainda assim, o homem podia ser o mesmo com quem tinham falado há pouco na escola, Pensou Riley. Afinal de contas, muitos anos tinham decorrido.

Pensou durante um momento, “É tudo o que consegues descobrir sobre ele? Quero dizer, antes de se mudar para Angier?”

Sam teclou mais um pouco.

“Não encontro mais nada,” Disse Sam. “O que é que queres que faça agora?”

Riley sentia-se obstruída e desconcertada. Olhou para Jenn e percebeu que ela sentia o mesmo.

Mas há medida que os segundos passavam, um palpite começou a assumir forma na mente de Riley.

Lembrou-se que já tinham feito uma busca de registos criminais cento e sessenta quilómetros à volta de Angier nos últimos dez anos.

Não tinham encontrado nada especialmente útil, mas...

Por fim, Riley disse a Sam, “Quero que faças uma busca de agressores sexuais registados.”

“Com que tipo de parâmetros?”

Riley pensou por um segundo.

“Tenta dois ou três anos após a morte de Judd Griggs. Procura nessa mesma cidade – Barroes, Iowa.”

Riley ouviu Sam teclar novamente.

Ao fazê-lo, disse, “Barrows é uma cidade muito pequena – cerca de mil pessoas. Algo desse género tinha que se destacar como...”

Seguiu-se um silêncio.

Por fim, Sam disse, “Sim, tenho alguém. Um tipo chamado Dillon Connor Crandall. Foi acusado de possuir pornografia infantil cerca de um mês depois de Judd morrer.”

Agora Riley mal conseguia acompanhar os seus próprios pensamentos. Mas ela sabia que estava prestes a descobrir qualquer coisa vital.

Fez uma busca rápida no seu próprio computador.

Dillon Connor Crandall... pornografia infantil... Barrows, Iowa...

Acrescentou o ano em questão.

E logo apareceu um artigo de jornal no ecrã com a manchete...

Professor de ginástica local acusado de posse de pornografia infantil

Ainda mais alarmante do que a manchete era a foto do homem preso.

Também ele parecia uma versão jovem do treinador local. Mas a aparência era muito superior à da foto da carta de condução de Judd Griggs.

Riley e Jenn olharam espantadas uma para a outra.

Então Riley disse, “Sam, vou enviar-te um link.”

Enviou o link para o artigo a Sam de imediato.

“Raios,” Disse Sam.

Há medida que Riley lia o artigo, o seu espanto aumentava. Descrevia um jovem que nascera e fora criado em Barrows e que era querido e respeitado. Fora Escuteiro Eagle, um aluno excelente e um campeão de futebol no liceu. Depois de ir para a faculdade, regressara a Barrows para ensinar no liceu local e ser treinador de atletismo.

De acordo com o artigo, a comunidade estava em estado de choque com aquela acusação. Amigos de longa data diziam que não conseguiam acreditar. O diretor da escola, o Presidente da Câmara e outros cidadãos destacados expressavam a sua desilusão. Os pais recusavam fazer qualquer declaração.

Jenn disse a Riley, “É isto. É o nosso homem.”

Talvez, Pensou Riley.

Mas não se atrevia a ter a certeza para já.

Disse, “Sam, consegues encontrar registos de tribunal sobre este caso?”

Sam teclou, depois disse, “Parece que não constestou a acusação de posse. Não foi acusado de nenhuma agressão. Não existe uma sentença mínima obrigatória para a posse de pornografia infantil. Por isso não cumpriu pena de prisão. Mas teve que ficar registado como agressor sexual. E foi despedido da escola.”

Riley pensou rapidamente.

Disse a Sam, “O que é que consegues descobrir sobre Crandall depois do que aconteceu – a sentença e o despedimento?”

Sam procurou durante algum tempo.

“Nada,” Disse ele. “É como se tivesse desaparecido da face da terra.”

Riley sentiu-se corar com o entusiasmo.

Mas ela sabia que ainda tinham importantes ligações a fazer antes de fazerem alguma coisa.

Jenn estava a olhar para o portátil de Riley.

“Então o que estás a dizer é que... quando Judd Griggs morreu no acidente, Dillon Connor Crandall assumiu a sua identidade.”

Riley anuiu com entusiasmo.

“E o homem que se diz chamar Judd Griggs mudou-se para Angier para começar uma nova vida.”

“Parece tê-lo feito,” Respondeu Sam.

Jenn perguntou, “Achas que o conseguimos apanhar com isto?”

“Não com isto,” Disse Riley. “Não temos nada que o ligue aos crimes. Até agora nem sequer o conseguimos ligar às três vítimas.”

“Katy Philbin jogava futebol,” Disse Jenn. “Camryn Mays também andou no Liceu Wilson, por isso é provável que o conhecesse.” Hesitou e depois acrescentou, “Mas não encontramos nenhuma ligação possível com Holly Struthers.”

Sam Flores falou, “Talvez vos possa ajudar com isso.”

“Olhem para os registos escolares de Holly Struthers. Sabemos que andou no Liceu Lincoln. Pertenceu à equipa de futebol?”

Alguns momentos mais tarde, Sam disse, “Não está em nenhuma lista de desporto. Nem sequer clubes relacionados com desporto.”

“Alguma vez andou no Liceu Wilson? Mesmo que por pouco tempo?”

Depois de alguns instantes de espera, Sam disse-lhes, “Não existe sinal dela em Wilson. Nem sequer com alguma organização. Lamento.”

“Obrigada mesmo assim, Sam. Foste uma grande ajuda. Deste-nos muito com que trabalhar.”

Riley terminou a chamada. Ela e Jenn olharam uma para a outra durante alguns momentos.

“O que é que fazemos agora?” Perguntou Jenn.

Riley disse, “Temos que convencer o Chefe Sinard de que Judd Griggs é o nosso assassino.”

Jenn abanou a cabeça e disse, “Vais-lhe dizer que um dos cidadãos mais amados de Angier é um violador e um assassino? Vai ser difícil de engolir Riley.”

Riley conteve um suspiro de desânimo.

Jenn tinha razão.

Ia ser uma ideia difícil de vender.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Sentada no gabinete do Chefe Sinard, Riley tentou ser paciente. O que poderia acontecer de seguida dependeria de Sinard.

Ela e Jenn tinham-lhe mostrado a informação que haviam reunido. Entretanto, Sam tinha-lhes enviado ainda mais provas, incluindo um número de Segurança Social roubado, credenciais de ensino forjadas e provas de os dois homens tinham sido primos.

Sinard olhou para os documentos no portátil aberto de Riley, pálido com o choque.

“Isto é impossível,” Não parava de dizer. “Não acredito.”

Jenn olhou para Riley duvidosamente como se a dizer...

“Nunca o vamos conseguir convencer.”

Mas Riley pressentiu que Sinard estava a balançar.

Só tenho que continuar a tentar, Pensou.

Afinal de contas, não tinham tempo a perder. Os homicídios eram menos espaçados agora.

Não podiam permitir que voltasse a suceder.

Riley apontou para os documentos no ecrã e disse, “Chefe Sinard, está tudo aqui preto no branco. O homem que conhecem como Judd Griggs foi Dillon Crandall, um agressor sexual registado de Barrows, Iowa. Não vejo como podemos tirar outra conclusão.”

O Chefe Sinard estremeceu ligeiramente.

Disse, “OK, parece que há vinte anos atrás o Griggs teve problemas com a posse de pornografia infantil. Não foi um delito violento e nem cumpriu pena. Mas mudou-se com outro nome e criou uma nova vida aqui. O que é que isso tem a ver com a vida que viveu desde então? Não tem o direito de esquecer o passado?”

Sinard levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro.

Disse, “E a Holly Struthers? Ela não andou na mesma escola das outras raparigas. Não temos nenhuma razão para crer que Griggs alguma vez a tenha conhecido.”

Riley não respondeu. Era essa a falha que a aborrecia. Mas ainda tinha a certeza que faria sentido assim que tivessem ao seu dispor todos os factos. E se não encontrassem uma ligação entre as três raparigas, teriam que encontrar um elo mais direto entre os crimes.

Riley colocou-se à sua frente e olhou-o olhos nos olhos.

“Chefe Sinard, seja honesto consigo próprio. Este homem esteve no meio de vocês este tempo todo, ensinando com credenciais forjadas, escondendo o seu segredo. Pensa mesmo que não teve nada a ver com o que aconteceu a Katy, Holly e Camryn? O treinador Griggs é o primeiro suspeito viável que encontramos. E a mim parece-me ser culpado.”

Sinard desviou o olhar e estremeceu.

“Meu Deus,” Disse.

Ficou em silêncio durante alguns instantes.

Depois disse, “O que pensam que devemos fazer?”

Riley olhou para o relógio. Ainda era cedo. Judd Griggs ainda estava na escola e era provável que a mulher também.

Perguntou a Sinard, “Quanto tempo demora para conseguirmos um mandado de busca à casa de Griggs? Precisamos de procurar provas específicas dos homicídios.”

“O quê?” Perguntou o Chefe Sinard.

“Conseguimos um hoje à tarde?” Perguntou Riley. “Há um juiz disponível?”

Sinard olhou para ela com descrença.

“Agente Paige, isto é uma loucura. E se estivermos enganados? Não faz ideia quão respeitado é Judd Griggs aqui em Angier. Nem imagino o que acontecerá se...”

Riley interrompeu-o firmemente.

“Fiz-lhe uma pergunta, Chefe Sinard.”

Sinard assentiu lentamente.

“Posso escrever um depoimento e enviá-lo por fax ao Juiz Finn juntamente com as outras provas. Geralmente está disponível nesta altura do dia. Posso convencê-lo se tiver dúvidas – e tenho a certeza que terá.”

“Então é melhor começar,” Disse Riley. “Eu e a minha parceira vamos deixá-lo a fazer isso.”

Riley e Jenn saíram da esquadra. Estava um dia agradável, por isso sentaram-se num banco no relvado.

“O chefe está com medo,” Disse Jenn.

Riley anuiu.

“Tem razões para estar. De uma forma ou de outra, as coisas vão ficar muito feias em breve nesta cidade.”

Ficaram em silêncio durante alguns momentos. Corria uma brisa agradável. Riley desejava ter o estado de espírito para a apreciar.

Por fim, Jenn disse, “Riley, desculpa ter duvidado de ti.”

Riley olhou para ela. Por um momento, não percebeu ao que Jenn se referia.

Jenn disse, “Depois de falarmos com o treinador. Recusei acreditar que ele pudesse ser culpado. Nunca o teria investigado se tivesse levado a minha avante.”

Riley estava surpreendida.

“Jenn, é claro que duvidaste de mim,” Disse ela com uma risada. “Apresentei-te uma teoria inacreditável e sem provas. A tua função é questionar julgamentos desses. O Bill teria feito o mesmo.”

Jenn abanou a cabeça.

“Sim, mas... Riley, como é que o fazes? A tua intuição é muito invulgar. Nunca conseguirei fazer o que tu fazes.”

Riley sentiu-se bem. Nunca vira Jenn a mostrar tanta humildade e respeito.

Numa voz gentil e delicada ela disse, “Jenn, dá tempo ao tempo. Eu não desenvolvi estas capacidades do dia para a noite. Quando olho para ti, vejo-me a mim com a tua idade. Mas...”

Riley fez uma pausa.

“Não sei se era tão promissora como tu. Penso que és a nova agente mais excecional com quem já trabalhei exceto...”

Não conseguiu terminar a frase.

Jenn sorriu e terminou o seu pensamento.

“Exceto Lucy Vargas.”

Riley sentiu um nó de emoção na garganta. Anuiu silenciosamente.

Jenn respirou fundo.

Depois disse, “Bem, só quero que saibas que é uma honra trabalhar contigo. Espero estar à altura das tuas expetativas. E outra coisa...”

Jenn calou-se e depois disse, “Não te vou pressionar mais sobre aquilo do Shane Hatcher. Tiveste os teus motivos para ter a relação que tiveste com ele – ou tens. Eu respeito isso. Eu compreendo isso. Também eu tive os meus contactos e conselheiros questionáveis.”

Riley sentiu-se ligeiramente inquieta.

“Não tens que me contar,” Disse Riley.

“Não, tu mereces. Vou-te contar – quando estiver preparada.”

Não disseram nada durante uns minutos.

Depois Riley disse, “Sabes, sempre que nos sentámos para tomar café ou comer, fomos interrompidas. Vamos comer alguma coisa.”

CAPÍTULO QUARENTA

Judd Griggs olhou chocado para Riley.

“Preso?” Disse. “Porquê? Isto é uma loucura!”

Riley olhou para Jenn que parecia alarmada. Ainda assim, Jenn pegou nas algemas.

Felizmente, Griggs parecia demasiado abalado para oferecer qualquer resistência.

Quando Jenn puxou os braços de Griggs para as costas e o algemou, Riley disse...

“Está preso por roubo de identidade.”

“O quê?”

“Penso que me ouviu. Agente Roston, leia-lhe os direitos.”

Jenn leu-lhe os direitos ao mesmo tempo que o conduzia ao SUV do chefe.

Renee Griggs tagarelava e choramingava.

“O que é que se passa? Isto é uma loucura! Porque é que estão a fazer isto?”

O Chefe Sinard murmurou a Riley, “Agente Paige, o que é que se passa?”

“Penso ter sido bastante clara,” Disse Riley.

Sinard ficou a olhar para ela pasmado.

“Vamos levá-lo para a esquadra,” Disse Riley.

Sinard abanou a cabeça e entrou no SUV.

Riley juntou-se ao resto da equipa nas traseiras com Griggs.

A porta fechou-se e Sinard arrancou.

Renee Griggs não parava de gritar.

“Estão a cometer um erro terrível! Vou ligar ao meu advogado! Vão lamentar ter feito isto!”

Ao deixarem a mulher atrás, Riley apercebeu-se que lamentava.

Lamentava a pobre Renee Griggs que claramente não fazia ideia de que estava casada com um monstro.

Vai ser duro para ela, Pensou Riley.

Um pouco mais tarde, Riley, Jenn e o Chefe Sinard escoltaram Judd Griggs para a sala de interrogatório da esquadra, sentando-o na mesa cinzenta. Antes de começarem a fazer perguntas, um homem entrou na sala, parecendo muito agitado.

Disse, “Sou Hunter Grunewald, o advogado do Sr. Griggs. E exijo saber porque é que prenderam o meu cliente.”

Riley olhou para o homem olhos nos olhos.

Disse, “Está preso por violação da Lei de Roubo de Identidade e Dissuasão de Assunção.”

“A quê?” Disse o advogado.

Riley disse, “É uma lei de 1998. A violação da mesma implica uma pena máxima de quinze anos.”

“Sim, estou familiarizado com essa lei,” Disse o advogado. “Mas que raio é que tem a ver com o meu cliente?”

Riley colocou o portátil em cima da secretária e abriu-o. Mostrou todas as provas que tinham contra Griggs – certificados e nascimento e morte, artigos de jornais, credenciais falsificadas e documentos variados.

O advogado olhava para o computador num silêncio de espanto.

Enquanto Riley dava a conhecer mais informação, Griggs começou a choramingar.

Não parava de dizer...

“Oh, meu Deus... oh meu Deus... oh, meu Deus.”

Quando Riley terminou, o advogado tentou manter-se firme.

“Não quero saber o que fez há tantos anos atrás,” Disse. “Ainda estão a cometer um erro. A Lei de 1998 não diz que o roubo de identidade é ilegal, per se. Tem que ser levada a cabo com a intenção de perpetrar outra atividade ilegal.”

Riley foi apanhada de surpresa.

Na sua pressa para agir, não tinha pensado em todos esses detalhes.

Mas agora que tinha conhecimento deles...

“Ele teve uma intenção ilegal,” Disse ela. “Lembre-se, ele falsificou as credenciais de ensino. Tem usado a sua identidade roubada para propósitos fraudulentos há vinte anos. Não tem que ensinar numa sala de aula ou treinar uma equipa de futebol. E não tarda nada será também acusado de homicídio em primeiro grau.”

O advogado ficou boquiaberto.

“Homicídio? Que homicídio?”

Riley disse, “As violações e mortes de Katy Philbin, Holly Struthers e Camryn Mays.”

Grunewald ficou pálido.

Depois disse ao seu cliente, “Peço-lhe que não diga nada. Não responda a quaisquer perguntas.”

Griggs tinha o corpo todo a tremer.

“Não, não,” Soluçava. “Carrego isto comigo há demasiado tempo. Estou cansado de fugir.”

Riley estava na expectativa.

Estaria prestes a confessar tudo?

“É verdade,” Disse Griggs. “Acerca da pornografia, quero dizer. Era jovem e estúpido e... não estava mentalmente bem. E depois de ser apanhado, fiquei tão envergonhado, tão desgraçado. Perdi o meu emprego, todos os meus amigos, perdi tudo e mereci-o mas...”

Continuou a soluçar.

“Mas aprendi a lição. Queria mudar de vida. Por essa altura, Judd Griggs morreu e ninguém lhe deu muita atenção. Nunca fora bom aluno, não conseguia manter um emprego uma relação e bebia demasiado. Estava bêbedo quando teve o acidente. E depois disso acontecer eu...”

Parecia lutar para verbalizar o que lhe ia na alma.

“Tive... uma ideia... onde pudesse encontrar algum tipo de redenção... para ambos.”

Os olhos de Griggs circulavam por todos os que se encontravam na sala.

“Pensei... em ficar com o nome dele e começar de novo... podia ter uma vida diferente.”

Abanou a cabeça.

“Mas ao longo dos anos apercebi-me... uma mentira é uma mentira. Tentei ser o melhor homem que conseguia ser. Mas ainda vivia uma mentira. E tem-me corroído todo este tempo. E nem sabem... o alívio que é... finalmente poder dizer...”

Foi avassalado por um espasmo de soluços.

“Mas nunca fiz mal a quem quer que fosse. Nem no passado, nem depois. Juro por Deus que não fiz.”

O Chefe Sinard ainda não tinha dito nada.

Por fim disse, “Como é que a sua mulher se encaixa nesta história?”

O advogado de Griggs tocou-o no ombro.

“Chega,” Disse ele. “Nem mais uma palavra.”

Judd Griggs anuiu silenciosamente com as lágrimas a escorrerem pelo rosto.

Riley percebeu que dissera tudo o que ia dizer – para já, pelo menos.

O advogado disse aos presentes, “Exijo tempo a sós com o meu cliente.”

Riley, Jenn e Sinard não tinham escolha que não fosse deixar a sala de interrogatório. Ao percorrerem o corredor, um homem alto e zangado dirigiu-se a eles.

Riley reconheceu-o de imediato.

Era o Presidente Daggett.

Num tom de voz agudo disse, “Acabei de receber uma chamada do Juiz Finn, depois outra de Hunter Grunewald. O que é que pensam que estão a fazer?”

O Chefe Sinard foi ao seu encontro e disse, “Prendemos Judd Griggs.”

Riley pressentiu que Sinard atemorizado com a chegada do presidente mas estava a tentar soar e parecer mais assertivo do que se sentia.

“Porquê?” Perguntou o presidente.

Sinard disse, “Vamos acusá-lo de roubo de identidade. E também é suspeito de homicídio.”

O presidente estava incrédulo.

“Homicídio?” Perguntou a Sinard. “Das três raparigas, quer dizer? É uma loucura. Conheço o Judd há anos, desde que chegou a Angier. Ele não é um assassino. Ele é o melhor homem que eu conheço.”

Depois virou-se para Riley e Jenn.

“Isto é culpa vossa,” Disse-lhes. “Vocês as duas só têm causado problemas desde que aqui chegaram. Não têm respeito pela Constituição, conduzindo buascas ilegais e batendo em suspeitos, e o médico-legista do condado diz que não tiveram uma conduta correta noutra cena de crime.”

Espetou-lhes o dedo.

“E não fazem ideia do q sarilho em que se meteram agora ao prender um homem tão bom e decente como Judd Griggs. Toda a cidade vai explodir na vossa cara. Os vossos superiores vão ter conhecimento disto, acreditemn em mim, E vão perder os vossos distintivos se depender de mim.”

Riley sentiu uma raiva súbita. Dirigiu-se ao presidente.

“Sr. Presidente, da última vez que nos encontramos, disse-nos que não havia um assassino em série. Coisas dessas não aconteciam em Angier, disse. É uma cidade tão pacífica com pessoas felizes, disse.”

Riley aproximou-se mais do seu rosto e falou firmemente. “Bem, não é tão pacífica e não é tão feliz. Temos três cadáveres até agora – três mulheres violadas e assassinadas. É bom que tenhamos apanhado o homem certo ou haverá mais crimes.”

Riley passou por ele e prosseguiu o seu caminho pelo corredor, juntamente com Jenn e o Chefe Sinard.

Sinard murmurou-lhe baixinho, “Tenho um mau pressentimento sobre isto.”

Riley não respondeu. Não havia nada a dizer – e nada mais que ela e Jenn pudessem fazer. Mais valia regressarem ao motel.

Quando ela e Jenn se encaminharam para o carro, algo começou a incomodá-la.

Teriam apanhado o homem errado?

Mas não, era impossível. No calor da prisão, estava a ser irracional.

Ainda assim, ela pressentia que as suas dúvidas não iriam desaparecer. Teria que descobrir a verdade.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Riley e Jenn entraram no carro, e Riley começou a conduzir de regresso ao motel. O início da noite caía. A cabeça de Riley ainda estava às voltas com tudo o que tinha acontecido naquela tarde.

E aquela sensação incómoda não desaparecia.

Seria possível – só vagamente possível – que o treinador não fosse o assassino?

“Então e agora?” Perguntou Jenn a Riley.

Riley olhou para ela e encolheu os ombros.

“Bem, sabes como é o procedimento. O Procurador Distrital tem que rever as provas e decidir quanto às acusações. O Chefe Sinard está provavelmente em contacto com ele agora. Mas provavelmente não fica concluído hoje. Amanhã o suspeito enfrentará um juiz e falar-se-á na fiança, mas tendo em consideração a acusação de homicídio...”

Jenn interrompeu-a com uma risada.

“Sei tudo isso. Queria dizer, e nós? Encerrámos o caso, já não há necessidade de cá ficarmos. Os locais tomam agora conta disto. Voltamos para casa amanhã. Vou ficar contente por me livrar desta cidade. Tenho a certeza que sentes o mesmo.”

“Sim,” Disse Riley. “Sinto o mesmo.”

Decidiu não mencionar o as dúvidas vagas que se apoderavam da sua mente.

Afinal de contas, não fazia sentido – nem para ela.

Olhando para a janela, Jenn disse, “Nunca tinha trabalhado num caso como este. Estou exausta. Já me sinto a colapsar. Ainda assim, sinto-me bem com aquilo que conseguimos – como trabalhámos juntas como equipa. Mal posso esperar pelo próximo caso.”

Jenn calou-se por algum tempo.

Por fim, disse, “Foi uma tremenda experiência para mim. Foi uma honra tão grande trabalhar contigo.”

Riley ficou sem palavras. Ela sabia que devia devolver o elogio. Apesar das suas dúvidas, Jenn merecia ser elogiada.

“Fizeste um grande trabalho, Jenn,” Disse finalmente.

Parecia insuficiente e Riley sabia que Jenn merecia melhor. Tinha realmente feito um trabalho soberbo. Mas Riley não se lembrava de nada

melhor para dizer. Estava demasiado distraída.

Continuava a pensar em Judd Griggs e na sua chorosa confissão.

Parecia tão dolorosamente sincero. E talvez tivesse mesmo mudado.

É claro que isso não significava muito.

Riley sabia por experiência própria que os assassinos conseguiam fingir sinceridade de forma brilhante.

Mas a sua mente ainda estava agitada. Quão certos estavam de que ele era realmente o assassino?

Não era possível que Griggs fosse simplesmente um homem bom mas com falhas tentando desesperadamente esquecer o passado?

Se fosse esse o caso, com que direito destruíam tudo o que ele fizera para se redimir, humilhando-o novamente perante toda a comunidade de pessoas que o admirava e amava?

Para com isso, Pensou Riley. Não faças isto a ti própria.

Afinal de contas, o seu instinto tinha-lhe dito que Griggs era quem procuravam.

E o seu instinto raramente a enganava.

*

Sem nada que exigisse a sua atenção, Riley e Jenn foram para o quarto de Riley, encomendaram uma pizza e cerveja, e começaram a ver um filme. Riley continuava distraída e era com dificuldade que seguia a história, mas Jenn tagarelava.

Depois Jenn sossegou e começou a bocejar.

“Uau, estou mesmo a começar a ir-me abaixo,” Disse finalmente, esticando os braços e soltando um enorme bocejo. “Não fazia ideia de como estava cansada. Acho que nem consigo ficar acordada para ver o resto do filme.”

“Não faz mal,” Disse Riley. “Vai descansar. Bem mereces.”

Jenn foi para o seu quarto, deixando Riley sozinha.

Riley olhou para a televisão até o filme terminar. Não fazia ideia sobre que era e nem queria saber. Quando acabou, Riley desligou a televisão. Já nem se lembrava da história.

Pegou na garrafa de bourbon que tinha comprado há alguns dias e serviu um copo, lembrando-se para não abusar. Sentia-se sombria o suficiente para ainda se embriagar. Não a faria sentir-se melhor.

Enquanto bebia apercebeu-se de que não comunicava com a família desde que saíra de casa no dia anterior.

Pegou no telemóvel e ligou para casa. April atendeu.

“Ei mãe! Já resolveste o caso?”

Riley conteve um suspiro.

“Penso que sim. Talvez.”

April riu-se.

“Não pareces muito entusiasmada.”

Riley forçou uma risada.

“Tive um dia longo. Está tudo bem por aí?”

“Tudo bem. Temos saudades tuas.”

“Também tenho saudades vossas.”

“Quando é que vens para casa?”

Riley hesitou, depois disse, “Penso que amanhã.”

“Ótimo! Vemo-nos amanhã então! Amo-te mãe.”

Também te amo,” Disse Riley.

Terminaram a chamada e Riley de repente apercebeu-se quão aliviada estava por saber que em casa todos estavam bem.

Enviou uma mensagem a Blaine.

Tenho saudades. Espero regressar em breve.

Só havia mais uma coisa que queria conferir.

Enviou uma mensagem a Bill.

Há notícias do Hatcher?

A mensagem foi entregue e lida. Depois Bill enviou-lhe a resposta.

Está tudo na mesma. Eu digo-te se acontecer alguma coisa. Não te preocupes.

Riley torceu o nariz.

Não te preocupes. Impossível.

Mas respondeu...

Não me preocupo. Obrigada por tudo.

Bill respondeu.

Fico contente por poder ajudar.

Riley terminou a bebida, tomou um banho e foi para a cama.

Estava cansada, mas por alguma razão ainda não se sentia preparada para dormir. Lentamente, começou a perceber o que lhe estava a falhar.

Sempre que trabalhava num caso de homicídio, havia pelo menos um momento em que sentia uma forte ligação com o assassino e conseguia entrar na sua pele e até na sua mente.

Isso não sucedera neste caso. Tinha apenas impressões vagas sobre este assassino.

Conseguiria estabelecer essa ligação naquele momento?

Esticou-se debaixo dos lençóis, respirou lenta e profundamente, fechou os olhos e começou a imaginar e a visualizar a entrada no corpo do assassino.

Primeiro escolheu a hora e o local.

Era meio da tarde e ele estava sentado nas bancadas a assistir ao treino de futebol das raparigas.

Os seus olhos pousavam na jovem Katy Philbin.

Uma estrela, Pensava com admiração paternal.

Tão prometora.

Mas ao observá-la, os seus pensamentos obscureceram-se.

Sentiu uma urgência familiar de luxúria a insinuar-se.

Não, Disse a si mesmo com medo.

Não desta vez.

Não ela.

Não a Katy.

Depois do que fizera à outra rapariga, prometera a si próprio...

Nunca mais.

Tentou lutar contra aquele sentimento, mas apenas se tornava mais forte.

Por fim, desistiu, rendeu-se, deixou a luxúria apoderar-se dele.

A sua luxúria misturava-se com outra emoção terrível – um ódio implacável e inexplicável.

Era um sentimento emocionante, intoxicante, viciante.

Era uma chamada irresistível para praticar o mal.

O seu rosto contorceu-se numa careta feia...

Riley abriu os olhos.

Percebeu ainda sentia a forma daquela emoção odiosa no seu próprio rosto.

Mas algo parecia errado.

Ela imaginou na sua mente Judd Griggs. Tentou imaginar a mesma expressão do seu rosto.

Mas não conseguiu.

Por que não? Interrogou-se.

O cenário que ela imaginara estava de alguma forma errado.

Mas de que forma?

Riley soltou um suspiro.

Ela já devia saber que aquilo não resultaria . não na sua cama.

Geralmente conduzia esses momentos de ligação nos locais do crime. Ou pelo menos em locais relacionados com o crime.

Não, não ia resultar ali.

Mas pelo menos sentia-se mais cansada agora.

Fechou os olhos e adormeceu rapidamente.

*

Riley ouviu o telefone a tocar na sua mesa de cabeceira.

Abriu os olhos e viu luz na janela. O relógio indicava que eram oito horas.

Riley ficou surpreendida por dormir até tão tarde.

Mas no final de contas, o dia anterior tinha sido longo e cansativo.

Pegou no telemóvel e atendeu a chamada.

“Agente Paige, daqui fala Chefe Sinard. Achei que devia saber que acabámos de libertar Judd Griggs.”

Riley sentou-se na cama.

“O quê?” Perguntou, incrédula.

“O Procurador Distrital ponderou acusá-lo ontem. Mas hoje tem a certeza de que Griggs não é culpado – e também eu.”

Riley esfregou os olhos.

“O que é que quer dizer?”

“Desapareceu outra rapariga,” Disse Sinard. “Aconteceu enquanto Griggs estava detido.”

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Riley nem acreditava no que o Chefe Sinard lhe acabara de dizer. Sentiu-se mesmo tonta.

Outra rapariga – desaparecida! Pensou.

“Não acredito,” Disse ela.

Mas a verdade era que parte dela acreditava que era verdade. Afinal de contas, andava com dúvidas desde a noite do dia anterior.

Sinard parecia amargo e zangado.

“Não tem que acreditar. Na verdade, quero que fique de fora disto daqui em diante. Não apanhou o assassino e destruiu a reputação de um homem bom. Quero que você e a sua parceira regressem a Quantico imediatamente. Ligue para o avião da UAC e eu envio o agente Laird para vos acompanhar ao aeroporto. Podem deixar o meu carro no parque de estacionamento do motel. Alguém o irá buscar mais tarde.”

Riley ficou calada.

“Ouviu-me?”

“Ouvi,” Disse Riley.

E terminou a chamada abruptamente.

Depois sentou-se na cama a tentar organizar os seus pensamentos caóticos.

As palavras de Sinard continuavam a ecoar na sua mente.

“Quero que você e a sua parceira regressem a Quantico imediatamente.”

Ela sabia que era sua prerrogativa mandá-las de volta. Estavam ali a seu pedido, no final de contas. Ele podia mudar de ideias a qualquer momento.

E no entanto...

Há um assassino à solta em Angier, Pensou ela. *Está mais perigoso do que nunca.*

Será que ela considerava que a polícia local era capaz de o parar?

Decidiu acordar Jenn de imediato.

Elas precisavam de ir para a esquadra o mais rapidamente possível.

Na curta viagem até à esquadra, Riley contou a Jenn o que tinha sucedido.

Jenn pareceu ficar ainda mais abalada com as notícias do que Riley.

“Não compreendo,” Disse Jenn. “Simplesmente não entendo.”

“Já somos duas,” Disse Riley. “Mas não esperes que o Chefe Sinard nos receba calorosamente. Não ficar contente por nos ver.”

“Um, Riley,” Disse Jenn, apontando. “Acho que ele não é o único que não vai ficar contente por nos ver.”

Riley estava a parar em frente à esquadra. Ao estacionar, viu uma multidão de pessoas ali reunidas. No topo das escadas estava Judd Griggs, a mulher e o seu advogado. Estavam ladeados por dois polícias.

“Oh, não,” Murmurou Riley.

Ela e Jenn saíram do carro e aproximaram-se da multidão.

Judd Griggs ainda falava à multidão, sorrindo amplamente.

Disse, “Uma noite na prisão foi uma nova experiência. Mas não a quero repetir.”

Uma risada soltou-se da multidão.

O treinador já falava há algum tempo, encantando a multidão e ganhando a sua simpatia.

Continuou, “Amigos, vão ouvir algumas coisas más sobre mim nos próximos dias. Algumas dessas coisas podem não ser verdadeiras, mas temo que outras sejam verdade. Se forem verdadeiras, admitirei que são. Não vou fingir que vivi uma vida perfeita. Mas penso que sabem que sou um homem que admite os seus erros. E já me redimi desses erros há muitos anos.”

Abraçou a mulher que também sorria.

“A Renee entrou na minha vida numa altura má. Ela viu algo em mim que nem eu via. Ela transformou a minha vida e fez de mim um homem melhor. Devo-lhe tudo.”

A voz de um homem destacou-se na multidão.

“O que é que vai fazer agora Treinador? Processar a cidade?”

O de Griggs avançaram. Ele parecia ansioso para responder à pergunta com um “Sim”. Mas Griggs acalmou-o.

“Essa não é a nossa prioridade, acreditem em mim,” Disse Griggs.

“Neste momento eu e a Renee vamos voltar à nossa vida normal.”

Ainda tinha o braço à volta de Renee. Ele falou à multidão.

“Entretanto, há um verdadeiro assassino à solta na cidade, O Chefe Sinard acabou de nos dizer que desapareceu outra rapariga! O FBI envia agentes para aqui para resolver o caso, mas o que é que acabam por fazer? Acusam o meu marido! Não sei quanto a vocês, mas isso deixa-me furiosa! E com medo!”

A multidão gritou em concordância.

Então Renee apontou para Riley e Jenn.

“E ali estão elas! Têm uma grande lata em aparecerem aqui! Agentes Paige e Roston., penso que devem um pedido de desculpas ao meu marido e ao povo de Angier. E espero que nos digam o que andam a fazer para manter as nossas filhas seguras!”

Riley e Jenn foram engolidas pela multidão furiosa que as empurrou e lhes chamou mentirosas, exigindo desculpas. Riley agarrou em Jenn pelo braço e puxou-a na direção da esquadra por entre a multidão. Estava preocupada que as coisas se tornassem violentas – não pelo que podia acontecer-lhe a ela e a Jenn, mas pelo que podiam fazer para se defenderem.

A última coisa que queria naquele momento era que alguém se magoasse.

Ela e Jenn passaram pela multidão. Quando chegaram à porta, até os dois polícias mativeram os braços cruzados, fazendo questão de não lhes serem úteis.

Riley empurrou a porta e ela e Jenn entraram.

“O que é que fazemos agora?” Disse Jenn, sem fôlego.

“Vamos falar com o Chefe Sinard,” Disse Riley. “Quer queira, quer não.”

Foram diretas para o gabinete do chefe. De forma pouco surpreendente, cumprimentou-as com uma expressão soturna e não se levantou da cadeira.

“Pensava que vos tinha dito que o vosso trabalho aqui tinha terminado,” Disse ele, remexendo em papéis na secretária.

Riley colocou-se à beira da secretária a olhar para ele.

“O mínimo que pode fazer é dizer-nos o que aconteceu,” Disse ela. “Quem é a rapariga que desapareceu? Porque é que têm tanta certeza que desapareceu?”

Os olhos de Sinard circulavam entre Riley e Jenn, como se tentando decidir se se incomodaria a dar-lhes uma explicação.

Por fim, falou num tom de voz zangado.

“Chama-se Amelia Stack. Frequenta o Liceu Wilson. Foi vista pela última vez ontem à tarde depois dos ensaios por volta das quatro e trinta. Escusado será dizer que foi depois de prendermos o treinador.”

Calou-se por um momento.

“Ela e os colegas da peça deviam encontrar-se para comer depois do ensaio. Ela não apareceu e os amigos disseram que não era habitual nela. Não foi jantar a casa, por isso os pais começaram a ficar preocupados. Ela disse-lhes que tinha planeado ir a casa de uma amiga mais tarde nessa noite para estudar. Ligaram aos pais da amiga – nunca apareceu. Ligaram a todos os amigos de Amelia e ninguém sabe onde possa estar.”

Sinar tamborilou os dedos na secretária.

“Amelia é uma boa rapariga de confiança e eles sabem que ela não desapareceria sem mais nem menos. Ligaram-me. Os meus homens e eu passámos a noite inteira à procura dela e não a conseguimos encontrar.”

Sinard levantou-se da secretária e começou a andar de um lado para o outro.

“Bem, liguei para o Procurador Distrital esta manhã. Ele já tinha dúvidas em apresentar acusação contra o Treinador Griggs, mas isto foi a última gota. Ele ordenou a sua libertação há pouco.”

Apontou com o dedo para Riley e Jenn.

“Eu disse-vos que queriam que se fossem embora e estava a falar a sério. Se precisarmos da ajuda da UAC, eu ligo a alguém – a agentes que façam ideia do que estão a fazer. Entretanto, quero que saiam desta cidade, ouviram?”

Riley olhou-o nos olhos durante um momento.

“Amelia Stack fazia parte da equipa de futebol?” Perguntou.

Sinard olhou para ela. “Não sei,” Disse. “Isso não interessa neste momento.”

Então Riley virou-se e disse a Jenn, “Vamos embora.”

Quando Jenn a seguiu para fora do gabinete, Sinard ainda gritou.

“Ouviram o que vos disse. Quero que desapareçam!”

Riley e Jenn percorreram o corredor em direção à entrada.

“Ainda temos trabalho a fazer,” Disse Riley.

“Como?” Perguntou Jenn. “Não compreendo.”

Riley também ainda não tinha a certeza – ainda não.

Mas outra rapariga tinha desaparecido e podia já estar morta.

Não tinham tempo a perder.

Felizmente, a multidão já dispersara quando saíram do edifício e não havia sinal do treinador Griggs e da mulher. Entraram no carro do chefe e Riley começou a conduzir.

“Onde é que vamos?” Perguntou Jenn.

Um plano frenético estava a fervilhar na mente de Riley.

“Vou-te deixar no Liceu Wilson,” Disse ela. “Podes perguntar se Amelia Stack pertencia ou não à equipa de futebol. Tinha que ter alguma relação com treinador. Vê o que consegues descobrir.”

Jenn sentou-se no carro olhando para Riley com descrença.

“Estás a brincar?” Disse ela. “É o que queres que faça? Pensas que vou saber algo que ainda possa salvar...”

Riley interrompeu-a com voz firme.

“É uma ordem, Agente Roston.”

Era a primeira vez que Riley a tratara daquela forma em vários dias.

Jenn parecia ter sido esbofeteada.

Disse num tom amargo, “E você – *Agente Paige*? O que vai fazer enquanto eu faço perguntas no Liceu Wilson?”

“Isso é assunto meu,” Disse ela.

Jenn demonstrou a sua raiva e frustração.

“Se o diz,” Disse ela.

Viajaram o resto do caminho até à escola em silêncio.

Riley odiava ter que falar assim com Jenn. Mas ela sabia que era para o bem dela.

Levar Jenn até ao Liceu Wilson servia apenas o objetivo de a afastar de Riley.

Riley estava prestes a fazer algo desesperado, algo que poderia colocar um ponto final na sua carreira.

Não há necessidade de arruinar também a carreira da Jenn, Pensou.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Bill fazia aquela viagem quase todos os dias desde que Riley partira para o Iowa. As suas passagens regulares pela casa de Riley apenas tinham sido interrompidas pelo seu colapso emocional no domingo.

Ele sabia que o SPT podia acontecer a qualquer pessoa. Ele até ajudara Riley a enfrentá-lo. Mas ainda o envergonhava ter-se ido abaixo e ter afastado Riley do seu caso.

Agora que Riley estava de regresso ao caso, Bill sentia-se bem por estar de volta à sua missão não oficial.

Mas reparou em algo perturbador.

O carro da polícia descaracterizado que se encontrava em frente à casa de Riley parecia estar vazio.

Que raio? Pensou.

Bill estacionou o seu carro próximo, saiu e olhou para o interior do outro veículo.

Não estava mesmo ninguém dentro do carro.

Sentiu invadir-se por uma onda de cólera.

Durante os últimos dias, falara com os polícias que vigiavam a casa de Riley por turnos. Sabia que Maddox e Carney deviam estar ali no turno diurno. Pareceram-lhe tipos às direitas, mas não particularmente inteligentes. Ainda assim, Bill pensava que estavam à altura do trabalho de vigiar a casa onde o mais provável era não acontecer nada.

Afinal de contas, das últimas notícias que obtivera, a equipa do FBI ainda estava a localizar Shane Hatcher em Norfolk.

Bill resmungou...

“O que é que estes palhaços estão a fazer? Será que foram buscar um donut?”

Abanou a cabeça frustrado, depois decidiu verificar a casa de Riley por sua conta. Dirigiu-se à porta de entrada e tocou à campainha.

Ninguém atendeu. Ele sabia que os miúdos estavam na escola, mas onde estava Gabriela?

Depois Bill reparou em algo que o assustou.

A porta não estava completamente fechada.

Empurrou a porta que abriu sem esforço. Será que Gabriela tinha deixado a porta entreaberta por acidente? Não, isso não parecia coisa da

Gabriela.

Bill respirou fundo para se acalmar. Depois sacou da sua arma e entrou na casa.

No meio da sala de estar, encontrava-se o agente Maddox numa poça de sangue.

Correu até ao corpo, ajoelhou-se e sentiu a pulsação.

Maddox estava morto.

Ao lado do corpo estava uma corrente ensanguentada.

Shane the Chain! Pensou Bill com um estremecimento.

Era o lendário cartão de visita de Hatcher e o seu método preferido de matar. Bill sabia que Riley acreditava que Hatcher já não praticava esses atos.

Era óbvio que ainda o fazia.

Voltara a ser o assassino frio que sempre se insinuara debaixo da sua superfície educada.

Bill viu os olhos de Maddox abertos numa expressão de puro terror.

Bill engoliu em seco.

Devia ter sido uma forma horrível de morrer.

Mas Bill não tinha tempo para pensar nisso. Parecia possível que Shane Hatcher ainda se encontrasse na casa. Se assim fosse, onde estava o segundo polícia? E o que era feito de Gabriela?

Com a arma pronta, Bill moveu-se lentamente pela casa, olhando em todas as direções. Não ouviu sons exceto a sua própria respiração e passos cautelosos.

Quando chegou ao fundo da casa, Bill viu a porta para o quintal também aberta.

Bill lembrou-se de que Gabriela vivia num apartamento na cave, por isso desceu as escadas. Encontrou a porta parcialmente aberta.

Quando entrou no apartamento, viu o corpo de Carney.

Carney morrera de forma diferente – a garganta estava cortada e a faca ensanguentada que a cortara ainda estava ali.

Tal como Maddox, Carney parecia estar morto há cerca de uma hora.

Agora ao seu coração batia descompassadamente.

Onde é que estava Gabriela? Shane Hatcher ainda estaria na casa?

Bill subiu as escadas e continuou até ao segundo andar. Procurou freneticamente em todos os quartos e armários. Não havia sinal de Hatcher – ou de Gabriela.

Bill sentiu-se confuso. Voltou a descer as escadas, tentando organizar os pensamentos, tentando perceber o que tinha acontecido. Aos poucos, tudo começou a fazer sentido.

Hatcher tinha escapado à UAC em Norfolk. Deixara falsas pistas em todo o lado para os manter ocupados. Só fora para lá como ardil, para o deixar livre para regressar sem o conhecimento de ninguém.

Hatcher deve ter entrado pela porta das traseiras, desmantelando o sistema de segurança. Ainda assim, algo deve ter chamado a atenção de Maddox e Carney – possivelmente algo tão simples como uma sombra numa janela.

Os dois polícias tinham entrado na casa e separaram-se para fazer uma busca. Carney tinha sido o primeiro a encontrar Hatcher no apartamento de Gabriela. Hatcher matara-o rapidamente, em silêncio e sem piedade. Depois Hatcher subira as escadas, apanhara Maddox de surpresa e espancara-o até à morte com as correntes.

Mas onde estava Hatcher agora?

E o que acontecera a Gabriela?

Felizmente, Bill tinha o número de telemóvel de Gabriela. Ligou para o número e suspirou de alívio quando a mulher Guatemalteca atendeu.

“Gabriela, fala Bill Jeffreys. Onde está neste momento?”

“A fazer compras. Passa-se alguma coisa?”

“Os miúdos estão na escola?”

“*Sí*, claro. O que é que se passa? Está a assustar-me.”

Bill tentou parecer mais calmo do que se sentia. Não havia necessidade em contar a Gabriela dos dois polícias mortos.

Disse, “Gabriela, faça o que fizer, não venha para casa.”

“Porque não?”

“Confie em mim.”

“Mas para onde deverei ir?”

Bill pensou durante um momento,

Lembrou-se daquele tipo encantador com quem Riley estava a sair.

Disse, “Pode ir para a casa de Blaine Hildreth?”

“*Sí*, estou pero neste momento.”

“Quanto tempo demora a lá chegar?”

“Só alguns minutos.”

“Vá para lá agora. Vou ligar-lhe e dizer-lhe que vai a caminho. Fique com ele até eu entrar em contacto consigo.”

Bill terminou a chamada, depois ligou para Blaine.

Quando Blaine atendeu, Bill informou-o de quem era.

“Onde está agora?” Perguntou Bill.

“Em casa. Estava a preparar-me para ir para o meu restaurante.”

“Não vá,” Disse Bill. “Fique onde está. A empregada da Riley, Gabriela, está a caminho da sua casa. Tem que a manter aí.”

“O que é que se passa?”

Riley não sabia o que dizer. Ele evitara contar a Gabriela a cena macabra que encontrara. Não gostava de assustar civis. Mas estava a envolver Blaine naquela situação. Blaine merecia saber.

Bill disse, “Os polícias que estavam a vigiar a casa de Riley foram mortos, asqui mesmo na casa de Riley. O Shane Hatcher esteve aqui. Foi ele que os matou. Agora está à solta e parece particularmente perigoso.”

Meu Deus,” Murmurou Blaine.

Bill esperava que Blaine não entrasse em pânico.

Mas Blaine estar bem quando falou.

“Então a Gabriela vem para minha casa. E os miúdos da Riley? Estão a salvo?”

“Estão na escola.”

“Não foi isso o que perguntei. Estão a salvo?”

Bill sentiu-se assustado.

Isso é uma boa pergunta, Pensou. Afinal de contas, Hatcher sabia de certeza que se encontravam na escola.

Seria lá que atacaria de seguida?

Era uma possibilidade horrível.

Bill pensou rápida e eficazmente.

Lembrou-se rapidamente de algo que Riley mencionara casualmente numa ocasião. Porque Riley estava fora tantas vezes, dera a Gabriela muitas das suas prerrogativas e autoridade parental.

Bill disse, “A Gabriela está quase a chegar. Leve-a à escola e peça-lhe para tirar os miúdos da escola. Leve-os a todos para sua casa. Depois não vão para lado nenhum. Percebeu?”

“Sim,” Disse Blaine. “Bill...”

Bill ouviu a hesitação na voz de Blaine.

“O que é?” Perguntou Bill.

“Eu tenho uma arma,” Disse Blaine.

Bill estremeceu ligeiramente. Ele sabia que Blaine estava a tentar garantir-lhe que conseguia manter todos a salvo. Mas da sua longa experiência, Bill considerava a ideia de civis com armas tudo menos tranquilizadora.

“Não vai precisar dela,” Disse Bill.

Terminou a chamada, esperando ter razão.

Entretanto, havia muito a ser feito ali naquele momento. Tinha que entrar em contacto com a polícia de Fredericksburg e também com o FBI.

Decidiu ligar primeiro ao FBI.

Tinham que saber que a sua busca terminara em tragédia e que Hatcher estava à solta, provavelmente em Fredericksburg.

Ligou para o FBI.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

O instinto de Riley dizia-lhe que precisava de fazer uma busca na casa do treinador. Com uma rapariga desaparecida e em perigo, ela sabia não ter escolha senão seguir o seu instinto. Não havia tempo para mais nada.

Estacionou o carro à frente da casa, caminhou na sua direção e tocou à campainha.

Não sabia se o treinador e a sua mulher estariam em casa. Esperava que não. Mas se Judd ou Renee viessem à porta, ela sabia exatamente o que dizer.

Desculpar-se-ia abjetamente pelo trauma a que os sujeitara e prometeria que algo do género não voltaria a acontecer.

É claro que seria humilhante e deixaria o objetivo de Riley por concretizar.

Respirou funco quando ninguém veio à porta.

Pegou no seu kit de fechaduras e abriu a porta de entrada.

Mal entrou lá dentro, viu algo errado.

Uma das grandes cadeiras da sala de estar tinha sido removida.

Riley caminhou pelo chão atapetado. Do outro lado da cadeira deslocada havia um buraco quadrado no chão.

Era um alçapão aberto. Viu escadas.

Uma cave! Pensou Riley.

Quando ela e Jenn tinham feito a busca no dia anterior com Sinard e os outros, todos pensaram que a casa não tinha cave. Não havia sinais de haver uma.

Mas agora sabia que tinha.

Na entrada, olhando para a luz fraca lá em baixo, Riley não conseguia ver muito para além do chão de cimento com tapetes espalhados.

Mas ao prestar atenção, ouviu algo.

Algo ou alguém movia-se lá em baixo. Também ouviu o que parecia ser uma voz de rapariga.

A Amelia está aqui! Pensou.

E assim, Riley teve a certeza, era o treinador.

E o treinador devia saber que Riley estava ali.

Ele não poderia não se ter apercebido dos passos no chão acima de si.

O que devia fazer agora?

Considerou identificar-se e anunciar que ele estava preso.

Mas e se usasse a rapariga como refém? Talvez já estivesse a segurá-la com uma arma apontada à cabeça.

Riley tomou uma decisão. Sacou a sua arma e desceu as escadas.

No fundo, encontrava-se uma rapariga deitada num tapete no chão. Estava atada, a boca com fita adesiva e o rosto com nódoas negras.

E ao lado dela, sorrindo de forma encantadora, estava o treinador.

Apontou-lhe a arma e disse, “Judd Griggs, já sabe quem eu sou. Está preso por...”

Riley foi interrompida por um golpe na cabeça.

Caiu de joelhos e a cabeça rodopiou enquanto ainda segurava na arma.

Antes que percebesse o que estava a acontecer, outra pancada a atingiu na cabeça.

Desta vez a arma saiu-lhe das mãos e tudo ficou desfocado.

*

Blaine e Gabriela foram buscar os miúdos às duas escola. Durante a viagem para sua casa, os passageiros bombardearam-no com perguntas frenéticas. Disse o mínimo possível. Não mencionou Shane Hatcher. Já estavam todos suficientemente assustados.

Para além disso, a sua cabeça também estava repleta de perguntas – e não tinha ninguém que lhe pudesse responder.

A pergunta que se impunha era...

Vão estar seguros na minha casa?

De Hatcher só sabia o que Riley lhe tinha contado.

E o que Riley lhe tinha contado era terrível.

Parecia a Blaine que Shane Hatcher tinha a mente de um brilhante jogador de xadrez, sempre a pensar nos movimentos que faria de seguida, antecipando os movimentos do seu opositor.

Será que Hatcher adivinharia que a família de Riley procuraria abrigo em casa de Blaine?

Parecia uma possibilidade.

Assim que Blaine chegou a casa, conduziu-os a todos pela porta que levava à sua cave.

“Fiquem aí em baixo e fiquem quietos,” Disse ele. “Eu tenho que ir buscar uma coisa. Não demoro nada.”

April olhava para ele, de olhos muito abertos com medo e perplexidade. “Mas porquê Blaine?” Perguntou April. “O que é que se passa?”

“Explico tudo mais tarde.” Disse Blaine.

Jilly cruzou os braços e torceu o nariz com indignação.

Disse, “Não vou a lado nenhum até nos dizeres o que é que se passa.”

Blaine sentiu invadir-se pela impaciência – e também pela autoridade, algo que o surpreendeu.

Agarrou em Jilly firmemente pelo braço.

“Vais lá para baixo, minha menina,” Disse ele. “Assim como todos vocês. Agora quem manda sou eu. Vão fazer o que vos disser. E não quero ouvir mais nada.”

O grupo olhou para ele boquiaberto. Depois anuíram em silêncio e foram de imediato lá para baixo.

Blaine fechou a porta da cave e trancou-a.

Subiu até ao seu quarto, abriu o armário e dele tirou a caixa onde guardava a arma. Tirou a arma, abriu o cilindro e colocou-lhe seis balas.

Estremeceu ligeiramente ao fazê-lo.

Nunca dispara aquela arma a não ser na carreira de tiro.

Nunca a carregara na sua própria casa.

As suas ações pareciam estranhas.

Isto está mesmo a acontecer? Questionou-se.

A arma parecia estranha na sua mão, como se nunca a tivesse agarrado na sua vida.

Saiu do quarto com a arma e desceu as escadas.

Depois ouviu um som violento de vidro a partir-se.

Rodopiou e viu que as portas de correr que conduziam ao jardim tinham sido estilhaçadas.

A espreitar pelo vidro e a olhar diretamente para ele com um sorriso maligno estava um homem Afro-Americano. Balançava uma corrente pesada – a corrente que devia ter usado para partir o vidro.

Blaine nunca o vira antes, mas soube logo quem era.

Shane Hatcher.

Como um jogador de xadrez consumado, Hatcher de facto antecipara que a família de Riley procuraria abrigo ali.

Na verdade, provavelmente tinha-o antecipado antes de Blaine o saber.

Lutando contra o medo, Blaine recuou, apontando a arma a Hatcher. Ele segurava na arma como deve de ser, tal como Riley lhe ensinara. Ainda

assim, era o máximo que podia fazer para evitar que os braços tremessem.

Hatcher dirigiu-se lentamente a ele, balançando a corrente de uma forma ameaçadora.

Hatcher disse, “Blaine Hildreth, presumo. O novo amor de Riley. Estranho, imaginara-o como... bem, mais formidável, suponho. O gosto de Riley para homens é um mistério para mim.”

Hatcher parecia divertido com a imagem da arma na mão de Blaine.

“Já matou um homem, Blaine?” Perguntou. “É muito fácil – na verdade, muito agradável. Mas outras pessoas dirão que não é tão fácil. Na verdade, muitas pessoas não são capazes de o fazer.”

Aproximou-se de Blaine, balançando a corrente pesada em círculos. A ponta estava apenas a alguns centímetros do rosto de Blaine. Se Hatcher desse mais dois passos, atingi-lo-ia.

“Eu penso que você é uma das pessoas que não o conseguem fazer.”

As palavras de Hatcher ecoaram nos ouvidos de Blaine. Parecia terrível e aflitivo apontar uma arma a outro ser humano.

Não, não se imaginava a disparar.

Apesar do perigo iminente, ele simplesmente não conseguiria.

Mas há outra forma, Apercebeu-se Blaine.

Fechou os olhos e imaginou que estava na carreira de tiro.

Ele é um alvo, Disse a si próprio. *Só um alvo de papel.*

E logo conseguiu ver o alvo claramente.

Sentiu o coice familiar da arma ao disparar um tiro... depois outro... depois outro.

*

Riley lutou para não perder totalmente a consciência.

Não posso, Disse a si própria. *Não posso.*

Morreria se ficasse inconsciente.

Dolorosamente, levantou a cabeça. Quando os seus olhos conseguiram focar-se, conseguiu ver quem a agredira segurando num quadro de madeira.

Era Renee, a mulher do treinador.

Impossível, Pensou Riley.

Estaria a ter alucinações?

Mas não – aquela expressão horrível no rosto da mulher era demasiado real.

E por algum motivo misterioso, era demasiado familiar.

Riley perguntou-se...

Porque é que ela reconheceu aquela expressão?

De onde e quando?

Depois recuou à noite anterior quando tentara entrar na mente do assassino.

Sentiu o seu próprio rosto a assumir aquela forma – uma expressão de ódio assassino.

Mas ainda assim...

Não faz sentido, Pensou Riley.

Ao tentar levantar-se, Renee deu-lhe um pontapé na barriga.

Riley ficou sem ar. Estava outra vez no limiar da consciência.

Renee Griggs ajoelhou-se ao lado de Riley, perscrutando os seus olhos, a sua expressão contorcendo-se em puro mal.

“Olha só Judd!” Disse ela a ronronar. “Olha o pequeno presente que nos caiu aos pés!”

Pegou no queixo de Riley, virando o seu rosto como se o estivesse a examinar.

Renee disse, “Sabe, minha senhorita, quando a conheci ontem, não pensei que fizesse o género do meu marido, era demasiado velha e demasiado forte. Mas agora que aqui está... tão fraca e indefesa e... bem, estou ansiosa para ver o que vai fazer consigo. Vou ter todo o prazer em acabar consigo depois.”

Por fim, a horrível verdade tornou-se clara para Riley.

Judd Griggs era o violador, mas agia apenas a mando de Renee.

Renee era a verdadeira assassina.

Ela raptara esta rapariga enquanto Judd estava na cadeia, confiante de que ele seria liberto em breve.

Riley convocou todas as suas forças e tentou afastar Renee.

Renee agarrou-a pelos cabelos e bateu-lhe com a cabeça no chão.

O compartimento começou a girar à sua volta.

Depois ouviu uma voz familiar atrás dela.

“Largue esse quadro! Largue-o ou disparo!”

É a Jenn, Apercebeu-se Riley.

Mas a mulher ainda a ameaçava, erguendo o quadro como se fosse batê-lo na cabeça de Riley com um golpe final, fatal.

Um tiro foi disparado e o quadro caiu no chão. Com um grito de dor, Renee caiu em cima de Riley.

Ignorando a dor na cabeça, Riley lutou para sair de baixo da mulher.

Tentou alcançar a sua arma.

Dali a nada, Riley estava de pé e a apontar a arma à mulher que estava a seus pés.

Renee gemia agarrada à coxa que fora atingida pelo tido.

Riley olhou pelo seu ombro e viu que Jenn estava a algemar o treinador.

“Bom tiro,” Disse Riley. “Obrigada por não me atingires.”

Jenn sorriu-lhe.

“Fico contente por ajudar,” Disse ela.

Sentia-se trémula mas já em controlo agora. Algemou Renee Griggs.

Depois foi ter com Amelia Stack que gemia desesperadamente. Riley desatou-a e tirou a fita adesiva da boca com todo o cuidado possível.

A rapariga soltou um grito de horror misturado com alívio.

Riley abraçou-se a ela quando começou a chorar.

“Acabou,” Disse-lhe Riley. “Agora estás segura.”

Enquanto Riley embalava a rapariga nos seus braços, ouviu Jenn a falar ao telefone.

“Chefe Sinard? Preciso de uma ambulância para a casa do Treinador Griggs. Também precisamos da carrinha de transporte de prisioneiros. É isso mesmo, estamos a fazer detenções... duas.”

Riley reparou numa nota de profunda satisfação na voz de Jenn.

Riley sorriu.

Ela sentia precisamente o mesmo.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Bill conduziu o mais rapidamente que conseguiu. Depois de os polícias locais chegarem a casa de Riley, ele tentara entrar em contacto com Blaine várias vezes mas sem sucesso. Calculou que mesmo sem as sirenes e luzes de um carro oficial, poderia chegar a casa de Blaine tão rapidamente como uma chamada para o 112.

Que raio se está a passar? Interrogou-se Bill.

Quando Bill parou em frente à casa de Blaine. Não parecia que algo estivesse errado, pelo menos do exterior.

Estacionou o carro e correu para a entrada. Mas ao tocar à campainha e ao bater à porta, não obteve resposta. E a porta estava trancada.

O coração de Bill agora batia descompassadamente e apoderou-se dele uma onda de culpa e dúvida.

Teria cometido um erro fatal ao pedir a Blaine para ir buscar Gabriela e as filhas de Riley?

Teria-os encaminhado para uma armadilha?

Sacou da arma e circundou a casa até à entrada das traseiras. Lá viu uma porta de vidro estilhaçada. Um rasto de sangue conduzia para fora da casa e pelo quintal.

Bill passou por cima de vidros partidos e entrou na casa.

Blaine estava sentado e sem se mexer numa cadeira.

Estará morto? Interrogou-se Bill.

Mas ao aproximar-se, viu que Blaine estava a tremer.

Blaine segurava numa arma e estava num aparente estado de choque.

Bill guardou a sua arma e com cuidado retirou a arma da mão de Blaine.

“O que é que aconteceu aqui?” Perguntou Bill. “Onde está a Gabriela e as miúdas?”

Blaine ergueu lentamente a cabeça, parecendo surpreendido por ver Bill.

“Estão lá em baixo,” Disse ele. “Estão em segurança. “u...”

Calou-se como se tentasse lembrar-se exatamente do que tinha acontecido.

Por fim Blaine disse, “Foi o Hatcher. Veio cá. Disparei sobre ele... Acho. Quando me apercebi já não estava cá.”

Bill olhou para o rasto de sangue que conduzia às traseiras.

Disse, “Sim, não há dúvida de que o atingiu. Lembra-se de quantas vezes?”

Blaine abanou a cabeça.

“Disparei três tiros. Eu não vi...”

Não prosseguiu.

Bill deu-lhe uma palmada no ombro.

“Fez bem,” Disse Bill.

Blaine olhou Bill nos olhos.

“Eu não sabia se... Eu não pensei que...”

Depois Blaine sorriu ligeiramente.

“Mas consegui,” Disse ele.”Fiz o que tinha que fazer.”

Bill sentiu-se estranhamente comovido. E só demorou um momento para perceber porquê. Bill tinha experimentado exatamente a mesma sensação da primeira vez que disparara por necessidade. Não era exatamente orgulho – nunca era bom disparar sobre alguém. Ainda assim, era uma profunda gratificação conhecer as nossas próprias capacidades, por muito terríveis que fossem.

Embrenhado na culpa por ter atingido um homem inocente, Bill esquecera-se completamente daquela sensação.

Agora estava feliz por se ter recordado.

Talvez consiga ser eu próprio outra vez, Pensou Bill.

Foi até à porta da cave, destrancou-a e abriu-a.

Gabriela, April, Jilly e Liam saíram cuidadosamente da cave.

“O que é que aconteceu aqui?” Perguntou Gabriela.

Bill disse, “O que aconteceu aqui...”

Por um momento, ficou sem palavras.

Por fim sorriu, apontou para Blaine e disse, “O que aconteceu aqui é que precisam de agradecer a este homem por vos ter salvo a vida. Ele pode contar-vos os pormenores.”

Gabriela e os miúdos reuniram-se à volta de Blaine, bombardeando-o com perguntas. Blaine começava a sair do estado de choque e começou a tentar explicar tudo o que tinha acontecido.

Entretanto, Bill saiu para o exterior.

Conseguiu ver rastos de sangue no quinal em direção ao portão. Pela quantidade de sangue, Bill depreendeu que os ferimentos eram graves.

Bill sabia que não valia a pena seguir aquele rasto. De certeza que ali chegara de carro e já partira. Ainda assim, Bill tinha a certeza que Hatcher não iria muito longe, não na sua presente condição.

Pegou no telemóvel. Já dera o alerta em relação a Hatcher em Fredericksburg. A polícia e o FBI provavelmente já tinham barricadas montadas por esta altura. Atualizou-os quanto à condição de ferido do homem que procuravam. Se não estivesse já morto, seria mais perigoso do que nunca.

*

Jenn viu Amelia Stack a ser levada de ambulância, e Judd e Renee Griggs a serem presos. Ela e Riley estavam no quintal do treinador Griggs, mantendo-se no interior da área que a polícia tinha delimitado.

Apesar do perigo ter passado, o coração de Jenn ainda batia aceleradamente e sentia-se sem fôlego.

Mal conseguia acreditar no que acabara de acontecer.

Uma multidão de vizinhos reuniam-se perto, alguns parecendo confusos, outros parecendo tão zangados como a multidão que se reunira na esquadra. Viu que os meios de comunicação social também começavam a chegar, provavelmente seguindo as chamadas de rádio da polícia.

Mas Sinard e os seus homens mantinham-nos todos para lá da área delimitada que agora rodeava a casa.

Jenn sorriu.

Disse, “É simpático da parte do Chefe Sinard manter aquelas pessoas longe de nós.”

Riley disse, “É o mínimo que pode fazer, agora que sabe como estava errado.”

Não havia dúvidas a respeito do que ali tinha acontecido. Os telemóveis das outras raparigas tinham sido encontrados na cave, todos destruídos.

A ambulância e o veículo de transporte rapidamente partiram. Uma pequena equipa de polícia ainda estava na casa. Jenn e Riley tinham respondido às perguntas básicas de Sinard, mas tinham que lhe fornecer mais pormenores.

Riley perguntou a Jenn, “Como é que chegaste aqui da escola?”

Jenn encolheu os ombros.

“Chamei um táxi logo que me deixaste. Eu sabia que estavas a preparar alguma. E não era difícil adivinhar o que era.”

Riley riu-se.

Disse, “Isso é que foi um excelente trabalho de detetive.”

Jenn sentia-se furiosa agora.

“Riley, porque é que não me disseste o que ias fazer? Pensavas que te ia impedir?”

“Bem, o que planeei fazer era ilegal,” Disse Riley. “Por isso, sim, passou-me pela cabeça.”

Jenn abanou a cabeça.

“Bem, já me devias conhecer melhor do que isso,” Disse ela. “Pensava que estávamos a tornar-nos numa boa equipa.”

“E estamos Jenn,” Disse Riley. “Estamos mesmo.”

A fúria de Jenn evaporou-se perante o tom suave da voz de Riley.

Depois Riley acrescentou, “Acho que também não queria que fosses despedida.”

Jenn sorriu e disse, “Quantas vezes já foste despedida ou suspensa?”

Riley suspirou.

“Oh, mais vezes do que consigo contabilizar.”

“Então tenho muito que andar,” Disse Jenn.

Ambas se riram.

Entraram no carro do chefe. Durante alguns minutos, limitaram-se a ficar ali sentadas.

“Então a Renee era a assassina,” Disse Jenn. “Quem diria?”

Riley demonstrou a sua desilusão.

“Eu devia ter adivinhado. Não estava bem. A morte da Lucy ainda me estava a afetar e estava preocupada com o Bill e...”

Jenn tinha a certeza do que deixara por dizer.

Jenn disse, “E tiveste uma nova parceira. E nem sempre tornei as coisas fáceis. Ainda assim, nunca teria imaginado que a Renee Griggs...”

Jenn não completou a frase. O telefone de Riley tocou.

Depois viu a surpresa de Riley ao ver quem lhe estava a ligar.

“Bill!” Disse Riley sem fôlego. “Aconteceu alguma coisa?”

Riley ouviu em silêncio durante alguns momentos.

Depois disse, “Oh meu Deus... Oh meu Deus...”

Jenn ficou preocupada. Interrogou-se o que perturbara tanto Riley.

Dali a nada Riley disse, “Os miúdos estão bem? E a Gabriela? E o Blaine?”

Mais um momento passou e depois Jenn ouviu Riley a respirar melhor. “Obrigada, Bill,” Disse ela. “Muito obrigada.”

Riley terminou a chamada. Não disse nada durante alguns instantes. Jenn viu que estava boquiaberta com o choque.

Por fim Riley disse, “Foi o Shane Hatcher. Entrou na minha casa. Matou dois polícias que estavam a vigiar a casa. Depois atacou a minha família na casa do meu namorado. O Blaine disparou contra o Hatcher mas ele fugiu.”

“O Hatcher ficou gravemente ferido?” Perguntou Jenn.

“O Bill acha que sim – muito gravemente. Pensam que já pode estar morto. A polícia e o FBI estão mobilizados à procura em Fredericksburg e com barreiras para o impedir de sair da cidade. É extremamente perigoso. Se for visto com vida, a ordem é matá-lo.”

“Então não há forma de não o apanharem,” Disse Jenn.

Riley ficou em silêncio durante alguns segundos.

Depois disse, “Não, não o apanham. A esta hora já está longe de Fredericksburg.”

Jenn ficou alarmada.

“Riley, de que é que estás a falar? Disseste que estava gravemente ferido. Não pode ir muito longe sozinho, mesmo num carro. Tem que procurar ajuda médica.”

Riley abanou a cabeça.

“Estás a sbestimá-lo Jenn. Nunca debes subestimar Shane Hatcher. Sei que é capaz de fazer o impossível. É excecional. Às vezes quase parece sobrenatural, uma força maligna da natureza. E tem uma vontade de ferro.”

Jenn estava confusa.

“Então para onde pensas que foi?” Perguntou Jenn.

Seguiu-se um silêncio.

Por fim disse, “Para a cabana do meu pai. E tenho que o encontrar lá.”

Jenn não queria acreditar no que ouvia.

“Riley, isso é uma loucura. Porque é que pensas que está lá?”

“Porque conheço Shane Hatcher. Melhor do que desejaria.”

Riley começou a falar mais rapidamente.

“Tens que me levar ao avião da UAC. Eu digo ao piloto para me levar ao Aeroporto de Roanoke. Lá alugo um carro. Não é longe até à cabana.”

Jenn estava incrédula.

Gaguejou, “Riley, se tiveres razão... se o que disseres é verdade... e fores lá... podes morrer.”

Riley não disse nada.

Jenn disse, “Ao menos deixa-me ir contigo.”

Riley virou-se e olhou para ela.

“Não!” Disse firmemente.

Depois Riley virou-se e olhou em frente.

“Tenho que fazer isto sozinha,” Disse ela num tom de voz soturno.

Jenn ligou o carro.

Disse, “Então vamos meter-te naquele avião.”

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Ao conduzir o seu carro alugado pelas montanhas acima, Riley sentia-se estranhamente claustrofóbica.

A princípio, não fazia sentido.

Ali estava ela, a caminho da cabana do pai, a respirar o ar puro da floresta, rodeada de árvores e flores na montanha.

Devia sentir-se livre.

Mas em vez disso, sentia-se desconfortável.

Aos poucos começou a perceber o que estava errado...

Demónios.

Os demónios da sua vida estavam a circundá-la – demónios sob a forma de memórias do seu pai. Raramente o visitara nos anos que ali vivera. Sempre que ali fora, só lhe mostrara amargura. Tinham discutido e após cada visita ela jurava nunca mais regressar.

E agora saboreava essa amargura na boca.

Quando o pai morreu e lhe deixou a propriedade, ela quisera livrar-se dela. Ofereceu-a à irmã, Wendy, que a recusara.

Foi o melhor que fez, Pensou Riley.

Pensar em Wendy fê-la recordar...

Wendy vivia em Des Moines. Quando Riley fora para o Iowa, pensara em visitar a irmã antes de regressar a Quantico. Mas Riley tinha ido e vindo duas vezes nos últimos dias sem sequer lhe ligar.

Provavelmente é o melhor, Pensou Riley.

Ver Wendy iria provavelmente mexer mais com os demónios de Riley.

Também não devia ser muito agradável para Wendy. Afinal de contas, Wendy criara uma família feliz e vivera uma vida feliz. Ela não merecia ser recordada de tempos menos bons na forma de uma irmã quase estranha.

Quando Riley virou a curva que mostrava a linda vista do vale, estremeceu com a sensação estranha da presença de Hatcher.

Ele está perto, Pensou.

Por muito impossível que parecesse, Riley não tinha dúvidas de que ele estava na cabana.

Sentiu um peso de apreensão no peito.

Deu por si a lembrar-se de como Hatcher reclamara a cabana, insistindo em esconder-se ali e Riley tê-lo permitido. Arrependeu-se da decisão quando Hatcher assassinou uma agente imobiliária que andava a espreitar o local.

E agora Hatcher tinha morto mais duas pessoas inocentes – os policiais que vigiavam a sua casa.

Riley estremeceu perante aquele pensamento.

Ele mudou, Pensou.

Hatcher costumava agir de acordo com um estrito código moral, só matando quando era necessário ou justificado, pelo menos na sua mente. Ainda custava a acreditar a Riley que ele quisera fazer mal à sua família. Mas ele já não era o antigo Hatcher. Estava instável, errático e mais perigoso do que nunca.

É tempo de o parar de uma vez por todas, Pensou Riley.

Não era?

Riley deu por si a verificar opções na sua mente.

Se não estivesse tão gravemente ferido como ela esperava, não o devia deixar ir embora?

Estremeceu à pura irracionalidade da ideia.

Ele era um criminoso procurado e ela era uma agente da lei.

Já lhe fizera a vontade demasiadas vezes.

E no entanto...

Interrogou-se se o conseguiria realmente apanhar.

Tentando colocar as suas incerteza à parte, Riley seguiu uma estrada de terra até à cabana. Quando o edifício apareceu entre as árvores, viu um carro estacionado lá perto.

Era óbvio que alguém se encontrava ali.

E era com toda a certeza Shane Hatcher.

Quando Riley saiu do carro e começou a caminhar na direção do outro carro, sentiu um raro espasmo de medo. Afinal de contas, estava prestes a entrar no covil de um animal ferido.

Depois pousou a sua mão na arma e continuou a caminhar na direção da cabana.

A porta estava parcialmente aberta.

Ela entrou e lá estava ele – o próprio Shane Hatcher.

Parecia uma estranha aparição, sentado numa cadeira virada para uma lareira sem lume, observando-a como se um fogo escaldante ali estivesse a

arder. Segurava uma arma na mão.

Saberá que estou aqui? Interrogou-se Riley.

Depois ele disse numa voz sussurrada...

“Riley Paige. Em pessoa.”

Depois com um riso doloroso, acrescentou...

“Em pessoa.”

Riley aproximou-se e observou-o melhor.

Viu uma pilha de tecido ensanguentado no chão a seu lado. A começar pela camisa e continuando por cada toalha e cortina a que conseguira ter acesso, tinha pensos improvisados. O que usava agora estava embrulhado à volta do seu abdómen.

Pelas manchas de sangue, Riley percebeu que a bala entrara e saíra do corpo. Não tinha atingido órgãos vitais ou já estaria morto. É claro que um homem menos forte também já estaria morto por aquela altura.

Também tinha um penso mais pequeno num ombro. Parecia que uma bala o tinha atingido ali.

Hatcher virou-se e olhou para ela com olhos vidrados.

“Esse seu namorado não dispara mal,” Disse ele, rindo dolorosamente outra vez. “Sobretudo se tivermos em consideração que dispara de olhos fechados. Duas de três – nada mal. E esta...”

Sorriu apontando para a ferida na barriga.

“Não é tão profunda nem tão larga como a porta de uma igreja, mas é suficiente”

Riley reconheceu de imediato a citação de Shakespeare. Era uma fala do moribundo Mercúrio em *Romeu e Julieta*.

Não conseguia evitar algum espanto.

Mesmo às portas da morte, Hatcher tinha que demonstrar a sua considerável erudição.

“Não vai morrer,” Disse ela.

Hatcher mostrou-se cético.

“Acha que não? Não sei porque não deva. Se não estou em erro, o FBI tem ordens para me matar. Bem, olhe para mim. Estou armado e sou perigoso. Não o devia fazer? Não devia colocar uma bala na minha cabeça?”

Riley sentiu-se ficar sem fôlego. Era difícil recuperar.

Porque é que não o mato? Interrogou-se.

De repente percebeu de que não fazia ideia.

Ele olhou para Riley durante alguns segundos.

“Preferia que fosse assim,” Disse ele. “Preferia mesmo. Pensa que quero voltar para a prisão, depois de saborear a liberdade?”

Tossiu e saiu sangue da sua boca.

“Vou tornar-lhe as coisas fáceis,” Disse ele. “Pense em todas as vezes em que tolerou os meus desejos. Desta vez é igual. Ordeno-lhe que me mate.”

A mão de Riley fechou-se na arma.

Fá-lo, Disse a si própria, *É o que ele quer, raios.*

Mas ao olhar para ele, não conseguiu evitar lembrar-se do pai, sentado naquela mesma cadeira a olhar para a lareira.

Mesmo quando o pai estava a morrer – mesmo quando ele queria morrer – teria ela feito o mesmo por ele?

Teria disparado sobre ele como um cão para lhe acabar com o sofrimento?

Sentiu algo a agitar-se dentro de si – aquele estranho laço de lealdade que ela e Hatcher partilhavam.

Ele ajudara-a de várias formas – não apenas com as perspetivas da sua mente brilhante.

Ele salvara as vidas de April e do ex-marido de Riley das garras de um cruel assassino.

Também lhe ensinara muito sobre ela própria, sobre as partes sombrias da sua psique.

E ao lidar com ele, ela tornara-se num monstro, pelo menos parcialmente.

Tinha desafiado os seus deveres enquanto agente, tinha comprometido a sua integridade, quebrara a confiança com pessoas que amava e respeitava.

É tempo de isso acabar, Pensou.

Chegara o momento de não seguir as ordens de Shane Hatcher.

Ela disse, “Vai viver, quer queira, quer não. Vou chamar a polícia e uma ambulância.”

Shane sorriu astuta e sombriamente.

“Vão chegar tarde demais,” Disse ele.

Depois, com um grande esforço, soltou o penso do abdómen.

Agora a ferida sangrava como um rio.

Hatcher fechou os olhos e perdeu a consciência.

Riley ficou horrorizada.

Já perdera muito sangue. Se ela não comprimisse a hemorragia, morreria em poucos minutos.

Deixa-o morrer, Disse a si própria.

Mas em vez disso, algemou-o. Depois foi até à janela, arrancou um pedaço de cortina e começou a enrolar à volta do abdómen.

Depois pegou no telemóvel para chamar uma ambulância e a polícia da cidade mais próxima de Milladore.

Com sorte, chegam cá a tempo, Pensou.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Na manhã seguinte, Riley estava no edifício da UAC a caminho de uma reunião com Meredith quando encontrou Jenn Roston no corredor. Ela sabia que Jenn tinha regressado a Quantico naquela manhã.

Riley colocou o braço à volta do ombro de Jenn.

Ela disse, “Ei miúda... como estava o Iowa?”

Jenn sorriu.

“É muito bonito nesta altura do ano. As pessoas são simpáticas. Devias ir até lá.”

“Tenho que fazer isso,” Disse Riley.

Ambas rirarm.

Ao chegarem à porta do gabinete de Meredith, Jenn impediu Riley de entrar.

“Riley,” Disse ela. “Soube do Hatcher, como o apanhaste. Deve ter sido um tormento para ti.”

Riley assentiu.

Disse, “Jenn, Ainda não sei qual era a coisa certa a fazer. Podia tê-lo morto ali. Mas em vez disso eu...”

Não terminou a frase.

Jenn colocou a mão no ombro de Riley.

“Fizeste a coisa certa,” Disse Jenn numa voz reconfortante. “Eu sei que fizeste a coisa certa.”

Riley sentiu uma imensa gratidão para com Jenn. Era estranho lembrar-se que há apenas alguns dias atrás nem sequer confiava nela.

Desde essa altura, Jenn ajudara-a quando ela tivera que regressar a Quantico e depois salvou-lhe a vida.

“Obrigada, Jenn,” Disse Riley comovida. “Obrigada por... simplesmente por tudo.”

Jenn sorriu.

“Anda lá,” Disse ela. “O chefe está à nossa espera.”

Ao entrarem no gabinete de Meredith, Riley viu que havia um raro sorriso nas feições do diretor da equipa. Levantou-se da secretária e apertou-lhes as mãos.

“Muito bem Roston. Muito bem Paige. Sentem-se. Vamos conversar.”

Todos se sentaram.

Riley perguntou a Jenn, “O que se passava quando te viste embora hoje de manhã?”

Jenn disse, “Bem, Renee Griggs não fala com ninguém. Mas o marido está a falar pelos dois, culpando-a por tudo.”

Riley perguntou, “Ela sabia do seu passado, do caso de pornografia infantil?”

“Oh sim,” Disse Jenn. “Estava noiva dele quando aconteceu. Ela empurrou-o para a troca de identidade. Tem-no usado e manipulado desde então – definitivamente a parte dominante do seu casamento e sempre ciumenta. E tinha razões para o ser. Teve várias relações ilícitas com raparigas da sua equipa. Uma noite, fê-lo concordar em atrair Holly Struthers à sua casa – só para o ver violá-la, disse ela. Mas depois ela matou Holly. Depois fê-lo repetir uma e outra vez.”

Riley abanou a cabeça.

“Ainda há pontas soltas que me incomodam,” Disse ela. “Nunca descobrimos a relação entre Katy e Holly. Holly nem andava na mesma escola, nem se interessava por futebol. E Camryn já tinha terminado o liveu. Porque teria algum contacto com elas?”

Meredith recostou-se na sua cadeira.

“Acabei de receber uma chamada do Chefe Sinard que pode esclarecer isso,” Disse ele. “De acordo com o treinador Griggs, a Holly estava a pensar mudar de escola. Passou tempo suficiente no Liceu Wilson para conhecer Griggs que tentou recrutar-la para a sua equipa de futebol. Não resultou, mas mantiveram o contacto.”

Riley estremeceu ligeiramente.

Infelizmente para ela, Pensou.

Meredith continuou, “No que diz respeito à mais velha – bem, parece que o treinador Griggs gostava de fazer algum trabalho voluntário de conselheiro, ajudando os miúdos que queriam ir para a faculdade. Foi assim que a conheceu.”

Meredith debruçou-se sobre a mesa e olhou para Riley e Jenn com interesse.

“Parece que este foi um caso particularmente difícil. Como é que o resolveram?”

Riley encolheu os ombros.

“Angier é a pequena cidade perfeita,” Disse ela. “Tudo o que tivemos que fazer foi procurar alguém demasiado perfeito. O treinador destacava-

se – um herói da cidade e uma inspiração para as suas alunas.”

Riley abanou a cabeça.

“Mas numa coisa falhei. Porque é que não suspeitei da mulher? Ela parecia ainda mais perfeita do que ele?”

Meredith não disse nada. Riley sabia que era o seu estilo. Ele nunca consolava os agentes naquelas situações. E Riley sabia que ele era sábio em não o fazer. Ajudava a manter os seus agentes à altura das expectativas.

Riley fez um gesto com a cabeça na direção de Jenn.

“Devo dizer que a Agente Roston tem grandes instintos. Devo-lhe a minha vida. Ela é uma grande promessa.”

Jenn sorriu e baixou um pouco a cabeça.

Meredith olhou para Riley durante alguns instantes.

Por fim disse, “Tenho que a congratular uma segunda vez Agente Paige. Apanhou o Hatcher... e apanhou-o vivo. Parece que vai recuperar do ferimento. Não voltará a sair da prisão, isso é certo.”

Riley ficou curiosa.

“O que se sabe mais sobre ele?” Perguntou ela. “Está consciente?”

“Intermitentemente,” Disse Meredith. “Mas não disse nada a ninguém.”

Riley sentiu um arrepio ao lembrar-se do seu olhar vidrado, do tom mortífero da sua voz.

Hatcher parecia terminado com a vida.

Não importava se sobrevivera aos ferimentos.

Estava terminado, terminado com toda a gente – e sobretudo com Riley.

Riley interrogou-se...

Voltará a falar com alguém outra vez?

*

Depois da reunião, Riley foi até ao apartamento de Bill.

Ele ficou encantado de a ver quando abriu a porta.

“Esperava que passasses por cá,” Disse ele. “Entra.”

Riley entrou e viu que o apartamento estava muito limpo. As cortinas estavam abertas para deixar entrar sol e a confusão que vira anteriormente tinha desaparecido.

Mas o melhor de tudo é que Bill parecia estar a dar a volta por cima.

Riley abraçou-o e disse, “Nem sei como te agradecer. O que teria acontecido se não tivesses ido a minha casa? A Gabriela teria chegado e

encontrado os policiais mortos ou o Hatcher ainda lá podia estar à espera e poderia....”

Não conseguia terminar o pensamento.

Bill sorriu e disse, “Ei, estava apenas a retribuir um favor. Não tenho palavras para te agradecer o que fizeste por mim nos últimos dias. Para além disso, fez-me sentir...”

Calou-se durante alguns segundos.

“Bem, fez-me sentir útil novamente. Sei que ainda tenho que percorrer um longo caminho. Ainda ouço tiros no silêncio. Ainda vejo aquele pobre rapaz que atingi a cair. Vejo o corpo de Lucy. Mas...”

A sua voz desvaneceu.

“Mas o quê?” Perguntou Riley.

“Bem, algo me aconteceu quando vi o que o Blaine fez. Ele é corajoso, sabes. E lembrou-me de como costumava ser... e posso ser novamente, acho.”

Riley sentiu um nó de emoção ao pensar nas suas terríveis experiências com SPT. Ainda sofria de flashbacks de tempos a tempos.

“Não vai ser fácil,” Disse ela. “Vai demorar o seu tempo. E pode nunca ir embora... não completamente.”

Bill anuiu e sorriu.

“Tudo bem,” Disse ele. “Vou ser paciente.”

*

Riley passou grande parte do resto dia em casa com a família. Depois do jantar, foi a casa de Blaine. A sua filha Crystal já se tinha recolhido.

Riley ficou surpreendida por ver tudo absolutamente perfeito. Soubera que Shene tinha estilhaçado a porta de vidro para entrar mas não havia sinal de que algo tivesse sucedido.

“Como é que reparaste tudo tão rapidamente?” Perguntou ela.

Blaine sorriu.

“Bastante impressionante, huh? Insisti para que substituíssem a porta imediatamente. Trabalham para mim no restaurante há anos. Anda, senta-te. Vou buscar vinho.”

Riley juntou-se a Blaine no sofá e ele serviu-lhes um vinho delicioso.

Riley olhou para ele com preocupação.

“Lamento tudo o que passaste,” Disse ela. “Como é que te está a aguentar?”

“Muito vem,” Disse ele com um encolher de ombros. “A Crystal está orgulhosa de mim. Tenho tentado convencê-la de que não sou nenhum herói.”

Riley deu-lhe uma palmadinha na mão.

“Não tentes demasiado,” Disse ela. “Ela tem razão na minha opinião.”

Blaine baixou a cabeça e não disse nada. Riley apertou-lhe a mão.

“Falo a sério Blaine. Tens a noção do que fizeste? O Shane Hatcher é um dos criminosos vivos mais perigosos. Até o FBI não o conseguiu apanhar. Tu enfrentaste-o. Graças a ti, nunca mais vai fazer mal a ninguém.”

Blaine enrubescou. Parecia não saber o que dizer.

Depois disse, “E os miúdos? E a Gabriela?”

Riley deu uma risada.

“Oh meu Deus, os miúdos são tão resilientes. Parece que nada aconteceu. Voltaram à matemática, ao futebol, à escola, ao clube de xadrez. E quanto à Gabriela – bem, penso que não há nada no mundo que a deite abaixo.”

Riley e Blaine ficaram em silêncio por uns instantes. Riley apreciou aquele silêncio confortável.

Mas depois alguns pensamentos perturbadores começaram a insinuar-se.

Ela lembrou-se de quando eram vizinhos e ele se assustara com o perigo que ela trouxera à sua vida, mudando de casa.

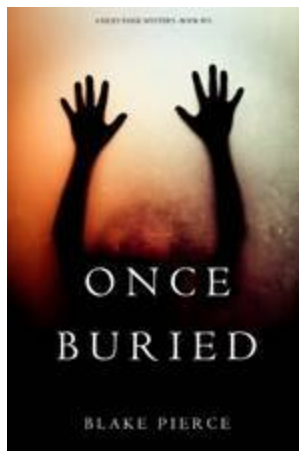
Algo teria mudado?

Respirou fundo e disse, “Blaine... sabes que não te censuraria... se fugisses de mim o mais rapidamente que pudesses.”

Blaine sorriu e puxou-a para junto de si.

“Não vou a lado nenhum,” Disse ele.

JÁ DISPONÍVEL!



ENTERRADOS

(Um Mistério de Riley Paige—Livro 11)

“Uma obra-prima de thriller e mistério! O autor fez um trabalho magnífico no desenvolvimento das personagens com um lado psicológico tão bem trabalhado que temos a sensação de estar dentro das suas mentes, sentindo os seus medos e aplaudindo os seus sucessos. A história é muito inteligente e mantém-nos interessados durante todo o livro. Pleno de reviravoltas, este livro obriga-nos a ficar acordados até à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (re Sem Pistas)

ENTERRADOS é o livro #11 da série de mistério de Riley Paige que começou com o bestseller SEM PISTAS (Livro #1) – um livro de pode descarregar gratuitamente com mais de 1000 opiniões de cinco estrelas!

Um assassino em série está a matar a grande velocidade e, em cada cena de crime, deixa uma assinatura invulgar: uma ampulheta.

A sua areia deve cair em 24 horas – e quando esgotar o tempo, uma nova vítima aparece.

Com intensa pressão dos meios de comunicação social e numa frenética corrida contra o tempo, a Agente Especial do FBI Riley Paige é chamada, juntamente com a sua nova parceira, a resolver o caso. Ainda a lidar com a situação ocorrida com Shane Hatcher, tentando resolver a sua vida familiar e ajudar Bill a reerguer-se, Riley tem muito em que pensar. E entrar na mente obscura do assassino, poderá levá-la ao seu limite.

Um thriller psicológico negro com suspense de cortar a respiração, ENTERRADOS é o livro #11 de uma nova série alucinante – com uma inesquecível nova personagem – que o obrigará a não largar o livro até o terminar.

O Livro #12 da série de Riley Paige também já está disponível.



[ENTERRADOS](#)

(Um Mistério de Riley Paige—Livro 11)

Sabia que escrevi vários romances no género de mistério? Se ainda não leu todas as minhas séries, clique numa das imagens abaixo para fazer o download do primeiro livro de uma das séries!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇA (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)
MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)
MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)
MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)
MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)
MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)
UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro nº3)
UM RASTRO DE CRIME (Livro nº4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro nº5)